

MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITETURA E URBANISMO

**REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO RURAL**  
**O CASO DA ALDEIA DA ANTA, LAMEGO**

---

HENRIQUE ANTÓNIO ABREU RODRIGUES  
VILA NOVA DE CERVEIRA, MARÇO 2015









MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITETURA E URBANISMO

**REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO RURAL. O CASO DA ALDEIA DA ANTA, LAMEGO**

HENRIQUE ANTÓNIO ABREU RODRIGUES

ORIENTADORA: PROF.ª DOUTORA GORETI SOUSA

CO-ORIENTADOR: MESTRE ARQ.º RUI CORREIA

VILA NOVA DE CERVEIRA, MARÇO 2015



## **Preâmbulo**

O presente trabalho integra a opção de Dissertação Científica, para a obtenção do grau de Mestre em Arquitectura e Urbanismo.

A investigação analisa a reabilitação do Património Rural da Aldeia da Anta em Lamego, integrando-se no Mestrado Integrado de Arquitectura e Urbanismo da Escola Superior Gallaecia.

A investigação decorreu durante o ano lectivo de 2014/2015, orientada pela Prof<sup>a</sup> Doutora Goreti Sousa e pelo co-orientador Mestre Arquitecto Rui Correia.



## **Agradecimentos**

À minha esposa por tudo...

Às minhas filhas por serem a fonte da minha força.

À minha mãe pelo carinho, motivação e alento que sempre me deu.

A toda a minha família por fazerem parte da minha vida.

Aos meus colegas de curso e amigos que de alguma forma mais ou menos presente contribuíram para o meu crescimento académico e pessoal.

Aos meus colegas de trabalho.

À minha Orientadora Prof<sup>ª</sup> Doutora Goreti Sousa e Co-orientador Mestre Arquiteto Rui Correia pelo empenho e dedicação a este trabalho.



## **Resumo**

A Aldeia da Anta é o objeto de estudo deste trabalho, dando importância não só ao aglomerado e às suas construções, mas também se estende à leitura do território envolvente mais próximo da aldeia, do qual também depende e está relacionado.

A análise, para melhor conhecer o território, nasce do geral para o particular, fazendo primeiro uma análise global do território onde se insere a Aldeia da Anta, passando depois para um estudo algo minucioso do aglomerado, até chegar ao estudo e levantamento das construções, dos materiais que as constituem e das técnicas construtivas utilizadas. Deste modo, o trabalho desenvolve-se em três capítulos principais, devidamente interligados, aprofundando diversos temas que se entendem importantes para esta dissertação e que tudo têm a ver com a disciplina da arquitectura.

A metodologia que serve de suporte a este trabalho foi elaborada mais através da observação do que pela análise documental, visto ser muito escassa a bibliografia existente sobre a aldeia. A observação foi então a chave do trabalho, assim como a fotografia, as notas de campo e algumas entrevistas indirectas executadas durante as visitas ao local.

Quanto aos objectivos, foram determinados dois, que reflectem a importância do estudo da reabilitação da aldeia, de maneira a que se consiga transmitir o valioso património que constitui a Anta, não pretendendo esta dissertação ser um manual de como se poderá intervir neste património, mas sim um documento interessante que poderá ser o ponto de partida para quem queira investigar mais e intervir directamente nas construções.

Estes objectivos são a base de toda uma estratégia definida para dar a conhecer o vasto património desta aldeia, tentando sensibilizar as entidades competentes para as dificuldades que estes locais atravessam em termos construtivos, espaciais e de desertificação.

Como principais conclusões, de referir que foram respondidos e realizados os objectivos deste trabalho, de uma maneira prática e sequencial, abarcando o contexto mais geral do aglomerado até à simples técnica de construir, resultando num enfiamento gradual de ideias que ajudam a compreender e perceber este local.

**Palavras-chave:** património rural, reabilitação, arquitectura tradicional, reconstrução, território.





## **Abstract**

Anta's village is the object of study of this work, giving importance not only to the cluster and its buildings, but also to the surrounding territory nearest the village, on it depends and is related to.

The analysis, to better understand the territory, is done from the general to the particular, doing first an overview of the territory which includes Anta's village, then moving to a study of the built cluster, until the study and survey of buildings, materials and construction techniques. Thus, the work develops in three main chapters, properly connected, deepening several issues that are important to understand this dissertation and everything related to the discipline of architecture.

The methodology which supports this work was based on field work than rather document analysis, because the existing bibliography about the village is very scarce. The observation was the key to this work, as well as the photography, the field notes and some indirect interviews conducted during site visits.

Two objectives, were established, that reflect the importance of the village rehabilitation, so that it can transmit the valuable heritage which constitutes the Anta, not intending with this dissertation to do a manual of how can intervene in this heritage, but an interesting document that could be the starting point for those who want to further investigate more and intervene directly in the buildings.

These objectives are the basis of a determined strategy to make known of the vast patrimony of this village, trying to sensitize the responsible authorities for the difficulties that these local constructive culture, space and desertification.

In conclusions, it is important to point out, that the objectives of this work, were answered and fulfilled in a practical and sequential way, covering the more general context of the built cluster until the simple technique to build, resulting in a gradual threading of ideas that helps to understand and realize this location.

**Keywords:** rural heritage, rehabilitation, traditional architecture, reconstruction, territory.



## **Índice de conteúdos**

Preâmbulo

Agradecimentos

Resumo

Abstract

### **Capítulo 1 - Introdução**

|  |    |
|--|----|
| 1. Introdução.....   | 17 |
| 1.1 Justificação da problemática e do objecto de estudo..... | 17 |
| 1.2 Objectivos da dissertação e sua fundamentação.....       | 19 |
| 1.3 Métodos científicos de investigação a aplicar.....       | 20 |
| 1.3.1 Construção de categorias e indicadores de análise..... | 21 |
| 1.4 Fundamentação da estruturação de conteúdos.....          | 23 |

### **Capítulo 2 – Fundamentação teórica**

|                               |    |
|-------------------------------|----|
| 2. Fundamentação teórica..... | 27 |
|-------------------------------|----|

### **Capítulo 3 – Contextualização da Aldeia da Anta**

|   |    |
|---|----|
| 3. Caracterização geográfica.....                           | 39 |
| 3.1 Geografia física.....                                   | 40 |
| 3.2 Geografia humana.....                                   | 42 |
| 3.3 Caracterização demográfica da freguesia de Lazarim..... | 45 |
| 3.4 Enquadramento histórico e ocupação do território.....   | 47 |
| 3.5 A escolha do lugar.....                                 | 52 |
| 3.6 Um património natural a proteger.....                   | 53 |
| 3.7 Um património cultural a preservar.....                 | 55 |

## **Capítulo 4 – Um património construído a proteger, conservar e valorizar**

|   |     |
|---|-----|
| 4. Enquadramento do sistema de povoamento.....  | 61  |
| 4.1 Sistema tradicional de gestão e organização do território à escala da Aldeia da Anta..... | 69  |
| 4.2 Formação e crescimento do lugar.....  | 76  |
| Estrutura urbana e morfologia.....  | 76  |
| 4.3 Possível formação e crescimento do lugar.....   | 88  |
| a) Agregações volumétricas.....   | 90  |
| b) Tipologias e funcionalidades.....  | 94  |
| c) Distribuição funcional.....  | 102 |
| 4.4 Caracterização construtiva das edificações existente.....                                 | 104 |
| Materiais de construção e técnicas construtivas.....  | 104 |
| a) Material de origem mineral e vegetal.....  | 104 |
| b) Sistemas construtivos.....   | 108 |

## **Capítulo 5 – Estratégias para futuras intervenções**

|   |     |
|---|-----|
| 5. Promover a reconstrução e reabilitação através de técnicas tradicionais com as respectivas actualizações, ilustrando exemplos..... | 119 |
| 5.1 Corte geral.....  | 141 |
| 5.2 Recomendações e reflexões.....  | 142 |

## **Capítulo 6 – Conclusões e considerações finais**

|  |     |
|--|-----|
| 6. Resposta explícita aos objectivos da dissertação..... | 145 |
| 6.1 Síntese do contributo para o conhecimento.....       | 150 |

|                        |     |
|------------------------|-----|
| Bibliografia.....      | 153 |
| Índice de figuras..... | 157 |

## **Anexos**

|  |     |
|--|-----|
| Caracterização por unidade edificatória..... | 165 |
|--|-----|





**CAPÍTULO 1**  
**INTRODUÇÃO**





## **1. Introdução**

O tema da reabilitação do património rural, tem nos últimos anos sido alvo de alguns estudos, sendo este, mais um que poderá trazer mais a este tema mas principalmente trará ao local alvo de estudo mais dignidade, importância, valor e reconhecimento.

O mundo rural é constituído por elementos materiais e imateriais, possuindo um património edificado, cultural, natural e paisagístico de grande abundância e importância que deve ser preservado.

É importante saber e reconhecer o valor do passado, preservar e valorizar o património rural, dar a conhece-lo, torna-lo acessível e comum às suas populações rurais para que nele possam participar activa e conscientemente.

A arquitectura e o território são um conjunto que vivem interligados e complementam-se sendo indissociável que fazem parte integrante da vida dos homens e por isso torna-se importante o estudo desta Aldeia, cheia de património edificado, cultural, natural e paisagístico.

### **1.1 Justificação da Problemática e do Objecto de Estudo**

A presente dissertação científica centra o seu estudo numa aldeia desabitada, designada Aldeia da Anta, situada na Serra de Montemuro, freguesia de Lazarim e concelho de Lamego.

Este património rural, resultado de séculos de vida de populações, corre o risco de se perder e apagar da memória, se não for tida em conta a sua preservação e reabilitação.

Factores como a diminuição e envelhecimento populacional, imigração dos mais jovens, industrialização dos centros urbanos, especulação imobiliária, pressão do crescimento urbano e ainda a abertura do mercado nacional ao exterior, contribuíram para que aldeias como esta estejam hoje em dia desabitadas e desertificadas.

A desertificação das áreas rurais, segundo Cordovil (1995, p.12), deve-se também à “(...) dificuldade de aceder a recursos e oportunidades que constituem factores nucleares dos processos de desenvolvimento mas que tendem a concentrar-se nas grandes aglomerações urbanas”.

É então importante trabalhar sobre a problemática, da conservação e reabilitação do património rural, de modo a que sejam criadas condições para intervir neste património, apoiando não só as entidades reguladoras dos lugares, como a população local. Do ponto de vista socioeconómico da região, este tipo de intervenção pode mesmo contribuir para a criação de emprego, sendo relevante que as populações locais sejam integradas em projectos deste tipo. A fundamentar esta ideia, já na Declaração de Viena constava que “(...) o investimento em património constitui

uma solução sustentável de sucesso garantido para fazer face à recessão económica” (2009, p.1).

A aposta no património rural constituirá uma via privilegiada para o ensaio e implementação de ideias inovadoras, estruturantes e revitalizantes do território, tendo como principal beneficiária a população.

Neste sentido, e numa perspectiva de futuro, para além da importância de transmitir este património às gerações futuras, acredita-se que o investimento em reabilitar o património rural poderá ser viável a diversos níveis.

O interesse por este objecto de estudo, por este tipo de arquitectura tradicional, o facto de a aldeia estar em vias de classificação e a proximidade com o local levaram a que este trabalho fosse interessante de realizar. A aldeia está desde mais ou menos á cinco décadas desabitada, servindo ainda hoje, esporadicamente para alguns pastores guardarem o seu gado. Passados tantos anos e com a tendência destes locais perderem as suas características autênticas de arquitectura tradicional, o que tem vindo a acontecer na aldeia, nomeadamente no que diz respeito às coberturas, pois as restantes características arquitectónicas das casas e do aglomerado ainda se vão mantendo intactas, continuam a ser locais atractivos, carregados de história e são o testemunho da vivência de um povo.

Em síntese, pretende-se com esta dissertação, garantir que a intervenção neste tipo de património seja a mais adequada em termos de preservação e reabilitação e que contribua para que ele seja mantido e conservado com as mais-valias adicionais de contribuir para o desenvolvimento local e para a difusão de boas práticas de intervenção no património rural, proporcionando um documento que ajude nas intervenções que venham a ser realizadas nesta aldeia.



Fig. 1 – Perspectiva da Aldeia da Anta

## 1.2 Objectivos da Dissertação e sua Fundamentação

Um dos principais objectivos desta dissertação é promover e dar a conhecer o património rural da aldeia da Anta e relacioná-lo com a sua envolvente, reflectindo, estudando e caracterizando o local, de maneira a que se consiga transmitir o importante legado que os antepassados nos deixaram como mostra da sua maneira de viver e construir e ao mesmo tempo propor alternativas de intervenção.

Para isso foram definidos dois objectivos preponderantes, sendo o primeiro relacionado com a caracterização do lugar:

- Identificar as características espaciais e construtivas do património rural da Aldeia da Anta.

Será assim analisado com cuidado o aglomerado da aldeia, assim como a sua envolvente mais próxima que condiciona de certa maneira o local do aglomerado, a sua maneira de crescer e os principais locais da implantação das construções, as ruas, os largos e as eiras.

Por força deste objectivo definiu-se outro de grande importância para completar a segunda parte desta dissertação:

- Estabelecer estratégias para a reabilitação do património rural da Aldeia da Anta, respeitando o seu carácter e identidade.

Analisar-se-ão as construções minuciosamente, fazendo o seu levantamento fotográfico e arquitectónico, identificando-se quais as lacunas que existiam nas construções, assim como as suas mais-valias, estabelecendo-se depois estratégias para intervir de uma forma adequado e pouco descaracterizadora, tentando manter sempre que possível a autenticidade das construções e do local envolvente, desenhando propostas para a resolução de alguns problemas.

### 1.3 Métodos Científicos de Investigação a Aplicar

De variados métodos existentes para a investigação de trabalhos como este, foram escolhidos os que mais se ajustam à própria investigação. O método de investigação de “estudo de caso” (Benavente, 1993; Yin, 1984), foi o escolhido e recai sobre a Aldeia da Anta. Quanto aos instrumentos de recolha de informação a utilizar, foram seleccionados alguns, começando pela análise documental que é muito importante e com os objectivos definidos inicialmente pretende-se assegurar um bom trabalho, devidamente fundamentado, estruturado e documentado, procurou-se informação sobre o tema em documentos oficiais e não oficiais.

Seguindo as técnicas de recolha e análise documental propostas por diversos autores, a primeira parte do trabalho é fruto de uma investigação documental, através de livros sobre Lamego, Tarouca e Castro Daire, que são os concelhos que envolvem a Serra de Montemuro e a Aldeia da Anta, fazendo-se a contextualização histórica e geográfica do local, passando pela importância cultural e também natural.

Seguidamente, e devido à pouca informação e bibliografia sobre a aldeia o trabalho traduziu-se mais na recolha de elementos no local, com as pessoas e com alguns documentos na sua posse. Assim o trabalho foi elaborado num processo contínuo de recolha de informação e não tanto de análise documental, embora se tenha descoberto alguns documentos interessantes, que de alguma maneira serviram para a elaboração do trabalho.

Como documentos oficiais e principais que foram analisados para esta análise referem-se, livros científicos sobre arquitectura popular, rural, tradicional, vernácula, reabilitação, a história do concelho de Tarouca, Lamego e Castro Daire, o PDM de Lamego, as cartas do património, tendo sido muito importantes no decorrer da investigação.

Como documentos não oficiais, as revistas da especialidade, algumas publicações periódicas sobre o tema, livros e fotografias de arquivo, foram também relevantes (Albarello et al., 1997).

Com a dificuldade encontrada na recolha de informação documental, este trabalho foi elaborado baseado muito na observação do autor, tendo passado várias horas a calcorrear o local para perceber o aglomerado. Esta observação foi totalmente estruturada, pois seria mais fácil o decorrer da investigação se existisse uma sequência lógica na observação do aglomerado, permitindo no final propor as diferentes estratégias de intervenção com mais facilidade (Gil, 1995).

As entrevistas realizadas foram todas exploratórias e aconteceram na sequência da observação ao local. Durante a observação do local, surgiam sempre pastores e proprietários de casas, uns com mais idade que outros, o que fez com que fossem importantes muitas das informações

dadas por eles em termos de toponímia do local, tipos de cultivo, maneiras de sobrevivência, maneiras de habitar e que futuro gostariam de dar à aldeia (Olabuénaga, 1996).

A fotografia revelou-se um meio importante para a realização do trabalho, sendo mesmo fundamental para se analisarem e perceberem muitos aspectos. Esta técnica complementar foi utilizada durante todo o trabalho, quer no estudo mais abrangente do território, até à análise das técnicas e materiais de construção. Não existem no decorrer do trabalho só fotografias do autor, mas maior parte delas são e estão devidamente documentadas (Bogdan, 1994).

Foi realizado durante o decorrer do trabalho e da observação ao local diversas notas de campo. Estes registos foram obtidos, através de esboços, fotografias, desenhos e plantas, resultado da necessidade de registar no momento o que se estava a observar (Bogdan, 1994).

O método de análise e tratamento de informação desta dissertação é realizado por uma análise qualitativa, resultante dos dados recolhidos e análise do local em diferentes aspectos (Bogdan, 1994; Garcia, & Matos, comunicação pessoal, 2014).

### 1.3.1 Construção de categorias e indicadores de análise

#### Enquadramento Teórico

Será importante uma pesquisa de campo que se divide em técnicas ou instrumentos de pesquisa, sendo uma delas a análise documental. Esta pretende recolher informação referente ao problema em estudo e é fundamental para se realizar uma boa fundamentação teórica. Deverá executar-se a revisão da literatura, tendo em conta que será necessário fazer um quadro teórico para ajudar o pesquisador a situar-se. Este quadro mostra o problema a estudar, estimulando assim a criatividade do trabalho e apontando os caminhos a seguir. (Garcia & Matos, comunicação pessoal, 2014).

| Categorias            | Indicadores   | Técnica        |                       | Fonte     | Sujeito                                | Critérios de Selecção                                     |
|-----------------------|---|----------------|-----------------------|-----------|--|---|
| <b>Território</b>     | Urbano  | Observação     | Estruturada           | Do Autor  | Aldeia                                 | Classificação do território da Aldeia                     |
|                       | Rural   | Fotografias    |                       | Do Autor  | Aldeia                                 | Necessidade de documentar o território existente          |
|                       | Outra   | Notas de Campo | Anotações<br>Desenhos | Do Autor  | Aldeia                                 | Registo de aspectos importantes                           |
| <b>Comunidade</b>     | Organização<br>Características<br>Actividades<br>Objectivos | Entrevista     | Exploratórias         | Outros    | Pastores<br>Proprietários<br>Moradores | Pessoas importantes para o desenvolvimento da dissertação |
| <b>Desertificação</b> | Abandono<br>Imigração<br>Envelhecimento<br>Industrialização | Entrevistas    | Exploratórias         | Moradores | Diversos                               | Importantes para o desenvolvimento da dissertação         |

Território e comunidade, são palavras-chave para perceber a envolvente do aglomerado, a sua história, o seu crescimento e a sua ligação com as populações vizinhas são determinantes para a sua evolução.

A desertificação torna-se também importante, visto ser a principal causa desta aldeia estar totalmente desabitada, tornou-se por isso, imprescindível relacioná-la com a aldeia (Gracia & Matos, comunicação pessoal, 2014).

### Estudo de Caso

O estudo de caso foi o método de investigação desenvolvido, pois segundo (Benavente, 1993; Yin, 1984), aplica-se esta metodologia sempre que se pretende estudar detalhadamente uma situação particular que tenha um valor em si mesmo. Este estudo de caso é de natureza qualitativa e divide-se em três etapas, sendo a primeira a exploração onde se escolhe o local, a segunda etapa é a decisão, que serve para procurar informação e a terceira é a descoberta, explicando aqui a realidade que se encontra (Garcia & Matos, comunicação pessoal, 2014).

| Categorias              | Indicadores                       | Técnica     |             | Fonte    | Sujeito        | Critérios de Selecção                         |
|-------------------------|-----------------------------------|-------------|-------------|----------|----------------|---|
| <b>Património Rural</b> | Casas                             | Observação  | Estruturada | Do Autor | Às construções | Conhecer o território existente               |
|                         | Moinhos                           | Fotografias |             | Do Autor | Às construções | Documentar o território existente             |
|                         | Palheiros<br>Celeiros<br>Caminhos |             |             | Do Autor | Às Construções | Registar aspectos considerados importantes    |
| <b>Materiais Locais</b> | Pedra                             | Observação  | Estruturada | Do Autor | Às construções | Conhecer os materiais de construção existente |
|                         | Madeira                           | Fotografias |             | Do Autor | Às construções | Documentar os materiais existente             |
|                         | Colmo<br>Telha                    |             |             | Do Autor | Às Construções | Registar aspectos considerados importantes    |

Em relação ao estudo de caso é fundamental ter em conta estas duas categorias de indicadores, visto serem de grande importância para o culminar de um bom trabalho. Será necessário investigar sobre se realmente a aldeia é constituída por um património rural que mereça tal destaque, sendo necessário uma análise aprofundada, chegando mesmo ao detalhe dos materiais locais que constituem as construções (Gracia & Matos, comunicação pessoal, 2014).

## **1.4 Fundamentação da Estruturação de Conteúdos**

Como reposta aos objectivos e á metodologia anteriormente descrita, foram estipulados e estruturados os seguintes capítulos

### **Capítulo 1 – Introdução**

Neste capítulo é apresentado o trabalho a realizar. Em primeiro lugar, é justificada a problemática e o objecto de estudo a que se refere o trabalho, sendo neste ponto que se percebe a problemática que existe no local de estudo. Seguidamente estabelecem-se os objectivos a que o trabalho se destina, assim como os fundamentos que os justificam. Na terceira parte deste capítulo, descrevem-se as metodologias aplicadas, constando deste ponto os diversos sistemas de recolha de informação para que o trabalho seja organizado, bem documentado e devidamente justificado. Uma vez descrita a metodologia é feita uma estruturação dos conteúdos que ressalva todos os capítulos e todas as partes que constituem o trabalho.

### **Capítulo 2 – Fundamentação Teórica**

Neste capítulo é definida e fundamentada teoricamente a problemática em análise, verificando não só o estado de arte da problemática mas toda a revisão da literatura importante, que contemple o tema da reabilitação do património rural. A revisão da literatura de autores de referência permitirá abordar, fundamentar, argumentar e reflectir sobre esta problemática.

### **Capítulo 3 – Contextualização da Aldeia da Anta**

Este capítulo é referente à contextualização da aldeia da Anta no espaço e no tempo, o seu relacionamento histórico e geográfico, descrevendo o seu meio físico e humano, caracterizando demograficamente Lazarim, que é sede de freguesia da aldeia, não esquecendo o seu património natural, onde consta a fauna e a flora, assim como o seu património cultural.

### **Capítulo 4 – Um património Construído a Proteger, Conservar e Valorizar**

Depois de dar importância ao enquadramento mais generalista da aldeia, no quarto capítulo faz-se uma análise do aglomerado, onde se percebe a importância que o capítulo anterior tem neste estudo. Procura-se analisar e caracterizar o sistema de povoamento rural, a formação e o crescimento do lugar, tendo em conta a sua estrutura urbana e morfológica, descrevendo as diferentes agregações volumétricas, as tipologias e a sua distribuição funcional, para depois

caracterizar construtivamente as edificações, através do seu levantamento e do estudo das suas técnicas construtivas e materiais. Este ponto será de grande importância para que se possa intervir de uma maneira cuidada nas construções do aglomerado.

### **Capítulo 5 – Estratégias para Futuras Intervenções**

O quinto capítulo, está elaborado para servir de apoio a quem queira intervir directamente nas construções da aldeia, tendo-se analisado o tradicional e original de cada característica que as compõe, para depois mostrar exemplos do que foi uma má ou boa intervenção, propondo-se intervir com materiais e técnicas construtivas atuais, para melhorar as construções, ilustrando exemplos desenhados de como se poderá fazer, sem alterar significativamente a autenticidade e a tradicionalidade. Para finalizar este capítulo elaboram-se algumas recomendações e reflexões que se acham importantes serem levadas em consideração na altura de intervir neste património, para que a sua originalidade e autenticidade sejam mantidas.

### **Capítulo 6 – Considerações Finais**

Este capítulo é formado por dois pontos, um onde se responde explicitamente aos objectivos definidos para esta dissertação e um outro ponto, onde se faz uma síntese do contributo do trabalho para o conhecimento, algumas reflexões pessoais, expectativas e projecções.



## **CAPÍTULO 2**

### **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**



## 2. Fundamentação Teórica

Na elaboração de um trabalho como esta dissertação, torna-se importante a leitura de bibliografia de referência sobre vários temas específicos, estudados e analisados por diversos autores. No seguimento da revisão da literatura surgiram conceitos relativamente a território e povoamento, arquitectura vernácula e rural, património, conservação e reabilitação, que são de grande importância para este trabalho.

### Território

O território é palco de dimensões simbólicas e culturais que o transformam a partir de uma identidade própria criada pelos habitantes que lhe pertencem. O lugar é a concreta manifestação do habitar humano e apesar de ser caracterizado pelos princípios de proximidade e de separação, não pode ser entendido isoladamente sob pena de se limitar ao campo de estudo e aos factores que influenciam a sua organização.

Como afirma Flores (2006, p.25) “(...) na construção do território existem fronteiras simbólicas que ganham limites territoriais, cujas identidades estão formadas com base em relações histórico-culturais.”

A palavra território vem do latim *territorium*, termo que, por sua vez, deriva de *terra* e o seu significado remete para o pedaço de terra apropriado. Partindo da definição, entende-se que a terra pertence a alguém, a um indivíduo ou a um grupo de indivíduos, que actuam no seu espaço de vivência. O sentimento de pertencer ao espaço em que se vive, “(...) de conceber o espaço como locus das práticas (...)” (Souza & Pedon, 2007, p.126) e a interacção social entre os indivíduos, dão a determinado espaço o carácter de território.

O território “consolida-se como uma grande construção, um artifício dotado de uma história e (...) linguagem própria (...)” (Soria & Puig 2000, p.5). Produto da intervenção e do trabalho sobre determinado espaço, define-se “(...) a partir de relações de poder (...)” (Albagli, 2004, p.26).

Não se trata apenas de uma obra de um indivíduo, mas sim dum conjunto de indivíduos, que relacionados entre si, se implantam num determinado território consolidando-o. O território adquire linguagem, os indivíduos identificam-se socialmente, e o espaço reconhece-se como um espaço vivido.

Trata-se não apenas, de uma apropriação, mas de uma manifestação das relações sociais, políticas, económicas e principalmente culturais.

“O espaço só se torna um lugar no momento em que é ocupado pelo homem, física ou simbolicamente, representado por várias edificações construídas, em diferentes fases e tempos (...)” (Marques, 2009, p.46).

A identidade surge como forma de ordenamento do território, pelo facto de um indivíduo de determinado lugar, e em determinado tempo, participar socialmente, construindo o território.

A identidade, não é algo dado, mas sim adquirido, que ocorre por meio da comunicação com outros indivíduos.

## **Património**

Lentamente foi-se construindo uma cultura de valorização do património na sociedade, que teve como resultados práticos, o envolvimento de especialistas em património, em reuniões internacionais, os quais colaboraram na redacção de convenções e cartas de salvaguarda e conservação em diversos domínios específicos.

Vários autores trabalharam arduamente no que seria o primeiro documento que consagrou internacionalmente a noção de sítio urbano ou rural com valor patrimonial, a carta de Veneza.

Como definido no artigo 1º da carta, “O conceito de monumento histórico abrange não só os trabalhos de simples arquitectura, mas também o enquadramento urbano ou rural onde se encontram as evidências de uma civilização em particular (...)” (Carta de Veneza, 1964, p.2).

Neste sentido surge em 1972 a convenção para a protecção do património mundial, cultural e natural em que fica definido qual o património que era considerado cultural e natural. Perante esta legislação deixam de ser só considerados património as construções mas também os monumentos, os conjuntos e os locais de interesse, passando estes a serem património cultural e natural.

Assim sendo, o mundo rural, construído por elementos materiais e imateriais, possui um património edificado, cultural, natural e paisagístico de grande abundância e importância que deve ser preservado. A palavra património está ligada à palavra herança e deve ser transmitida às gerações futuras, com o intuito de ser preservado e valorizado.

## Arquitectura Vernácula e Rural

No mundo rural o património vernáculo construído ocupa um lugar privilegiado no legado de um povo e de uma comunidade. A construção vernácula é a forma tradicional e natural pela qual as comunidades habitam. Como refere a Carta sobre o património construído vernáculo, este é “(...) a expressão fundamental da cultura de uma comunidade, do seu relacionamento com o seu território e, ao mesmo tempo, a expressão da diversidade da cultura mundial” (1999, p.2).

A arquitectura vernácula e rural caracteriza de forma particular uma comunidade, o seu modo de habitar e de intervir no território. Condicionamentos geográficos, económicos, sociais e culturais traduzem-se na maneira de viver de uma população. Estas implicações indicam uma diferente utilização de materiais e técnicas locais, pela adaptação às especificidades climáticas, aos costumes e à respectiva actividade económica de cada local e de cada comunidade. No entanto abandonou-se este tipo de arquitectura, por troca por uma cada vez mais desenraizada e industrial. Agora está-se a procurar voltar ao passado, estudando e compreendendo estas formas de construir, pois voltam a ser consideradas mais-valias para as construções do futuro.

Foi através do movimento Arts and Crafts que se encontrou no vernáculo, as formas de retroceder ao artesanal, orientado pelas ideias de John Ruskin (1851). Nesta altura surgiu a valorização dos materiais e dos processos de execução.

Frank Lloyd Wright, foi um dos primeiros a valorizar e a recorrer às formas vernáculas, seguindo-se Le Corbusier que também se interessou pela arquitectura popular, afirmando que o folclore transmite a informação concisa sobre as necessidades humanas.

“(...) o folclore põe em jogo a intenção poética, a intenção de agregar materialismo em benefício da sensibilidade, a manifestação de um instinto criador” (Le Corbusier, 1989, citado por Teixeira, 2008, p.30).

Corbusier, valorizava as arquitecturas tradicionais, o respeito das coisas, a unidade que apresentam acompanhado da crítica.

Com o intuito de valorizar a arquitectura vernácula e popular, vários autores estudaram e analisaram este modelo arquitectónico como foi o caso de Fernando Mercadal (1930), que no seu livro *La casa popular de España*, descreve a evolução da casa tradicional, os gostos, as modas e os costumes de cada geração, fazem com que a casa careça de uma permanência absoluta, “(...) a habitação está intimamente ligada com a vida humana, é quase tão efémera como nós mesmos” (Mercadal, 1930, p.8). Este autor defende este património como inigualável, rico, variado e de grande interesse.

Em 1964, Bernard Rudofsky, denomina a arquitectura vernácula como anónima, espontânea, indígena ou rural, ou seja, cada lugar tem as suas particularidades, sendo definidos pelo seu

contexto social e cultural. Rudofsky questiona o “(...) interesse exclusivo para a nobreza da arquitectura e a arquitectura da nobreza e pelos monumentos que tornavam exemplos únicos dos quais os arquitectos poderiam se inspirar” (1964, prefácio).

Ainda como defensor da valorização desta arquitectura, Carlos Torres (1973), publica várias edições sobre a arquitectura popular, onde constam uma série de aspectos definidores desta arquitectura rural.

Internacionalmente existem trabalhos de grande importância sobre este tema, realizados por autores como Amos Rapoport (1972), Paul Oliver (1997) e Bernard Rudofsky (1964).

Na obra *Vivienda y cultura*, Rapoport (1972, p.65), distingue arquitectura primitiva da vernácula e descreve a habitação como “(...) uma instituição criada para um complexo grupo de fins. A construção é fenómeno cultural, a sua forma e organização, estão muito influenciadas pelo “milieu” cultural a que pertence”.

Por outras palavras ele quer dizer que na habitação se reflectem atitudes religiosas e culturais, indo contra outros autores que dizem que a habitação depende de factores materiais.

Paul Oliver na publicação do seu livro define que, “Todas as formas da arquitectura vernácula são construídas para conhecer usos específicos, assentam em valores, económicos e modos de viver das culturas que os produzem” (1997, p.129).

## Conservação e Reabilitação

Este património no entanto deverá ser conservado, sendo necessário para isso uma manutenção permanente dos monumentos, sítios e conjuntos. O termo conservação significa todos os processos de prestação de cuidados a um sítio, para que sustente o seu significado cultural.

Neste sentido, reabilitar e conservar estas aldeias, enquanto estratégia de desenvolvimento local gera diferentes perspectivas, mas representa, apesar das limitações e dos efeitos menos positivos que também lhe estão associados, o modelo e a política de intervenção no património rural que melhor pode garantir a sua reabilitação e salvaguarda. As primeiras teorias da conservação surgiram no século XIX, através de John Ruskin e Viollet-le-Duc. As suas posições diametralmente opostas, relacionam-se directamente com a conservação e o restauro.

Ruskin (2008, p.28) defende veementes os valores dos prédios antigos, o seu amor pelo passado era tão apaixonante que produzia um certo desprezo pelo presente, venerava a pátina e a denominava de marcha dourada do tempo. Averso a qualquer intervenção de restauro e da imitação da linguagem de estilos passados, alegava que o aspecto principal da preservação de um edifício é o histórico e não a sua beleza. Os materiais originais deveriam ser preservados e respeitados sem alterações e a restauração era “considerada a mais completa destruição que um edifício poderia sofrer” (Choay 1996, p. 155).

Seu seguidor William Morris (1834-1896) partilhava de suas convicções sobre a importância dos materiais originais constituintes do monumento e achava que entre os agentes perturbadores estavam aqueles que tentavam reconstruir prédios danificados.

Já Viollet-Le-Duc a edificação deveria ser restaurada ao melhor estado possível, para uma condição que poderia nunca ter existido, desde que coerente com a natureza verdadeira da concepção original da construção (Varas, 2008).

“Restaurar um edifício não significa repará-lo, reconstruí-lo ou mantê-lo. Significa restabelecê-lo no seu estado mais completo, que pode até nunca ter existido” (Viollet-le-Duc, 2000, p. 17).

Entre as duas posições extremadas de Ruskin e de Viollet-le-Duc, vários teóricos apresentaram ideias intermediárias. Entre os quais o arquitecto italiano Camillo Boito (1836-1914) que estabeleceu alguns princípios que ainda hoje são bem aceites, por exemplo: a necessidade clara de diferenciações entre as partes originais e as restauradas; a mínima intervenção ou reversibilidade, entre outros. Boito (2002) elaborou uma teoria intermediária, favorável à conservação dos acréscimos incorporados à obra arquitectónica.

No início do século XX, o historiador da arte austríaco Alois Riegl considerava que o objecto existe enquanto um elemento a ser preservado quando lhe é atribuído um valor histórico, artístico e cultural. De acordo com Justicia (2008, p. 14), a análise de Riegl estrutura-se

(...) através de categorias de valores, os que chama de rememorativos, ligados ao passado, que necessariamente fazem parte da memória (valor de antiguidade, valor histórico e valor rememorativo intencionado). Junto a eles os chamados “de contemporaneidade”, que pertencem ao presente (valor instrumental e valor artístico: a) de novidade, b) artístico relativo.

Para ele os critérios de preservação dos monumentos eram aplicados para qualquer obra humana com certa antiguidade e simbolismo sentimental ou social e não apenas pela singularidade e excepcionalidade histórica ou artística.

Como se vê as diferentes teorias sobre a conservação de património geram muitas discussões e por isso, diversas pessoas tentaram normalizar os procedimentos básicos, o que gerou as Cartas Patrimoniais.

Cesar Brandi foi um dos principais dinamizadores destas novas perspectivas sobre conservação e restauro, produzindo o seu livro designado de “Teoria do Restauro”.

Brandi, definia restauro como o momento metodológico no qual a obra de arte é apreciada na sua forma material, dualidade histórica e estética, com a perspectiva de transmiti-la para o futuro. Essa perspectiva humanista, que sublinha a sua concepção de restauro, é um aspecto muito valioso na teoria de Brandi. Para ele o restauro não é uma técnica auxiliar, mas um momento de apreciação crítica do objecto; em outras palavras, é um aspecto da pesquisa estética e filológica em direcção à sua compreensão.

Outros autores como Feilden (2004, p.3), dizem que conservação é a acção realizada para prevenir a deterioração e a gestão dinâmica da mudança, abrangendo todos os atos que prolongam a vida do património cultural e natural.

O Canadian Code of Ethics define conservação (Earl, 2003, p. 191) como todas as acções desenvolvidas com o objectivo de salvaguardar para o futuro, a propriedade cultural, incluindo as seguintes etapas: inquérito, documentação, conservação preventiva, preservação, tratamento, restauro e reconstrução.

Actualmente existem conceitos mais recentes de autores como Garry Thomson (1988) e Salvador Muños Viñas (2005).



O conceito de reabilitação surge com grande importância neste trabalho, visto que em geral a reabilitação procurar manter a função original, que é a acção mais adequada para a conservação de uma estrutura, pois implica menos alterações de projecto.

Feilden e Jokilehto mencionam que reabilitação é “(...) utilizar o mais próximo possível, a função original, de modo a se assegurar um mínimo de intervenção e uma perda mínima de valores culturais” (1998, p. 90).

### **Princípios de Intervenção**

Distintos princípios servem de orientação e recomendação para a conservação e reabilitação do património, sendo estes de grande importância para o culminar desta dissertação, quando se elaboram as propostas para a reabilitação da aldeia.

A autenticidade segundo Correia (2012, p.1-2), “(...) é um dos principais princípios, já que deverá haver autenticidade no material, na forma, no objecto de arte, mas igualmente na intervenção de conservação.” No património edificado em pedra a autenticidade é difícil de se manter, mas não é impossível, pois ainda hoje se consegue extrair este material na sua forma mais pura e ser tratado de uma maneira tradicional sendo importante que isto aconteça para que em termos de leitura o objecto no seu todo não seja alterado.

A reversibilidade é um princípio difícil de aplicar, visto por vezes haver reacção química entre materiais diferentes. Os diversos critérios de distinção entre a estrutura original e a intervenção de conservação exige muito cuidado, no que á utilização dos diversos materiais diz respeito, facilitando assim a reversibilidade.

A mínima intervenção é o princípio que deverá ser aplicado em qualquer obra de conservação, pois quanto menos se intervir melhor, para que seja mantida a autenticidade e para que seja mais fácil a reversibilidade (Correia, 2012, p.9).

Depois de fundamentar os conceitos apresentados no início desta fundamentação teórica, apresenta-se agora um quadro síntese com os conceitos, princípios e leis que se pretendem aplicar nas propostas apresentadas na reabilitação da aldeia, visto serem os que mais se identificam com as propostas apresentadas.

## Quadro Síntese

| Conceitos  | Princípios Fundamentais  | Leis e Cartas   |
|--|--|---|
| <p><b>Conservação:</b><br/>                     “Conservação é a ação realizada para prevenir a deterioração e a gestão dinâmica da mudança, abrangendo todos os atos que prolongam a vida do património cultural e natural” (Feilden, 2004, p.3)</p> <p>“(…) todas as ações desenvolvidas com o objetivo de salvaguardar para o futuro, a propriedade cultural (…)” (Earl, 2003, p.191)</p>   | <p><b>Autenticidade:</b><br/>                     “(…) é o somatório das características substanciais, historicamente provadas, desde o estado original até à situação actual, como resultado das várias transformações que ocorreram no tempo. (Carta de Cracóvia, 2000, p.5).</p> <p>“É um dos principais princípios, já que deverá haver autenticidade no material, na forma, no objecto de arte, mas igualmente na intervenção de conservação” (Correia, 2012, p.1)</p> <p><b>Reversibilidade:</b><br/>                     O princípio de Reversibilidade “(…) prevê que seja possível a reintegração de alguns elementos de presença historicamente comprovada.” (Dias, 2008, p.20)</p> <p><b>Mínima Intervenção:</b><br/>                     “Este princípio deverá encontrar-se inerente a qualquer obra de conservação. O princípio da mínima intervenção facilita a reversibilidade da intervenção, assim como a preservação da sua autenticidade” (Correia, 2012, p.9)</p> | <p>Carta de Cracóvia, 2000.<br/>                     Carta de Lisboa, 1995<br/>                     Carta de Burra, 1999<br/>                     Carta de Veneza,<br/>                     Decreto de Lei nº 309/2009<br/>                     Lei nº 107/2001</p> |
| <p><b>Reabilitação:</b><br/>                     “Obras que têm por fim a recuperação e beneficiação de uma construção, resolvendo as anomalias construtivas, funcionais (…), “(…) procedendo a uma modernização que melhore o seu desempenho até próximo dos actuais níveis de exigência” (Carta de Lisboa, 1995, p.2).</p> <p>“(…) utilizar o mais possível, a função original, de modo a se assegurar um mínimo de intervenção e uma perda mínima de valores culturais” (Feilden e Jokilehto, 1998, p.90)</p> |  |   |

## **CAPÍTULO 3**

### **CONTEXTUALIZAÇÃO DA ALDEIA DA ANTA**



“O património construído vernáculo é a expressão fundamental da cultura de uma comunidade, do seu relacionamento com o seu território e, ao mesmo tempo, a expressão da diversidade da cultura mundial”.

(Carta Sobre o Património Construído Vernáculo, 1999, p.2)



### 3. Caracterização Geográfica

O estudo do aglomerado da Aldeia da Anta, inserida enquanto estrutura relacionada com o meio e com a paisagem em que se insere, faz com que seja necessário fazer uma contextualização geográfica, compreendendo assim, os aspectos orográficos e climatéricos que caracterizam a exploração dos recursos e que influenciaram os aspectos da sua organização e configuração espacial. A análise do geral para o particular é fundamental para a compreensão e descrição do aglomerado enquanto parte integrante de um contexto geográfico, cuja delimitação é dada pela própria configuração orográfica. A aldeia da Anta, insere-se na Beira Alta, mais especificamente no seu rebordo setentrional e altiplanáltico da Serra de Montemuro

Orlando, informa que

(...) sete décimos das nossas terras pertencem ao maciço antigo ibérico, um bloco de rochas sedimentares, eruptivas e metamórficas com mais de 250 milhões de anos, por vezes quase 600 milhões de anos, gerado antes da Era Secundária (...), pelo que (...) a origem das nossas serras é, pois, extremamente remota (...). (p.58)

Ainda segundo o mesmo autor o território é

(...) como que cortado a meio pela cordilheira central, que integra a Estrela, a Gardunha e a Lousã, prolongando-se por Espanha, e que divide duas regiões planálticas distintas: a Meseta Norte, que em Portugal corresponde à Beira Alta e onde as altitudes se situam entre os 700m e os 800m, e a Meseta Sul, que vai descendo até aos 200m de altitude no Baixo Alentejo. Esta Meseta Norte é rodeada por uma cintura de serras relativamente importantes, Montemuro, Marão, Peneda, Gerês e Larouco, constituídas por blocos fracturados e profundamente rasgados pelos vales dos principais rios que correm do centro do planalto ibérico. (1993, p.64)

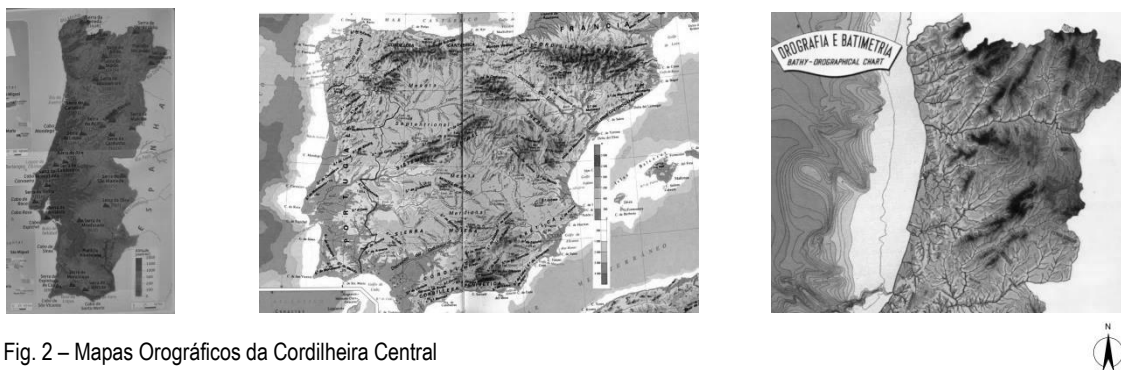


Fig. 2 – Mapas Orográficos da Cordilheira Central



### 3.1 Geografia Física

O agrupamento montanhoso da Serra de Montemuro, é formado por um conjunto de terras mais altas e planas que se elevam acima dos mil metros de altitude e se destacam relativamente ao vasto plano inclinado de nordeste para sudoeste, que se desenvolve desde as alturas da Serra de Santa Helena às imediações do vale do Mondego.



Fig. 3 – Beira Alta e Serra de Montemuro

Assim, é importante delimitar algumas zonas, demarcadas por parâmetros físicos, como pela leitura de diferentes dinâmicas de povoamento, consolidadas e influenciadas, não só pela diversidade do território mas, também pelo próprio processo histórico.

Anta, está situada num vale largo (935m), é definida pelos ressaltos pedregosos do Alto Pedrógão (1021m) e Outeiro Mourisco (1038), no limite sul do concelho de Lamego. Fisicamente bastante diversificada, integra paisagens contrastantes, influenciadas pelas significativas variações altimétricas compreendidas entre os 1065m da serra e os 100m do vale, (Territoriais, 2007, p.24).

Consequentemente como refere o trabalho da Universidade de Évora (Território, 2004, p.9), aos

(...) elevados e sólidos blocos rochosos a que correspondem as serranias, com cumes áridos, opõem-se as zonas mais baixas, de encostas e vales agrícolas de terra fértil e húmida e entre os extremos, os espaços de transição, com as colinas e encostas mais pronunciadas (...).

No alto da serra onde se insere a aldeia, as características serranas são atenuadas por uma configuração orográfica que tende para uma zona planáltica despida de vegetação e interrompida pontualmente por ocasionais afloramentos rochosos. No entanto, predominam



sensações de amplitude e profundidade de vistas, contrapostas ao vale de Lazarim, bastante mais limitado e entalado entre os rebordos serpenteados das montanhas.

A diferenciação paisagística não depende exclusivamente dos aspectos geomorfológicos mas também climáticos que marcam o manto vegetal, as características do solo e o modo de habitar.

Do ponto de vista climático, o local ressen-te-se das suas características serranas ultrapassando-se os mil mm anuais de chuvas ao longo do ano, segundo o livro das Selecções do Reader's Digest, (1984), registando-se mesmo a queda de neve nos invernos mais rigorosos.

Os valores mais baixos das temperaturas médias diárias encontram-se nesta zona serrana, bastante inferiores aos das terras baixas, compreendidos entre o 7,5° e 12,5°. Por outro lado, os vales mais profundos e abrigados podem exacerbar aos aspectos mais continentais, próprios da região e consequentemente apresentar valores de temperatura média superiores e valores bastante inferiores de precipitação (Território, 2004).

A cobertura vegetal, consequentemente influenciada pela altitude e pluviometria, revela forte contraste entre cumeadas, vertentes algo despojadas, terras de mato, pousios mais longos e fundos de vales muito arborizados e cultivados. Desta forma, a área contígua ao povoado, no altiplano da Nave, a paisagem é dominada essencialmente por matagais arbustivos, alternando entre afloramentos rochosos e lameiros ribeirinhos. A vegetação arbórea é bastante parca, surge frequentemente e espontaneamente, associada aos principais cursos de água de forma a garantirem a firmeza do leito.

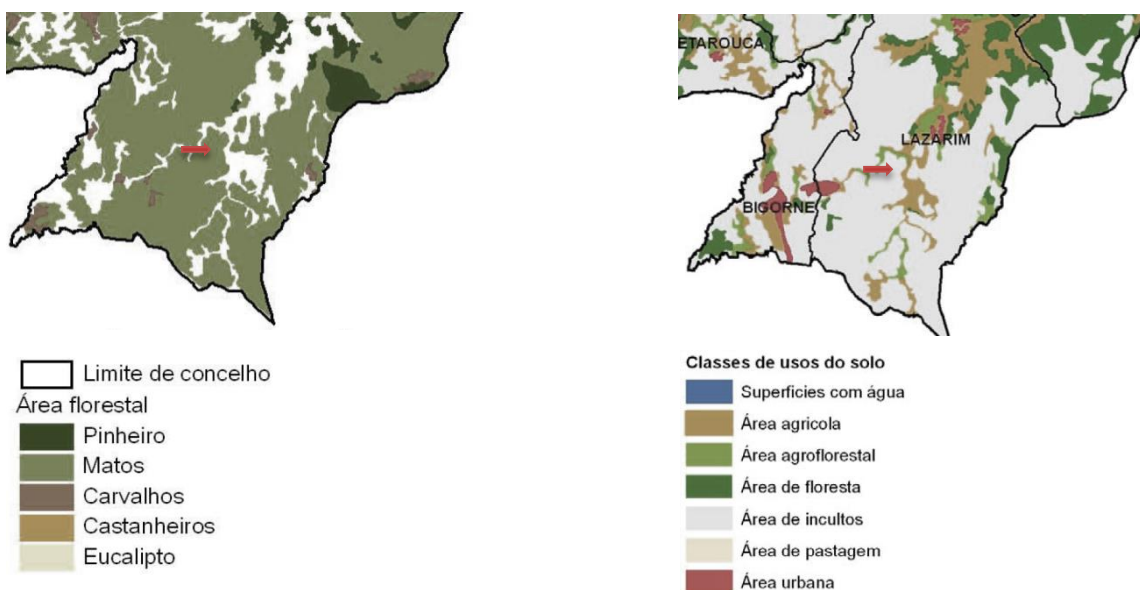


Fig. 4 - Usos do Solo



Nestas terras altas a maior parte dos solos são infrutíferos e com poucas possibilidades de diversificação das culturas, dominado, sobretudo, a cultura do centeio acomodado ao rigor climático e ao solo pedregoso e granítico da serra.

Entre a serra e os vales húmidos e férteis, de largos tractos e terrenos de cultivo ocupados por pomares e leguminosas, as encostas cobrem-se com densas matas mono específicas ou diversificadas, de pinheiros bravos e mansos, castanheiros, carvalhos negral e alvarinho, sobreiros e freixos.

A mutação da paisagem vegetal percebe-se à medida que se aproxima do rio Douro, marcada pela presença de algumas oliveiras, propícias a um clima mais continental e a vinha nas vertentes em socalco, evidenciando a importância do vinho na economia da região.

Também o sistema hidrográfico que, como se verá foi determinante na escolha do lugar dos assentamentos que rodeiam a Aldeia, influi na transformação da paisagem e na diferente morfologia do terreno. Nas proximidades da Aldeia da Anta, um conjunto de inúmeras nascentes é drenada por dois riachos de montanhas, o Rio Santo e o Rio das Poldras. Ao contornarem respectivamente, pelo ocidente e oriente a povoação de Mazes, estas linhas de água serpenteiam entre abruptas escarpas dirigindo-se para o vale do rio Barosela, que, por sua vez, irá desaguar no rio Varosa, afluente do Douro (Fernandes, 1990a).

De acordo com Fernandes (1990a, p.88-89), estes são os recursos hídricos que sulcam o altiplano e que assegurariam a presença de vida humana, garantindo a rega dos lameiros e desenhando as principais linhas de vegetação arbórea.

Em termos geológicos a zona que rodeia a aldeia, é marcada a norte por rochas de complexo xisto-grauvácio e no rebordo sul e poente, pelo aparecimento de afloramentos graníticos alcalinos e calco alcalinos (Territoriais, 2007, p.24). A constituição geológica dos terrenos está intimamente relacionada com as construções do assentamento, que recorre ao material existente no local como principal fonte de matéria-prima para a sua construção, marcando também por isso a diferenciação construtiva e material da paisagem construída.

### **3.2 Geografia Humana**

No ponto anterior, fez-se referência à geografia física da serra de Montemuro, agora importa escrever sobre as influências que o meio - clima incluído - exerceu sobre as condições de vida e de trabalho das populações aqui residentes, sobre as formas como se organizam os povoados, sobre o tipo de propriedade e os materiais e modos de construir.

Apesar da proximidade da serra da Estrela, não deixa de ser curioso como Montemuro apresenta um tipo de ocupação humana muito mais semelhante ao das serras do nordeste. De facto, ao contrário do que se passa na serra da Estrela, em Montemuro o povoado em altitude é muito importante, não só acompanhado de formas elaboradas de arquitectura como também pela presença de gados, miúdo e graúdo. E mesmo neste caso, é maior a semelhança com o Nordeste do que com a serra da Estrela.

Como está referenciado por Leal, no seu trabalho de classificação da Aldeia da Anta (2004, p.13),

(...) esta originalidade deriva fundamentalmente do clima e das condições naturais. Muito mais chuvosa do que as montanhas da Cordilheira Central, a orografia desta serra também favorece a existência de bons pastos em altitude, mantidos frescos pela humidade.

Portanto, uma forma de povoamento típica de áreas de solos relativamente pobres, de clima rigoroso, de comunicações pouco fáceis, condições estas capazes de, por si só, explicar a necessidade dos homens se associarem no que se poderia chamar de luta contra o isolamento e contra o meio que lhes é hostil, o povoamento aglomerado ou agrupado.

No caso da aldeia da Anta, esta encontra-se vazia de residentes, pois as populações deslocaram-se mais para baixo, sobretudo para Mazes, um dos lugares da freguesia de Lazarim. Porém, isto não pretende significar que estejam totalmente abandonadas pois, sobretudo na Aldeia ainda permanecem os gados, recolhem-se os fenos e cultiva-se o centeio e o milho.



Fig. 5 – Campos de cultivo de milho e centeio

Mesmo tratando-se de uma agricultura de subsistência, pode dizer-se que não haverá quem por aqui não tenha terreno de cultivo, devidamente delimitado por muros de pedra solta, onde ainda se cultiva o feijão e hortaliças. Por muito pobre e de difícil acesso ou por mais inacessível que possa parecer um terreno, há sempre um dono cioso da sua posse.

Acrescentando a estas propriedades individuais as zonas de pastos e os terrenos colectivos, os baldios, que aqui se encontram em regime florestal e de cuja posse as populações das aldeias são extremamente ciosas, forma-se um quadro quase completo da estrutura de propriedade da área em estudo.

O gado bovino, criado num regime de semi-estabulação, é essencialmente criado tanto nos lameiros que circundam as aldeias como nos lameiros e baldios do alto da serra, nas margens dos ribeiros e permanece grande parte do ano em cortes, o que permite um melhor aproveitamento do estrume que produzem para fertilizar as terras. Nestas condições, também é possível alimentá-lo com os fenos e a palha de centeio semeado nos campos em altitude. Não há actualmente manadas comunitárias, andando as rezes, quando soltas, por vezes nos campos próximos, sem necessidade de guarda.

Igualmente, é frequente verem-se rebanhos de ovinos e de caprinos retouçando no restolho ou na flora herbácea das terras mais pobres e agrestes da serra. Antigamente o gado miúdo começava a juntar-se, por volta das dez horas da manhã, à saída da povoação, para seguir para os pastos, voltando ao pôr-do-sol ao mesmo lugar, de onde parte depois o pequeno rebanho de cada dono que, geralmente sozinho, procura o seu próprio redil.

É então fácil de perceber a influência humana na caracterização de um povoamento, na sua maneira de construir e organizar. Como diz Girão (1960, citado por Leal, 2004, p.13),

(...) as relações desta forma de povoamento (aglomerado ou agrupado) com a economia agrícola das respectivas regiões, põe-se muitas vezes em foco o predomínio de factores humanos ou históricos sobre os naturais: esquece-se que os primeiros são já em parte consequência dos segundos, e que a acção destes deve sempre considerar-se principal (...).

### 3.3 Caracterização Demográfica da Freguesia de Lazarim

Lazarim é a sede de freguesia onde pertence o lugar de Mazes e a Aldeia da Anta. É importante analisar os gráficos a seguir apresentados para perceber como a aldeia foi gradualmente ficando desabitada. Estes gráficos são referentes à totalidade da freguesia de Lazarim mas ilustram realmente o que sucedeu na aldeia, pois o problema da desertificação afectou grande parte desta freguesia, que em tempos pertenceu a outro concelho, mas isso será visto mais à frente, aquando do enquadramento histórico.

É importante perceber agora, a evolução do número de habitantes desde o ano de 1864 até 2011, realizada no âmbito da alteração do PDM de Lamego (Territoriais, 2007, p.108), ano em que foram feitos os últimos censos. A população tem vindo a diminuir desde 1864, tendo alguns altos e baixos até aos dias de hoje, mas foi em 1890 que a freguesia sofreu uma das maiores quedas no número de habitantes. Nas duas décadas seguintes a população aumentou ligeiramente, tendo-se de seguida verificado nova queda na ordem dos 5,7% em 1920. A partir desta época, que coincide com o início do Estado Novo, liderado por Salazar, onde foram implantados incentivos de política agrária, que fizeram com que as pessoas se mantivessem nestes locais e se dedicassem à agricultura que era na altura um bom meio de subsistência, o que por sua vez, fazia com que a população não emigrasse e até aumentasse como mostra o gráfico. Desde 1920 até 1960 a população aumentou sempre, mas com o início do fim do Estado Novo e a democratização iniciada em 1974, onde se torna nítido o declínio do Portugal agrícola e rural, a população volta a cair até aos dias de hoje, fazendo com que as aldeias rurais, ficassem cada vez mais desertificadas.

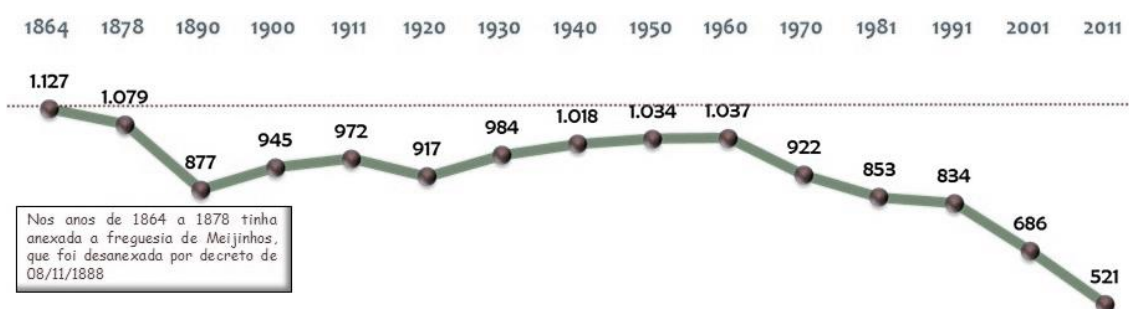


Fig. 6 - Evolução do nº de habitantes

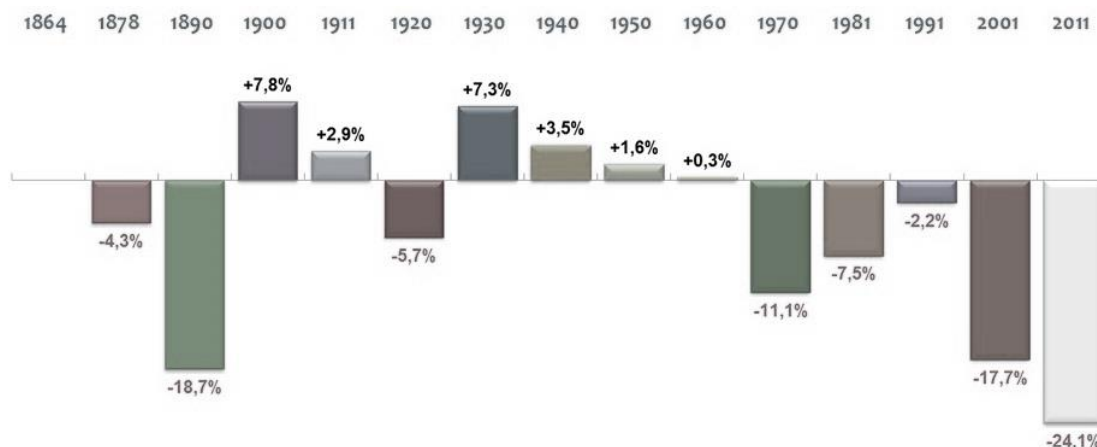


Fig. 7 – Variação percentual do nº de habitantes

Depois de realizada a análise da evolução e da percentagem do número de habitantes, apresenta-se agora um esquema onde se mostra a diferença do número de habitantes no ano de 2001 e 2011.

As barras do lado esquerdo mostram que em 2011 a população é menor que em 2001, quer em termos de habitantes do sexo masculino, quer do feminino.

Os queijos do lado direito mostram a mesma coisa mas mostram a percentagem de pessoas em facha etária diferentes.

Isto quer dizer que, seja qual for a facha etária ou o sexo dos habitantes, a verdade é que o número da população continua a baixar drasticamente.

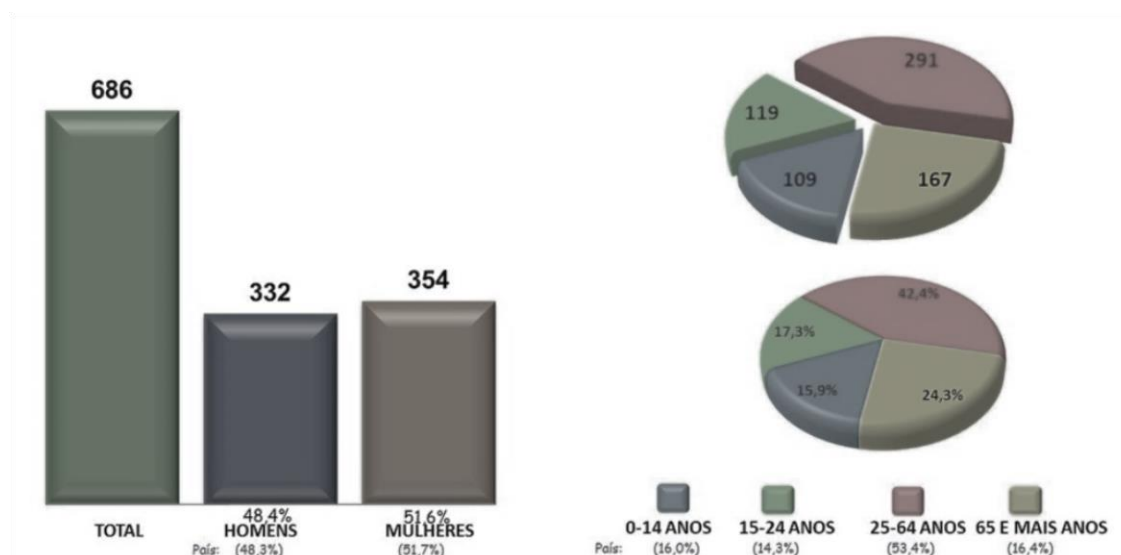


Fig. 8 – População em 2001

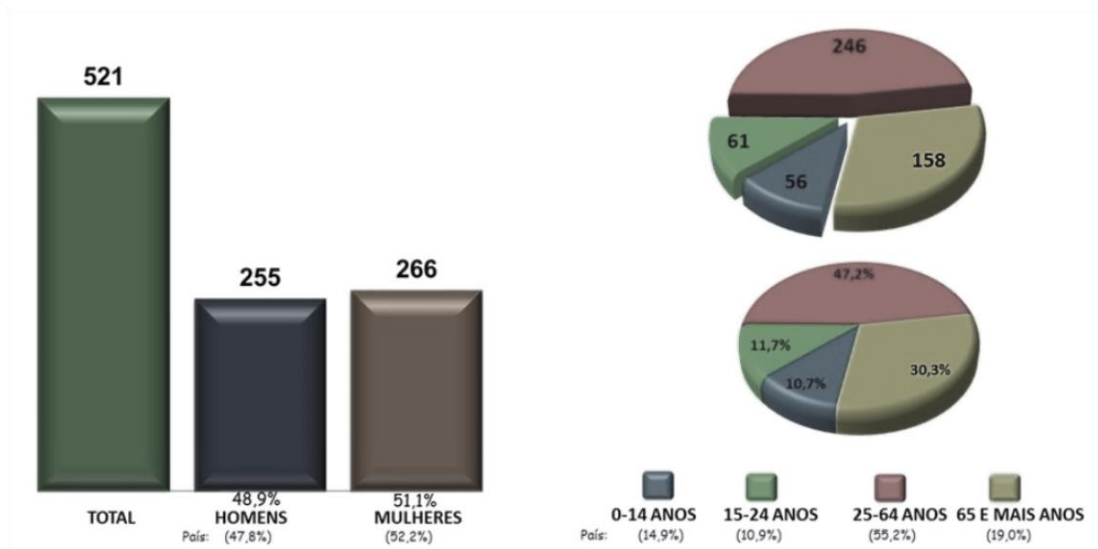


Fig. 9 – População em 2011

### 3.4 Enquadramento Histórico e Ocupação do Território

A Aldeia da Anta pertence a um âmbito geográfico mais alargado, construído e modificado ao longo do tempo, revelando, em alguns períodos da história, unidade. Assim, tornou-se fundamental obter as principais linhas de evolução do povoamento e interpretar os fenómenos de permanência e mutação ocorridos na relação do homem com a paisagem e com o seu meio ambiente. Enquanto parte integrante de um vasto conjunto de locais, não poderia ser desligada historicamente deste conjunto. Só a partir do entendimento global do conjunto e da sua evolução histórica e origem do padrão de ocupação do território, se poderia garantir a pertinência e credibilidade de uma narrativa plausível sobre certas reflexões.

A inexistência de informação e documentação directamente relacionada com a fundação e desenvolvimento da aldeia tornou imprescindível uma análise histórica relativa aos concelhos de Tarouca e Lamego, evidentemente contextualizados no âmbito mais alargado da história de Portugal. A reconstituição dos diferentes períodos da história poderá ser, igualmente, elucidativa na explicação de algumas dissemelhanças encontradas ao nível da ocupação no território e organização dos aglomerados. Se não veja-se.

Lazarim pertence, administrativamente, ao concelho de Lamego, embora tivesse integrado, em 1895, o concelho de Tarouca. Segundo Fernandes (1995, p.307) “Os limites primitivos do concelho de Tarouca, outrora apelidado de Castro Rei, coincidiam com a *parochiae* suévico-visigótica do séc. VI e seriam bastante mais vastos que os actuais”. Este concelho foi sofrendo várias alterações ao longo dos tempos, nomeadamente, com a criação do concelho de Lazarim

no século XII, constituído pelas freguesias de Lazarim e Meijinhos e pela criação, no século XV, do concelho de Mondim.

O pequeno concelho medieval de Lazarim, viria a ser absorvido pelo de Castro Rei e só em meados do séc. XVIII, se ergueria enquanto concelho próprio. Em 1834, com a sua extinção, voltou, administrativamente, a pertencer ao concelho de Tarouca até à data da extinção deste último e do concelho de Mondim (1895). Com a restauração do concelho de Tarouca, em 1898, a freguesia de Lazarim passa a integrar o concelho de Lamego (Fernandes, 1990A, p.55-93).

Deste modo, pretende-se contribuir para a reconstituição da paisagem de povoamento do passado apagada por uma urbanidade difusa que contribui largamente para a sua descaracterização e destruição. Esta abordagem permitiu encarar a recuperação do povoado não como um acto isolado mas como um acto integrado numa paisagem humanizada à qual pertence e, por isso, dela é indissociável.

O seu povoamento foi feito de um modo contínuo e, graças aos inúmeros vestígios e testemunhos arqueológicos existentes na região relacionados com a cultura Megalítica, os dólmenes e mamoadas, é possível apontar para uma ocupação humana sedentária que remontará a tempos pré-históricos.

Esses vestígios datam de um período que se prolonga desde o Neolítico (3800/3700 a.C.) até à época do bronze (2500a.C.), como refere Marques (1999). No entanto, só a execução de sondagens arqueológicas poderiam, com maior segurança, substituir esta datação mais generalista referente ao fenómeno megalítico da Beira Alta pela atribuição de uma cronologia regional ou local.

De acordo com o que escreve Fernandes (1990a, p.98)

Por toda a região da Nave e Montemuro, e num raio de relativa proximidade do objecto em estudo, a toponímia deixa a descoberto os locais que abrigaram ou que ainda abrigam estas construções dolménicas, popularmente conhecidas por antas, mas também designadas por Antelas, Arcas, Orca, Orquinha, Corgo do altar, Pedra-fita, Casa de moiros, Alto da mão furada, mamoadas e mamoadas, entre outros.

O próprio topónimo da aldeia em estudo, Anta, parece apontar etimologicamente para a existência de dólmenes, contudo, apenas a tradição corrobora a sua possível existência.

A localização destas primitivas construções patenteia a preferência pelo rebordo da região e pelas alturas planálticas e despidas da Nave e Montemuro. É de ressaltar que a unidade geomorfológica deste altiplano poderia ter favorecido o estabelecimento de um “*populus*”, de



uma certa “unidade étnica”, como referido por Fernandes (1990a, p.98) que optaria por aí começar a estabelecer as primeiras comunidades agro-pastoris e a construir os seus “*tumulus*” nas grandes superfícies de aplanção da serra, numa intenção simbólica de afirmação na paisagem e marcação territorial. Apesar do clima rude, é provável que aqui tenha encontrado chãs propícias à agricultura e áreas favoráveis aos percursos transumantes da pastorícia.

A cultura castreja encontrou a sul do rio Douro, apesar da sua maior concentração se verificar a norte, condições geomorfológicas propícias à implantação dos castros. Estes pequenos povoados eram, de acordo com as fontes clássicas, os testemunhos de um dos «povos» lusitanos, os *Coilarnos*, que habitavam durante os séculos V a.C. all a.C., uma região da Lusitânia pré-romana, que circunscrevia a área abrangida pela região em estudo (Vaz, 2007).

As constantes guerras tribais, aliadas a um espírito defensivo, determinaram a implantação dos povoados em locais de difícil acesso, em cabeços rochosos com bom domínio sob a paisagem circundante, em vertentes íngremes naturalmente protegidas, em pontos de transição para os vales e muitas vezes artificialmente reforçadas por uma ou mais muralhas de defesa. Para além do referido e prioritário critério defensivo, outros factores interferiam na escolha do lugar, como a proximidade à água, a minerais como o estanho, cobre e Volfrâmio e a meios favoráveis à prática das actividades agro-pastoris, marcada pelas culturas predispostas a locais mais elevados.

São várias as estâncias castrejas identificadas nos rebordos altimontanos numa posição sobranceira ao interior desta aldeia: Penude, Penajoia, Avões, Castelo da Maia, Mata de Lobos e castro de Mondim-Paço; noutros casos, localizam-se em zonas mais próximas às zonas aluviais em outeiros perfeitamente destacados na paisagem, permitindo cobrir visualmente a região contígua numa amplitude de 360°, como é o caso do castro de Lamego e Castro Dálvares também conhecido por “Castro Rei” (Costa, 1977-1979).

Na sequência do processo de romanização, iniciado na Península Ibérica no séc. II a.C., especificamente na região da antiga Lusitânia, a partir de 137 a.C., são sentidas fortes mudanças na estruturação do território e na fisionomia da paisagem. Pacificada a totalidade da Hispânia, inicia-se um reordenamento territorial de carácter administrativo. As terras de Tarouca, tornam-se parte integrante da província da Lusitânia com capital em Mérida. São estipuladas unidades administrativas, as *civitates*, que agrupariam os vários povos proto-históricos, entre as quais se destacam as *civitates coilarnorum* como (Vaz, 2007).

Com a conseqüente «paz romana», muitos dos *castelluns* lusitanos são abandonados. A população desce à planície, onde promovem o desenvolvimento da agricultura e provocam a alteração da paisagem, humanizando-a: pelo recuo da floresta e dos matagais e pela formação

de grandes propriedades de exploração agrícola, as *villae*, que se disseminavam pelos vales desabridos de terrenos mais férteis.

Estas pequenas células de exploração agrária estariam ligadas entre si por uma “apertada rede viária” que estruturaria uma malha de povoamento no interior desta grande unidade, estruturada em três eixos principais de ligação (Costa, 1977-1979).

No sentido norte-sul, dois eixos principiavam na cidade de Viseu pela qual passaria o importante itinerário Emerita-Bracara, um partiria em direcção a Lamego passando por Castro Daire e o outro em direcção a Tarouca, ambos bifurcariam num terceiro, no sentido sudeste noroeste, que faria a ligação Lamego-Guarda (Fernades, 1990a).

Neste território abundam os vestígios toponímicos de possíveis *villae*, Ferreirim, Pidre, Magustim, Sever, Lazarim e Lalimsão apenas alguns dos exemplos.

Fragmentos empedrados de estradas, pautadas por um ou outro marco miliário, evidenciam, de igual modo, a presença romana que também ficou assinalada pela epigrafia latina e pelos achados ocasionais de cerâmica e moedas, que foram surgindo nos castros de Mondim-Paçô, Lamego e Castro Rei e em algumas povoações como, Lalim, Meijinhos, Penude como escreve (Costa, 1977-1979).

Muitos povoados pré romanos, cuja localização seria fundamental na defesa de pontos de abertura/fenda dessa região, poderiam ter mesmo permanecido ocupados continuamente até época islâmica e à Alta Idade média, dando origem, a muitas das actuais povoações. A presença de ouro, ao pé do rio onde hoje chamam Poldras no sitio de Lalim, no termo da Vila de Tarouca e as explorações mineiras de volfrâmio, identificadas na área de Lazarim e Meijinhos, poderiam ter justificado a preferência dos romanos por este local.

Com os suevos e visigodos convertidos à religião cristã, surgem entre o séc. VI e VII as novas dioceses de Pax, Lamecum, Veseo e Conimbria. Em 570, o *territorium civitatis Taraucense*, converte-se numa das *Paroeciae* (subdiocese) da diocese de *Lameco*. As ermidas pagãs de Santa Bárbara, Santa Margarida e de Santa Catarina, situadas nas imediações dos castros são cristianizadas (Fernandes, 1990A). Foi, igualmente, neste período que se ergueu a igreja de Balsemão e se cunhavam em Lamego as moedas de Sisebuto, revelando a importância cultural, religiosa e histórica da região (Serra, 1986).

Os invasores germânicos deixam na região de Lamego e Tarouca poucos indícios materiais da sua presença. O possível povoamento germânico, representado pela toponímia antroponímica genitiva, que segundo Fernandes (1990b), datará do período suevo e não da reconquista, aparece representado sobretudo, na zona oriental desta região. Estes povos limitar-se-iam a

colonizar muitas das propriedades hispano-romanas do vale, atribuindo-lhes os seus nomes germânicos e é mesmo possível que recuperassem certas estruturas castrejas abandonadas.

Entre os séculos VIII e XI, o território compreendido entre o Douro e Mondego, no qual a região de Lamego e Tarouca se inclui, foi, pela sua posição fronteiriça entre cristãos e árabes, palco de violentas incursões. À primeira reconquista cristã de Lamego aos mouros e consequente tentativa de repovoamento empreendida por Afonso III em 877, segue-se a reconquista da região por Almansor que, em 915, restitui de novo o poder aos muçulmanos (Fernandes, 1990a).

À data da definitiva reconquista cristã por Fernando Magno (1057), a cidade de Lamego encontrava-se sujeita à administração do régulo, Zadan Iben Huin, que permanecerá a governar como tributário deste monarca até à criação, em 1064, da província consular Sisnandina, sedeadada em Coimbra. Os muçulmanos são expulsos mas a influência árabe sobrevive à reconquista, representada pela comunidade moçárabe que aí se vinha estabelecendo e da qual existem fortes indícios toponímicos. Embora este território tivesse sido fortemente islamizado, como o comprova a abundante toponímia, desconhecem-se vestígios materiais da sua presença. Alguma toponímia reporta-se à existência de povoamento árabe como é o caso de Almofala, que deriva do árabe *al-mahallâ*, campo, arraial, acampamento, bairro, aldeia, possivelmente um dos acampamentos militares, que serviam de base às investidas de Almansor em direcção à Galiza e Leão. Outra, refere-se a fenómenos de migração como é o caso de Almodafa (*al-Muzaffar*) e Melções (*malik*) ou, então, à presença de muçulmanos de fora da Península como S. Martinho de Mouros (Barroca, 2005).

Nada certifica que toda a toponímia árabe possa ser incluída num mesmo período de povoamento, até porque muitos destes topónimos, seriam fixados num período mais tardio, por influência de palavras de origem islâmica que entrariam no vocabulário corrente medieval (Fernandes, 1990a).

Relativamente ao povoamento, considerando ser esta uma civilização bastante tolerante, sobretudo, quando não lhe era oferecida grande resistência, é de crer que se manteve a estrutura do povoamento, recuperando pontos vitais para a sua segurança.

Um outro factor importante é a presença da Ordem de Cister em toda a região, quer através dos seus mosteiros, S. João de Tarouca, fundado em 1143, e Salzedas, quer pela toponímia, com a introdução do vocábulo de origem francesa, granja e suas variantes.

As granjas, estabelecimentos demo-agrírios aparecem espalhadas por toda a região e muitas vezes eram dotadas de *carta de povoação*. Em muitos dos locais escolhidos para a implantação das granjas, já haveria povoação e agricultura estabelecida, como a própria toponímia antroponímica evidencia: Almodafa, Almofala e Brufe (Fernandes, 1995).

Paralelamente ao papel de dinamização económica e ao incremento da agricultura, a distribuição das granjas cistercienses, permitiu a ordenação e ocupação do território fixando população em locais praticamente desabitados. Desta forma, é possível perceber o posicionamento estratégico e central dos mosteiros da região, estruturando uma “constelação” de granjas que se distribuíam gravitacionalmente à sua volta.

### **3.5 A Escolha do Lugar**

Situada na Serra de Montemuro, a Aldeia da Anta encontra-se implantada na encosta oeste da serra, estrategicamente posicionada no ponto de “abertura” dessa configuração geográfica, deixada entre o Alto do Pedrógão e Outeiro Mourisco.

O povoado procura adaptar-se à morfologia ondulante do terreno, variável entre os 915 e 935m de altitude, numa posição resguardada relativamente aos ventos gélidos de norte, expondo-se à insolação vinda de sul e poente. Esta posição rebaixada, relativamente aos rebordos elevados destas zonas mais altas que circundam a aldeia, confere-lhe uma sensação de protecção e envolvimento, permitindo-lhe estabelecer enfiamentos visuais com os povoados do Sabugueiro e Castelo, situados na vertente sul da aldeia, a altitudes superiores.

Vários foram os factores que interferiram na escolha e implantação do lugar, nomeadamente os condicionalismos geográficos e climáticos, necessários ao desenvolvimento da economia agro-pastoril e à sobrevivência das populações em contexto serrano, anteriormente referidos como elementares na fixação e ocupação humana.

A implantação da Anta patenteia uma atenta leitura do território por parte do homem que a traduz num conjunto de escolhas estratégicas: o seu posicionamento assegura, por um lado, a proximidade aos principais recursos hídricos, pastagens e matéria-prima e por outro, liberta os terrenos aráveis, ocupando os terrenos rochosos onde a prática destas actividades de subsistência seria irrealizável mas onde, simultaneamente, seria mais propício ao assentamento do edificado que o compõe.

### 3.6 Um Património Natural a Proteger

Na actualidade, é cada vez mais difícil o encontro do homem com a natureza que se pode considerar como selvagem ou no seu estado de pureza original.

Já que as ilhas desertas acabaram e a floresta virgem tende a deixar de sê-lo, a natureza que subsiste transformou-se num acto de cultura e de respeito humanos essenciais.

É evidente que a salvaguarda dos espaços naturais intocados depende de medidas educativas e políticas, onde a ordenação territorial e a criação de parques ou reservas são factores prioritários.

A paisagem natural, não modelada, reveste-se, assim, pela sua raridade entre nós, de um valor cultural que impõe a sua integração no campo do património das comunidades e do país e das suas consequentes inventariação, classificação e protecção.

É hoje reconhecida a necessidade de dar a conhecer os valores naturais presentes no território de modo a criar na população a consciência do imenso património que Portugal possui e a necessidade de todos colaborarem na sua preservação e promoção.

Verifica-se, ainda actualmente, a existência de uma espécie de barreira aparentemente intransponível, entre os vários conceitos de Património Cultural. Daqui resulta que o Património Cultural como usualmente entendido e o Património Natural, que não deixa de ser uma forma de Património Cultural, ficarão na dependência de entidades diferentes.

Esta situação, pelo menos no caso da Aldeia da Anta e respectiva área envolvente, não deixa de trazer consigo uma enorme soma de dificuldades, na medida em que não é possível fazer uma classificação das mesmas desinseridas da sua envolvência, quer em termos ambientais, quer em termos paisagísticos, quer ainda enquanto ecossistema, do resto dos elementos que decisivamente contribuem para lhes conferir o seu carácter próprio.

Por tudo isto, não se pode ignorar a fauna e a flora deste local.

#### A Fauna

Este será um pequeno apontamento de algumas das espécies que existem na serra de Montemuro e que já terão sido vistas na Aldeia da Anta. Ao longo da história, gradualmente foi-se perdendo a íntima relação do homem com o meio ambiente, em cuja dependência vivia. Hoje em dia perdeu-se irremediavelmente essa noção de intimidade, perdeu-se, igualmente, a noção da sua fragilidade enquanto espécie em relação ao ecossistema no qual, sem medir as consequências da sua acção, provoca alterações por vezes irreversíveis.

Com diversas alterações nos ecossistemas, tais como a instalação de eólicas e aterros sanitários nas proximidades da Aldeia, a fauna e a flora ressentiram-se de tais alterações pelo que inúmeras espécies se extinguíram, estando outras em risco de extinção.

Veja-se agora algumas das espécies existentes nas imediações da aldeia.

Segundo o Livro vermelho dos Vertebrados (ICNF, 1990, p.12-186), os mamíferos de que há notícia existirem na região são as Toupeiras de água, o Texugo, a Doninha, o Toirão, a Lontra, a Marta, a Fuinha, o Sacarrabos, a Geneta, o Gato Bravo, o Javali e o Lobo Ibérico.

No que diz respeito a aves, o Milhafre, a Águia de Asa Redonda, a Rola, o Bufo Real, o Guarda Rios, Falcão Peregrino, Poupa, Melro de Água, Peneireiro, Pica-Pau Verde, Pega e Gaio

No rio espécies como a Boga, a Truta do Rio e o Bordalo, são os mais abundantes.

Quanto aos répteis e anfíbios, os mais frequentes são as Salamandras, o Lagarto de Água, a Víbora Cornuda, a Cobra Rateira, o Sardão, a Cobra de Água de Colar e a Rã.

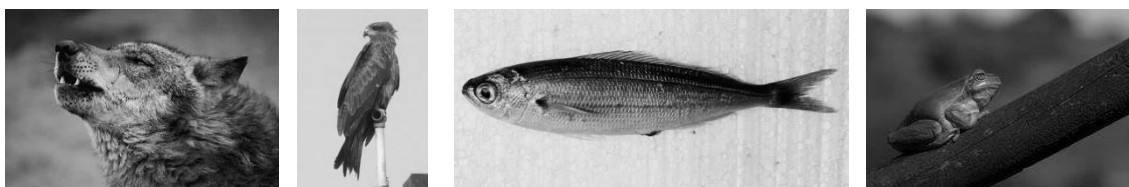


Fig. 10 – Fauna existente no local

## A Flora

Não se pretende neste ponto ser exaustivo na enumeração da flora existente na zona da serra de Montemuro, pretende-se apenas, chamar a atenção para a riqueza do coberto vegetal da serra, contribuindo, embora modestamente, para o seu conhecimento e finalmente alertar para os perigos que uma tal vegetação corre neste momento.



Fig. 11 – Flora existente no local

O coberto vegetal da serra é dominado por um complexo de vegetação arbustiva e herbácea. Este complexo é essencialmente constituído por matagais de urze, carqueja e giesta, entremeado por afloramentos rochosos em que por vezes, se encontram películas, mais ou menos extensas de musgo e de líquenes (Leal, 1998, p.17).

Assinala-se ainda a existência de alguns tractos de terreno de cultivo e a existência de castas zonas de baldio afectas a regime florestal.

A vegetação arbórea ocorrente na serra é essencialmente constituída por Castanheiros, Amieiros, Freixos, Salgueiros e Azevinho. Nos matagais serranos encontraremos o Urze, provavelmente entre outras espécies a Carqueja, a giesta e a Giesta Branca. Nas margens do rio aparecem entre outras formas de vegetação ripícola, densos e extremamente numerosos tufo de junco. Deve acrescentar-se ainda, que nesta zona o salgueiro, espécie arbustiva, chega a atingir um porte arbóreo. Procurou-se dar uma panorâmica inevitavelmente superficial da flora existente na Aldeia, cuja área foi possível calcorrear a pé com pessoas do local. Poderão existir e certamente existirão muitas outras espécies que aqui não foram referidas.

### **3.7 Um Património Cultural a Preservar**

Como escreve Leal (1998, p.29), invocando palavras de José Vale,

Todos sabemos que a manutenção dos valores da história de um povo é condição indispensável à preservação da sua cultura, no mínimo porque esses valores se assumem como referências aos olhos dos mais novos. A dificuldade, muitas vezes, encontra-se em criar meios que facilitem a passagem de testemunho entre gerações. Dai a necessidade, sempre permanente, de melhorar o ensino, de preservar e restaurar um património histórico que é pertença de todos.

Tendo anteriormente abordado a região da serra de Montemuro sob o ponto de vista de Património Natural, é necessário agora escrever um pouco sobre a importância do património cultural de uma zona mais restrita à Aldeia da Anta, deixando para um outro ponto as referências ao património construído.

Incluir-se-ão neste ponto as referências ao que sendo construído, parece melhor enquadrável em algo que tenha mais a ver com manifestações de uma determinada cultura.

O local objecto deste trabalho, reveste-se do maior interesse no ponto que agora se inicia, que é o património cultural. Basta para tanto ter atenção nos topónimos locais e envolventes próximos, sinónimos de que os terrenos dos respectivos locais abrigam, ou abrigaram, espólio relevante para o seu estudo e caracterização: Pé de Mouro, Outeiro Mourisco, local onde existe uma mamoa, Fornelo, Dorna Pedrelha, local onde existem túmulos rupestres antropomórficos, Antas, lugar da aldeia com o mesmo nome onde em tempos remotos, sobretudo no largo localmente conhecido como Largo do Padrão, terão existido algumas Antas e possivelmente menires, facto

que teria contribuído para dar o nome à aldeia e ao largo, Mata dos Lobos, onde existem vestígios daquilo que na região é conhecido como aldeamento celta, Pedra Cávada, local onde existe um túmulo rupestre antropomórfico duplo, Ponte das Poldras, de estilo provavelmente celta e à qual dão acesso troços do que aparenta ser uma calçada romana, agora degradada.

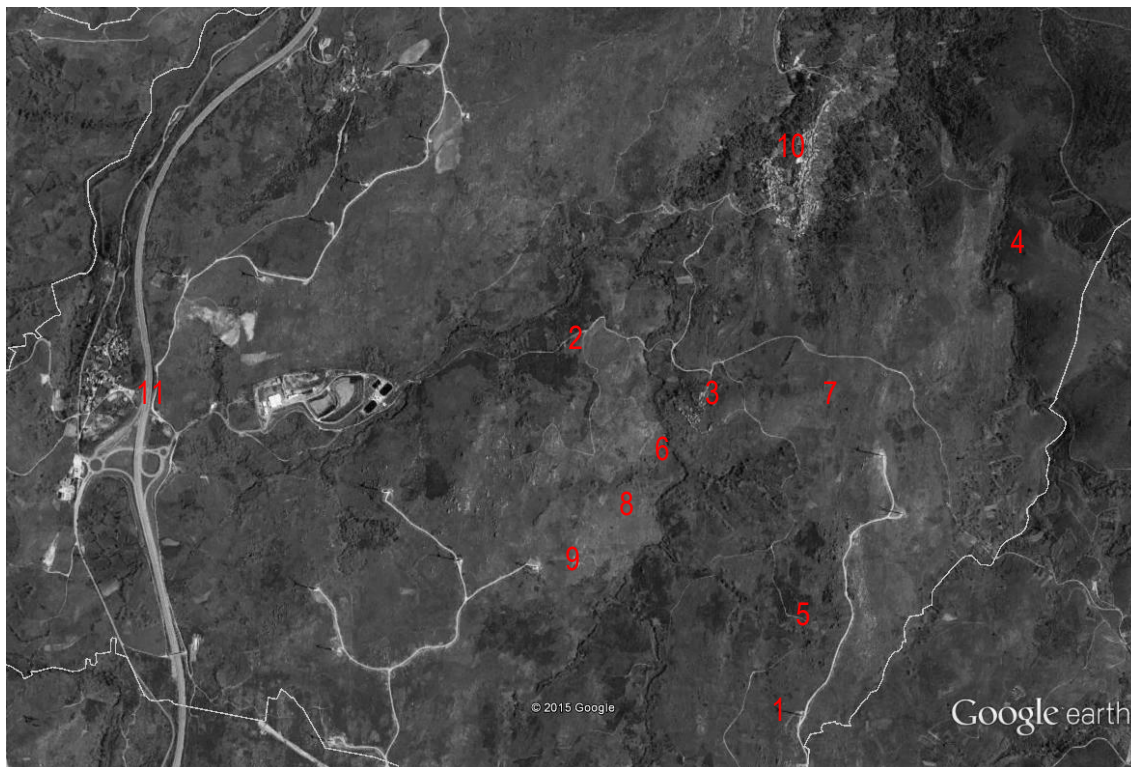


Fig. 12 – Imagens dos locais na envolvente da Aldeia



**Legenda:**

- |                                     |                             |
|-------------------------------------|-----------------------------|
| 1 – Pé de Mouro, Outeiro Mourisco   | 2 – Fornelo, Dorna Pedrelha |
| 3 – Aldeia da Anta, Largo do Padrão | 4 – Mata dos Lobos          |
| 5 – Pedra Cávada                    | 6 – Ponte das Poldras       |
| 7 – Alto do Pedrógão                | 8 – Sabugueiro              |
| 9 – Castelo                         | 10 – Mazes                  |
| 11 – Bigorne                        |                             |

Na zona da Aldeia da Anta ainda existem alguns destes monumentos megalíticos, pois outros, já há muito foram destruídos. Os seus materiais, porém, foram aplicados em algumas das casas do povoado, quer colocados em padieiras de portas ou janelas, quer embebidas em panos de paredes.

Sepulturas antropomórficas, são sepulturas escavadas nos rochedos, destinadas a adultos, situadas em Dorna Pedrelha, Geralda e Pedra Cavada, nos arredores da Aldeia da Anta.

A ponte das Poldras e a calçada Romana, são outras das construções existentes na Aldeia. A ponte é de dois vãos de forma triangular, cuja base seria o leito do ribeiro e os lados duas lajes



de granito de dimensões apreciáveis, unidas na parte superior. Esta ligação das lajes é feita por uma superfície plana. O tabuleiro é limitado lateralmente, por grandes lajes de granito. A ponte ainda hoje está em uso, sendo nos seus acessos visíveis, vestígios do que seria uma calçada romana, hoje muito danificada. Nota-se ainda um pouco da calçada romana numa das ruas da Aldeia da Anta (Leal, 1998).



Fig. 13 – Túmulos Antropomórficos e Ponte das Poldras

Castros ou Povoados, encontram-se ainda hoje no “lugar do Castelo”, alguns indícios do que poderia ter sido um castro, embora se encontrem muito degradados. Igualmente em “Mata dos Lobos”, existem vestígios muito claros de habitações circulares, com uma só porta e todas voltadas para um mesmo largo, que localmente atribuem aos celtas (Leal, 1998).

As malhas de centeio ainda se praticam em especial na Aldeia da Anta. O centeio é acumulado na eira comum e aí, os homens, colocados em duas filas, voltadas uma para a outra, vão, cadencialmente, ora uma, ora outra, batendo o cereal com os manguais. Este processo não triturando a palha de centeio como aconteceria se fossem usados processos mecânicos, permite o seu aproveitamento para as colmadas com que se cobriam as casas. Em outros tempos havia um ritual próprio deste acontecimento que pelos vistos está em desuso, ou só acontece anualmente na festa da Aldeia de Mazes, a fim, de recriar o que ali se passava (Leal, 1998).

Procurou-se neste ponto, demonstrar até que ponto é riquíssimo o património cultural do sítio em questão bem como da sua envolvente próxima.

Como até à data parece que nunca foram feitos estudos arqueológicos nesta zona, deixam-se estas pistas para a identificação dos locais destes vestígios.



Fig. 14 – Malhas de Centeio



## **CAPÍTULO 4**

### **UM PATRIMÓNIO CONSTRUÍDO A PROTEGER, CONSERVAR E VALORIZAR**



#### 4 Enquadramento do Sistema de Povoamento Rural

O território foi-se construindo e modificando, ao longo do tempo, e foi influenciado tanto pelo processo evolutivo do espaço doméstico do habitat como pela acção transformadora e artificial do homem sobre este exterior e sobre os ecossistemas naturais mudando-os e complexificando-os de acordo com as suas actividades e necessidades (Mateus, 2004). Assim, a paisagem é o resultado de um processo de contínua e profundo eco transformação, que se foi intensificando, desde à época neolítica até aos nossos dias, resultando numa manta diversificada de retalhos, que se tornou parte de um ecossistema em equilíbrio indissociável da matriz natural. À paisagem natural e aos seus originais ecossistemas foram-se sobrepondo, através de um sucessivo processo de aculturação em torno dos povoados, sistemas de uso da terra funcionalmente diversificados que nos remete para diferentes cronologias, como está escrito por Mateus (2004).



Fig. 15 – Paisagem da Aldeia da Anta

A leitura que hoje se faz do povoamento deve ter-se em atenção que a escolha do lugar era, uma adaptação do homem ao meio ambiente. A par das características geográficas e climáticas, também as razões históricas, foram determinantes na escolha estratégica dos assentamentos humanos e condicionantes nas distintas formas de povoamento.

Estes povoados tornam-se parte integrante da paisagem humanizada, e dela são indissociáveis, contribuindo na acentuação da sua diversidade. Assim a sucessiva alteração da paisagem, deve-se, não só às alterações geomorfológicas, como também ao uso do solo, à densificação de vias de comunicação e à disseminação e forma dos assentamentos. Veja-se as diferentes aldeias, as dissemelhanças e semelhanças encontradas ao nível da organização e forma dos assentamentos humanos.

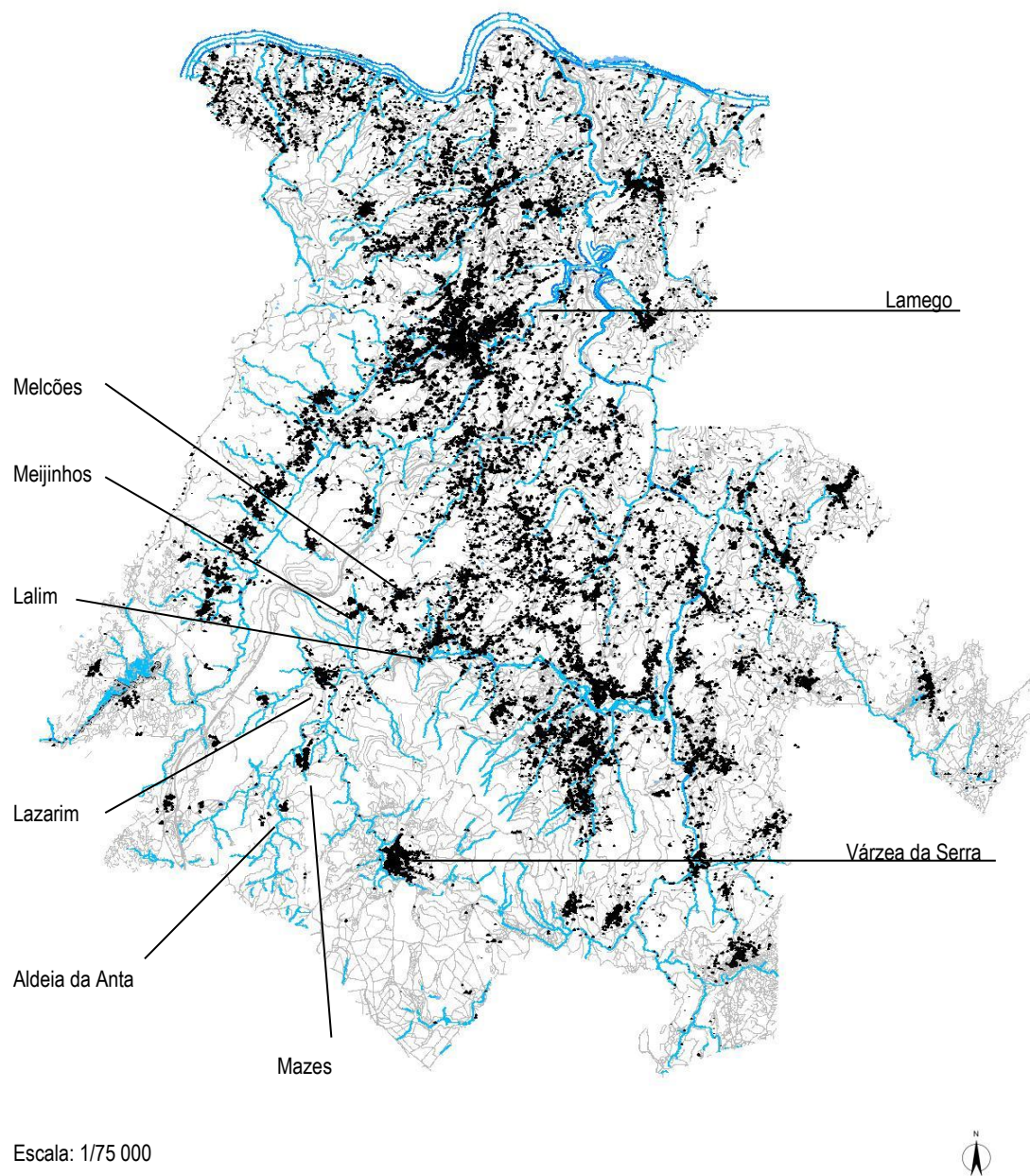


Fig. 16 – Paisagem do Povoamento

**Legenda:**

- Manchas das Áreas de Construção
- Linhas de Água

No rebordo serrano da Aldeia da Anta, os conjuntos habitacionais existentes são bastantes afastados na sua distribuição territorial, adensam-se numa malha urbana compacta e cerrada, que não permite a existência de grandes espaços de alargamento e socialização. A pobreza dos solos, o clima rigoroso, o uso e gestão dos recursos encontram-se entre os principais motivos condicionadores destas estruturas que, perante este cenário, procuram soluções que assegurem a sua sobrevivência mantendo idênticos critérios na escolha do lugar, como a funcionalidade, racionalidade e economia de recursos. A aglomeração serrana é, assim, uma resposta do homem às duras condições que se fazem sentir nestes territórios. Ele elege o local da aldeia em função das condicionantes básicas necessárias para o desenvolvimento da sua actividade agropastoril, aumentando a necessidade de se associar, como luta ao isolamento a que está confinado, o que fomentou as relações de entre ajuda comunitária. Apesar de apresentarem denominadores comuns de idêntica concepção espacial, são notórias, nos vários aglomerados serranos, variações do seu posicionamento e da sua configuração formal visto dependerem da condição orográfica específica dos lugares onde se implantam. Neste sentido, a proximidade muitas vezes encontrada entre a topologia do aglomerado e a morfologia do terreno deve-se ao forte vínculo existente entre os lugares e os sistemas de exploração de recursos que diferem com a alteração da geografia dos sítios.

Quanto mais a nascente e próximos se está da centralidade populacional, ou seja, onde existe mais população, percebe-se que os aglomerados, têm tendência para se dispersarem no território, intercalando e pontuando o fragmentado espaço agrícola, estendendo-se ao longo das principais vias de comunicação. Verifica-se, no processo de crescimento destes povoados do vale, o desenvolvimento de uma certa anarquia na disposição territorial das construções, que se vão espalhando pelo território numa urbanidade difusa, regida por sentimentos individualistas que destroem a sua unidade.

As vias de comunicação tornam-se as principais artérias desta dispersão, contaminando de forma gradual e crescente à medida que se aproxima da capital de concelho. Assim, reconhece-se que os tipos de povoamento rural são determinados, sobretudo, pelas formas do território, também é notório que as mais recentes formas de povoamento são determinadas e condicionadas pelas vias de comunicação existentes, o que justifica a forma linear que assumem.

Se é certo que, ao nível da organização e posição dos aglomerados serranos, estes se poderiam associar a modelos de ocupação castreja, no vale, é possível associar este povoamento disperso aos modelos históricos das «*villae*» romanas «*quintas*» e «*casais*», que se

disseminaram em consequência da maior necessidade de controlo e intimidade sobre as culturas, substituindo o conceito de propriedade colectiva pela individual (Territoriais, 2007).

A grande densidade populacional do vale em relação à da montanha, é uma tendência que se tem revelado histórica e que se relaciona com a desigualdade existente entre eles, tanto ao nível de produção agrícola, decorrente de uma maior fertilidade dos terrenos e por isso, de maior produtividade, como pela existência de uma maior rede de vias de comunicação. Esta tendência de abandono das zonas serranas, associada a um esvaziamento populacional que se agravou a partir de 1960 (Fig.6), processa-se num sentido descendente em direcção ao vale, num fenómeno metaforicamente comparado a uma maré vasa, com a progressiva concentração da população, nas freguesias que se encontram junto às principais vias de comunicação e junto às sedes de concelho.

Voltando ao rebordo serrano, especificamente mais perto da Aldeia da Anta é notória, nalguns casos, a forma como recorrem à morfologia do terreno, para garantirem um posicionamento estratégico que lhes assegure o controlo visual relativamente às povoações vizinhas e a uma complexa e inteligente rede de caminhos, que garante a sua ligação física.

A segregação a que estão confinados estes povoados serranos repercutiu-se no maior arcaísmo das suas especificidades arquitectónicas e permitiu que alguns chegassem aos nossos dias num melhor estado de preservação.

Assim, os declives meridionais mais pronunciados das suas bordaduras, condicionam a implantação em esporão do povoado de Mazes, situado entre os 800 e os 725 m de altitude.



Fig. 17 – Aldeia de Mazes

— Principal Rede Viária

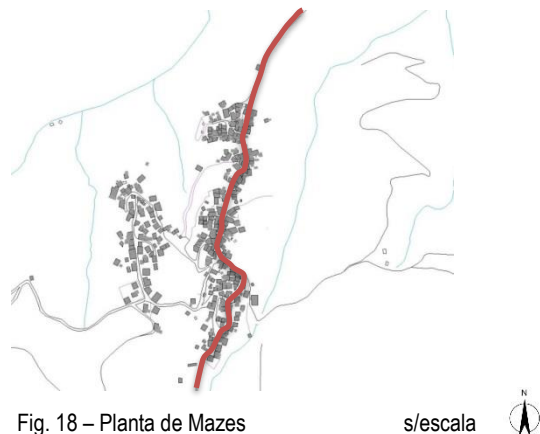


Fig. 18 – Planta de Mazes

s/escala





Este aglomerado, ao retomar a linha de fecho, adquire uma configuração linear e um posicionamento alcandorado de declive rochoso sobranceiro ao vale. As construções concentram-se em torno do principal eixo de circulação, numa trama apertada, que evidencia ainda mais a hierarquia viária. Este desenvolvimento vertical, decorreu da necessidade de explorar transversalmente a serra e a ligação com os povoados da Aldeia da Anta, assim como da necessidade de explorar a ligação ao vale e à linha de água entre os quais se desenvolvem, em socacos, os campos de cultivo de terras mais fundas. Isto quer dizer que, para além das diversas condicionantes geográficas, a forma do assentamento seria fortemente influenciada pelo modelo agro-pastoril. Mazed respondeu, assim, a uma posição intermédia, entre campos e serra. Numa posição sobranceira, relativamente às zonas de cultivo, ocupava as áreas de menor ou nula aptidão agrícola, libertando as áreas mais favoráveis à prática agrícola, moldadas com o esforço de gerações de forma a evitar a erosão.

Denota-se a curiosa proximidade entre a topologia do aglomerado e a configuração natural do sítio onde assenta, sendo que o perímetro do lugar, aglomerado e campos, encontram na orografia o seu desenho e limite.

No rebordo norte desta zona mais aproximada da Aldeia da Anta, de configuração morfológica menos declivosa, surgem povoados nalgumas depressões morfológicas a 750m de altitude, Meijinhos e Melcões.



Fig. 19 – Aldeia de Meijinhos



Fig. 20 – Aldeia de Melcões



Fig. 21 – Planta de Meijinhos

— Caminho que liga Meijinhos a Melcões



Fig. 22 – Planta de Melcões

Com critérios semelhantes de implantação, mas que adquirem configurações orbiculares distintas de acordo com a especificidade geográfica do lugar e da configuração dos cabeços ou outeiros rochosos sobre o qual assentam. O aglomerado primitivo de Meijinhos situado num outeiro de superfície aplanada, estrutura-se de forma marginal à estrada. Mais uma vez se observa o posicionamento do aglomerado sobranceiro relativamente aos campos agrícolas gizados geometricamente e concentricamente, a partir da aldeia.

Foi o próprio terreno que induziu a escolha do lugar de assentamento, num posicionamento estratégico e privilegiado relativamente à paisagem, conseguindo obter diferentes enfiamentos visuais, a partir do ponto de fuga deixado pela zona específica em que se insere, em direcção às povoações situadas no rebordo oposto da mesma unidade territorial em que se implanta Mazes. Embora sem comunicação visual, as duas povoações de Meijinhos e Melcões, comunicam fisicamente através de um caminho que procurou seguir, na sua delineação, a topografia do terreno e o ponto de comunicação entre os dois.

Ainda no rebordo sul da zona mais próxima da Aldeia da Anta, a uma altitude de 900m, encontra-se o aglomerado de Várzea da Serra.



Fig. 23 – Aldeia de Várzea da Serra



s/escala



Fig. 24 – Planta de Várzea da Serra

Principal Rede Viária

Situada numa chã deprimida da serra, ao abrigo do vento. As construções adensam-se de forma a maximizar os espaços de aptidão agrícola, numa ocupação de rentabilização e racionalização dos espaços, de forma a tirar partido da máxima exposição solar e libertar os solos férteis das várzeas, que ladeiam as principais linhas de água. Uma orografia suave, com ligeira inclinação descendente em direcção ao vale agrícola e orientação poente, permitiu que a forma inicial e primitiva do aglomerado, perfeitamente identificável pela análise planimétrica e construtiva das construções, se estendesse numa mancha circular, em direcção aos campos agrícolas, afastada

da principal via de acesso, que não interfere na delineação da sua morfologia. A necessidade de crescimento do aglomerado traduziu-se na criação de um segundo núcleo, situado mais a poente, contíguo a um ressalto do terreno, que condicionou o posicionamento das construções que se estendem em ruas paralelas às curvas de nível.

Nas planuras do vale da Aldeia da Anta as povoações de Lazarim e Lalim iniciam um modelo de ocupação territorial de transição. A estrutura inicial, poli nuclear, que compunha o aglomerado de Lazarim, enquadrada ainda na lógica anterior de povoamento concentrado, começa a assumir uma configuração alongada, muito em consequência das recentes construções que tendem a espriarem-se ao longo das vias de circulação.

Recorrendo a vistas aéreas, é evidente que os povoados se tornam o centro de uma área de recursos delimitada pela configuração orográfica e traçada em volta do assentamento, acentuando a partição do território e definindo diferentes áreas de influência. A representação centrípeta destas áreas, apesar de não ser rigorosamente traçada, procura demonstrar o distinto controlo sobre o espaço envolvente ao aglomerado, de frequência diária, semanal, mensal, sazonal e efémera, que varia de acordo com o tempo - distancia a percorrer e com o tipo de culturas nele contidos.



Fig. 25 – Vila de Lazarim



Fig. 26 – Vila de Lalim

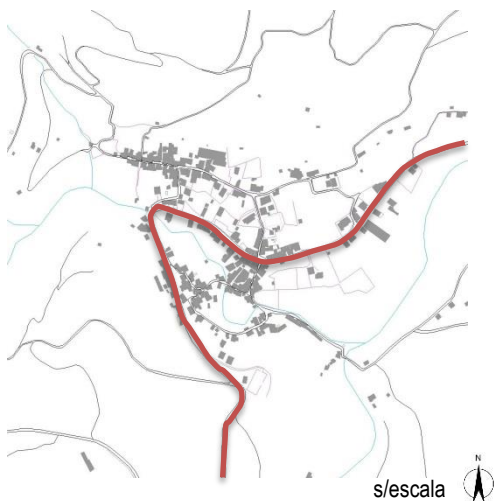


Fig. 27 – Planta de Lazarim

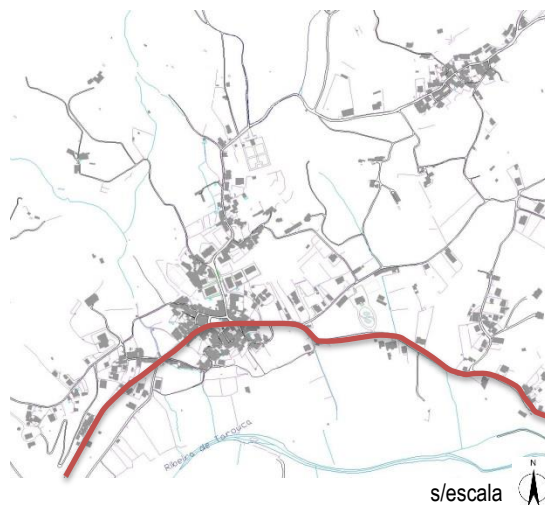


Fig. 28 – Planta de Lalim

— Principal Rede Viária



#### 4.1 Sistema tradicional de gestão e organização do território à escala da Aldeia da Anta.

Acreditando que a compreensão do aglomerado serrano deve ultrapassar o âmbito arquitectónico, não se centrando unicamente no entendimento da sua estrutura edificada e, admitindo que o lugar vale pela globalidade dos elementos que o compõe, circunscritos numa área de abrangência e influência sedimentada como um todo ao longo de gerações, reconhece-se ser fundamental a sua integração e estudo no âmbito mais alargado desse conjunto que integra, a área de recursos que gera e da qual depende.

Lugar, lameiras, requeiras, baldios, pasto, socalcos, campos, levadas, palheiros, cortes, moinhos fazem parte deste lugar indissociável, coesa e contínua onde os habitantes desenvolvem as suas actividades e onde organizam o seu espaço de vida e embora apareçam como peças isoladas, encontram-se ligadas por uma rede de caminhos que estruturam e organizam o território.

Deve-se considerar por isso que o aglomerado abrange toda uma área produtiva definida pelo variado sistema de exploração de recursos cuja manutenção e eficácia do conjunto dependia do bom funcionamento de todas as partes.

Todo este sistema de ordenamento territorial encontra-se intimamente relacionado e vinculado à terra, através das actividades agrícolas e a criação de animais, nomeadamente com a criação de gado ovino, caprino e asinino.

Não se pode desligar esta leitura da zona da Aldeia da Anta, do modelo físico da montanha em que se insere, o que permite perceber o escalonamento dos recursos decorrentes das variações climáticas e biológicas consequentes das variações altimétricas entre os 1065m da serra e os 500m do vale.



Fig. 29 – Declive da Montanha, desde a Anta a Lazarim

**Legenda:**

1- Aldeia da Anta      2- Aldeia de Mazes      3- Vila de Lazarim      4- Moinhos

Altitudes: Níveis Altimontano (1300-1000m), Montano (1000-700m) e Submontano (700-400m)

No nível submontano, nas terras baixas, de terrenos mais férteis, mais fundos e abrigados, aparecem as culturas permanentes como pomares e vinha e outras culturas hortícolas distribuídas em lameiras geometricamente gizadas na relação transversal com o rio acompanhando a inclinação da vertente suave do mesmo.

Nas imediações do aglomerado de Mazes, ao nível montano, entre os 700 e os 1000m de altitude, a configuração orográfica da encosta onde se implanta obrigou a construção de socalcos, bastante diminutos e parcelados, pequenas plataformas ligeiramente inclinadas que favorecem a infiltração, evitam a erosão e permitem a conservação de um solo mais fértil e fundo, para a prática de uma agricultura de subsistência.

O regadio é praticado nas áreas abaixo das levadas que a topografia e o curso hídrico permitiram construir artificialmente, assegurando a presença de água tão necessária às culturas hortícolas, à batata, ao milho e à vinha.

A mancha construída de Mazes, sobranceira a esta estrutura de socalcos, é gerada e estruturada pelo caminho que assegura a ligação entre o vale e a serra, reforçando pelo seu posicionamento em esporão a linha de festo sobre a qual assenta. É curioso perceber que, a sul deste aglomerado e numa posição altimétrica mais elevada, são ainda bastantes os socalcos que permitem o cultivo.

Os caminhos que de Mazes partem em direcção ao espaço agrícola envolvente ou à povoação vizinha de Anta parecem ser cuidadosamente traçados havendo, na sua delineação, a preocupação em que esta acompanhe o desenvolvimento ondulante e natural da própria montanha. Não só de Mazes, mas também da Anta se acedem aos vários moinhos anichados entre os rebordos rochosos e pedregosos do Rio Santo.

Os Moinhos, testemunhos da economia agro-pastoril que permitia a subsistência das populações, estão isolados destas povoações, num local de grande beleza paisagística, sendo possível apenas, pela precariedade dos percursos, o acesso pedonal.



Fig. 30 – Localização dos Moinhos



Fig. 31 – Moinhos

Não deixa de ser curioso notar, a inexistência, na Anta, de equipamentos de armazenagem de milho, os espigueiros, uma vez que o cultivo deste cereal era efectuado até tão elevadas altitudes, encontrando-se em grande abundância nas povoações de Mazes, Várzea da Serra e Bigorne.

Também relativamente aos espaços religiosos, se destaca a total inexistência de vestígios na povoação da Aldeia da Anta.

A missa em Mazes, não principiaria sem a chegada do Fidalgo do Castelo, o que vem corroborar o facto de estas populações não terem desde há muito, outro templo que não este. Segundo Fernandes (1990a, p.96-121) “Talvez pudéssemos ponderar a hipótese de, em tempos remotos, as povoações se deslocarem à ermida de Santa Bárbara, situada a poente e hoje totalmente desaparecida, para o cumprimento dos rituais religiosos”.

Nas proximidades do povoado avultam várias obras e materiais levantadas em honra à divindade das quais se destaca num local de grande proeminência espacial, um cruzeiro solitário à beira do caminho serrano de ligação entre Mazes e a Aldeia da Anta. Ao longo dos caminhos, encontram-se aqui e ali, nichos escavados na rocha avulsa ou inseridos nos paramentos de uma casa onde outrora se colocaria a estátua de um santo, lembrando, deste modo e a cada passo, a importância da vida religiosa no mundo rural.

À medida que a altitude sobe dá lugar ao nível alti-montano a cultura de solo vai-se rarefazendo e empobrecendo, surgindo a partir dos 800 metros de altitude as primeiras leiras de centeio, uma cultura apta a solos mais pobres e a climas mais agrestes.

Ao nível da Aldeia da Anta, o aglomerado torna-se no centro de uma área de recursos, perfeitamente identificável pelo traçado geométrico que se estende à sua volta, até aos rebordos mais elevados. A proximidade ao aglomerado das áreas de maior predisposição agrícola, as lameiras de milho e centeio e hortas, permitem minimizar as distâncias a percorrer no controlo e fiscalização de frequência semanal, que estas culturas exigem. A geometria destas parcelas de cultivo, respeitam a condição morfológica existente e parece ter sido criteriosamente gizada, através de engenhosas soluções de medição e partição do terreno, definindo uma malha geométrica que confirma uma intervenção e um desenho intencional.



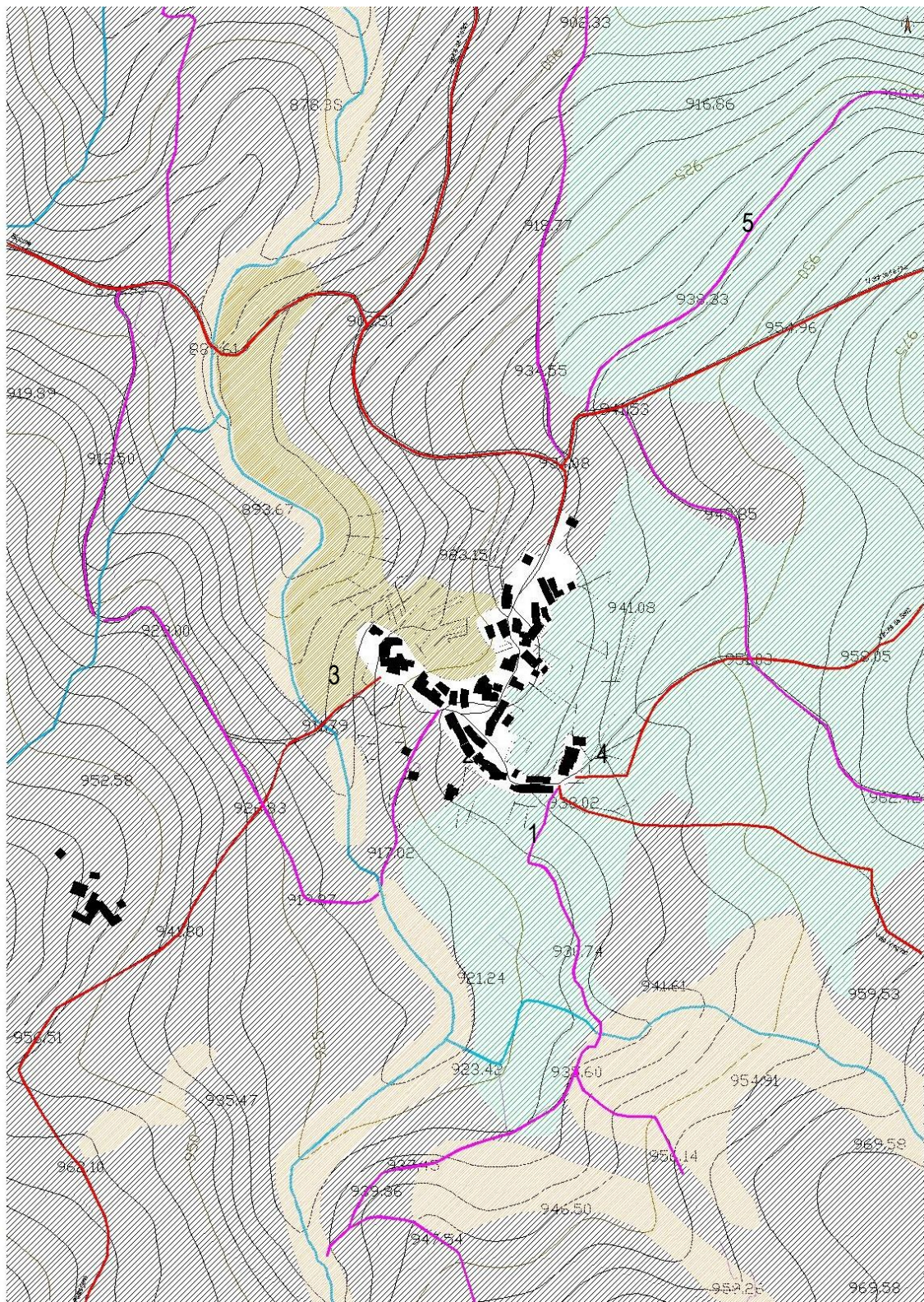


Fig. 32 – Aldeia da Anta, Zonas de Recursos

Escala: 1/5000



**Legenda:**

|                      |                                   |  |   |
|----------------------|-----------------------------------|--|---|
| Vegetação Rasteira   | Lameiros, Milho, Centeio e Hortas | Mato   | Linhas de Água                                  |
| Arborização          | Construções                       | Terra Batida, Calçada e Arborização Rasteira | Malha de Terrenos Rústicos - Planta de Cadastro |
| Caminhos Principais  | 1 - Aldeia da Anta                | 3 - Lameiros                                 | 5 - Baldios                                     |
| Caminhos Secundários | 2 - Hortas                        | 4 - Requeiras                                |   |



A ponte da Aldeia da Anta, uma sucessão de retalhos cultivados, delineados geometricamente em parcelas praticamente paralelas de idênticas dimensões, aproveitam a maior fertilidade e inclinação das margens do rio Poldras e seguem o serpentejar da sua configuração hidrográfica que se prolonga em direcção ao vale. Na área imediatamente contígua ao aglomerado as lameiras, como que procurando a aproximação ao mesmo, respondendo à própria mudança morfológica do terreno, definem uma clara mudança de geometria dos traçados que as estruturam.

A irrigação é controlada a partir do aglomerado criando-se, para o efeito, um sistema de canais e presas que permitem controlar a distribuição e circulação da água. A delimitação da propriedade agrícola em consortes ainda hoje é imperiosamente respeitada, mesmo que a sua separação seja garantida pela simples e frágil disposição de muros ou simples lajetas cravadas verticalmente no solo. Do lado nascente, onde a água escasseia as requeiras de feno dispostas longitudinalmente de forma a aproveitarem o escoamento das águas, delimitam o espaço construído. No acesso aos baldios comunais do Coto de Castelo, aos campos de feno e lameiros mais distantes, às pastagens espontâneas de uso partilhado e às povoações vizinhas, traçam-se os caminhos, lançam-se pontes na transposição de linhas de água, que estruturam e cosem todas estas peças.

A distribuição espaçada das propriedades faz com que haja a necessidade de criação de percursos que estruturam e definem a relação que os habitantes serranos estabelecem com o território envolvente.

Esta leitura permite perceber uma partição centrípeta de diferentes níveis de artefactualização e eco-transformação que diminui à medida que se afasta do aglomerado, desde o subterritório doméstico das casas, de artefactualização profunda, ao subterritório mais remoto da mata natural, virtualmente sem transformação. (Fernandes, 1990a, p.42). O afastamento dos diferentes subterritórios da horta, das lameiras das requeiras dos baldios e da mata define-se pela frequência de controlo variável entre o semanal, mensal, sazonal e esporádico.

A complexidade e manutenção deste sistema de ordenamento territorial e de todas as estruturas e infra-estruturas pressupunham a existência de uma comunidade evoluída e organizada, baseada em relações comunais de entreaajuda que garantiriam a subsistência deste conjunto de bens comuns. Num território de frágeis recursos, a sobrevivência era possível graças a uma gestão de utilização responsável, baseada na complementaridade e no aproveitamento da diversidade do meio e no equilíbrio e racionalidade da exploração dos recursos, que assegurava a sua renovação contínua e a sobrevivência de gerações.

A insatisfação perante esta economia sem margem de lucro, foi-se repercutindo no abandono da população mais jovem e no consequente e progressivo abandono das terras de cultivo e pastagem, na diminuição da diversidade do uso do espaço e consequente ruptura com o modelo tradicional de gestão do território. Foi-se perdendo a íntima relação de dependência do homem relativamente ao território como meio fundamental para a sua subsistência muito em consequência da emigração, que com as gentes levou também vidas tradicionais, perdendo-se assim a forte ligação das pessoas à terra, ao território nos seus vários aspectos de organização, de manutenção de infra-estruturas, todo este potencial e o património a ele associado sofreu com a degradação da paisagem e do património produtivo.

A freguesia de Lazarim e, mais especificamente a aldeia de Mazes, acompanharam o processo social marcado pela contínua debandada da população mais jovem e consequente envelhecimento populacional, verificado nas áreas rurais interiores. A insatisfação perante um modelo de economia agrária de auto-consumo e a procura de novos empregos e melhores condições de vida, terão sido os principais impulsionadores dos movimentos migratórios.



Fig. 33 – Idosas da Aldeia da Anta



Fig. 34 – Construção em ruínas

Este acentuado decréscimo populacional verificado, a partir de 1960, associado a uma consequente perda da importância da vida agro-pastoril e a um isolamento cada vez mais acentuado esteve na origem do abandono da Aldeia da Anta e na ruptura do modelo de gestão tradicional do território, repercutindo-se visivelmente na área de influência deste território, pelo abandono das infra-estruturas de produção e alteração da paisagem. No entanto, este processo foi sendo compensado ao longo dos anos pelo retorno de alguns emigrantes à aldeia de Mazes. Contíguo ao conjunto mais antigo do aglomerado, o núcleo mais recente de estrutura, igualmente compacta, tem vindo a crescer, sendo notória a sua separação, tanto ao nível urbanístico como arquitectónico. Este crescimento tem contribuído largamente para a descaracterização da aldeia, sobretudo, através da proliferação de modelos arquitectónicos

descontextualizados da arquitectura tradicional, importados dos países de emigração e incapazes de equacionar e propor um desenho novo em relação à cultura tradicional.



Fig. 35 – Construções descontextualizadas

Destruído o vínculo e o acto espontâneo de fiscalização por parte da população em relação ao território. Destruído o projecto comunitário que regulava a organização económica, espacial e arquitectónica instala-se a incapacidade de responder a novos programas.

## 4.2 Formação e Crescimento do Lugar

### Estrutura Urbana e Morfologia

Tanto as características morfológicas, como as condições produtivas do terreno em que se insere a aldeia, desempenham um papel condicionador no processo de organização, estruturação e configuração formal e física do aglomerado. Ao longo dos tempos, a contínua apropriação antrópica do espaço, feita pelo desenho da propriedade e pela associação dos diferentes núcleos, foi ditando a forma do lugar. As escolhas tomadas ao longo da sua estruturação, estão longe de ser arbitrárias e houve sempre, por detrás de cada gesto, uma forte intencionalidade.

Determinado que estava o lugar, a estrutura do aglomerado desenvolve-se a partir de dois eixos de circulação perpendiculares entre si, cuja disposição e relação territorial são bastante distintas, estabelecendo-se, assim, a hierarquia no interior do aglomerado, a partir do relacionamento com a envolvente. Na delineação destes traçados condutores e na escolha da sua direcção, intervinha igualmente a facilidade que os homens e os animais teriam de percorrê-la, desviando-se e mudando de direcção sempre que encontravam obstáculo físico à sua passagem. Entre estas duas primeiras artérias de circulação acaba por não haver um cruzamento completo, definindo-se por isso um T na sua estruturação.

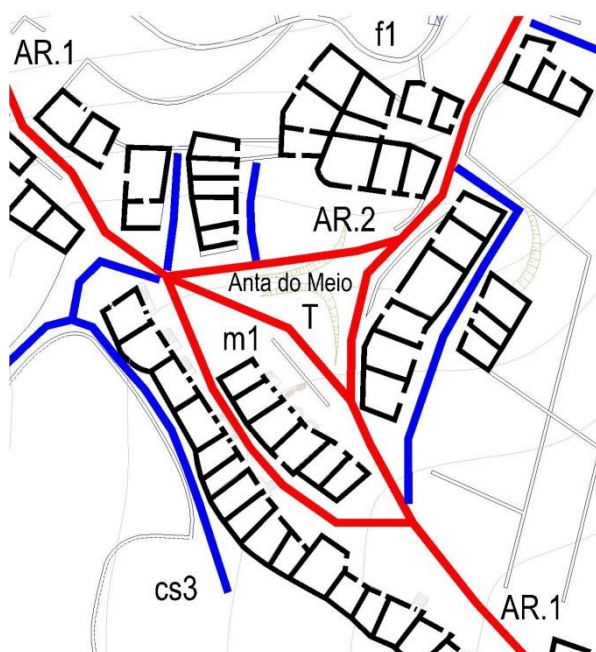


Fig. 36 – Encontro entre dois caminhos principais – AR.1 e AR.2 - s/escala



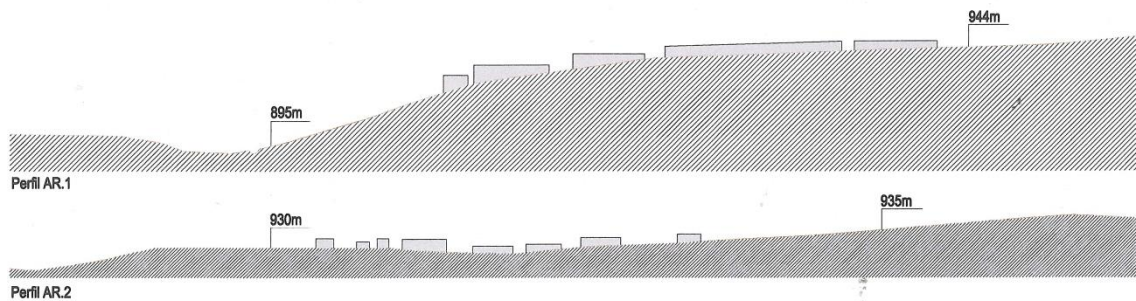
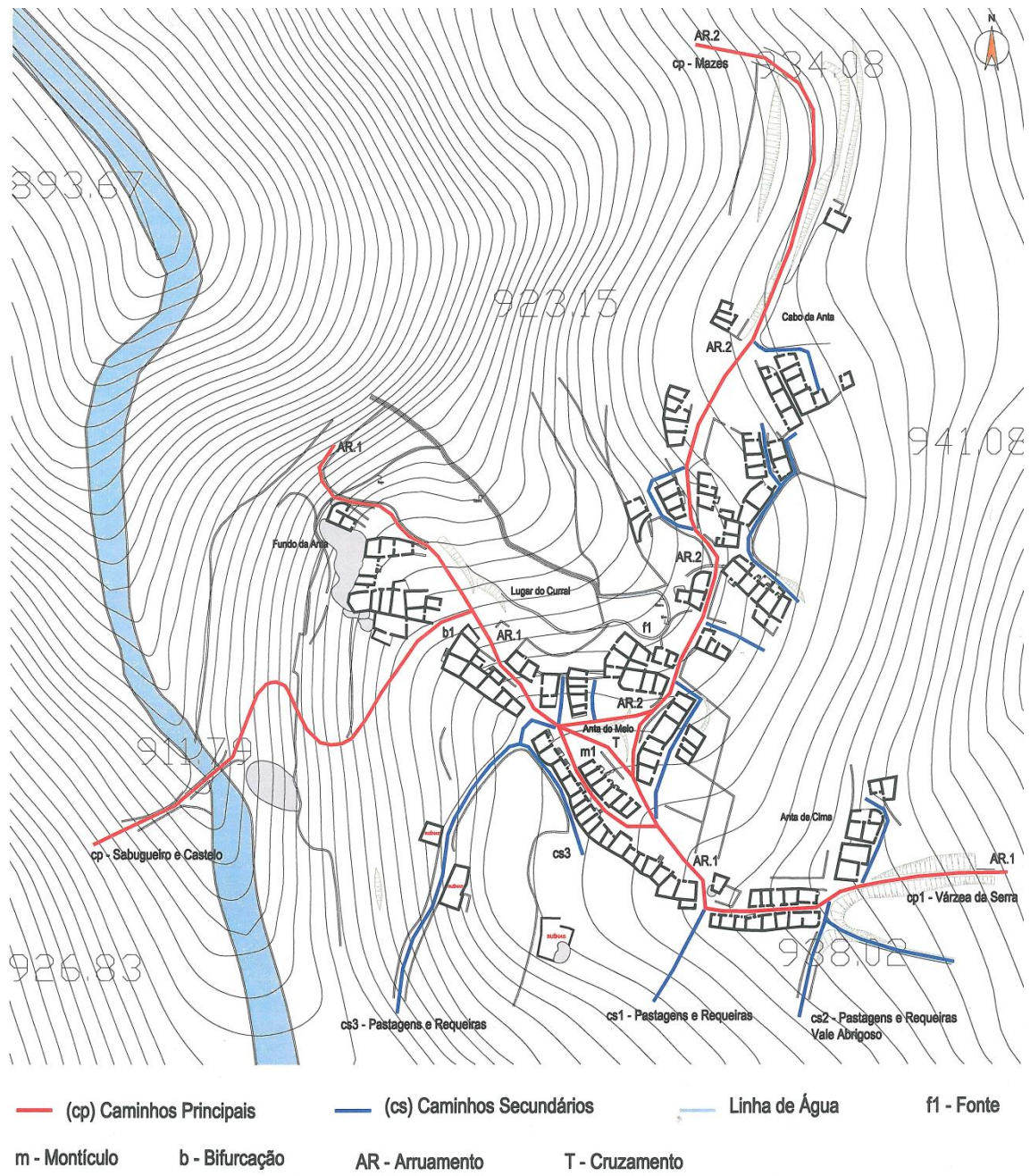


Fig. 37 – Aldeia da Anta, Estrutura Urbana

s/escala

Um primeiro arruamento (AR.1), de orientação nascente - noroeste, encontra-se disposto sobre a linha de festo da lomba, cuja topografia conduz o seu trajecto desde os 944 aos 895m do vale do rio das poldras. Curiosamente, a estrutura do aglomerado aparenta apoiar-se num caminho, cujo desenvolvimento a poente aparece interrompido nas imediações do vale, estabelecendo ligação com o conjunto de lameiras, o que reforça de certa forma a importância destas infra-estruturas na vida das populações. Simultaneamente, a inclinação e a disposição das construções tornam-no num importante canal de drenagem e escoamento de águas.

Constata-se haver na vertente ocidental do caminho uma bifurcação (b1) que embora não interferindo de forma tão evidente e directa na estruturação da forma urbana, aparenta ter tido pelo seu tratamento, delimitação e dimensões, grande importância na ligação com as povoações vizinhas de Castelo e Sabugueiro. A nascente, as suas ramificações garantem a ligação à Várzea da Serra (cp1) e às requeiras e pastagens situadas a sul da aldeia (cs1; cs2).

A partir de Anta do Meio uma outra ramificação (cs3) parte em direcção às pastagens e aos campos, situados mais a sul, impulsionando a criação de três células mais afastada do núcleo principal. Um segundo arruamento de orientação sul – norte (AR2) em direcção ao povoado de Mazes, acompanha claramente as curvas de nível da encosta, variando entre os 930 e os 935m de altitude, estendendo-se num movimento ondulante e orgânico ao encontro do primeiro, sendo obrigado pela presença de um montículo (m1) de terra e rocha triangular a subdividir-se, demarcando aqui espaço de importante centralidade.

Neste contexto, salienta-se que um espaço de tal importância na configuração urbana nada mais seja que um mero afloramento rochoso praticamente imperceptível entre uma camada de arbustos e terra. Assim, na averiguação da sua utilidade, recolheu-se a informação de que este local seria preferencialmente eleito para alguns encontros de sociabilização o que reforça a sua centralidade.

A existência da única fonte num local situado mais a norte, conforme assinalado em planta (f1) e cuja importância se prevê em tal contexto, parece assinalar uma outra centralidade mais ligada ao quotidiano da vida doméstica. Pelo percurso que toma, o caminho (AR2) poderá funcionar como uma espécie de barreira física, que intersecta e obstrui as areias decorrentes das vertentes situadas a nascente, estabelecendo-se e gerindo-se a partir dele a protecção, o acesso e o controlo da rega dos espaços de cultivo situados a poente.

Simultaneamente, percebe-se que a toponímia atribuída pelo último habitante a alguns espaços da aldeia corresponde a uma espécie de matriz referencial construída no sentido de permitir a



orientação a partir de termos que se referenciam às alterações altimétricas e dispositivas do arruamentos que se acaba de descrever e aos limites físicos do aglomerado.

Assim, na extremidade nascente do arruamento (AR1), Anta de Cima aponta para o facto de corresponder ao espaço mais elevado, Anta do Meio reforça a centralidade apontada pelo cruzamento dos dois caminhos principais, Anta do Fundo relembra a posição mais baixa da aldeia, na extremidade poente do arruamento (AR1) e finalmente Cabo da Anta na extremidade norte do arruamento (AR2) assinala o término do aglomerado.

A delimitação dos arruamentos e a forma como as construções murais e parietais se vão distribuindo e relacionando com estes dois espaços de circulação são bastante distintos. No primeiro arruamento (AR1), grande parte do percurso e perfil vai sendo delineado e desenhado por construções em banda contínua, dispostas paralelamente à rua, definindo em muitos dos seus fragmentos a chamada “rua corredor”, a que os habitantes designam por “Quelho da Anta”.

A rua é estreita na definição do canal condutor que parece com maior firmeza indicar a direcção a percorrer, e em muitos dos seus troços é o negativo da massa construída. Parece, no entanto, haver na parte central da aldeia a duplicação deste caminho, sendo a delimitação deste feita a partir de um muro que garante, simultaneamente, a protecção física das construções a ele contíguas, criando-se, assim, um acesso distinto do anterior e claramente secundário de transição para o interior das mesmas.



Fig. 38 – AR1\_Arruamento 1

As pequenas células dispostas perpendicularmente ao caminho principal (AR1) definem, pela sua adição contínua, uma barreira visual e intransponível na relação com a paisagem que se desenvolve a sul deste. Os únicos pontos de abertura e fuga que interrompem esta cinta construída permitem o acesso aos caminhos que conduzem à serra e às pastagens.

Sendo este um percurso orgânico, encontra pequenas mudanças de direcção que, por sua vez, são pontuadas por elementos construídos isolados, que redireccionam o olhar, ajudando a retomar o espaço de circulação.

O mesmo encerramento é visível na relação do edificado com a paisagem, que raramente se abre a sul, rasgando no pano de parede norte os vãos necessários ao acesso interior de habitações, currais e palheiros, lançando sempre que necessário, perpendicular ou paralelamente sobre o caminho, as escadas que, ao pontuarem o espaço de circulação e ao superarem as diferenças de cotas entre exterior e interior, transformam-se em elementos de transição, que asseguram um acesso mais indirecto no reforço da propriedade privada. Não deixa de ser curioso que, estando estas construções em contexto serrano, não procurem a abertura dos vãos no melhor lado de insolação, preterida na maior parte dos casos pela maior abertura na relação com o espaço de circulação.

Na vertente poente deste percurso, no local ao qual, também é atribuído o nome de Lugar de Curral, encontra-se uma complexa aglutinação e justaposição de casas em U, dispostas obliquamente e ligeiramente recuadas em relação ao espaço de circulação, delimitando tangencialmente o caminho.

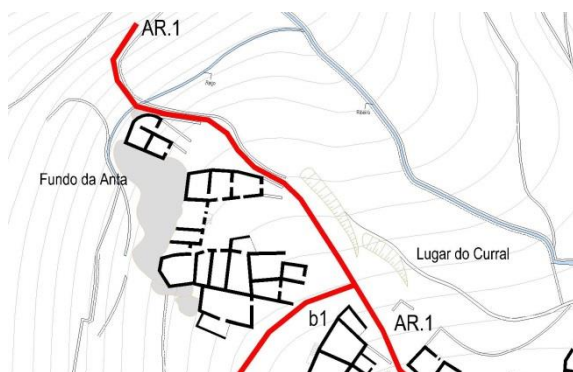


Fig. 39 – Aglutinação de casas em U – Lugar do Curral - s/escala

A disposição planimétrica e volumétrica dos vários cobertos, a orientação das portas de acesso ao interior das habitações e currais permitem direccionar a entrada de gente, gado e carros de bois, cujo caminho de acesso permanece na incerteza de pertencer ao espaço colectivo ou privado.



Ao contrário deste primeiro arruamento, onde a delineação é feita, na sua maior parte, sobretudo com o auxílio do edificado, no segundo arruamento (AR2), a direcção da rua não é tão vinculada recorrendo-se, a outros elementos na delimitação do canal de circulação, nomeadamente através da disposição de grandes lajes de pedras cravadas perpendicularmente ao solo.



Fig. 40 – AR2\_Arruamento 2

Ao longo da rua, as construções, dispostas muitas vezes perpendicularmente ao percurso, vão deixando entre si largos espaçamentos, que poderão, como se verá, corresponder a pequenas eiras, largos de paragem, caminhos transversais secundários de acesso aos campos de cultivo ou a simples locais de trabalho de arrumo de matos.

Há uma maior abertura relativamente à paisagem, sobretudo na relação com os campos de cultivo e lameiros envolventes que, muitas vezes e em consequência da própria diferença altimétrica, se torna apenas visual.

O relacionamento entre o espaço da rua e o acesso ao interior do edificado, não é feito de um modo tão directo, havendo um maior afastamento deste em relação ao caminho principal, recorrendo-se por isso a outras vias secundárias transversais de acesso, ou a simples alargamentos e espaços privados exteriores de transição, no acesso ao espaço interior privado.

A delineação destes caminhos encontra-se igualmente vinculada pelo desgaste provocado pela passagem repetida de transeuntes e carros de bois e pela existência, ao longo do arruamento (AR2), de fragmentos de um lajeado granítico irregular, que permite afinar a demarcação do espaço de circulação. Apresentando em média um metro e noventa de largura, em muitos locais era substituído pelo próprio afloramento rochoso, cuja variação morfológica delimitaria naturalmente o espaço de passagem.

Dispostas transversalmente a estes dois arruamentos, surgem outras vias secundárias de acesso às lameiras e às requeiras da Anta que influenciaram o crescimento do habitat.

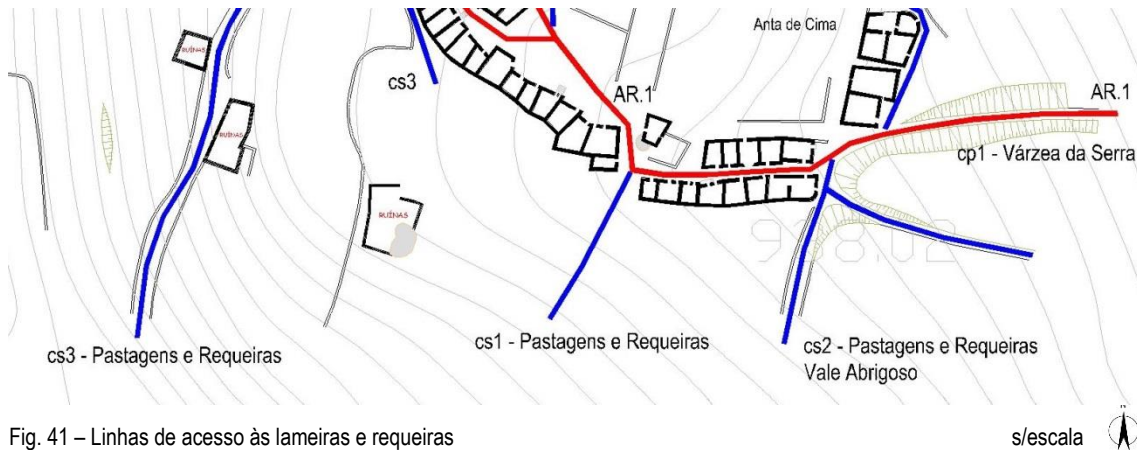


Fig. 41 – Linhas de acesso às lameiras e requeiras

A formação de ruas paralelas aos percursos principais advém da necessidade em se garantir o acesso às construções implantadas paralelamente ao edificado adjacente à rua principal. Estes caminhos, percorridos com menor frequência, feitos da própria rocha ou em terra batida, têm na maior parte dos casos larguras inferiores aos AR1 e AR2. Para além destes, há uma série de outras vias que compõem o sistema de circulação colectiva, os atalhos estreitos e mais difíceis de percorrer mas que encurtariam distâncias.



Fig. 42 – Caminhos Secundários, atalhos

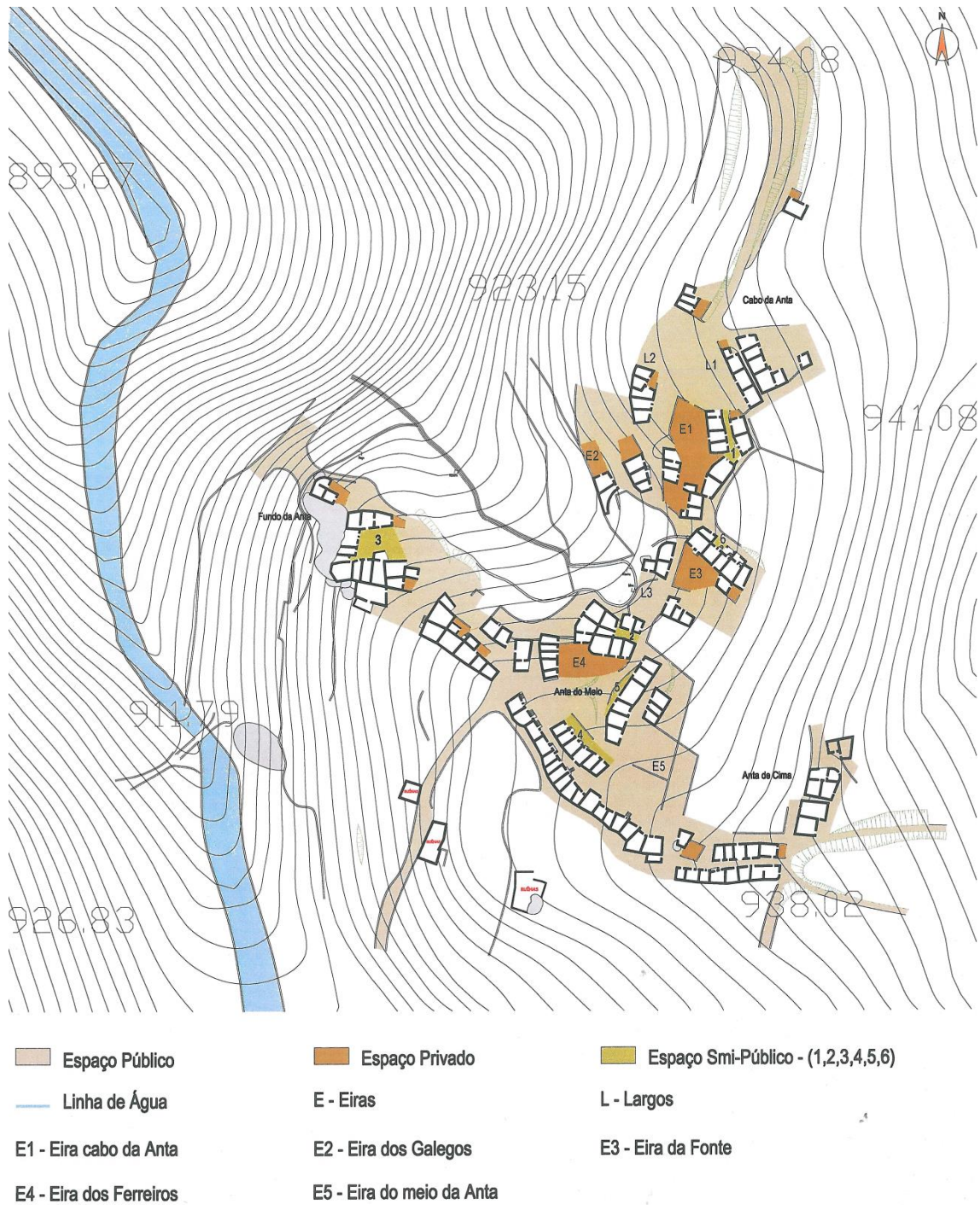


Fig. 43 – Estrutura Urbana – Espaço Público, Semipúblico e Privado – Eiras e Largos

s/escala

Os espaços de circulação apesar de serem de uso colectivo, poderão receber, nalguns casos, uma conotação mais privada. Atendendo aos espaços semipúblicos 1, 2, 3, 4, 5 - confinados ao acesso mais restrito e ao uso dos proprietários das casas que o rodeiam, percebe-se que recebem uma conotação mais privada. No caso 1 e 2, o caminho estreita na relação com o largo e com o arruamento principal respectivamente, no caso 3 a configuração formal e o cenário das construções envolventes, imprimem-lhe um carácter mais intimista, uma atmosfera de transição entre o público e o privado. Permite encarar este aglomerado como um conjunto de casas isoladas, centradas e fechadas no seu espaço interior, que poderia ter funcionado em tempos, como um lugar de apoio às actividades atribuídas pelo grupo familiar ao qual pertenciam as construções envolventes. No caso do muro que delimita o caminho, relativamente ao espaço de circulação principal, confere-lhe um carácter semipúblico, na medida em que passa a servir sobretudo as células que o delineiam.

A conformação e delineação dos espaços urbanos, revela uma complexidade tal, que permite a identificação de outros espaços que, embora exteriores, se encontram diferenciados e separados relativamente aos caminhos colectivos e que estabelecem diferentes relações espaciais entre público e privado, os quais se irá descrever e definir com alguma precisão.

Nalguns casos, a simples colocação de lajetas cravadas verticalmente no solo ou a disposição de um muro em alvenaria seca, conformando um pequeno átrio de entrada no acesso a uma ou mais casas, definem um espaço claramente emancipado e descontínuo relativamente à zona colectiva. A materialização construtiva destes elementos petrifica a vontade em definir espaços que se tornam, mais que uma barreira física, visto apresentarem pouca altura e serem por isso facilmente transponíveis, numa barreira simbólica no acesso a zonas de responsabilidade mais privada e de carácter mais restrito. De configurações formais curvilíneas bastante irregulares, que se aproximam de “patas de caranguejo”, no caso das simples lajetas e de formas mais rectilíneas regulares e quadrangulares, quando delimitados pelos muros em alvenaria seca, aparecem geralmente associados aos espaços de entrada de palheiros e currais, podendo aparecer igualmente contíguos às paredes laterais das construções, permitindo a colocação de fenos e palha sem que isso perturbe a fluidez do caminho.

A configuração formal destes espaços relembra os primitivos vestíbulos semiprivados que antecediam as entradas das construções castrejas, e que surgiram como resposta à necessidade de protecção do privado em relação ao exterior colectivo. Aparecem também outras



situações em que o espaço exterior coberto aparece com um local semiprivado de apoio e prolongamento ao interior das construções.

No caso 6, o coberto adjacente às habitações revela, por um lado, uma vontade em salvaguardar a intimidade do espaço doméstico e, por outro, uma intenção, devido à exiguidade do mesmo, em prolongá-lo.

Identificou-se igualmente, um significativo número de espaços exteriores cobertos, destinados ao resguardo de carros de bois, agregados frequentemente às extremidades dos conjuntos na proximidade dos caminhos, o que revela uma certa prosperidade económica das famílias.



Fig. 44 – Caso 6 e arrumos de carros de bois - s/escala

Encontrar, pelo estudo comparativo, antecedentes culturais e prováveis ligações com formas e conceitos usados, no passado nas construções e núcleos castrejos, que justifiquem alguns aspectos do espaço urbano e arquitectura do aglomerado assume-se pertinente, uma vez que a própria evolução histórica aponta para uma génese de formação do lugar próxima desses primórdios de ocupação humana, evidentemente com algum índice de aperfeiçoamento.

Esta influência é visível não só pela organização escalonada dos espaços urbanos, mas como se verá pelo próprio carácter arcaizante, dimensional, formal e construtivo das edificações que se deveu sobretudo ao isolamento económico e geográfico, que propiciou a conservação dos modos de viver e formas culturais desses tempos.

A grande compartimentação e divisão da propriedade, visível tanto dos espaços urbanos como dos espaços agrícolas, revelam uma sociedade que, apesar de regida por valores comunitários, que permitiam e fomentavam o relacionamento entre vizinhos, estipulou um conjunto de códigos de defesa e afastamento do privado em relação ao público que seriam respeitados e cumpridos por todos os membros. Na maior parte dos casos, muitas dessas propriedades e delimitações, que passavam de geração em geração, não estariam fisicamente delimitados.

Contrariamente, nas cidades, o corte entre privado e público é bastante mais brusco, não havendo a complexidade destes espaços de transição, que se mantêm nas construções dos aglomerados rurais e serranos das vizinhanças.

Verificou-se simultaneamente que existe uma clara predominância dos espaços de circulação sobre a parca existência de espaços de paragem, reduzidos a alargamentos resultantes da confluência de caminhos e do recuar das construções, onde se coloca o banco de encosto à casa.

A necessidade em explorar os poucos espaços agrícolas talvez tenha obrigado a esse aproveitamento racional e à máxima rentabilização dos espaços exteriores. Esta organização urbana, pouca predisposta a zonas de convívio, seria estruturada por uma sociedade que, à semelhança da sociedade castreja, tinha uma concepção de vida relativamente fechada e reservada (Grupo de Estudos Territoriais, 2007).

Assim à entrada norte do aglomerado, identifica-se o largo do cabo da Anta (L1), delimitado pelo arruamento (AR2) e pela implantação recuada e oblíqua do edificado envolvente em relação ao caminho e o largo que lhe é oposto (L2), que se assumem como os espaços de paragem de maiores dimensões. Associado à única infra-estrutura de aprovisionamento de água, a fonte, encontra-se um outro espaço de paragem (L3), demarcado pela disposição de lajes de pedra a poente e a nascente pelo lajeado granítico que desenha o caminho, não havendo tratamento especial ao nível do pavimento e permanecendo coberto de terra.

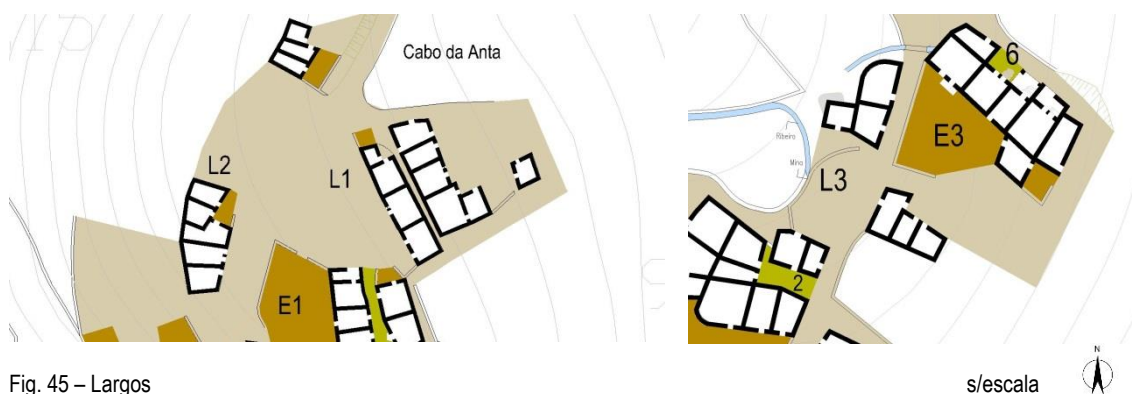


Fig. 45 – Largos

Um dos aspectos estranhamente constatados é a não existência de um forno comunitário, nem tão pouco a memória da sua existência. Esta estrutura colectiva, tão característica de tantos outros povos serranos e das zonas de cereal de sequeiro, permitiria a cozedura do alimento fundamental, o pão, e poderia aparecer associado a um espaço de alargamento. O único forno encontrado integra uma habitação no lugar da Anta de Cima que segundo o proprietário terá sido mandado construir pela sua mãe há mais de 70 anos, servindo apenas o uso privado.

De entre as cinco eiras identificadas apenas se reconhece uma como sendo de uso comunitário e cujo topónimo, Eira do Meio da Anta, referenciam-na em relação à altimetria e posição no conjunto. As restantes quatro de uso privado, pertencentes ao conjunto de vizinhos das construções que lhe são limítrofes, receberiam geralmente o nome dos seus proprietários ou dos locais onde se situavam, Eira Cabo da Anta, Eira dos Galegos, Eira dos Ferreiros, Eira da Fonte e seriam dimensionadas em função do volume das colheitas. Houve, aqui, provavelmente uma ocupação dos espaços em função de novas funções impostas pelo usufruto privado. O número bastante significativo destes espaços demonstra a importância que este cereal teria na vida e economia destas populações serranas.

Quanto à sua localização, aparecem posicionadas em pontos centrais ou em locais de mudança de direcção dos caminhos, numa posição fronteiriça em relação a estes e, através destes, directamente acessíveis, mas ao mesmo tempo pelo posicionamento de muros limítrofes, resguardados relativamente à passagem animal e humana, não permitindo a disseminação do cereal. A posição e localização estratégica, relativamente ao construído e à topografia, permitem-lhes uma boa exposição ao vento, facilitando a limpeza do centeio e uma boa insolação, necessária à secagem deste cereal.

O chão em terra batida era devidamente preparado e aplanado para receber o centeio que viria a ser posteriormente malhado, seco e separado sobre ele, exceptuando o caso da Eira do Meio.

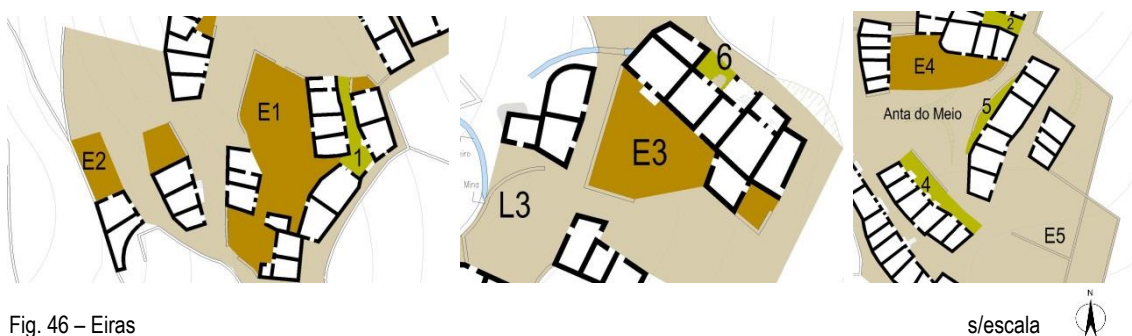


Fig. 46 – Eiras

A menor delimitação na marcação das eiras comunitárias vem demonstrar uma maior abertura e menor necessidade de restrição do espaço colectivo, em relação às eiras de uso privado, mais limitadas e encerradas pela colocação de barreiras físicas mais concretas. Por outro lado, as construções contíguas, em grande número, palheiros ou currais, facilitariam, pela proximidade, o armazenamento da palha sobrança, sem exigir grandes deslocações. Estas arquitecturas de produção demonstram, a par com os moinhos, a grande auto-suficiência energética destas comunidades rurais, que recorriam à energia solar e hidráulica como as principais fontes que garantiriam a sua subsistência.

### 4.3 Possível formação e crescimento do Lugar

A hipótese da formação e crescimento do lugar que se apresenta, recorre à conformação arquitectónica do aglomerado. Esta deverá ter sido processada pela adição e agregação de espaços de diferentes grupos familiares ligados, ou não por laços de parentesco. Esse crescimento foi-se efectuando, desde a sua formação, através da sucessiva adição de uma casa base, que facilitaria o processo de ampliação do núcleo, adaptando-se facilmente às condições topográficas onde se implantava e às construções preexistentes. Tanto o tamanho como a simplicidade das células permitiam um variado e ilimitado número de agrupamentos e combinações na adaptação a situações concretas e garantiriam a acomodação às diferentes necessidades funcionais.

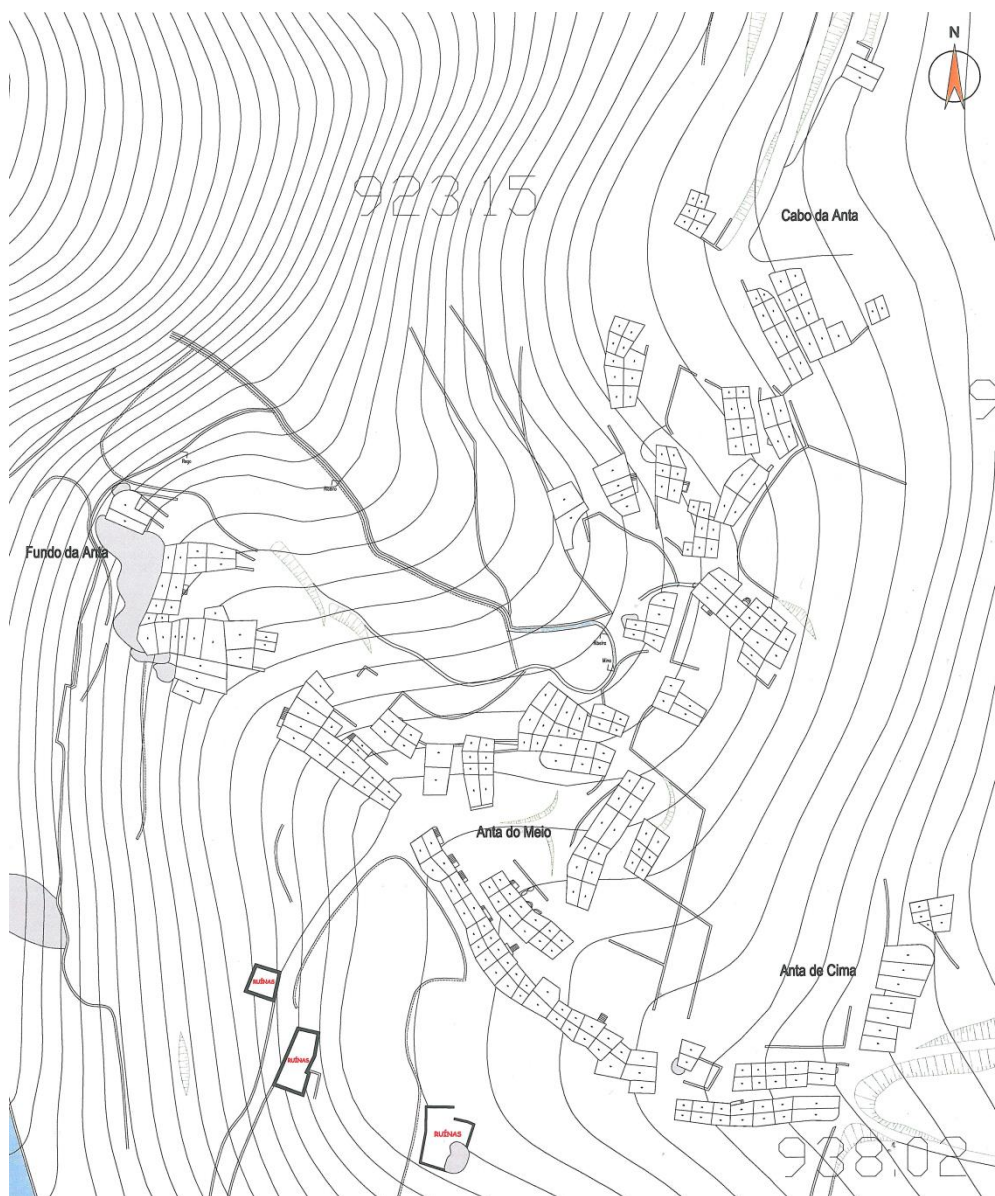


Fig. 47 – Planta de Coberturas

s/escala



O conjunto, apesar dos variados agrupamentos decorrentes da diferente aglutinação e adição de casas, adquire um carácter homogéneo, resultado da repetição de uma unidade base e da sua textura. O crescimento estaria, por outro lado, limitado pela divisão da propriedade, que estipularia o local e área disponível de cada proprietário, justificando de certo modo as dimensões e as implantações das construções.

Este processo de sucessiva agregação de casas, para além de facilitar a respectiva implantação permitiria uma maior rentabilização e economia de meios na sua construção, uma vez que, em muitos dos casos, a mesma parede de meação serviria duas habitações.

A destrinça de cada construção é feita pela junta de meação e pela diferença de cércea consequentemente influenciada pela diferença topográfica onde se vão implantando e pelo número de pisos. A associação de alguns agrupamentos, embora possa aparentemente parecer corresponder a um diferente faseamento construtivo, partia muitas vezes da combinação acertada entre os proprietários das habitações futuramente contíguas.

A maior parte das casas adquire dimensões exíguas, sendo a área média de aproximadamente 17m<sup>2</sup>. Consta-se que a dimensão média entre beirados é de aproximadamente 5m, sendo que nunca é inferior a 4m e nunca superior a 6m.

A distância entre empenas bastante mais variável que a primeira, pode apresentar oscilações entre os 2,1m e os 7m.

Talvez se possa relacionar esta disparidade de valores com o sistema de cobertura, uma vez que a dimensão entre empenas, dependeria da dimensão do frechal de cumeeira que poderia ter dimensões bastante maiores e oscilantes que os caibros da estrutura transversal, bastante mais curtos, menos espessos e por isso menos resistentes. O dimensionamento variável entre empenas poderia estar igualmente influenciado pelo parcelamento da propriedade, pelas necessidades e pela maior ou menor posse económica do proprietário.

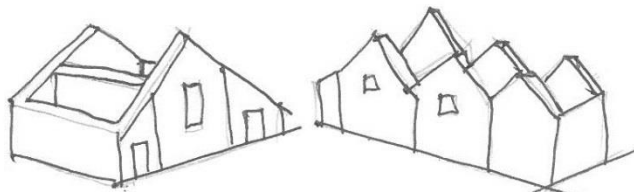
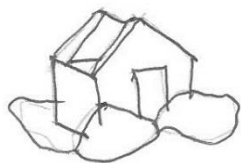
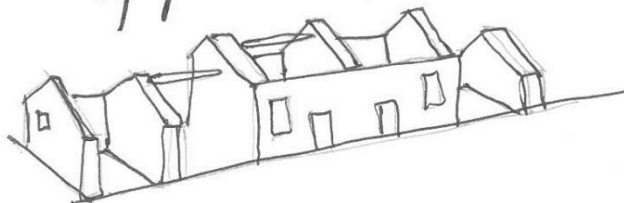
### a) Agregações Volumétricas

Percebe-se, pela disposição do edificado e pelo entendimento global da estrutura do aglomerado, existirem diferentes lógicas no posicionamento e aglutinação das casas. Assim, a estruturação da malha construída é compreendida pela aglutinação de diferentes tipos de conjuntos:

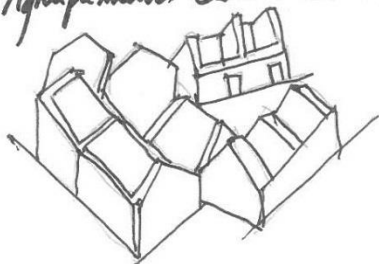
1- Unidades Isoladas



2- Agrupamento em Banda Contínua



3- Agrupamentos Celulares em U



4- Agrupamentos em L

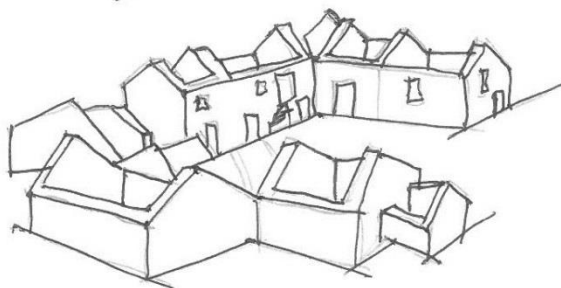


Fig. 48 – Agregações Volumétricas

Em primeiro lugar existem as unidades isoladas que correspondem a uma única unidade base.

A seguir os agrupamentos em banda contínua resultam da justaposição sucessiva de casas similares de duas águas sempre no sentido da empena, de forma que adquirem uma configuração linear. Apesar de nem sempre seguirem o alinhamento lateral da construção preexistente, percebe-se que a nova construção prolonga a cumeeira da cobertura existente e, nos casos em que é mais baixa, apoia-se no muro ou na empena contígua.

Na generalidade dos casos, o pau de cumeeira estaria associado ao menor vão que, disposto paralelamente à rua, permitiria o escoamento das águas directamente para o caminho ou para espaços exíguos estritamente deixados para o efeito entre dois agrupamentos idênticos.

Na maior parte dos casos, a fachada posterior corresponderia a uma parede cega e a fachada anterior, voltada em relação ao caminho, abriria a porta ou portas de acesso ao espaço interior.

Em situações terminais e limítrofes, as fachadas das empenas poderiam apresentar portas ou simples janelas.

As variações altimétricas das casas decorrentes do número de pisos e adaptação ao terreno e a falta de alinhamentos de paredes medianeiras, permitem destrinçar, juntamente com o auxílio dos cunhais de cada uma das casas e por isso algum faseamento na construção.

É possível, dentro deste agrupamento linear de casas, identificar um subgrupo que se distingue do primeiro, pelo modo distinto como as construções se associam. Neste caso, à construção cujo pau de cumeeira é lançado no sentido do maior vão sendo adicionadas lateralmente construções de uma vertente que, ao prolongarem a cobertura, conferem um sentido de unidade ao conjunto.

Ainda um outro subgrupo que se distingue pela associação lateral de duas construções que orientando paralelamente os respectivos paus de cumeeira e convertendo fachadas anterior e posterior em paredes medianeiras, origina uma situação de drenagem de águas resolvida com uma caleira de escoamento ao longo de todo o comprimento. A variação constante na disposição e alinhamento destes agrupamentos lineares, decorreria da própria morfologia do terreno, procurando-se um posicionamento que facilitaria a agregação em linha de novas construções.

Os agrupamentos celulares em U, formados por uma complexa concentração e aglutinação de unidades, que se traduzem na emaranhada diversidade de vertentes e na formação de um espaço central. Neste grupo, incluir-se-ia o núcleo em U situado na Anta do Fundo que resulta da aglutinação transversal, na vertente norte, de um conjunto linear de casas associada a um outro grupo linear que agrega a fachada anterior à empena do segundo e, na vertente sul, de uma intrincada e complexa aglutinação de construções que originam soluções mais complexas de drenagem de águas.

Talvez se consiga justificar a forma em U pela necessidade de criar áreas mais contidas no interior do grupo de construções pertencentes a um mesmo agregado familiar, ainda que por outro lado se percebe que a construção apoiada em vários afloramentos rochosos cuja disposição planimétrica poderia ter originado a forma presente.

As situações híbridas que adoptam uma configuração de agrupamentos em L, uma vez que articulam o agrupamento em banda contínua com o desenvolvimento de um volume que numa das extremidades se associa perpendicularmente à fachada anterior da casa existente. A nova cumeeira, disposta paralelamente à existente, gera uma situação de caleira comum de escoamentos de águas.

Esta configuração poderá decorrer não só da disponibilidade do terreno mas da vontade em configurar diferentes espaços urbanos. Agregadas nas extremidades destes agrupamentos ou das bandas contínuas, aparecem frequentemente construções de uma pendente que, continuando a vertente da cobertura ou simplesmente apoiando-se na empena existente, se voltam e abrem ao caminho, correspondendo na generalidade ao espaço de resguardo para o carro de bois.

Assim pela análise planimétrica é possível identificar, na estrutura global do aglomerado, duas lógicas distintas, assinaladas na figura a seguir em dois zonamentos que poderão ter correspondido a distintas fases temporais. Hipoteticamente, poder-se-ia associar ao zonamento A uma cronologia mais antiga, associada e apoiada nos quatro núcleos que, abraçando cada um destes grupos habitacionais e um espaço exterior privado resguardado, poderiam ter correspondido numa fase mais antiga, aos núcleos dos 4 povoadores iniciais, que se foram distribuindo de uma forma espaçada ao longo do caminho de ligação com Mazes, Sabugueiro e Castelo.

No entanto, a configuração formal destes núcleos, parece apontar para a antiga unidade familiar do conjunto, cujo agregado teria uma dimensão bastante distinta da que hoje apresenta. A existência da fonte na centralidade deste zonamento e as distintas formas como os núcleos se aproximam e relacionam com o espaço agrícola envolvente, com várias saídas pontuais para o mesmo, reforçam a hipótese apontada.

O zonamento B, poderia ter surgido posteriormente aquando do abandono da povoação de Mata de Lobos, a norte da Aldeia da Anta e da consequente construção de edifícios em banda contínua e contemporânea de casas com dimensões e configurações semelhantes.

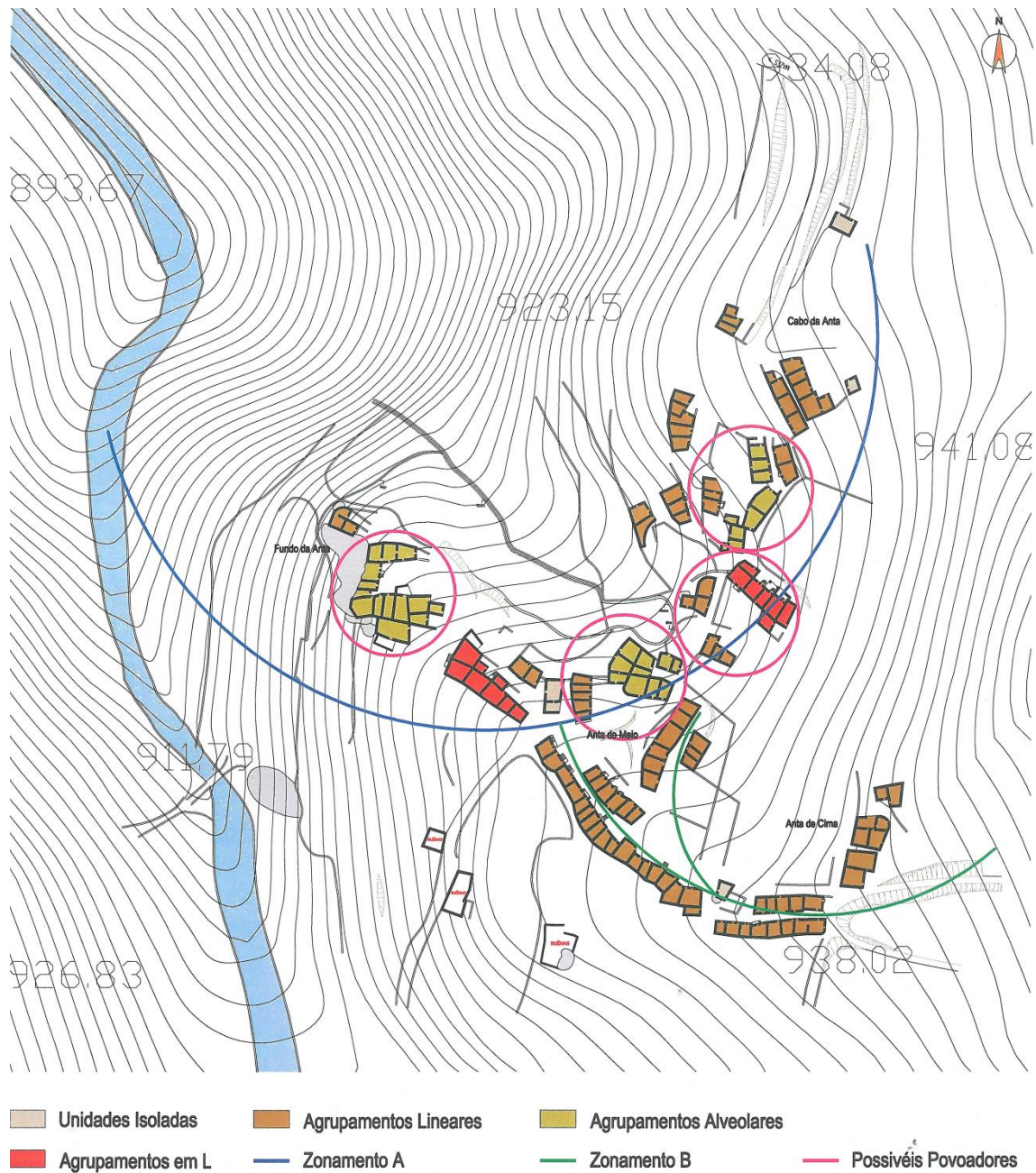


Fig. 49 – Formação e Crescimento do Lugar

s/escala

## **b) Tipologias e Funcionalidades**

No sentido de se simplificar o processo de averiguação funcional, dificultado pelo estado de conservação, abandono e elevado arcaísmo em que se encontram as construções tornou-se fundamental fazer uma verificação tipológica de todos os casos levantados e anexo que, completada com as informações dadas por pessoas que habitaram a aldeia, facilitou o processo e aumentou o rigor da sua possível e verdadeira correspondência. Na aferição funcional, recorrem-se a outros indicadores, que se poderão considerar verosímeis na identificação das construções que abraçaram funções residenciais, nomeadamente presença de lareiras e fumaça nas paredes interiores. Da análise realizada, verifica-se que as casas base que se apresentaram de forma genérica, poderão receber diferentes mutações, organizadas em quatro diferentes tipologias cuja diferenciação foi feita sobretudo em função do número de pisos.

Assim, a primeira tipologia identificada (tipo 1) abarca todas as construções de um piso de altura variando entre os 1,4m e os 2m, sejam elas currais, palheiros ou habitações.

Uma segunda tipologia (tipo 2), de altura ligeiramente superior, variando entre os 2m e os 3m, possibilitava a criação de um meio piso no interior, cujo distanciamento relativamente ao solo para além de rentabilizar o espaço permitia colocar a palha em local elevado e seco deixando sob ele o espaço para os animais.

Uma terceira tipologia (tipo 3), idêntica à segunda quanto à criação do meio piso de altura, diferencia-se da anterior no acesso ao meio piso que, contrariamente à tipo 2, era feito a partir do exterior, compreendendo por isso dois vãos de acesso ao espaço sob e sobre a estrutura ligeira do piso.

Estas duas últimas tipologias abarcam, pelos motivos mais evidentes, apenas as funções de palheiro e curral mas muitas delas serviam de dormitório a quem guardava o gado. Esta tipologia aparece em grande número nos agrupamentos lineares situados na proximidade de Anta de Cima.

Finalmente, na quarta tipologia (tipo 4), em que a altura varia entre os 3m e 4m, permitiu a criação de dois pisos completamente separados entre si, podendo corresponder a funções de habitação mais curral ou palheiro mais curral.

As diferentes variações tipológicas encontradas deverão estar intimamente relacionadas e condicionadas pelos métodos construtivos disponíveis na época e pelas necessidades e poder económico dos proprietários, ambas demonstrando um acentuado arcaísmo nas soluções construtivas e uma notável capacidade em se adaptar às diferentes situações.



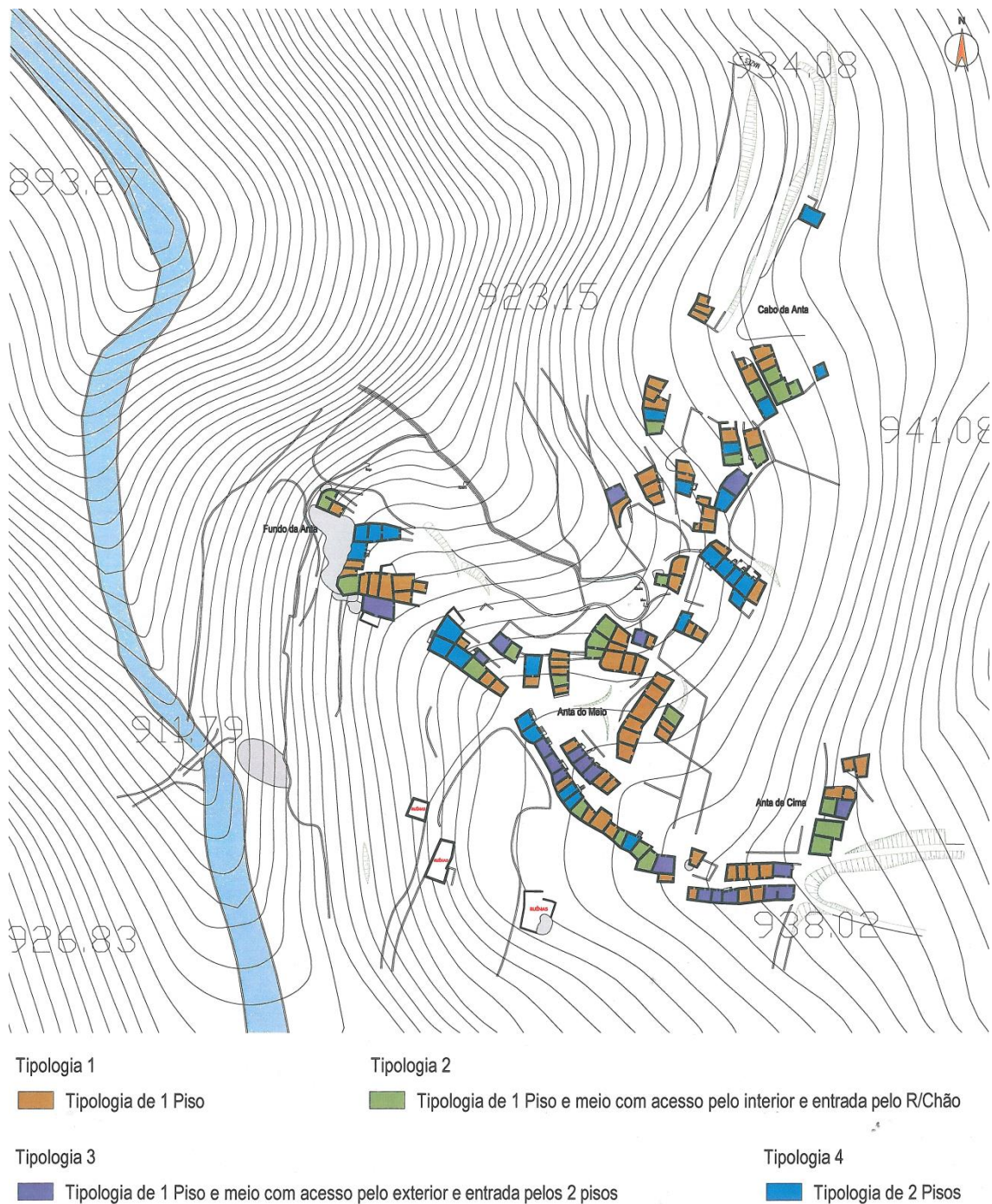


Fig. 50 – Planta de Tipologias

s/escala

## Tipologia 1

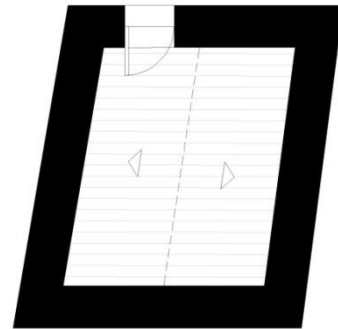
A primeira tipologia de habitação de feição bastante arcaica e pobre de um só piso, típica das regiões serranas, apresenta uma área média de 14m<sup>2</sup>. Considerando os padrões de conforto e concepção espacial actuais, as exíguas dimensões planimétricas e altimétricas e a diminuta luminosidade interior, leva a ponderar, a improbabilidade de terem albergado, no seu interior funções residenciais.

No entanto, atendendo às dimensões e à inexistente de fenestrações nas construções primitivas castrejas e de outras formas de abrigo rudimentares percebemos, à luz de épocas mais remotas, a possibilidade de tal facto.

A inexistência de vãos para além da porta de acesso ao interior não poderá ser, por si só, justificação suficiente, para se afirmar a impossibilidade de tal função, até porque a sua inexistência significaria menores perdas térmicas, o que se tornava fundamental neste contexto.



Fig. 51 – Tipologia 1 - Habitação

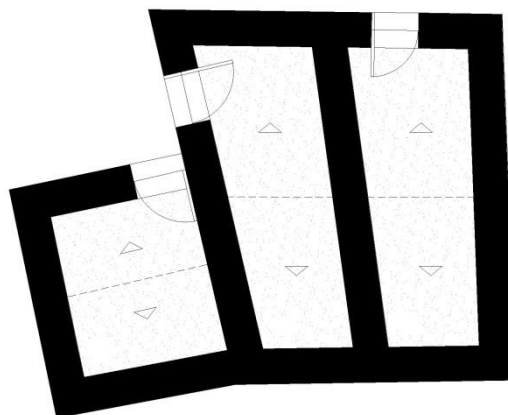


s/escala

Veja-se um outro exemplo que combina uma unidade base de duas águas, com duas unidades laterais de uma vertente, articulando as três funções de curral, palheiro e habitação, parecendo pela forma como se associam corresponder a uma única só construção.



Fig. 52 – Tipologia 1 – Habitação, Palheiro e Curral



s/escala



## Tipologia 2

Esta casa rural é simultaneamente abrigo e instrumento agrícola, combinando uma série de soluções arquitectónicas, organizada em um piso e meio, que visam dar respostas às duas funções principais.

O acesso ao rés-do-chão, destinado ao abrigo do gado e à guarda dos produtos e alfaia agrícolas, é feito a partir da rua.

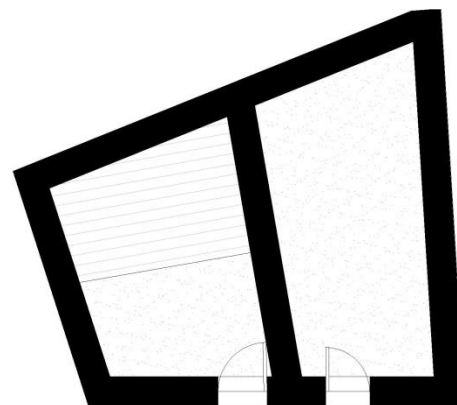
Este interior encontra-se, na maior parte dos casos, abaixo da cota de soleira, havendo por isso um rebaixamento que se julga propositado no sentido de se ganhar maior pé direito e de se conseguir, pelo desnivelamento, a colocação de um amontoado de silvas sobre o chão em terra batida que funcionaria como uma espécie de cama para os animais, não permitindo que esta fosse arrastada para o exterior.

A sua distribuição funcional revela um grande sentido prático e económico quanto ao posicionamento inferior dos animais, aproveitando-se deste modo o calor emanado, no aquecimento do piso superior, elevando-o e destacando-o do solo permeável às águas.

O andar sobrado, destinado à habitação ou palheiro, e situado a uma cota superior, é nalguns casos acessível por intermédio de uma escada em pedra ou madeira, disposta paralela ou perpendicularmente ao plano da fachada, culminando num patamar posicionado frente à porta principal. Transposto este elemento sucede-se um espaço na generalidade de pequenas dimensões que não ultrapassa os 17m<sup>2</sup> e, muitas vezes, sem compartimentação alguma, onde se concentrava e articulavam as múltiplas funções de comer, dormir e estar.



Fig. 53 – Tipologia 2



s/escala

### Tipologia 3

Uma casa, que se poderia designar de composta, por resultar da adição de duas ou três casas base, que comunicam interiormente entre si, combinando no piso inferior a função de palheiros e currais.

A abertura do vão interior permitiu criar diferentes compartimentos sem que para isso fosse necessário recorrer à passagem pelo exterior e deveria ter decorrido do crescimento da família, podendo atingir dimensões de 30m<sup>2</sup>.

Em ambas as tipologias, a cozinha é o espaço central da vida doméstica da habitação beirã e torna-se palco das vivências no interior da habitação.

É um espaço na maior parte dos casos multifuncional, concentrando as necessidades básicas do ser humano: cozinhar, comer, estar e dormir. É na cozinha que se alimenta e repousa; é o local onde se aquecem os corpos enregelados pelas temperaturas frígidas; é nela que se guardam, em nichos embutidos na espessura da parede, os utensílios domésticos e os poucos pertences pessoais, e é nela que se aproveita o tempo livre para sociabilizar entre amigos e vizinhos.

A lareira é a luz, a energia fundamental que anima este espaço e que muitas vezes o sintetiza. Disposta num dos cantos, poderia ser formada por uma ou várias pedras ladeiras salientes, apoiadas na estrutura da parede de forma que o fumo se esvanecesse na pedra antes de chegar à cobertura, ou poderia ser composta por um lajeado de pedra que, aproveitando a inclinação do terreno, se apoiaria inferiormente nele. Não havendo para a evacuação do fumo chaminé ou outro orifício, o interior das habitações aparece imerso numa profunda obscuridade, que só a luz da diminuta abertura parece rasgar.

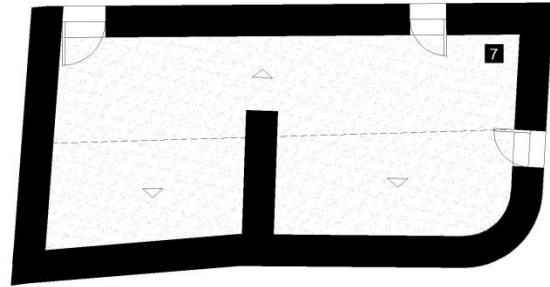
Na generalidade, não haveria separação do quarto e, ao existir, resumir-se-ia a um compartimento de exíguas dimensões sem iluminação natural separada da cozinha por intermédio de uma estrutura em madeira.

Os espaços interiores encadeiam-se uns nos outros, sem que para isso haja espaços intermédios ou de circulação e, mesmo, na transição interior – exterior, percebe-se a ausência de átrios de entrada.

Há um esforço em se rentabilizar ao máximo os apertados metros quadrados que o circunscrevem.



Fig. 54 – Tipologia 3



s/escala

#### Tipologia 4

Esta ultima tipologia 4, é formada por dois pisos, sem qualquer ligação pelo interior, sendo o acesso a cada piso feito por entradas independentes. O acesso ao piso superior era feito através de umas escadas colocadas perpendicular ou paralelamente ao alçado.

As funções desta tipologia podem ser variadas, mas principalmente o rés-do-chão serve para palheiro e curral, enquanto o piso de cima serve quase sempre para habitação. Nesta tipologia quando o rés-do-chão não servia para curral, eram adicionadas construções anexas de um piso que serviam para guardar o gado.

Esta tipologia poderá por vezes ser idêntica à anterior, mas podem-se diferenciar logo pelo seu aspecto exterior, visto a padieira da porta do rés-do-chão estar sempre alinhada com a soleira da porta do piso 1. (fig. 54)

A distribuição desta tipologia está muito bem elaborada, com cada piso a ter a sua função claramente estabelecida, a não ser em alguns casos mais frequentes nos dias de hoje, que os proprietários já atribuem uma função diferente a cada piso.

Normalmente o piso superior, que servia de habitação, tem uma janela associada no mesmo alçado onde se encontra a porta de entrada, virado para o caminho, podendo observar-se em alguns casos uma outra janela no alçado oposto que em maioria delas está virado a sul para se aproveitar o sol.



Fig. 55 – Tipologia 4 – Casa do lado esquerdo

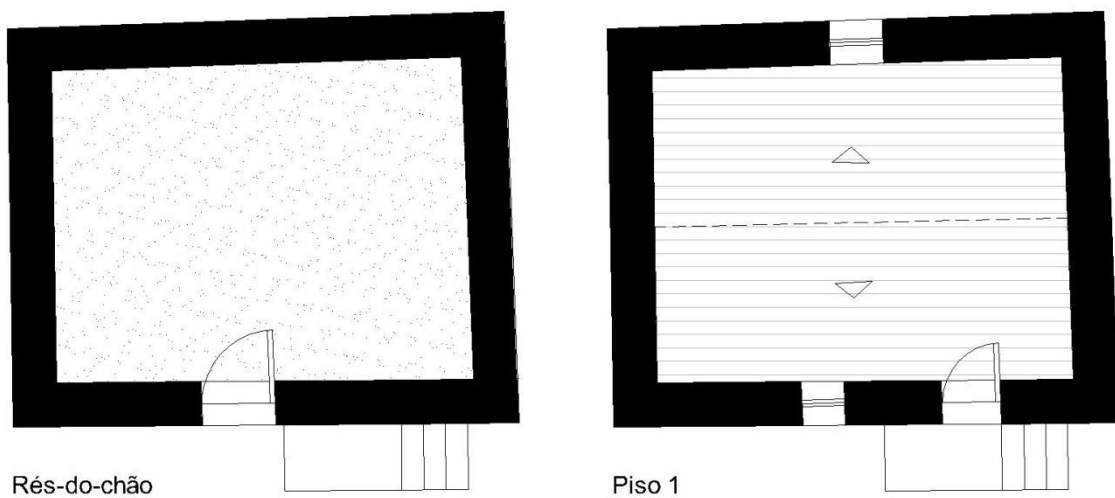


Fig. 56 – Planta da tipologia 4

s/escala

### Palheiros e currais

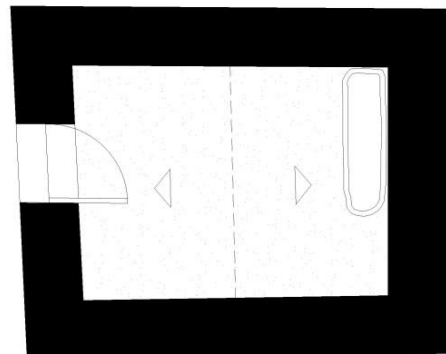
Para além da habitação, outras construções, associadas às dinâmicas de produção e exploração de recursos, compõem a malha construída do aglomerado.

Os palheiros são construções complementares à casa e surgem com a necessidade em arrecadar o feno recolhido dos lameiros e a palha excedente, assim como em separá-los das habitações, de forma a diminuir o risco de propagação dos incêndios. No que ao dimensionamento diz respeito, observa-se uma grande oscilação de áreas, variáveis entre os 10m<sup>2</sup> e 26m<sup>2</sup>, numa média de 18m<sup>2</sup>, não havendo a existência de uma modulação tipo. Estas dimensões bastante generosas, quando comparadas com a área média das habitações, revelam a necessidade em abrigar uma grande quantidade excedentária de palha ou gado.

O curral assume, em alguns casos, a independência volumétrica, sendo composto por um só piso, podendo apresentar cobertura de uma só água. Sobre o solo em terra batida, e rebaixado relativamente ao exterior, é disposto o feno, que uma vez misturado com os dejectos animais, é aproveitado posteriormente como fertilizante para os campos de cultivo.



Fig. 57 – Palheiro ou Curral



s/escala

### c) Distribuição funcional

Apontados os critérios, considerados na aferição e na correspondência das várias funcionalidades ao edificado, analisando o seu número, a sua distribuição e disposição no tecido deste aglomerado.

Num total de 147 construções, prevalecem as 51 construções destinadas a palheiro e curral, sobre os 39 currais, as 26 habitações e curral, os 17 palheiros, os 8 anexos para carros de bois e as 6 construções só para habitação.

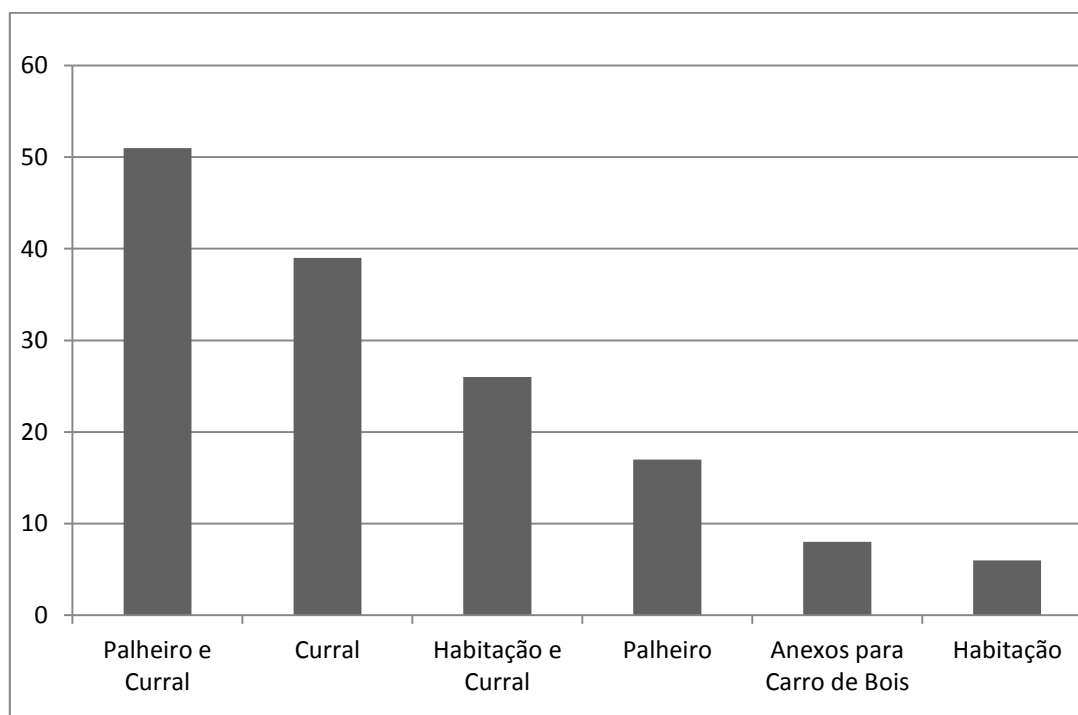


Fig. 58 – Gráfico de percentagem de Usos

Estes números podem ser indicativos, pela grande quantidade destes palheiros mais curral poderiam ter sido construídos numa altura em os habitantes da vizinha Mazes, sentindo a necessidade de encurtar distâncias no armazenamento dos animais e do feno nas proximidades da serra, transformam esta aldeia numa espécie de branda sazonal de apoio à actividade agropastoril.

Por motivos funcionais, os palheiros situam-se geralmente junto às eiras, podendo no entanto aparecer associados aos caminhos. Os currais apareciam, muitas vezes, associados aos espaços exteriores delimitados pelos muros em lajetas cravadas no solo, que surgem como forma de orientarem o caminho dos animais.

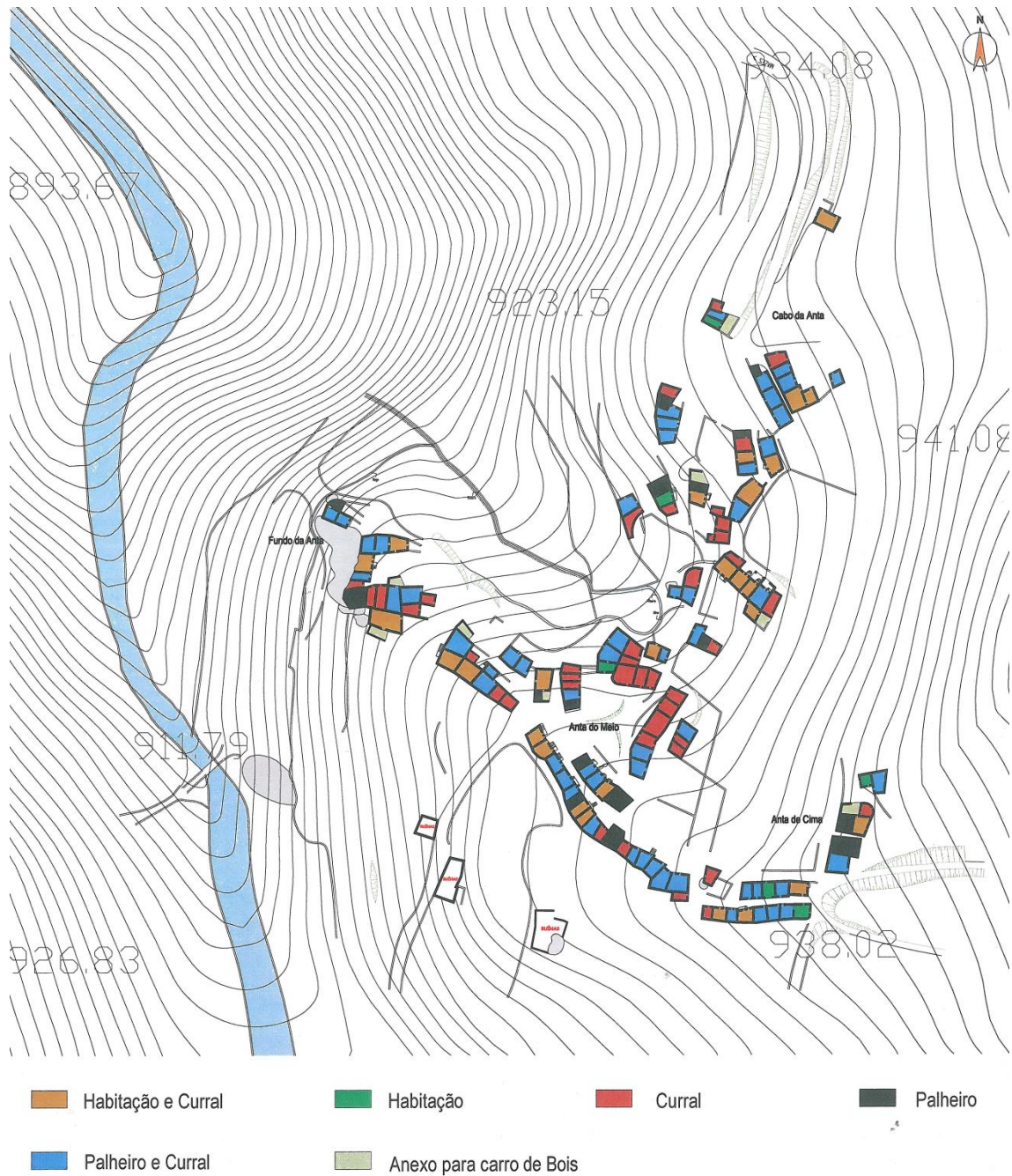


Fig. 59 – Planta de Usos

s/escala

As construções destinadas só a habitação eram distribuídas de uma forma esparsa, pelo interior do aglomerado, surgem um tanto afastadas umas das outras, geralmente em posições limítrofes dos agrupamentos e em locais de proximidade com o espaço agrícola no sentido de encurtar as distâncias no acesso às hortas. No fundo, parece que a definição e distribuição das tipologias e das várias funcionalidades estariam condicionadas por uma série de factores como as necessidades, a capacidade económica de cada proprietário, a divisão da propriedade e a adequação à preexistência e a uma situação física concreta.

#### **4.4 Caracterização Construtiva das Edificações Existentes**

Para uma melhor caracterização das construções existentes foi necessário executar o levantamento das 147 construções que se apresentam nas fichas em anexo.

##### **Materiais de Construção e Técnicas Construtivas**

###### **a) Material de origem mineral e vegetal**

###### **Matéria e Técnica:**

Há nesta arquitectura vernácula, um incontestável vínculo e nítida relação de dependência relativamente ao meio físico e natural em que se insere, manifesto claramente na forma como se serve dos recursos naturais disponíveis e os emprega na sua construção, traduzidas numa grande economia de meios e num certo primitivismo das soluções arquitectónicas. Além dos condicionalismos geográficos, outras circunstâncias, nomeadamente sociais, culturais e históricas condicionam arquitectonicamente as construções e, neste sentido, é curioso constatar a similitude construtiva e tipológica encontrada com outras edificações vernáculas deste altiplano e similitudes com outras povoações serranas do norte de Portugal.

Algumas edificações mantêm hoje na aldeia da Anta, e graças ao seu abandono precoce, a sua feição tosca e muitos dos seus aspectos originais. A intrínseca adaptação das construções ao terreno, aliada a uma materialidade retirada da própria montanha que integra, tornam-nas praticamente transparentes e praticamente diluídas na Natureza, não fossem as coberturas em zinco e fibrocimento recentemente colocadas.

A matéria mineral e vegetal extraída do próprio terreno onde assenta, tornou-se parte integrante desta arquitectura de paredes em pedra, de coberturas em canteio, de estruturas, portas e janelas em madeira, revelando grande sabedoria e adequabilidade na aplicação e aproveitamento das suas potencialidades.



Evidentemente, há um profundo conhecimento empírico das limitações e restrições destes recursos naturais, relativamente aos variadíssimos condicionantes externos a que estão expostos, nomeadamente aos esforços mecânicos, à erosão e à temperatura.

Por outro lado, a esta cooperação com a Natureza e aceitação quase fatalista dos seus imperativos contrapõe o desejo de a dominar com o auxílio de técnicas em constantes transes de aperfeiçoamento. Assim e ao longo de um processo evolutivo de experimentação espontânea e intuitiva, se devem as formas que hoje se conhecem de uma “arquitectura sem arquitectos” afinada, apurada, depurada e acumulada ao longo de gerações, sempre na demanda de maior eficiência tanto no aproveitamento dos recursos disponíveis como nas soluções apresentadas face aos constrangimentos climáticos e à economia de execução. As construções foram resistindo à passagem do tempo e aos diversos factores que ameaçam a sua estabilidade, graças à mestria de construtores e a uma mão-de-obra conhecedora.



Fig. 60 - Recursos naturais disponíveis empregues na construção

## **Materiais**

### **Material de origem mineral. O granito:**

Do terreno onde se implantam as construções, cuja constituição geológica é nítida e abundantemente granítica, é extraída a pedra com que se erguem as paredes de habitações humanas e abrigos animais, edificam-se palheiros e moinhos enquanto estruturas complementares à economia das populações, com que se constroem muros de suporte e de divisão de campos e propriedades agrícolas, se flanqueiam e calçetam caminhos e se lançam pontes na transposição de linhas de água.

O isolamento a que estão confinados estes lugares, aliado aos poucos recursos disponíveis, tornou o transporte de outras matérias-primas, física e economicamente, inviável e neste sentido, tornou-se forçosa a aceitação resignada das possibilidades locais.

O granito tornou-se, pelas suas propriedades físicas, a pedra mais utilizada na resolução de problemas estruturais. Se é certo que, pela sua durabilidade, não se presta a trabalhos de grande minúcia ou detalhamento, no entanto, apresenta, em casos de alvenaria estrutural, uma boa resistência mecânica à compressão, exercida por cargas decorrentes do peso das paredes, pisos e coberturas, ou o peso de terras, no caso dos muros de suporte, assim como uma elevada resistência ao desgaste desempenhadas pelos principais agentes climáticos como a chuva, a neve, o vento, a poluição e as variações de temperatura.



Fig. 61 – Paredes em granito

**Materiais de origem vegetal - Palha de centeio e madeira:**

O aproveitamento dos materiais vegetais enquanto recurso para a construção, decorre de uma necessidade, perante as limitações e escassez de materiais disponíveis, em encontrar soluções rentáveis e economicamente viáveis na aquisição e aplicação dos mesmos o que revela um entendimento do território serrano em que insere e o profundo conhecimento dos ritmos da natureza e ciclo vegetativo das plantas. Por outro lado, o conhecimento das fragilidades e potencialidades destes materiais aliadas a um sentido otimizador fez com que houvesse um constante aperfeiçoamento das técnicas construtivas, no sentido de se adequar às características formais, dimensionais, resistência, flexibilidade e durabilidade das matérias primas às funções que desempenhariam no espaço construído.

Sendo a cultura do centeio abundante nestas regiões serranas, tornou-se, para além de uma imprescindível fonte de alimento, numa importante matéria-prima para as construções. O centeio, depois de colhido, era disposto sobre as eiras onde seria posteriormente batido com o mangual, de forma a proceder-se à separação da palha e do grão, ao mesmo tempo que se amaciava a palha sem a danificar.

A palha devidamente seca, era utilizada no revestimento de coberturas e, quando excedentária, posteriormente guardada em molhos, conservando-se por muito tempo e assegurando a reserva necessária à substituição da antiga, quando danificada, apodrecida ou levantada pela acção do vento.

O colmo, disposto engenhosamente em fortes camadas, tornou-se numa forra resistente e impermeável à chuva, assegurando temperaturas mais frescas de verão e mais quentes no inverno, funcionando como um isolante térmico.

O decréscimo do cultivo deste cereal, a necessária, assídua e repetida reparação dos colmados e o grande risco de incêndio associado a este tipo de coberturas estiveram entre os principais motivos do abandono desta solução construtiva, tendo sido substituído ao longo do tempo pela telha romana de canudo e posteriormente pela de Marselha ou mais recentemente por placas de zinco e fibrocimento.



Fig. 62 – Materiais de origem mineral – madeira e colmo

O tipo de madeira, limitada a algumas espécies locais como o pinheiro, castanheiro e o amieiro, foi adaptado, de acordo com as formas disponíveis, ao uso pretendido e às diferentes funções na construção.

Os troncos e ramos de carvalho, de maior diâmetro, pela forma bastante comprida e regular, eram utilizados para elementos portantes, nomeadamente estruturas de pisos e coberturas, e para pavimentos dos sobrados.

A sua grande resistência aos agentes biológicos tolera simultaneamente a sua utilização no exterior nomeadamente em portas, caixilharias e portadas e até mesmo em peças constituintes de engenhos hidráulicos.

## **b) Sistemas Construtivos**

Esta arquitectura de técnicas e conhecimentos seculares reduzia a sua intencionalidade, a questões meramente práticas e funcionais, libertando-se de secundárias preocupações estilísticas ou meramente decorativas. Interessa ao construtor a sustentabilidade construtiva de uma arquitectura sólida e minimamente habitável, que traduza a sua verdadeira essência.

### **Alvenaria de junta seca:**

Todas as construções do aglomerado, sejam elas habitacionais, abrigos de animais e palha, ou outras edificações de carácter mais singular, possuem paredes portantes em alvenaria de junta seca de granito, podendo apresentar, consoante a qualidade, empilhamento e tratamento da pedra, diferentes estereotomias.

Na execução e preenchimento da generalidade deste tipo de alvenarias, eram utilizados blocos toscamente talhados, de tamanhos e formas variáveis, empilhados e justapostos de uma forma irrepreensivelmente certa, de tal forma, que não necessitavam para a sua sustentação de qualquer massa de assentamento ou união. Quando necessário, torna-se recorrente a utilização

de grandes blocos de pedra aparelhada que, pela sua maior estabilidade, facilitam a segurança da estrutura. No entanto e, na generalidade, só nos cunhais e esquadrias de molduras de portas e janelas eram utilizados, por razões estruturais, pedras de maior dimensão e regularidade.

Na construção da empena triangular, recorrem-se a pedras irregulares de pequenas dimensões no sentido de permitir a execução de uma espécie de triângulo dentilhado sobre as quais assentam as cápeas.

Embora se associe este tipo de alvenaria de junta seca à irregularidade das pedras, também existem casos em que a parede é composta. Nestas edificações cujo aparelhamento se apresenta mais regular e cuidado, correspondem às construções que teriam albergado no seu interior funções residenciais, o que revela uma certa preocupação estética e uma necessidade de se demarcar claramente a diferença funcional e a importância no conjunto do aglomerado.



Fig. 63 – Alvenaria regular ou de aparelho regular e alvenaria irregular ou de aparelho irregular

No que diz respeito, às espessuras das alvenarias, podem oscilar entre os 40 a 70cm, dependendo do número de paramentos que apresentam. Na constituição do caso mais espesso, destaca-se a elaboração de dois paramentos paralelos, interligados e travados entre si, recorrendo-se para isso, ao uso de pedras que funcionariam como uma espécie de cunhos.

O muro menos espesso aparece geralmente associado a vedações mais baixas que surgem na delimitação de espaços exteriores cobertos.

A construção destes dispositivos correspondia, na generalidade dos casos, à simples colocação de lajes graníticas, cravadas verticalmente no solo, deixando uma altura de aproximadamente 50cm e mantendo um espaçamento de 20 a 30cm entre si.



Fig. 64 – Delimitação de terrenos com um muro de lajetas de pedra ao alto

Na divisão de terrenos agrícolas é frequente a utilização de um outro tipo de vedação, constituída pelo empilhamento e justaposição de pequenas pedras irregulares, apresentando uma espessura de 30 a 40cm e uma altura nunca superior a 1m.

Muitas vezes, são os próprios elementos geológicos, que se transformam em paredes, e que juntamente, com outros paramentos, ajudam na definição do espaço ocupado pelas construções. A maior parte das construções, serve-se igualmente dos afloramentos rochosos como alicerce sobre o qual assenta directamente a parede portante, não havendo por isso necessidade de fundação, o que revela uma forte intencionalidade, na escolha da sua implantação, salvaguardando o interior de possíveis infiltrações e humidade e minimizando os custos da construção.



Fig. 65 – Pedras naturais que servem de parede

Ocorrem no entanto, casos em que houve necessidade de se cravarem alicerces de profundidade variável, que dependeriam do distanciamento a que se encontrava terreno firme e, por outro lado, variaria em função do uso que viriam a ter essas construções.

Nestas alvenarias, existem determinados pontos excepcionais que integram a sua constituição, como os cunhais, topo dos muros e os vãos que, pelos esforços e cargas pontuais sofridos, recebem especial atenção no seu tratamento e execução.

Os cunhais, definidos pelo encontro de duas paredes perpendiculares, devem garantir pela sua constituição, a sustentabilidade das duas paredes e de toda a construção. Neste sentido e independentemente da qualidade da estereotomia de assentamento da restante alvenaria, os cunhais eram executados, com pedras de maior regularidade e dimensão, formando pelo seu cruzamento, uma espécie de sutura entre os paramentos que definiria os cantos das edificações. Algumas construções, nomeadamente em currais, aparecem formas ligeiramente arredondadas o que demonstra um certo primitivismo e arcaísmo na sua execução e na sobrevivência de um tipo de construção ancestral, que não dominava a construção do ângulo recto.

A necessidade em garantir a iluminação, a ventilação e o acesso ao interior das construções conduziu à interrupção dos panos de parede, através da abertura de portas e janelas. Com o rasgamento, definem-se pontos frágeis nesta estrutura, que deverão ser, por isso, constituídos por elementos que assegurem a sua solidez como as ombreiras, as padieiras, o peitoril, no caso das janelas e a soleira, no caso das portas.

A soleira em pedra, disposta na parte inferior do vão da porta, garante a transição entre o interior e o exterior, rematando o pavimento interior e evitando, pela criação de uma pequena diferença de cota, a infiltração de águas para o espaço interno. Nos casos em que o chão interior das construções estaria bastante rebaixado relativamente ao exterior, era frequente recorrer-se à colocação de uma pedra a todo o comprimento do vão que, frente à porta, funcionaria como uma importante barreira física à passagem da água.

Já no remate da parte inferior do vão da janela, é o peitoril que, pela disposição de uma pedra horizontalmente colocada no alinhamento exterior do paramento, remata toda a largura do vão.

Na zona terminal lateral da alvenaria de portas e janelas, as ombreiras limitam-se, muitas vezes, à interrupção da parede e ao acabamento regular da mesma, noutros casos, são dispostas duas pedras toscamente trabalhadas, ao alto, sem fixação lateral.

No remate superior de portas e vãos são dispostas horizontalmente no paramento, as padieiras. Estas pedras, cuja largura ultrapassa e vence o próprio vão, apresentam espessura suficiente para sustentar as cargas produzidas pela alvenaria situada acima destas e consecutivamente transferi-las para as ombreiras.

As soluções mais cuidadas de padieira e ombreira, com o duplo paramento da parede, permitiriam resolver o pormenor construtivo no remate superior e lateral da porta e de janela, funcionando consoante o caso como batente da porta e da portada.

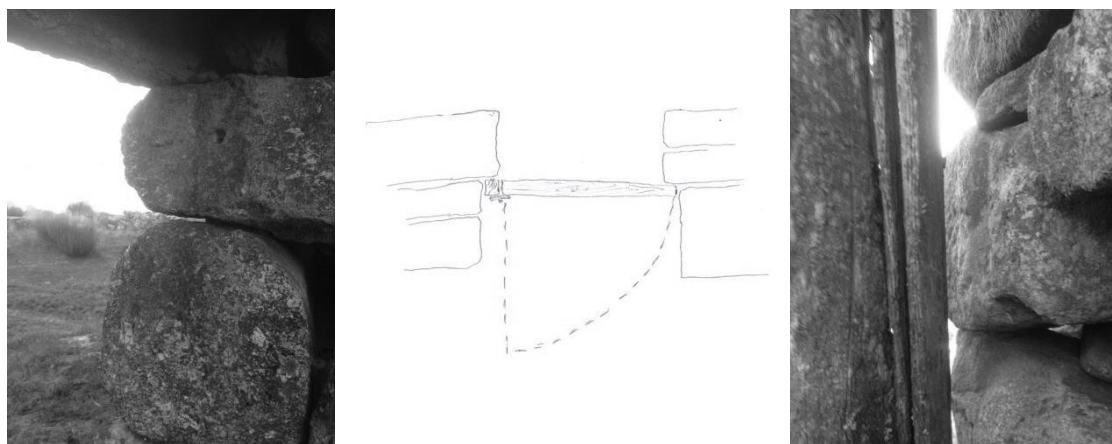


Fig. 66 – Batentes das portas

Quanto ao dimensionamento das portas, há uma variação da largura, podendo apresentar oscilações, de acordo com o pé direito do piso e com a funcionalidade a que estariam predestinadas as construções. Na habitação, a largura da porta poderá variar entre os 0,77m e 1,1m.

Relativamente à altura, nunca apresenta valores inferiores a 1,4m e nunca superiores a 1,7m, numa altura média de 1,47m, reflectindo a escala humana.

Na tipologia de curral e palheiro com apenas uma abertura verifica-se uma largura média superior a 1m, decorrente do grande número de casos em que a largura da porta é superior a 1.2m, chegando mesmo a apresentar medidas de 1.5m.

Estas dimensões poderão decorrer da necessidade em permitir a passagem do carro de bois para o interior, facilitando deste modo o descarregamento da palha para a estrutura elevada.

Também, em relação à altura da porta, verifica-se um dimensionamento médio ligeiramente superior ao da habitação, reflectindo em certa medida a escala do veículo de transporte.

No acesso aos currais, onde, a escala animal, poderia permitir logicamente dimensões mais reduzidas, ostentam larguras bastante mais generosas que as próprias habitações, numa média de 1m e em relação à altura uma dimensão média ligeiramente inferior de 1,4m.

As janelas de vão quadrangular apresentam, na generalidade, dimensões exíguas, podendo oscilar entre os 10x10, 10x20, 20x30, 30x40 e 40x50 cm de largura e altura. Constatase que estas



aberturas, quando associadas à empena e em situações extremas e de topo aparecem, na grande maioria dos casos, a eixo da cumeeira.



Fig. 67 – Janelas no eixo da Cumieira

Tal facto demonstra ter havido uma certa preocupação na composição da fachada, permitindo simultaneamente, ao interior, uma iluminação mais uniforme e centralmente distribuída.

A escassez e exiguidade dos vãos imprime às edificações um carácter bastante sólido e encerrado, mas por outro lado, permitem minimizar as perdas térmicas, adaptando as suas dimensões ao programa que servem. Recorre-se, apenas, ao uso de portadas e portas em madeira, estas últimas em grande maioria em sistema de gonzo, que, num plano recuado relativamente à face exterior do paramento, resguarda a madeira da acção erosiva dos agentes climáticos.

### **A estrutura do pavimento:**

Tanto na estrutura de suporte como no revestimento dos pisos era utilizada a madeira de carvalho. Na generalidade dos casos, sobre as vigas mestras, de diâmetros variáveis, conforme o vão a superar, eram estruturadas transversalmente a estas, uma armação de troncos secundários mais delgados sobre os quais assentariam as tábuas que compunham o sobrado.



Fig. 68 – Estrutura dos pavimentos

A estrutura de vigamento principal poderia ser directamente encastrada na alvenaria de granito ou poderia aparecer apoiada em duas pedras salientes (cachorros), sendo esta a solução mais eficaz no retardamento do apodrecimento das vigas e do nivelamento das mesmas. No fundo, trata-se de uma estrutura de justaposição de elementos cada vez mais delgados, vencendo vãos cada vez menores – viga mestra, vigas e tabuado.

#### **Cobertura:**

À construção da inicial fundação e alvenaria, segue-se o remate desta última pelo capeamento e pela cobertura. No topo dos paramentos de cada empena poderiam ser colocados as cápeas no sentido de nivelar o aparelho murário bastante irregular, reduzindo a infiltração da água para o interior do paramento, servindo, ao mesmo tempo, de elemento decorativo. Sobre as cápeas, pedras chatas e planas, eram dispostas outras pedras mais espessas que serviam para receber a estrutura de madeira que compunha a cobertura.



Fig. 69 – Cornijas em peças de granito

As construções apresentam, na generalidade e pelas suas parcas dimensões, telhados de uma ou duas águas, do tipo cume e frechais.

Na constituição da armação de suporte é lançado primeiramente o caibro central (cume) a todo o comprimento do topo do telhado, de empena a empena.

Dispostos perpendicularmente ao pau da cumeeira, de um lado e de outro, são encaixados ou apoiados os caibros secundários (varas), nos frechais ou nas paredes laterais.

Devido à pouca dimensão das varas, poucas são as coberturas que dispõem de terças no reforço da estrutura. Na generalidade dos casos, o pau de cumeeira ou caibro central é lançado no sentido do menor vão, no entanto podem aparecer alguns casos em que aparece associado ao maior e, neste caso, foi necessário recorrer a um sistema de escora.

Em ambas as soluções construtivas procura-se assegurar que a dimensão dos caibros secundários se mantenha constante e menor que o cume, até porque estes elementos são estruturalmente mais delgados e frágeis.

Perpendicularmente ao travejamento das varas, são colocadas as ripas de madeira, sobre as quais pousa o colmo, disposto em camadas, do beiral para o cume. Sobre a palha do centeio devidamente acertada e aplanada, eram ainda colocados transversalmente paus e fieiras de pequenas pedras, no sentido de não permitir a sua desagregação com o vento.

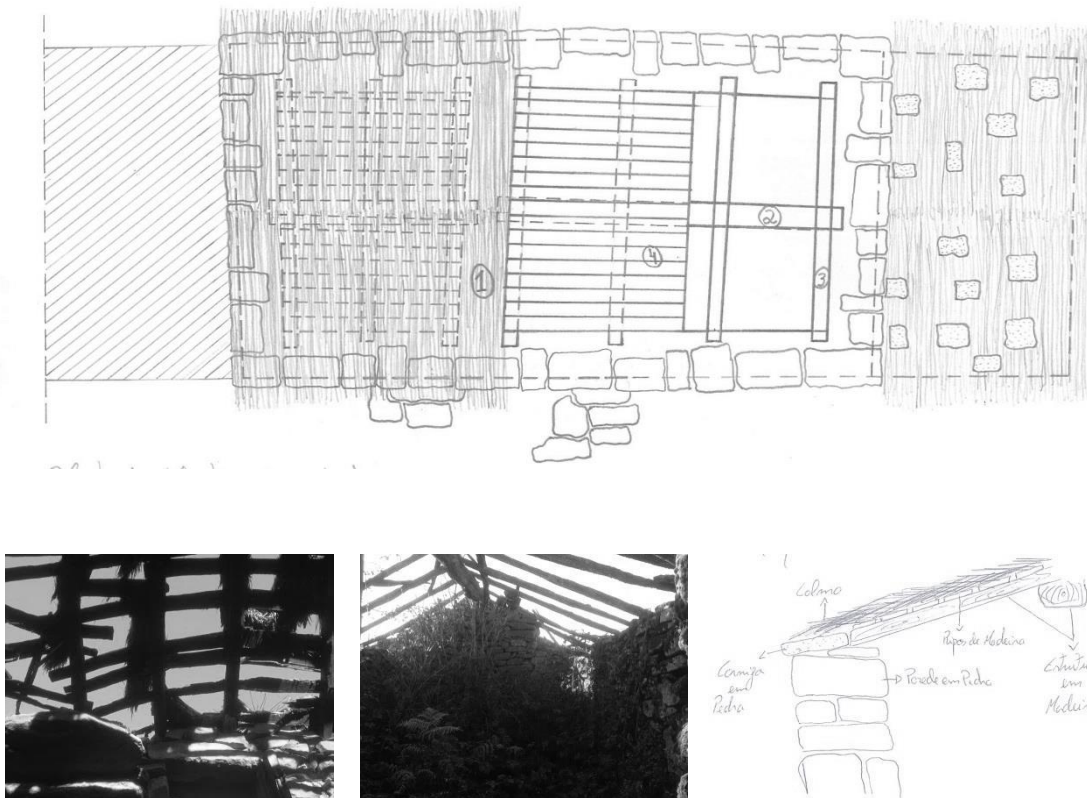


Fig. 70 – Estrutura das Coberturas



## **CAPÍTULO 5**

### **ESTRATÉGIAS PARA FUTURAS INTERVENÇÕES**



## **5. Promover a Reconstrução e Reabilitação através de técnicas tradicionais com as respectivas actualizações, ilustrando exemplos**

É importante para o desenvolvimento desta dissertação, propor soluções adequadas e viáveis para reconstruir ou reabilitar as construções da aldeia, que permitam uma intervenção digna nestas construções vernáculas que constituem este aglomerado, sem que, com esta intervenção as casas percam o seu carácter próprio e autêntico de arquitectura tradicional.

Este é o principal critério para as propostas apresentadas, não romper e ferir alguns dos princípios fundamentais como a mínima intervenção, mantendo a materialidade quando possível, de maneira a preservar a autenticidade, a reversibilidade e a aceitação das marcas do tempo nas edificações.

A mínima intervenção deverá ser inerente a qualquer obra de conservação, pois facilita a reversibilidade da intervenção, assim como a preservação da sua autenticidade.

Torna-se então importante descrever as mais-valias e as fragilidades destes materiais e destas técnicas construtivas, ilustrando depois, através de exemplos desenhados, como se propõem resolver.

Pretende-se também, incentivar a continuação do uso dos materiais tradicionais que constituem estas construções da Aldeia da Anta, nomeadamente a pedra, a madeira, o colmo e a telha cerâmica, com milhares de anos de utilização, que garantiram a construção de milhares de habitações e outro tipo de construções, dando-lhes um carácter próprio e duradouro. Estes materiais e as técnicas tradicionais de construção, hoje em dia podem continuar a ser utilizados, mas poder-se-á também a estes, adicionar as respectivas actualizações, utilizando-se conjuntamente materiais recentes que permitam completar os materiais e as suas técnicas de utilização, ficando assim mais eficazes, duradouros e seguros, melhorando também a parte económica que uma intervenção pode trazer.

É neste sentido que se desenvolve este capítulo, procurando que a ligação ao passado destas construções e deste lugar seja mantida, falando das técnicas utilizadas, nos materiais escolhidos e até no lugar escolhido para este assentamento.

Estas construções têm uma identidade e um carácter próprio, mas nem por isso, deixa de ser possível uma correcta utilização de técnicas e materiais mais recentes, adaptando o edifício antigo a uma utilização actual ou mesmo somente intervir para manter, para que gerações futuras possam observar a maneira de construir do passado.

A utilização de novas técnicas e materiais, não leva a que se destrua a história, mas sim ajuda a guardar uma imagem do passado que todos querem preservar.

A região e a aldeia alvo deste trabalho estão repletas de construções rurais e vernáculas, que têm uma ligação fortíssima com a paisagem envolvente, construídas com os materiais disponíveis no local, sendo isto que se pretende, manter o mais possível a simplicidade, a descrição e o seu relacionamento com o local.

Manter e compreender o local e as construções, deve ser uma preocupação de quem é proprietário e de quem executa uma obra. Hoje é perfeitamente possível a utilização de materiais novos e técnicas construtivas actuais na reconstrução ou reabilitação destas casas, tentando sempre alterar o mínimo possível.

Uma das principais preocupações nestes últimos anos para estes locais foi a descaracterização destas construções, devido ao desinteresse e ao pouco cuidado de quem é proprietário, de quem executa os trabalhos e de quem gere e fiscaliza o território.



Fig. 71 – Construções descaracterizadas na Aldeia da Anta

Este facto levou a que fossem feitas intervenções neste património rural totalmente erradas e descaracterizadoras do original, que se pensavam ser melhorias em relação à construção tradicional, mas com o passar dos anos se revelaram intervenções pouco duradouras e ineficazes, face à construção tradicional.



## Ruas



Fig. 72 – Ruas da Aldeia

### Tradicional de Original

As ruas da Aldeia da Anta têm uma delimitação estreita, que varia conforme o local. Estas ruas são muitas vezes delimitadas pelas paredes das construções, deixando parecer que são definidas pelo negativo da massa construída. Existem outras que, quanto ao desenho são definidas pela passagem das pessoas e dos carros de bois, sendo o trajecto delineado pelo caminho mais curto e menos custoso. Estes maioritariamente são em terra batida, enquanto os primeiros, são construídos com peças de granito do local, enterradas na terra, dispostas de uma maneira não linear e que se encontram desgastados pela passagem das pessoas e dos carros de bois.

### — Desadequado

Neste exemplo apresentado, embora se use a técnica construtiva de junta seca, as peças de granito com que se executou a repavimentação, não foram extraídas do local, foram cortadas em pedreira e transportadas para a aldeia, o que altera significativamente a estereotomia original do pavimento, sendo desadequada esta opção.



Fig. 73 – Pavimento em Cubo de Granito

### ✗ Alterado

Este caminho da aldeia já foi repavimentado, tendo sido utilizada a mesma técnica construtiva do pavimento original. Esta repavimentação foi bem executada e a única alteração visível é a delimitação do eixo da via executada com pedras mais ou menos da mesma espessura e de uma forma linear. É um bom exemplo de repavimentação.



Fig. 74 – Repavimentação em Granito

### + Apropriado

É importante cuidar e manter a pavimentação existente. Pode-se no entanto proceder em algumas zonas, à repavimentação, de uma maneira apropriada. Este pavimento está executado de uma forma tradicional, com as pedras dispostas aleatoriamente, utilizando a técnica construtiva que sempre se utilizou, chamada de junta seca.



Fig. 75 – Pavimentação Original

## Ficha Técnica

Este tipo de pavimento em granito, existente na aldeia, não se pretende alterar, mas pode-se requalificar ou até construir de novo. A reabilitação da aldeia ou uma futura revitalização poderá dar origem a uma interessante obra de pavimentação, podendo ser executada com a mesma técnica e os mesmos materiais que antigamente.

Será sempre necessária uma prévia compactação do terreno, com uma posterior camada de areia, seguida da colocação das peças de granito, dispostas “aleatoriamente” e sem qualquer ligante a junta-las. A colocação destas peças, extraídas na sua forma mais pura e colocadas no local da pavimentação, utilizando a técnica construtiva de junta seca trará grandes vantagens.

A primeira delas é que a autenticidade do local fica assegurada, assim como a estereotomia das ruas. A possibilidade de, por algum motivo ser necessário levantar o pavimento, este permite que seja feito sem comprometer as outras peças e toda a pavimentação. Outra vantagem que esta técnica permite, é que o pavimento respire e que a água se infiltre no terreno, não prejudicando, por exemplo, as paredes das construções adjacentes aos caminhos e a posterior infiltração de água no interior das construções.

A preparação de obra deverá ser executada de uma forma exemplar, através de meios manuais, deverá ser eliminada a vegetação que se encontra entre o pavimento, posteriormente deverá abrir-se as valas para fazer a respectiva compactação do terreno. Admite-se que a pavimentação nova possa ser executada com cotas que permitam o nivelamento das pedras, para que as ruas fiquem com o pavimento mais regular.

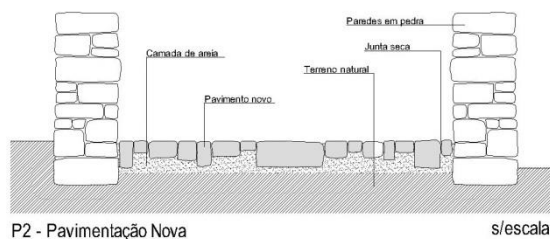
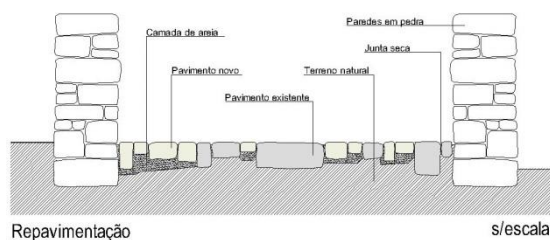
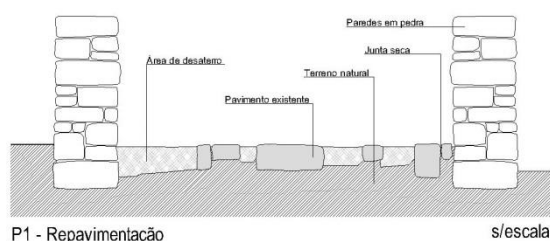


Fig. 76 – Pavimentações Originais na Aldeia



## Paredes



Fig. 77 – Paredes Resistentes

### Tradicional e Original

As paredes exteriores são em todas as casas executadas em alvenaria de pedra de granito, com dimensões que variam entre os 40cm e os 70cm. Existem algumas construções com paredes de pedra natural já existente no local, aproveitadas para servirem um dos alçados da construção. Estas paredes são executadas em junta seca, ou seja, sem qualquer ligante entre elas, mas dispostas e encaixadas de maneira a dar solidez às construções. Nos cunhais das construções, são colocadas peças de maior dimensão e de alguma maneira aparelhadas, para dar mais resistência à construção.

### — Desadequado

Esta imagem mostra o que não deve acontecer. A pedra de granito foi severamente substituída pelo bloco de cimento, sendo também utilizada uma argamassa de cimento como ligante. Neste caso, quer o material, quer a técnica construtiva foram alteradas, sendo substituídas por materiais impróprios e descaracterizadores do original.



Fig. 78 – Parede Descaracterizada

### ✗ Alterado

Neste caso, esta casa foi alvo de uma reconstrução que foi executada para aumentar o pé direito da casa. Foi utilizada a mesma técnica original, mas quanto ao material utilizado, não foi o mesmo, já que o granito azul foi substituído pelo granito amarelo o que descaracterizou um pouco a construção.



Fig. 79 – Parede Alterada

### + Apropriado

Esta parede já foi reconstruída á alguns anos, como foi dito pelo actual proprietário. Esta reconstrução está verdadeiramente apropriada, pois não se consegue identificar em que local foi feita a reconstrução. A técnica construtiva foi mantida o que não descaracterizou em nada a construção.



Fig. 80 – Parede Apropriada

## Ficha Técnica

As paredes das construções, devido à sua construção tradicional, têm várias deficiências, nomeadamente em termos térmicos, mas poderão ser resolvidos com materiais e técnicas actuais. Desde as paredes em contacto com o solo como as que não estão em contacto com o solo sofrem por não terem nenhum ligante e nenhum isolamento térmico.

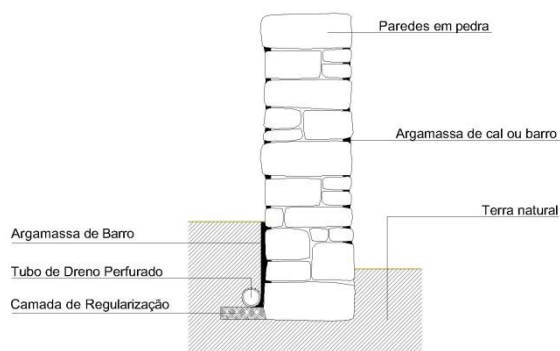
Convém utilizar materiais que não interfiram com o carácter tradicional e original do existente, mas que melhorem significativamente as condições de salubridade dentro da construção, independente do uso a que se destinam. O tapamento das juntas tanto pelo interior como pelo exterior poder-se-á fazer com uma argamassa de cal ou barro, utilizando uma técnica que não estrague as paredes exteriores.

Poderá executar-se uma drenagem pelo lado exterior das paredes, para tentar que não existam infiltrações de água nos pisos do r/chão. Esta drenagem deve ser executada com um tubo de dreno perfurado.

A nível térmico, poderá ser executado pelo lado interior e depois de serem tapadas as juntas, a colocação de isolamento térmico, com a posterior caixa de ar e uma outra parede em gesso cartonado ou madeira. Esta possibilidade deverá ser bem ponderada pois altera significativamente a construção, mas por outro lado dá um conforto térmico excelente à construção.

As fotografias à direita mostram uma parede rebocada com argamassa de cimento e outra com argamassa de barro, o que deixa parecer que a solução da figura 82 é a mais eficaz e a menos descaracterizadora para o local.

Deve-se evitar a aplicação de cimento nas juntas e de materiais como o bloco ligado com cimento como visto no exemplo desadequado.



Parede Exterior com Impermeabilização - s/escala

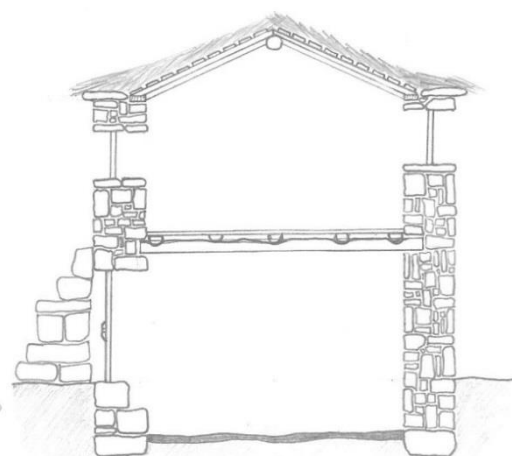


Fig. 81 – Argamassa de Cimento

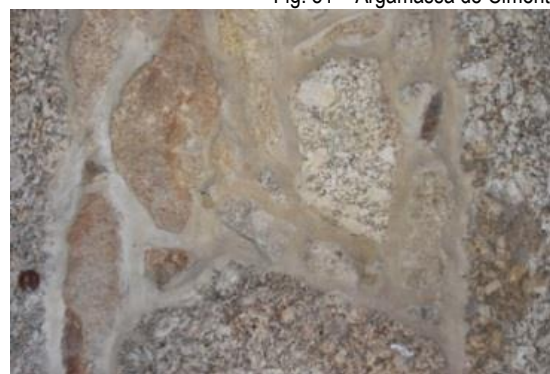


Fig. 82 – Argamassa de Barro



## Pavimentos



Fig. 83 – Pavimentos Originais

### Tradicional e Original

Os pavimentos nestas habitações, tanto na sua estrutura como no seu revestimento foram executados em madeira de carvalho muito abundante no local.

Nas casas de dois pisos sobre as vigas mestras eram estruturadas outras vigas transversalmente e de dimensões mais pequenas, sobre as quais assentavam tábuas que compunham o soalho.

As construções com um piso, não têm qualquer material a constituir o pavimento, pois este é em terra e palha. Maioritariamente as construções de um só piso serviam para guardar gado e por vezes de palheiro.

### — Desadequado

O que não se deve fazer é o que mostra esta fotografia. Foi executada uma pavimentação nova de uma maneira desadequada. Ao nível do piso 0 foi feita uma laje de cimento directamente encostada na terra, o que provoca graves infiltrações de água por capilaridade. Deveria ter-se deixado uma caixa-de-ar e nunca ter sido utilizado o cimento.



Fig. 84 – Pavimento em Cimento

### ✗ Alterado

Nesta repavimentação executada foram deixadas as vigas principais originais. Posteriormente foram cortadas em carpintaria as réguas secundárias que receberam um soalho aplicado com junta aberta, o que não deverá ser um exemplo a seguir, mas que permite uma tentativa de manter o carácter original dos pavimentos.



Fig. 85 – Estrutura do Pavimento Alterado

### + Apropriado

Nesta habitação foi executado um pavimento novo ao nível do piso 1, utilizando a mesma técnica e madeira de carvalho. A estrutura foi executada com uma viga principal que atravessa toda a casa que posteriormente recebeu as réguas que suportam o pavimento principal.



Fig. 86 – Pavimento em Madeira Original

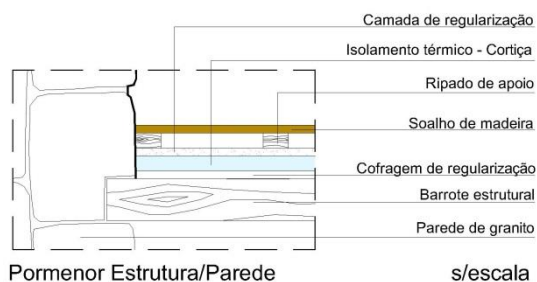
## Ficha Técnica

Atendendo a uma necessidade de criar melhores condições nestes espaços de r/chão e fazendo face às fragilidades que apresentam ao nível de isolamentos e infiltrações, propõe-se resolver alguns problemas de uma maneira simples que poderá ajudar a que o r/chão fique mais salubre.

Existem para este facto soluções térmicas que se podem elaborar como por exemplo construir uma estrutura de pavimento, que não está em contacto com o solo, evitando assim infiltrações de água por capilaridade.

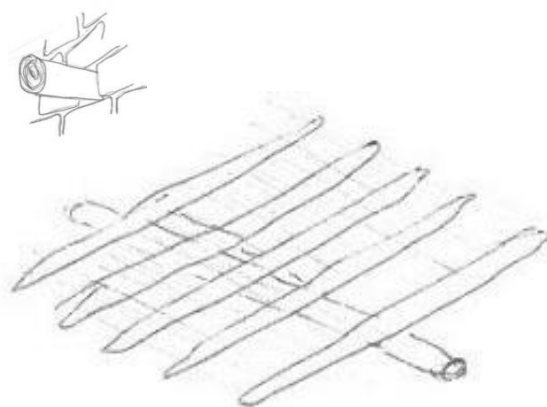
Propõe-se para pavimentos em contacto com o solo, que se deixe uma caixa-de-ar entre essa estrutura e a terra natural. Seguidamente sobre essa estrutura poder-se-á utilizar uma cofragem de regularização que vai receber o isolamento térmico (cortiça). Posteriormente deverá ser colocada uma camada de regularização onde apoiam as ripas secundárias que recebem o soalho de madeira.

Quanto ao piso 1, este pode ser executado da mesma maneira que o original, podendo ser acrescentado isolamento por baixo do soalho e para que este isolamento não se veja no piso inferior executa-se um ripado em madeira para receber o tecto do piso 0 também em madeira.

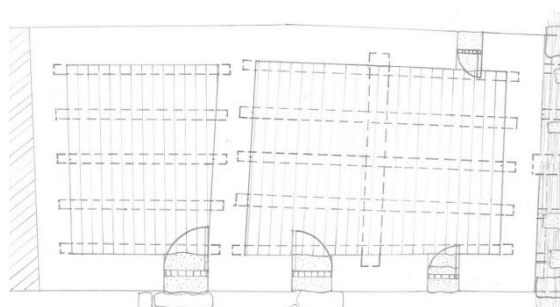


Pormenor Estrutura/Parede

s/escala



Trave Mestra e Barrotes Secundários da Estrutura



Planta com a Estrutura do Pavimento



Pavimento do R/Chão Proposto

s/escala



## Coberturas



Fig. 87 – Coberturas Originais

### Tradicional e Original

As coberturas tradicionais das casas da Aldeia da Anta têm características muito próprias do local. Todas elas no seu estado original eram compostas por colmo, porque neste local cultivava-se o centeio para o gado e para cobrir as casas. A sua estrutura era em madeira e muito simples de executar. Era composta por uma trave principal em madeira que atravessa a casa toda, que por sua vez suportava um ripado de madeira onde assentava um outro ripado colocado transversalmente a este último que irá suportar o colmo ou a telha mais recentemente. Estas traves eram encaixadas entre as paredes de pedra e umas pedras espalmadas que serviam de cornija. Todas as construções têm telhados de duas águas, com uma inclinação algo acentuada para que a neve que cai com alguma intensidade no inverno consiga escorrer.

### — Desadequado

Este exemplo mostra o que não se deve fazer. Esta tentativa de melhorar as condições da construção altera drasticamente a autenticidade da construção, tendo sido usados materiais descaracterizadores e prejudiciais à construção, ao ambiente e à paisagem envolvente. O zinco, o fibrocimento e o painel sandwich, são agora abundantes na aldeia.



Fig. 88 – Cobertura Descaracterizada

### ✗ Alterado

Este é o caso em que houve lugar a melhorias na cobertura para que ela não ruísse totalmente. A estrutura manteve-se igual e o revestimento foi alterado para telha marselha, o que pode ser considerada uma melhoria aceitável para o local onde se insere a habitação, mas não deverá ser a apropriada.



Fig. 89 – Cobertura Alterada em Telha Marselha

### + Apropriado

Esta cobertura ainda está no seu estado original. A estrutura é em madeira revestida em colmo. Quando necessário alterar, propõe-se que se use a mesma técnica e os mesmos materiais, ou se se pretender dar mais condições de salubridade, utilizar a proposta que se apresenta na ficha técnica.

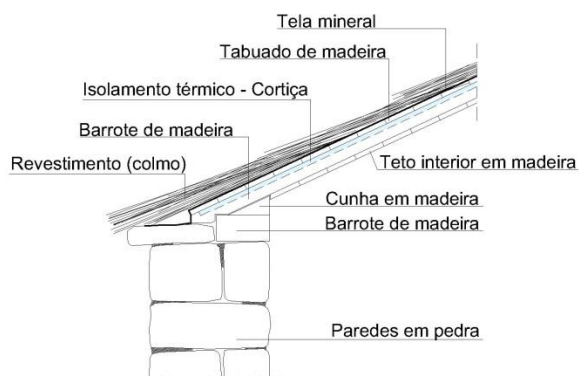


Fig. 90 – Cobertura Original em Colmo

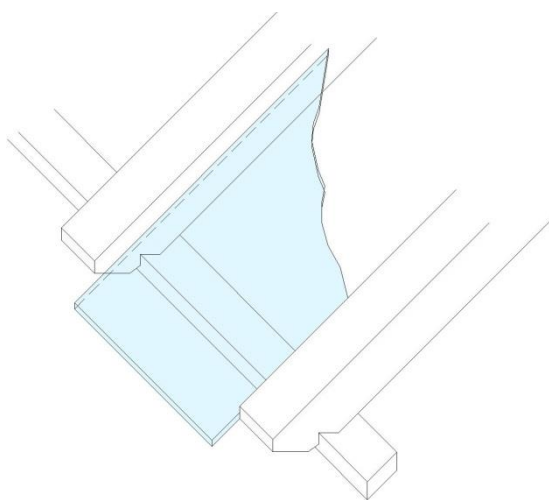
## Ficha Técnica

As coberturas, assim como os pavimentos e paredes em contacto com o exterior devem ser tratados com muito cuidado em termos térmicos. Deverá garantir-se no caso das coberturas a sua impermeabilização e transpiração, evitando o betão ou o cimento e também outros materiais nocivos à camada do ozono. A reparação destas coberturas poder-se-á fazer com os mesmos materiais tradicionais com as devidas actualizações. Recomenda-se colocar o isolamento térmico (cortiça), em placas rígidas por cima da estrutura que pode ser em madeira, para depois receber o revestimento final.

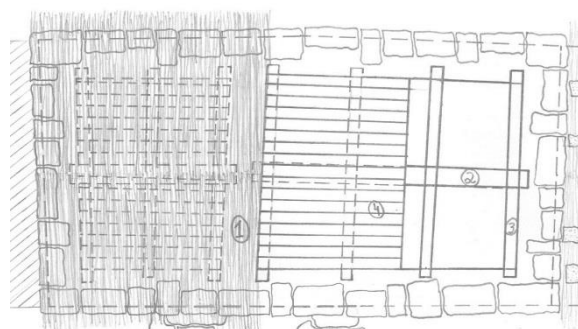
O principal factor de descaracterização da aldeia é a tentativa dos proprietários preservarem as suas casas seja de que maneira for, sem que exista cuidado em saber o que verdadeiramente pode ser feito. Muitas destas alterações mais tarde se percebem não serem a melhor aposta, nem muitas vezes a mais duradora. Os materiais tradicionais como a madeira e o colmo podem continuar a ser utilizados, pois neste local têm anos de existência. Estes materiais ainda hoje existem no local e podem ser extraídos e transformados, de uma maneira tradicional, servindo as exigências da actualidade. As casas da aldeia hoje em dia estão quase por completo cobertas por telhados de zinco, fibrocimento, telhas de canudo plásticas e algumas em painel sandwich, o que numa aldeia que está em vias de classificação parece descontextualizado, quando a ideia será manter o mais possível a autenticidade do local.



Pormenor da Cobertura – s/escala



Colocação do Isolamento em Cortiça



Planta com Estrutura do Telhado

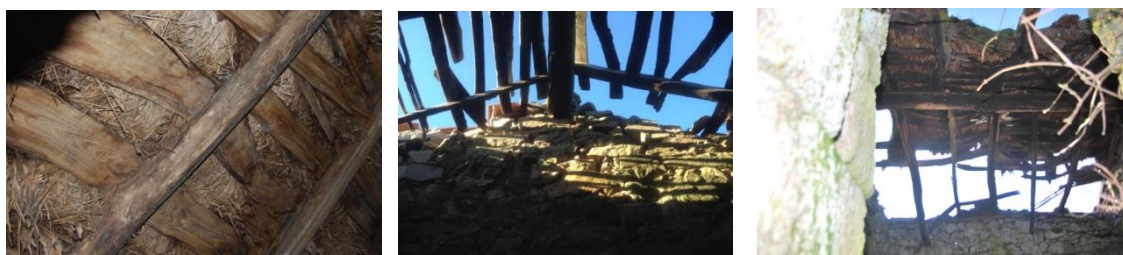


Fig. 91 – Estruturas de Cobertura



## Portas e Janelas



Fig. 92 – Portas e Janelas Originais

### Tradicional e Original

Os materiais vegetais existentes nas proximidades da aldeia, mais uma vez eram utilizados para a construção das casas. No que toca a portas e janelas, estas eram feitas em madeira, executadas em réguas paralelas ligadas por outras colocadas pelo interior, transversalmente às principais, que garantiam a sua segurança. Este mesmo material era ligado por outro material, o ferro, que através de pregos e de dobradiças completavam a peça.

As portas e janelas eram feitas á medida dos vãos que maioritariamente eram de dimensões reduzidas e nunca na sua composição era usado o vidro. Estes vãos eram sempre opacos para garantir a maior protecção possível.

### — Desadequado

Deve-se evitar a colocação de vidro e principalmente de chapa. Os estores devem ser evitados, assim como caixilharias em PVC e alumínio. O contraste do material e o seu brilho usado nas portas e janelas patentes nas fotografias contrastam totalmente com o resto da envolvente, descaracterizando o local.



Fig. 93 – Portas e Janelas Descaracterizadas

### ✗ Alterado

Esta modificação executada numa das casas parece estar bem enquadrada, pois respeita a técnica e o material utilizado, podendo no entanto ter sido deixada a cor natural da madeira para que não ficasse diferente do original. Foi criado um aro á volta do vão para que os batentes funcionassem melhor. O puxador foi reproduzido totalmente.



Fig. 94 – Portas e Janelas Alteradas

### + Apropriado

A madeira e os elementos metálicos que compõem as portas e janelas deverão manter-se, podendo ser aplicados novos materiais mais actuais e que revistam os vãos de uma maior segurança e conforto térmico. Estas alterações deverão ser feitas sem alterar o material principal que é a madeira.



Fig. 95 – Portas e Janelas Originais

## Ficha Técnica

Todas as portas e janelas da aldeia são em madeira, construídas da mesma maneira, com os mesmos entalhes e pormenores.

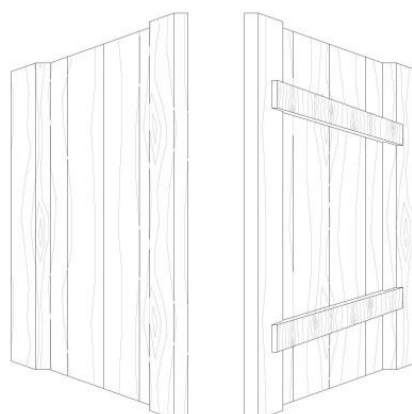
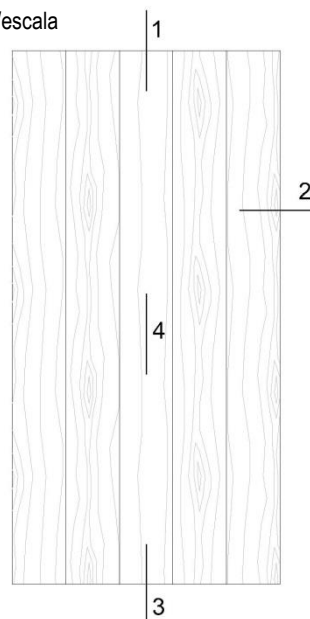
No caso de uma reconstrução é possível melhorar as condições construtivas destes elementos, o que naturalmente vai melhorar as condições no interior das habitações.

Deverá ser criado um aro em toda a volta, sendo este o primeiro elemento que está em contacto com as ombreiras, padieiras e soleiras. Este aro poderá ser amarrado às paredes através de uma camada de regularização feita com argamassa de barro que por sua vez recebe o aro.

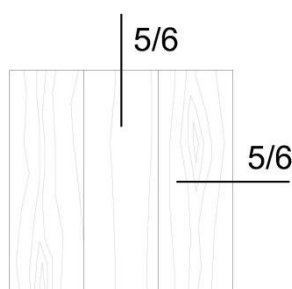
A porta A, designada como porta de regoado é de construção idêntica às antigas construídas na aldeia, servindo ainda esta técnica hoje em dia para construir estes elementos. Nos pormenores apresentados consegue-se perceber como funciona a construção destas portas.

O processo nas janelas é em todo idêntico ao das portas, podendo ser executadas janelas com batente em madeira ou aproveitar o batente existente nas padieiras.

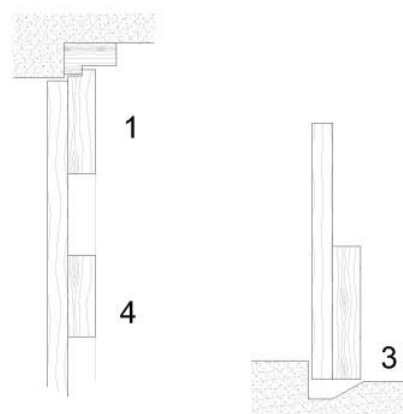
A – s/escala



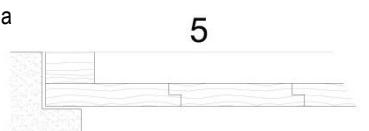
C – s/escala



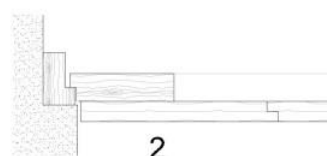
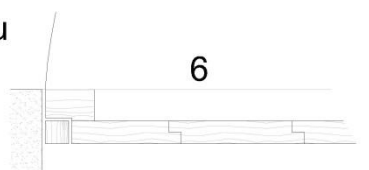
B – s/escala



D – s/escala



ou



## Escadas



Fig. 96 – Escadas Originais

### Tradicional e Original

As escadas das casas da aldeia da Anta existem maioritariamente nas construções de dois pisos. No entanto existem outras construções de um piso que estão um pouco elevadas do nível do solo e por isso têm alguns degraus. Estas escadas podem ser colocadas paralelamente às casas ou perpendicularmente, dependendo do espaço exterior para aceder à construção ou ao nível a que se encontra a entrada para o piso 1.

As escadas são constituídas por pedra de granito dispostas umas em cima das outras, sendo a ultima mais espalmada e de maiores dimensões, pois servia também de patamar. Todas elas são executadas e assentes com junta seca, sem qualquer ligante a segura-las.

### — Desadequado

É demasiado fácil executar a reconstrução de umas escadas de acesso, mas torna-se complicado fazer isso da maneira mais adequada. É desadequado o uso e a mistura de materiais na constituição de degraus, sendo mesmo muito desapropriado que uns degraus sejam em granito e outros em betão, dispostos de uma maneira desalinhada.



Fig. 97 – Escadas Descaracterizadas

### ✗ Alterado

Deverá em caso de modificação de umas escadas, ter em atenção alguns aspectos, tais como a argamassa que se poderá usar como ligante. Esta argamassa deverá ser em barro, pois é a que se identifica mais com o local e não interfere com o material já existente. Também se deve ter cuidado com a altura do espelho e do cobertor dos degraus.



Fig. 98 – Escadas Alteradas

### + Apropriado

Se for o caso de reconstrução, deverá ser respeitada a técnica construtiva utilizada, pois é suficiente para criar o acesso necessário ao piso superior das habitações. É importante também que seja utilizado o mesmo material do original, podendo mesmo serem aproveitadas as mesmas peças para o efeito, assentes de uma melhor forma.



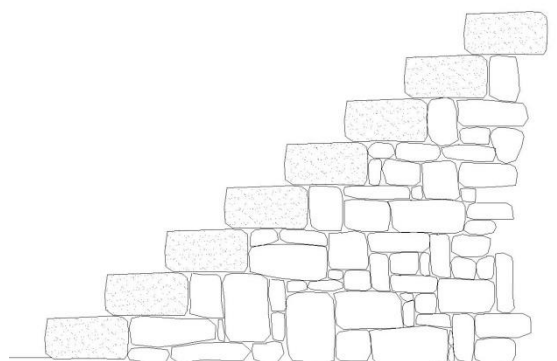
Fig. 99 – Escadas Originais

## Ficha Técnica

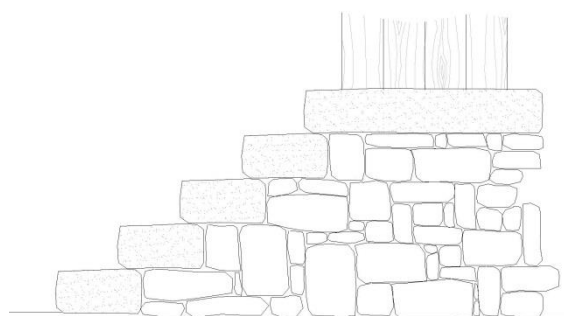
Resulta muito bem a técnica construtiva utilizada para a construção destas escadas. Hoje em dia ainda se utiliza a mesma técnica. Poderá nestes casos ser acrescentada uma argamassa de barro nas juntas das pedras para que elas fiquem mais seguras.

As pedras principais que constituem as escadas e os patamares estão suportadas por outras assentes como as paredes, não existindo qualquer encastramento das pedras das escadas nas paredes principais das casas. Estas estão só encostadas, criando um elemento isolado encostado às casas.

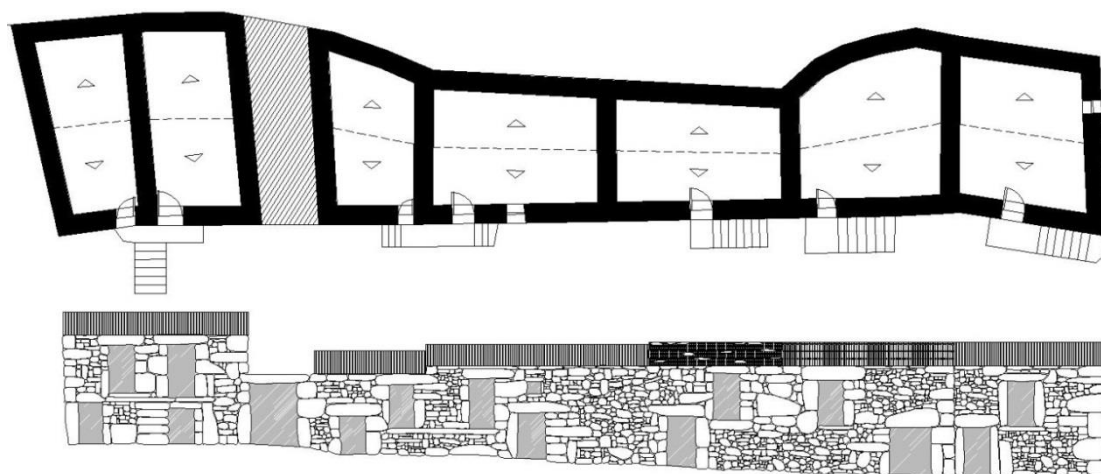
A disposição das escadas varia conforme a dificuldade do acesso ao piso superior das construções, sendo o corpo das escadas paralelo às casas quando existe pouca altura para vencer, quando existem outras casas à frente e as ruas são estreitas ou quando o desnível a vencer é muito grande e a cota do solo é desfavorável à entrada na construção. São perpendiculares quando a cota a vencer é pequena e existe espaço exterior que permita a colocação do corpo das escadas neste sentido.



Escada sem Patamar – s/escala



Escada com Patamar – s/escala



Planta e Alçados de casas com Escadas paralelas e perpendiculares – s/escala



## Soleiras



Fig. 100 – Soleiras Originais

### Tradicional e Original

A soleiras existentes tanto em portas como em janelas são em pedra granítica e estão dispostas na parte inferior do vão, garantindo assim a transição do exterior para o interior. No caso das soleiras de portas estas eram constituídas por uma só pedra que muitas vezes tinham uma diferença de cota do exterior mais alta e no interior mais baixa, para evitar a entrada de água.

Já o remate da parte inferior dos vãos de janela, é o “peitoril” ou soleira que, pela sua disposição de uma pedra horizontal colocada no alinhamento exterior do paramento, remata toda a largura do vão. Umas e outras têm as mesmas funções impedindo a entrada de água e servem em muitos casos para batente de portas e janelas.

### — Desadequado

Este exemplo mostra o que não se deverá fazer, pois o material da soleira foi substituído pelo cimento, modificando a autenticidade da construção. Visto o nível interior do pavimento estar mais abaixo que o exterior deveria ter-se colocado um paramento mais elevado que a cota do terreno, para evitar a infiltração de água para o interior da construção.



Fig. 101 – Soleira Descaracterizada

### ✗ Alterado

Este exemplo apresentado é de uma soleira que foi modificada, pela necessidade de impedir que a água entrasse para o interior. Uma única pedra, foi substituída por três pedras, com as juntas argamassadas. Esta alteração tem a mesma finalidade que uma soleira original, mas as pedras estão dispostas de outra maneira e foi utilizado um liqante.



Fig. 102 – Soleira Alterada

### + Apropriado

Uma pedra só, é colocada em toda a largura do vão, deixando cerca de 8cm de fora para que não existam infiltrações de água para o interior da construção. Esta diferença de cota existe só no piso 0 visto as soleiras dos pisos superiores estarem à mesma cota do pavimento interior, servindo de batente para a madeira.



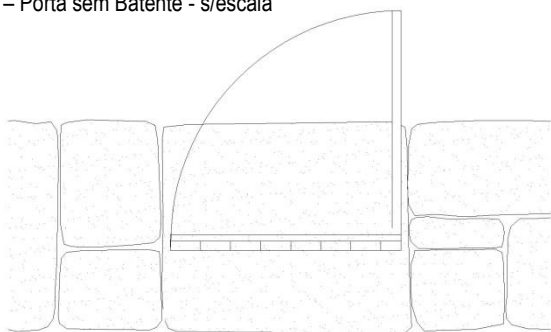
Fig. 103 – Soleira Original

## Ficha Técnica

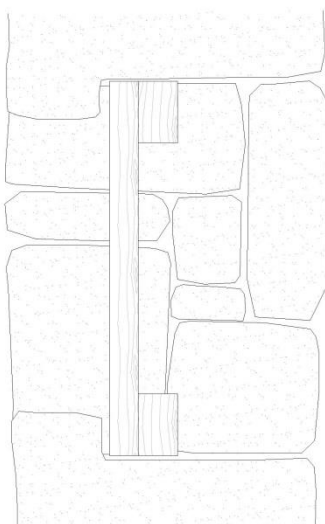
As soleiras das casas da aldeia da Anta deverão ser executadas de acordo com as boas normas da construção, respeitando a identidade do local e os materiais e técnicas aplicadas anteriormente, não deixando, se for o caso, de aplicar materiais novos, que dêem um melhor conforto no interior das construções, nomeadamente em termos térmicos.

É de salientar que estes exemplos apresentados caracterizam as diferentes soleiras existentes nas casas da aldeia, sendo aplicadas em diversas situações diferentes tais como o nível do solo exterior mais baixo ou mais alto que no interior, batentes nas padieiras, soleiras ao nível do piso 1 e soleiras das janelas.

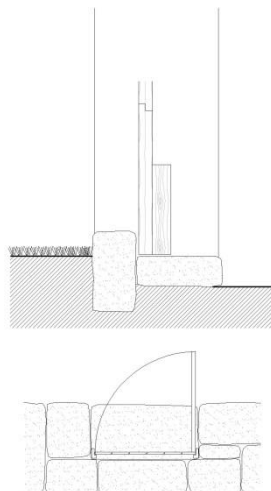
C – Porta sem Batente - s/escala



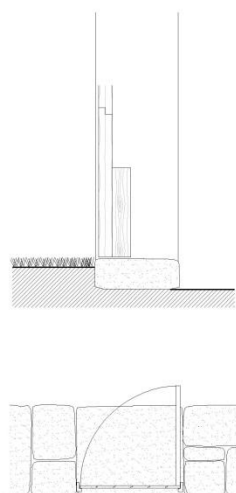
D – Janela com Batente - s/escala



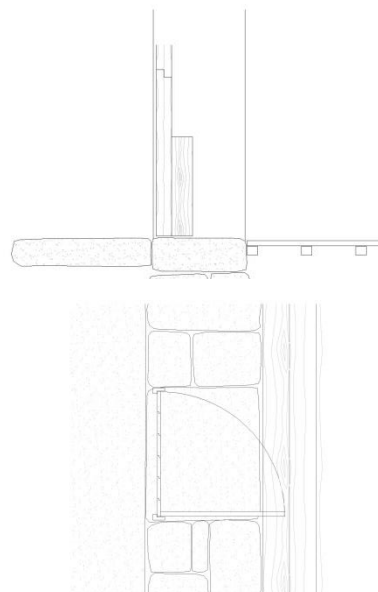
A – Soleira mais alta que o terreno - s/escala



B – Soleira ao nível do terreno - s/escala



E – Soleira de Porta Piso 1 - s/escala



## Padieiras



### Tradicional e Original

No remate superior das portas e janelas das construções, são executadas as padieiras, dispostas horizontalmente ao paramento.

Estas padieiras em pedra de granito, cuja largura ultrapassa e vence o vão têm espessura suficiente para sustentar as cargas produzidas pela alvenaria e pelo telhado situados acima e consequentemente transferi-las para as ombreiras. As padieiras assim como as soleiras e ombreiras permitem resolver o remate superior, inferior e lateral das portas e janelas, funcionando como batente. O funcionamento das padieiras é em muitos casos parecido com o das soleiras, tendo no entanto funções algo diferentes.

Fig. 104 – Padieiras Originais

### — Desadequado

Torna-se desadequado a reconstrução de padieiras em madeira e principalmente em betão, pois descaracteriza totalmente a autenticidade das construções, revelando uma falta de conhecimento na recuperação destas construções e principalmente na implementação de novos materiais.



Fig. 105 – Padieira Descaracterizada

### ✗ Alterado

A padieira apresentada foi alvo de uma reconstrução que parece ter sido feita com algum cuidado. Foram garantidos aspectos importantes, tais como a largura da padieira maior que a largura do vão, assim como o batente criado para encaixar o aro de madeira que recebe a porta. O material também foi mantido.



Fig. 106 – Padieira Alterada

### + Apropriado

É apropriado que em caso de reconstrução algumas características das padieiras não sejam alteradas e outras sejam melhoradas. Este exemplo serve como mostra do que se deve fazer, tendo sempre cuidado com os apoios das padieiras nas respectivas ombreiras, assim como se possível a execução de batentes para a caixilharia de madeira.



Fig. 107 – Padieira Original



## Ficha Técnica

Quando este tipo de construções se encontram num estado de degradação muito elevado, existe a tendência dos proprietários, quando as querem reconstruir ou melhorar, executarem obras da maneira mais fácil e menos dispendiosa, o que em maior parte das vezes e por causa do desconhecimento técnico, utilizam materiais que nada ajudam na conservação destas construções.

Quanto às padieiras elas devem ser executadas com a mesma técnica e com o mesmo material original. Não parece ser difícil a execução destas padieiras na sua maneira mais tradicional e autêntica, devendo ser evitada a colocação de madeira e betão em padieiras, pois altera significativamente as características do local e das construções. Numa reconstrução de uma padieira poderá ser admitida a colocação de um ligante nas juntas das pedras, mas este deverá ser em argamassa de barro.

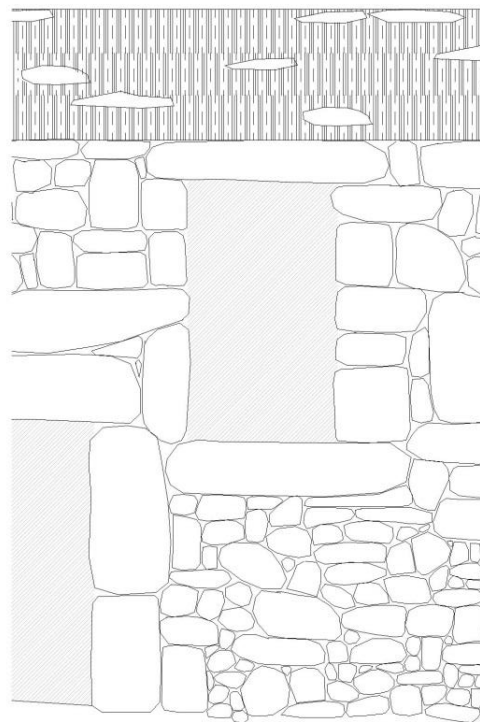


Fig. 108 – Padieira em Madeira



Fig. 109 – Padieira em betão

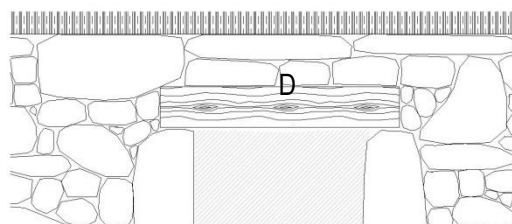
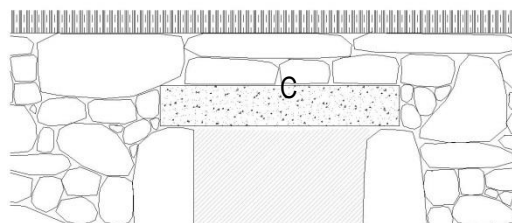
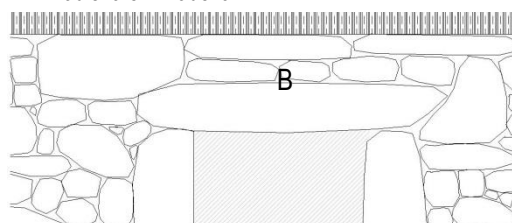
A – Padieira Característica do Local - s/escala



B – Padieira Original

C – Padieira em Betão

D – Padieira em Madeira



s/escala



## Ombreiras



Fig. 110 – Ombreiras Originais

### Tradicional e Original

As ombreiras originais das construções da aldeia da Anta são construídas em pedra de granito. Estas limitam-se muitas vezes à interrupção da parede e ao acabamento regular da mesma, ou seja, em grande número as ombreiras não são uma única pedra disposta entre a soleira e a padieira, mas sim várias pedras que constituem a parede que quando encontram o vão de janela ou porta terminam. Noutros casos as ombreiras são constituídas por uma única peça, dispostas na vertical, ocupando todo o espaço do vão entre a soleira e a padieira, sendo estas pedras muitas vezes aparelhadas. Estes casos acontecem mais nas ombreiras das janelas enquanto nas ombreiras das portas têm mais que uma pedra.

### — Desadequado

Estes dois exemplos mostram que uma alteração numa ombreira nunca deverá ser feita em cimento, nem com nenhum ligante. Para além de descaracterizar por completo o material e a técnica original, contribui para que estejam a ser utilizados materiais nocivos a estragarem os originais. O betão e o cimento nunca são nestes casos a melhor opção.



Fig. 111 – Ombreiras Descaracterizadas

### ✗ Alterado

A modificação feita numa das ombreiras de uma casa da aldeia, não pode ser considerada como um bom exemplo. O vão da porta foi diminuído e foi criada uma ombreira com granito amarelo, disposto de uma maneira que não é tradicional e que descaracteriza as ombreiras originais que eram construídas na aldeia.



Fig. 112 – Ombreira Alterada

### + Apropriado

É apropriado em caso de reconstrução executar as ombreiras de acordo com o original, podendo no caso de ombreiras que não tenham os batentes das portas, estas serem executadas, para facilitar o encosto das portas e das janelas, evitando também a passagem de uma maior quantidade de vento e água.



Fig. 113 – Ombreira Original

## Ficha Técnica

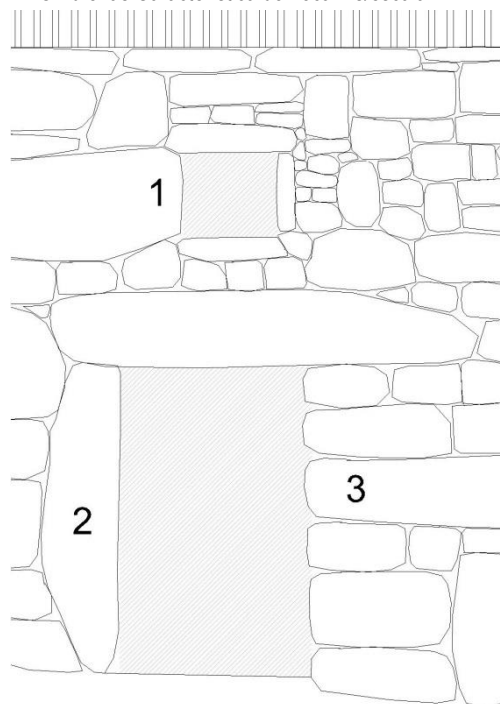
As ombreiras na aldeia, só em casos extremos devem ser alteradas por outro material e feitas com outra técnica construtiva.

Será importante em caso de reconstrução, manter a autenticidade das construções, pois estas ombreiras são uma das características deste tipo de construção. No entanto poderá ser substituída a pedra por outra do mesmo tipo e é aconselhado fazer-se os batentes para portas e janelas.

A ombreira tradicional nunca deve ser substituída por madeira (B), pois esta não tem a mesma resistência à compressão.

Será desadequado substituir as ombreiras em pedra por ombreiras de betão. (B)

A – Ombreiras Característica do Local - s/escala

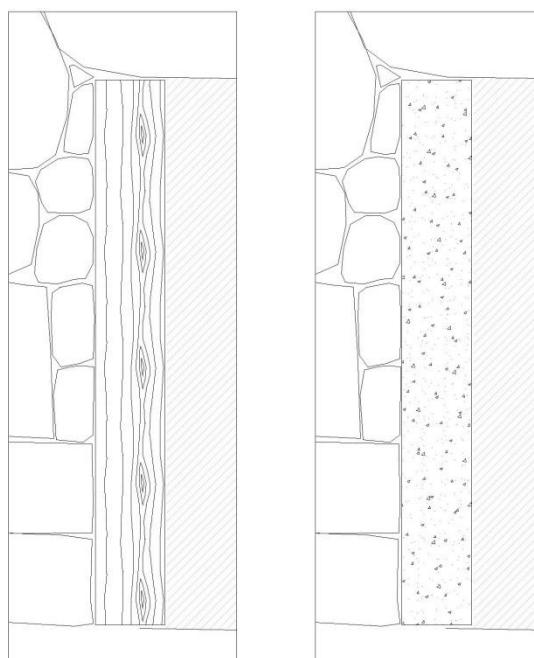


- 1 - Ombreira de janela com uma só pedra
- 2 - Ombreira de Porta com uma só pedra
- 3 - Ombreira de Porta com várias pedras



Fig. 114 – Ombreira original

B – Ombreiras descaracterizadas, em madeira e betão s/escala



## Cornijas



Fig. 115 – Cornijas Originais

### Tradicional e Original

As cornijas tradicionais das construções da aldeia da Anta, têm características muito próprias, nomeadamente a disposição em que são colocadas e a forma que têm.

No topo das paredes e para receber a estrutura do telhado, são colocadas pedras espalmadas que visam nivelar o topo das paredes bastante irregulares, reduzindo também a infiltração de água para o interior das construções. Sobre estas pedras chatas e planas eram colocadas outras pedras mais espessas que serviam para receber a estrutura de madeira que compõe a cobertura. Esta técnica não tinha qualquer ligante nas juntas, acabando por funcionar bem depois de colocado o colmo em camadas não deixando passar a água.

### — Desadequado

Nesta construção a cobertura foi totalmente retirada, incluindo a cornija. A cornija original foi substituída por uns prumos em alumínio, que saem muito para fora dos limites da construção. Estes materiais alteram significativamente a autenticidade destas construções. Torna-se por isso, desadequado fazer uma alteração deste género.



Fig. 116 – Cornija Descaracterizada

### ✗ Alterado

Com a necessidade de fazer melhorias nas construções utilizou-se a madeira para fazer a cornija. Esta cornija não é mais que o seguimento da estrutura do telhado continuar até ao lado exterior da construção. Pela fotografia não parece a maneira mais apropriada para o fazer pois mostra algumas deficiências em termos térmicos.



Fig. 117 – Cornija Alterada

### + Apropriado

Esta é uma típica cornija da aldeia, facilmente pode ser reconstruída na sua maneira mais original, mas pode-se também através de outros materiais e outras técnicas melhorá-las, acrescentando outros materiais que em nada afectam a autenticidade da construção.



Fig. 118 – Cornija Original



## Ficha Técnica

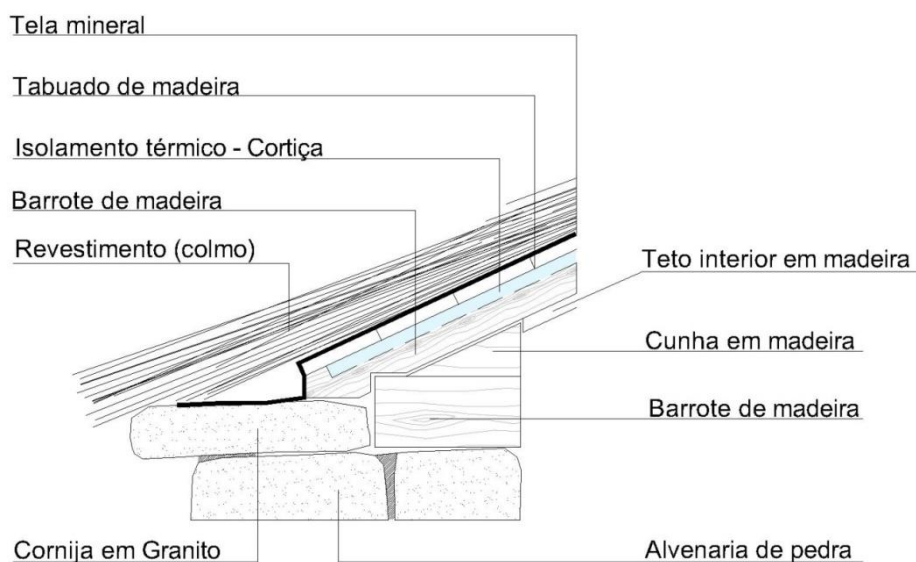
É demasiado complexo encontrar formas de reconstruir as cornijas tradicionais das construções da aldeia, no entanto consegue-se através de alguns materiais mais inovadores, encontrar soluções que permitam que elas funcionem melhor.

Estas pedras chatas dispostas no topo dos paramentos podem ser seguras através de uma argamassa de barro, dando assim mais consistência a toda a cobertura. Para resolver alguns problemas de infiltrações é proposta a colocação de uma tela mineral entre o topo das paredes e a pedra chata da cornija. Esta tela desenvolve-se também a toda a cobertura, indo desde a cornija até á cumieira e é colada no ripado estrutural em madeira que recebe o colmo. Será importante a colocação de isolamento térmico (cortiça) para melhorar as condições térmicas da construção.

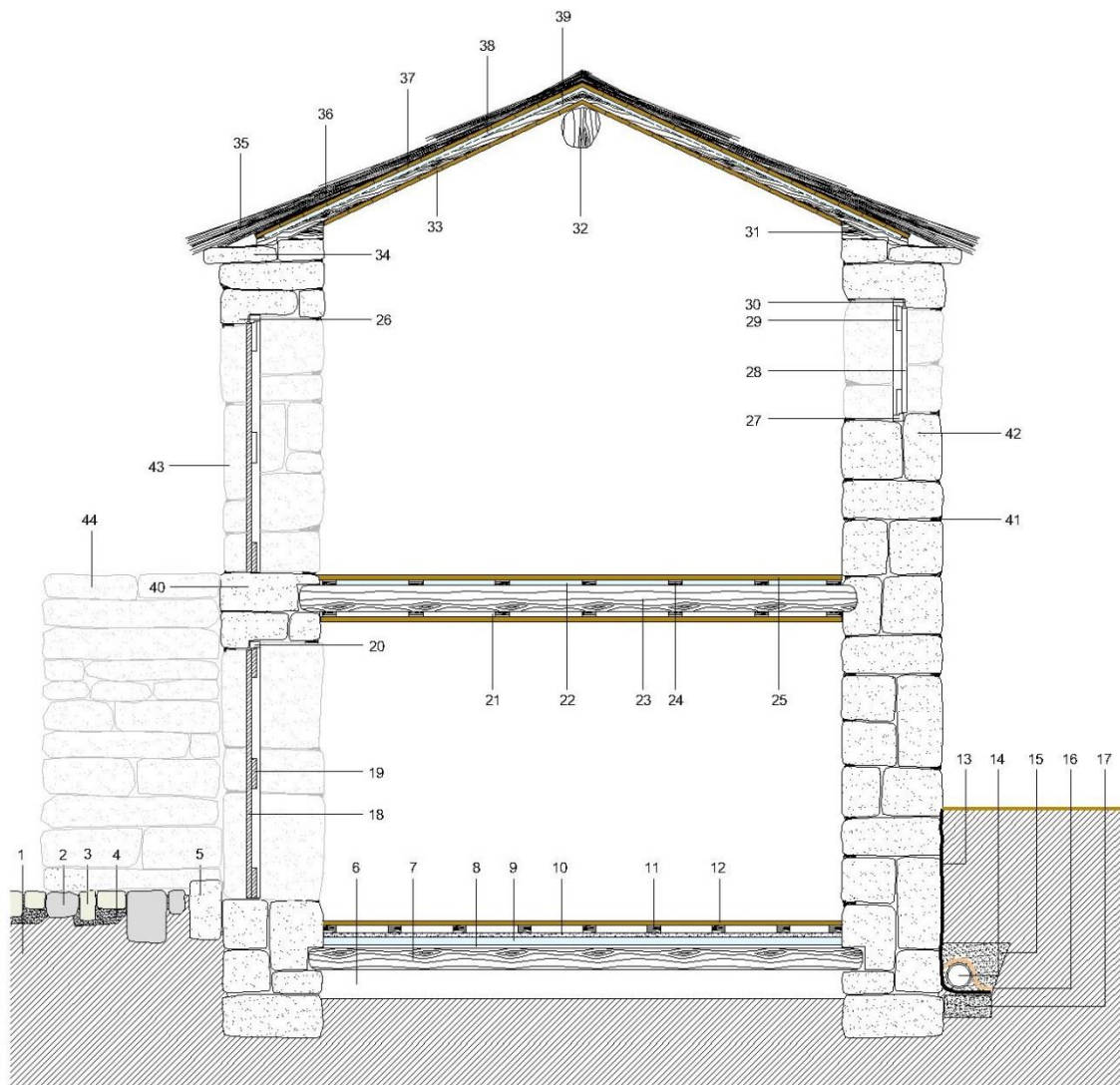
A – Disposição das pedras de Cornija - s/escala



B – Pormenor da Cobertura com Cornija - s/escala



## 5.1 Corte geral



### Legenda:

- |                                     |  |                           |
|-------------------------------------|--|---------------------------|
| 1 – Terra Natural                   | 20 – Batente de porta                      | 39 – Traves secundárias   |
| 2 – Calçada existente               | 21 – Forra do tecto em madeira             | 40 – Alvenaria de granito |
| 3 – Calçada nova                    | 22 – Isolamento térmico e acústico-Cortiça | 41 – Argamassa de barro   |
| 4 – Camada de areia                 | 23 – Viga secundária                       | 42 – Soleira de janela    |
| 5 - Soleira elevada                 | 24 – Ripado de apoio                       | 43 – Ombreira em granito  |
| 6 – Caixa de ar                     | 25 – Soalho em madeira                     | 44 – Escadas de acesso    |
| 7 – Barrote estrutural              | 26 - Padieira                              |                           |
| 8 – Cofragem regularizadora         | 27 – Batente de janela                     |                           |
| 9 – Isolamento térmico em Cortiça   | 28 – Janela em madeira                     |                           |
| 10 – Camada de regularização        | 29 – Traves de agarramento de janela       |                           |
| 11 – Ripado de apoio                | 30 – Batente de janela no granito          |                           |
| 12 – Soalho                         | 31 – Cunha em madeira                      |                           |
| 13 – Tela mineral impermeabilizante | 32 - Cume                                  |                           |
| 14 – Tubo de dreno                  | 33 – Tecto em soalho                       |                           |
| 15 – Camada de gravilha             | 34 – Cornija em granito                    |                           |
| 16 – Manta geotêxtil                | 35 - Colmo                                 |                           |
| 17 – Base de regularização          | 36 – Tela mineral impermeabilizante        |                           |
| 18 – Porta em madeira               | 37 – Ripado de apoio                       |                           |
| 19 – Traves de agarramento          | 38 – Isolamento térmico em Cortiça         |                           |

## 5.2 Recomendações e reflexões

Reconstruir ou reabilitar um edifício construído por uma cultura e num contexto histórico totalmente diferente do actual, significa estar a mexer numa peça de arte, podendo significar alterar algo que por alguma razão faz parte da identidade de um povo, de uma cultura, de uma economia e de uma maneira de habitar.

A tentativa de preservar o que o passado deixou, querendo com isso mostrar às gerações futuras uma peça arquitectónica do passado, acarreta uma dificuldade acrescida, pois, tenta-se manter a autenticidade destas construções, podendo no entanto actualizar quer os materiais, quer as técnicas, sem ferir o original e o tradicional.

Pretende-se agora determinar algumas recomendações e reflexões para intervir na Aldeia, quer seja para a reconstrução como para a reabilitação. Estas regras podem contribuir e ajudar a uma intervenção digna nestas construções tradicionais.

- 1- Observe primeiro antes de intervir, para se assegurar de que está a respeitar o carácter autêntico da construção e de que vai utilizar os materiais adequados;
- 2- Procure manter a autenticidade do edifício, mantendo a aparência original no exterior e interior, alterando o mínimo possível;
- 3- Não leve a reconstrução ou a reabilitação longe demais, não fazendo alterações que façam do edifício mais moderno ou menos tradicional;
- 4- Ponha o novo ao serviço do velho e não ao contrário, existindo técnicas e materiais recentes que podem completar as existentes. Poderá recorrer a materiais modernos para resolver pequenos problemas de isolamento e infiltrações. Os materiais tradicionais como a pedra, a madeira, o colmo podem ainda ser utilizados;
- 5- Não leve o detalhe longe demais, porque o que caracteriza estas construções é a simplicidade com que foram construídas, não existindo muitos pormenores na sua execução;
- 6- Tente sempre adaptar-se ao que já existe e não adaptar as situações às necessidades que lhe aparecem;
- 7- Tente sempre manter e só em raros casos acrescente ao que já existe;

Estes aspectos que se enumeraram podem contribuir e ajudar numa boa intervenção, tendo sempre em atenção que a autenticidade tem que ser mantida para que estas peças de arte se mantenham durante anos como mostra do passado.

**CAPÍTULO 6**  
**CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS**





## 6. Resposta explícita aos objectivos da dissertação

Todo o trabalho de análise realizado relativamente ao aglomerado da Aldeia da Anta, vem reforçar e justificar a importância do estudo da “Reabilitação do Património Rural”.

Este é uma tema bastante complexo, pois apresenta diversos problemas em áreas de especialidade muito diversas que vão desde a geografia física e humana, à economia até ao urbanismo, arquitectura e construção.

O património rural existente nesta aldeia apresenta uma especificidade diferente de outra qualquer região do país, uma vez que cada uma tem características próprias.

As intervenções de reabilitação no património rural são bastante complexas relativamente às intervenções na construção nova. Existem diversas condicionantes ao nível da pré-existência do património edificado, em que é essencial preservar o passado e a identidade dos lugares, preservar tanto quanto possível os materiais existentes e respeitar o traço arquitectónico dos elementos construtivos.

Como primeiro objectivo nesta dissertação era necessário **“indicar as características espaciais e construtivas do Património Rural da Aldeia da Anta”**, para se conhecer o aglomerado e a sua envolvente mais próxima.

Tornou-se então necessário fazer primeiro uma contextualização da aldeia no espaço e no tempo, descrevendo o seu relacionamento histórico e geográfico, mencionando até o seu meio físico e humano, percebendo-se assim que a aldeia realmente é, e tem património cultural e natural.

Neste sentido a contextualização efectuada no capítulo três é de grande importância para perceber que o sistema de povoamento rural está integrado estrategicamente num local central e de passagem entre outros aglomerados existentes nas proximidades como o de Várzea da Serra, Lazarim, Lalim, Meijinhos, Melcões e Bigorne.

Estes aglomerados são muito fechados entre si devido às difíceis condições climáticas, ao relevo e à dificuldade de encontrar terrenos férteis nas suas proximidades. Quando se encontram mais próximos da centralidade ou de aglomerados populacionais maiores, estes assentamentos dispersam-se e acompanham as bermas das vias de comunicação.

No caso da aldeia da Anta isso não acontece, pois é a que está num ponto menos favorável a que isso aconteça devido à sua altitude e distancia das principais vias de comunicação.

Ao nível da gestão do território do aglomerado propriamente dito, este, está directamente relacionado com os recursos de qual depende. A importância das ruas, lameiras, requeiras, baldios, pasto, socalcos, campos, levadas, palheiros, cortes, moinhos fazem parte deste lugar

indissociável, coesa e contínua onde os habitantes desenvolvem as suas actividades e onde organizam o seu espaço de vida e embora apareçam como peças isoladas, encontram-se ligadas por uma rede de caminhos que estruturam e organizam o território.

Este território vai sendo absorvido pela população, pois é dele que dependem e esta posse, mais tarde vai-se tornando responsável pelo abandono destas zonas, pois os mais jovens esperam e ambicionam outro tipo de vida deixando de trabalhar na agricultura, ficando estes locais desabitados.

As características morfológicas, como as condições produtivas do terreno em que se insere a aldeia, desempenham um papel condicionador no processo de organização, estruturação e configuração formal e física do aglomerado, sendo estes constituídos por características provenientes da apropriação de terrenos e da necessidade de os trabalhar.

Foram estudados e caracterizados espacialmente tanto o aglomerado, como a sua arquitectura, tendo-se ficado a conhecer melhor o local, como cresceu e como se desenvolveu.

Dentro da análise da estrutura urbana e da morfologia, foram estudadas as agregações volumétricas das construções, que foram perceptíveis pela estrutura do aglomerado, existindo quatro: as isoladas, em banda contínua, em U e em L, tendo cada uma delas diferentes características lógicas e fases temporais distintas.

A análise das construções vem garantir a característica vernácula do aglomerado, encontrando-se construções com tipologias e uma distribuição funcional básica, construídas com os materiais disponíveis do local, para garantirem somente o fim a que se destinavam, sem qualquer tipo de artefactos decorativos. Esta análise conclui que existem quatro tipologias, caracterizadas pelos pisos e entradas existentes. A tipologia 1 são casas de um só piso, a tipologia 2, são casas com um piso e meio com acesso a este meio piso feito pelo interior da construção, a tipologia 3, são casas de um piso e meio mas com o acesso ao piso superior a ser feito pelo exterior da habitação e por fim a tipologia 4, que são as construções de dois pisos.

Estas tipologias eram divididas em diferentes usos, tendo sido encontradas construções com seis usos diferentes.

Existem na aldeia 147 construções, sendo 51 construções destinadas a palheiro e curral, sobre os 39 currais, as 26 habitações e curral, os 17 palheiros, os 8 anexos para carros de bois e as 6 construções só para habitação, o que faz perceber que maior parte das construções eram destinadas ao uso exclusivo da actividade agrícola e não tanto como habitação permanente.

No campo da caracterização construtiva foram estudados os diversos materiais que constituem as construções e foram identificados materiais de origem mineral como o granito que constituem a estrutura base das construções e materiais de origem vegetal, como a madeira e a palha de

centeio que eram utilizadas para as portas, janelas, pavimentos e estrutura do telhado e o colmo que era utilizado com revestimento da cobertura.

A técnica construtiva encontrada foi a alvenaria seca de granito que constitui todas as construções do aglomerado, sejam elas habitacionais, abrigos de animais e palha ou de outras edificações de carácter mais singular. Aqui interessa ao construtor a sustentabilidade construtiva de uma arquitectura sólida e minimamente habitável, que sirva o fim a que se destina e que traduza a sua verdadeira essência.

Ainda dentro da caracterização construtiva das construções é elaborado em anexo um detalhado levantamento das construções existentes, dividido por unidades edificatórias. Nestas fichas é caracterizada a unidade, tendo em conta a sua localização, implantação, características relevantes e estado actual, notas importantes, fotografias, plantas, alçados e legenda de materiais.

Estas fichas não são exaustivas no seu conteúdo pois retratam cada unidade edificatória de uma maneira que se pretendeu exemplar, para dar a conhecer o património edificado que constitui o aglomerado.

Para promover a reconstrução e a reabilitação através de técnicas tradicionais com as respectivas actualizações, procurou-se responder ao segundo objectivo que é **“estabelecer estratégias para a reabilitação do património rural da Aldeia da Anta, respeitando o seu carácter e identidade”**. Intervir no contexto particular de uma aldeia desabitada, levanta questões bastante particulares e delicadas.

Neste sentido e recorrendo às cartas do património, às leis e os conceitos recolhidos na fundamentação teórica, estando assim justificadas as opções que se tomaram, foi feita uma apreciação das diversas partes que constituem as construções da aldeia, analisando o seu carácter original e tradicional, para depois encontrar intervenções que se acharam apropriadas, alteradas e desadequadas para o local, ilustrando alguns exemplos de como se poderá resolver alguns problemas construtivos.

As ruas da aldeia também foram alvo de uma apreciação, pois fazem parte da construção, não de casas mas dos acessos a estas.

Em termos das ruas foi proposta uma pavimentação nova ou repavimentação, executada com o mesmo material original que pode ser extraído do local, executando primeiro o desaterro no local da pavimentação, para posteriormente ser colocada uma camada de areia para assentamento das peças de granito. Para as paredes das construções foi proposto argamassar as juntas com uma argamassa de cal ou barro, executando também uma impermeabilização pelo lado de fora nas paredes que estão em contacto com o solo.

Quanto aos pavimentos quer, do r/chão quer do piso um foram propostas intervenções ao nível de impermeabilização térmica e acústica, mantendo a técnica construtiva, aplicando materiais mais recentes que melhoram os aspectos descritos anteriormente e que se desenharam na ficha técnica.

As coberturas são alvo de uma proposta em termos de impermeabilização e infiltrações, pois este era um aspecto que merecia cuidado acrescido, visto ser necessário interromper a passagem de água e vento para o interior das construções, o que foi conseguido resolver.

As portas e janelas concluiu-se que podem ser executadas da mesma maneira que as originais, pois cumprem relativamente bem o fim a que se destinam, podendo no entanto ser criados alguns batentes como os que mostram as figuras da respectiva ficha, para não deixar passar o vento. Poderá também ser executado um aro a toda a volta das portas e janelas que permite assegurar quer a segurança quer o mecanismo de fecho e abertura.

No que diz respeito às escadas nada foi alterado em relação ao original, visto este tipo de técnica responder na perfeição ao que é exigido. No entanto poderá ser aplicada uma argamassa de barro nas juntas para melhor segurança da estrutura.

As soleiras, ombreiras e padieiras, são características um pouco idênticas, deverá ser criado no caso das ombreiras e padieiras um batente para receber os aros de portas e janelas. As soleiras além de deverem na sua constituição ter batentes, deve ser criada uma soleira exterior no caso das soleiras de porta do r/chão que seja determinante para não deixar passar a água para o interior da construção. Não deverá ser admitido outro material na execução de padieiras, ombreiras e soleiras, se não a pedra.

Por ultimo as cornijas, tão características destas construções que permitem o encastramento da estrutura do telhado, dando-lhe solidez e também servem de remate dos paramentos, sendo colocadas horizontalmente às paredes e um pouco desalinhas com estas para permitir que a água da chuva não escorra pelas paredes.

Como resposta ao quadro apresentado na fundamentação teórica, que dizia respeito aos conceitos, princípios de intervenção, cartas e leis que se iriam aplicar nas propostas de intervenção, fica claro que as propostas apresentadas respeitam os princípios de autenticidade, reversibilidade e a mínima intervenção, sendo estes princípios que ao longo da investigação pareceram os mais adequados à reabilitação desta aldeia.

Destas propostas destaca-se fundamentalmente, a procura pela total integração dos novos materiais no conjunto edificado preexistente, com total preocupação pela reversibilidade das soluções contrutivas adoptadas e pela minimização do seu impacto sobre o património construído.

Por tudo isto a metodologia de intervenção respeita os conceitos teóricos e práticos das operações de conservação e reabilitação, expressas pelos documentos legais nacionais e internacionais, seguindo um respeito absoluto pelo elemento patrimonial preexistente. A adequação das técnicas e materiais propostos, satisfazem necessariamente as condições técnicas impostas pelos regulamentos e normas em vigor, não sendo observável qualquer questão de incompatibilidade nas soluções apresentadas.

Foram ainda definidas algumas recomendações e reflexões que se julgam pertinentes para o caso particular em estudo, não querendo generalizar, nem tornar estas soluções numa receita a seguir e aplicar a todos os casos de aldeias em condições de abandono idênticas e em estado de conservação mau.

## **6.1 Síntese do contributo para o conhecimento**

A realização deste trabalho vem contribuir para além da aprendizagem, valorização pessoal e académica, para o conhecimento e a produção de informação relativa ao aglomerado e à arquitectura vernácula e rural da Aldeia da Anta. Não limitando o contributo à análise numa altura que se multiplicam as preocupações e o interesse pela sua conservação e reabilitação, procurou-se contribuir com algumas ideias e reflexões sobre a forma de intervir fisicamente neste património em vias de classificação.

O objectivo desta dissertação não é chegar a conclusões concretas sobre a maneira de intervir, mas sim criar um documento de trabalho capaz de servir de base para futuros projectos de intervenção na aldeia, com o intuito de promover o projecto de reabilitação da mesma, tendo em conta aspectos relativos ao Urbanismo, à Arquitectura, à Construção e à Sustentabilidade, critérios que são fundamentais para as intervenções que se efectuem na aldeia tanto a nível do espaço urbano como das edificações em particular.

Reabilitar o património rural é assim um grande desafio a enfrentar nos próximos anos e embora tenha sido visível ao longo dos últimos anos uma crescente vocação para a recuperação dos espaços rurais, em alguns casos, essa acção não tem tido repercussões ao nível da sustentabilidade desses territórios, muito devido a grande parte das aldeias se situarem no interior do país, como é o caso da Aldeia da Anta.

A principal missão é a de conservar o vasto património rural, com o intuito de superar os efeitos negativos de degradação e desertificação, contribuindo para a reafirmação desses territórios, e para o reforço da auto-estima e fixação das populações, valorizando o seu património e promovendo as aldeias como lugares de visita.

## REFERÊNCIAS





## Bibliografia

Abreu, M. (1994). *Serras de Portugal*. Lisboa: Gradiva.

Adere (1999). *Manual Território povoamento construção, para as regiões da Parque Natural da Peneda-Gerês*: PNPG: Adere.

Albagli, S. (2004). Território e Territorialidade. In *Território em Movimento: Cultura e identidade como estratégia de inserção competitiva*. São Paulo: SIBRAE.

Albarello, L., Degneffe, F., Hiernaux, J., & Saint-Georges, P. (1997). *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

Amorim, E. (2010). *La casa rural: arquitectura vernácula en el núcleo de o foxo, Galicia* (Dissertação de Mestrado Integrado, Escola Superior Gallaecia, Vila Nova de Cerveira).

Afonso, J., Martins, F., Meneses, C. (coord.). (2004). *Arquitectura Popular em Portugal* (4ª ed.). Lisboa: Ordem dos Arquitectos.

Barroca, M. (2005). *Seminários Muçulmanos e Cristãos entre o Tejo e o Douro*, (séc. VIII a XIII). Palmela: Câmara Municipal.

Benavente, A. (Coord.) (1993). *Cadernos de Inovação Escolar*. Lisboa: Editora.

Bogdan, R. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.

Boito, C. (2002). *Os Restauradores: Artes & Ofícios*. Cotia: Ateliê Editorial.

Brandi, C. (2000). *Teoria de la restauración*. Madrid: Alianza.

Câmara Municipal de Castro Daire. (2014). Património. Recuperado de: [http://www.cm-castrodaire.pt/index.php?option=com\\_content&view=article&id=131&Itemid=166](http://www.cm-castrodaire.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=131&Itemid=166)

Câmara Municipal de Lamego. (1994). Plano Director Municipal [PDM]. Recuperado de: [www.cm-lamego.pt/io/pdm](http://www.cm-lamego.pt/io/pdm)

Câmara Municipal de Tarouca. (2014). Património-edificado. Recuperado de: [www.cm-tarouca.pt/patrimonio-historico/patrimonio-edificado](http://www.cm-tarouca.pt/patrimonio-historico/patrimonio-edificado).

Carta de Burra. (1999). *Conservação e Restauo dos Sítios com Significado Cultural*. Recuperado de: <https://5cidade.files.wordpress.com/2008/03/carta-de-burra.pdf>

Carta de Cracóvia. (2000). *Princípios para a Conservação e o Restauo do Património Construído*. Recuperado de: [www.patrimoniocultural.pt/media/uploads/cc/carta-decracovia2000.pdf](http://www.patrimoniocultural.pt/media/uploads/cc/carta-decracovia2000.pdf)

Carta de Lisboa. (1995). *Sobre a Reabilitação Urbana Integrada*. Recuperado de: [www.patrimoniocultural.pt/media/uploads/cc/cartadelisboa1995.pdf](http://www.patrimoniocultural.pt/media/uploads/cc/cartadelisboa1995.pdf)

*Carta Sobre o Património Construído Vernáculo* (1999). Recuperado de: <https://5cidade.files.wordpress.com/2008/03/carta-sobre-o-patrimonio-construido-vernaculo.pdf>

Carta de Veneza. (1964). *Carta internacional sobre a conservação e o restauro de monumentos e sítios*. Recuperado de: <http://www.google.pt/#q=Carta+de+Veneza%2C+icomos>

Choay, F. (1996). *A alegoria do património*. São Paulo: Editora Unesp

Costa, M. (1977-1979). *História do Bispado e Cidade de Lamego*. Lamego: Oficinas Gráficas de Barbosa & Xavier.

Cordovil, F. C. (1995). *Desenvolvimento Rural e Conservação do Campo*. Comunicação apresentada no Colóquio Os Recursos Agrários, o Mundo Rural e a Conservação do Ambiente, Instituto Superior de Agronomia, Lisboa.

*Declaração de Viena*. (2009). Recuperado de: [www.patrimoniocultural.pt/media/uploads/cc/DECLARACAODEVIENA.pdf](http://www.patrimoniocultural.pt/media/uploads/cc/DECLARACAODEVIENA.pdf)

Decreto-Lei nº 309/2009 de 23 de Outubro. Recuperado de [www.unesco.org/culture/natlaws/media/pdf/portugal/portugal\\_lei309\\_2009\\_pororof.pdf](http://www.unesco.org/culture/natlaws/media/pdf/portugal/portugal_lei309_2009_pororof.pdf).

Dias, M. (2008). *Intervenções de Reabilitação em Património Construído: Projeto de Beneficiação do Castelo de Alter do Chão*. Recuperado de: [dited.bn.pt/31637/2624/3211.pdf](http://dited.bn.pt/31637/2624/3211.pdf).

Duc, E.(2000). *Restauração: Artes & Ofícios*. Cotia: Ateliê Editorial.

Earl, J. (2003). *Building Conservation Philosophy*. Dorset: Donhead.

Feilden, B. (2004). *Conservation of Historic Buildings*. Oxford: Elsevier Butterworth- Heinemann.

Feilden, B., & Jokilehto, J. (1998). *Management Guidelines for World Cultural Heritage Sites* (2nd Ed). Rome: ICCROM

Fernandes, A. (1990a). *História de Lalim: homenagem de Lalim ao Conde Dom Pedro*. Lamego: Câmara Municipal de Lamego, Junta de Freguesia de Lalim.

Fernandes, A. (1990b). *Tarouca na história de Portugal*. Viseu: Câmara Municipal de Tarouca.

Fernandes, A. (1995). *As dez freguesias do Concelho de Tarouca: História e toponímia*. Braga: Câmara Municipal de Tarouca.

Fernandes, J., & Abreu, M. (1994). *Serras de Portugal*. Lisboa: Gradiva.

Flores, M. (2006). *A identidade cultural do território, como base de estratégias de desenvolvimento: uma visão do estado da arte*. Recuperado de: <http://indicadores.fecam.org.br/>

Freitas, V. (2012). *Manual de apoio ao projecto de reabilitação de edifícios antigos*. Porto: Ordem dos Engenheiros da região norte.

Girão, A. (1960). *Geografia de Portugal*. Porto: Portucalense Editora.

- Gil, A. (1995). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Editora Atlas.
- González-Varas, I. (2005). *Conservación de Bienes Culturales: Teoría, historia, principios y normas*. Madrid: Cátedra.
- Google Earth. (2014). *Fotografias Aéreas*. Recuperado de: [www.google.com/earth/](http://www.google.com/earth/)
- Grupo de Estudos Territoriais. (2007). *Estudos de Caracterização do Território Municipal: Fundamentos e Orientações Gerais* (Vol. 1). Lamego: Câmara Municipal.
- Grupo de Estudos Territoriais. (2008). *Estudos de Caracterização do Território Municipal* (Vol. 1 – 2). Lamego: Câmara Municipal.
- Grupos de Unidades de Paisagem F-J. (2004). *Contributos para a identificação e caracterização da paisagem em Portugal*. Lisboa: Universidade de Évora.
- Justicia, M. (2008). *La Restauración de Bienes Culturales en los Textos Normativos: Selección, Traducción y Estudio Crítico de Documentos Normativos Internacionales y Nacionales*. Granada: Comares.
- Leal, F. (1998). *Processo de Classificação da Aldeia da Anta*. Paredes: Junta de Freguesia de Lazarim.
- Lei nº 107/2001 de 8 de Setembro. Diário da República nº 209/01 – I Série – A. Recuperado de: [www.culturacores.azores.gov.pt/ficheiros/legislação/20121031207.pdf](http://www.culturacores.azores.gov.pt/ficheiros/legislação/20121031207.pdf)
- Marques, A., & Serrão, J. (1999). *Nova História de Portugal: Das Invasões germânicas à “reconquista”*. Lisboa: Estampa.
- Marques, C. (2009). The importance of vernacular architecture. *Umuarama: Akropolis*, 17(1), 45-54.
- Mateus, J. (2004). *Estudos do património nº7: Território antigo*. IPPAR
- Mercadal, F. (1930). *La casa popular em España*. Bilbao: Espasa – Calpé.
- Norton, M. (2009). *Alcaria de Mazes, Reconhecimento, Reflexão e Princípios de Intervenção* (Tese de Mestrado, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto).
- Olabuénaga, J. (1996). *Metodología de la investigación cualitativa*. Bilbao: Universidad de Duesto.
- Oliveira, E., & Galhano, F. (1992). *Arquitectura tradicional portuguesa*. Lisboa: Dom Quixote.
- Oliver, P. (1997). *Encyclopedia of Vernacular Architecture of the world*. Cambridge: University Press.
- Puig, A. S. (2000). Ensayo Introductorio. In J. Lurca & N. Osorio (Eds.), *La construcción del territorio, mapa histórico del noroeste de la Península Ibérica*. Barcelona: Lunwerg Editores.

Rapoport, A. (1972). *Vivenda y Cultura*. Barcelona: Gustavo Gili.

Ribeiro, O. (1993). *Portugal o Mediterrâneo e o Atlântico*. Lisboa: João da Costa.

Rudofsky, B. (1964). *Architecture without architects: a short introduction to no pedigree architecture*. New York: Garden City.

Ruskin, J. (2008). *A Lâmpada da Memória*. Cotia: Ateliê Editorial.

Sampaio, C. (2008). *Povoamento e ocupação Sazonal em Castro laboreiro: brandas e inverneiras* (Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto).

Serra, P. (1986). *Alguns Aspectos da Toponímia Lamecense*. Separata dos Anais II. (Vol. 31). Lisboa.

Souza, E., & Pedon, N. (2007). Território e Identidade. *Revista Electrónica da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, 1(6), 126-148.

Teixeira, M. (2013). *Arquitecturas do Granito: arquitectura popular*. Arcos de Valdevez: Câmara Municipal de Arcos de Valdevez.

Torres, C. (1989). *Cláudio, Mértola: Vila museu*. Mértola: Campo Arqueológico.

Varas, I. (2008). *Conservación de Bienes Culturales: Teoría, historia, principios y normas*. Madrid: Ediciones Cátedra.

Vaz, J. (2007). *Lamego na época romana, capital dos Coilarnos*. Lamego: Associação para a Valorização e Defesa do Património do Vale do Douro.

Vegas, F., & Mileto, C. (2011). *Aprendiendo a Restaurar: um Manual de Restauración de La Arquitectura Tradicional de La Comunidad Valenciana*. Valencia: Colegio Oficial de Arquitectos de la Comunidad Valenciana.

Vegas, F., & Mileto, C. (2007). *Renovar conservando: Manual para la restauración de la arquitectura rural del Rincón de Ademuz*. Valencia: Macomunidad del Rincón de Ademuz.

Yin, R. (1984). *Case Study Research: Design and Methods*. Canada: Sage Publications.

## Índice de Figuras

| <b>Fig.</b> | <b>Pág.</b> | <b>Referência</b>                           | <b>Fonte</b>  |
|-------------|-------------|---|---|
| <b>1</b>    | 18          | Perspectiva da Aldeia da Anta               | <a href="http://www.panoramio.com">www.panoramio.com</a>                                |
| <b>2</b>    | 37          | Mapas Orográficos da Cordilheira Central    | <a href="http://web.lettras.up.pt/">http://web.lettras.up.pt/</a>                       |
| <b>3</b>    | 38          | Beira Alta e Serra de Montemuro             | <a href="http://www.drapc.min-agricultura.pt/">http://www.drapc.min-agricultura.pt/</a> |
| <b>4</b>    | 39          | Usos do Solo                                | Estudos de Caracterização do Território Municipal                                       |
| <b>5</b>    | 41          | Campos de cultivo de milho e centeio        |   |
| <b>6</b>    | 43          | Evolução do nº de habitantes                | Estudos de Caracterização do Território Municipal                                       |
| <b>7</b>    | 44          | Variação percentual do nº de habitantes     | Estudos de Caracterização do Território Municipal                                       |
| <b>8</b>    | 44          | População em 2001                           | Estudos de Caracterização do Território Municipal                                       |
| <b>9</b>    | 45          | População em 2011                           | Estudos de Caracterização do Território Municipal                                       |
| <b>10</b>   | 52          | Fauna existente no local                    | <a href="http://www.google.pt">www.google.pt</a>  |
| <b>11</b>   | 52          | Flora existente no local                    | Do autor  |
| <b>12</b>   | 54          | Imagens dos locais na envolvente da Aldeia  | <a href="https://earth.google.com">https://earth.google.com</a>                         |
| <b>13</b>   | 55          | Túmulos Antropomórficos e Ponte das Poldras | <a href="http://fidalgodocastelo.blogs">http://fidalgodocastelo.blogs</a>               |
| <b>14</b>   | 55          | Malhas de Centeio                           | <a href="http://fidalgodocastelo.blogs">http://fidalgodocastelo.blogs</a>               |
| <b>15</b>   | 59          | Paisagem da Aldeia da Anta                  | <a href="http://ospeletras.blogspot.com">ospeletras.blogspot.com</a>                    |
| <b>16</b>   | 60          | Paisagem do povoamento                      | Do autor  |
| <b>17</b>   | 62          | Aldeia de Mazes                             | Do autor  |
| <b>18</b>   | 62          | Planta de Mazes                             | Do autor  |
| <b>19</b>   | 63          | Aldeia de Meijinhos                         | Do autor  |

| <b>Fig.</b> | <b>Pág.</b> | <b>Referência</b>   | <b>Fonte</b>   |
|-------------|-------------|---|--|
| <b>20</b>   | 63          | Aldeia de Melcões   | Do autor   |
| <b>21</b>   | 63          | Planta de Meijinhos   | Do autor   |
| <b>22</b>   | 63          | Planta de Melcões   | Do autor   |
| <b>23</b>   | 64          | Aldeia de Várzea da Serra   | varzeadaserra.no.sapo.pt   |
| <b>24</b>   | 65          | Planta de Várzea da Serra   | Do autor   |
| <b>25</b>   | 66          | Vila de Lazarim   | Do autor   |
| <b>26</b>   | 66          | Vila de Lalim   | Do autor   |
| <b>27</b>   | 66          | Planta de Lazarim   | Do autor   |
| <b>28</b>   | 66          | Planta de Lalim   | Do autor   |
| <b>29</b>   | 67          | Declive da montanha, desde a Anta a Lazarim                               | <a href="https://earth.google.com">https://earth.google.com</a>        |
| <b>30</b>   | 68          | Localização dos Moinhos   | <a href="https://earth.google.com">https://earth.google.com</a>        |
| <b>31</b>   | 68          | Moinhos   | <a href="http://lamegoimage.blogspot.com">lamegoimage.blogspot.com</a> |
| <b>32</b>   | 70          | Aldeia da Anta  | Do autor   |
| <b>33</b>   | 72          | Idosas da Aldeia da Anta  | Do autor   |
| <b>34</b>   | 72          | Construção em ruínas  | Do autor   |
| <b>35</b>   | 73          | Construções descontextualizadas   | Do autor   |
| <b>36</b>   | 74          | Encontro entre dois caminhos principais – AR1 e AR2                       | Do autor   |
| <b>37</b>   | 75          | Aldeia da Anta, Estrutura Urbana  | Do autor   |
| <b>38</b>   | 77          | AR1 – Arruamento 1  | Do autor   |
| <b>39</b>   | 78          | Aglutinação de casa em U  | Do autor   |
| <b>40</b>   | 79          | AR2 – Arruamento 2  | Do autor   |
| <b>41</b>   | 80          | Linhas de acesso às lameiras e requeiras                                  | Do autor   |
| <b>42</b>   | 80          | Caminhos secundários, atalhos   | Do autor   |
| <b>43</b>   | 81          | Estrutura Urbana – Espaço Público, Semipúblico e Privado – Eiras e Largos | Do autor   |
| <b>44</b>   | 83          | Caso 6 e arrumos de carros de bois  | Do autor   |

| <b>Fig.</b> | <b>Pág.</b> | <b>Referência</b>   | <b>Fonte</b> |
|-------------|-------------|---|--------------|
| <b>45</b>   | 84          | Largos  | Do autor     |
| <b>46</b>   | 85          | Eiras   | Do autor     |
| <b>47</b>   | 86          | Planta de coberturas  | Do autor     |
| <b>48</b>   | 88          | Agregações volumétricas   | Do autor     |
| <b>49</b>   | 91          | Formação e crescimento do lugar                                 | Do autor     |
| <b>50</b>   | 93          | Planta de tipologias  | Do autor     |
| <b>51</b>   | 94          | Tipologia 1 – Casa  | Do autor     |
| <b>52</b>   | 94          | Tipologia 1 – Habitação, palheiro e curral                      | Do autor     |
| <b>53</b>   | 95          | Tipologia 2   | Do autor     |
| <b>54</b>   | 97          | Tipologia 3   | Do autor     |
| <b>55</b>   | 98          | Tipologia 4 – Casa do lado esquerdo                             | Do autor     |
| <b>56</b>   | 98          | Planta da tipologia 4   | Do autor     |
| <b>57</b>   | 99          | Palheiro ou curral  | Do autor     |
| <b>58</b>   | 100         | Gráfico de percentagem de usos                                  | Do autor     |
| <b>59</b>   | 101         | Planta de usos  | Do autor     |
| <b>60</b>   | 103         | Recursos naturais empregues na construção                       | Do autor     |
| <b>61</b>   | 104         | Paredes em granito  | Do autor     |
| <b>62</b>   | 106         | Materiais de origem mineral                                     | Do autor     |
| <b>63</b>   | 107         | Paredes irregulares e paredes regulares                         | Do autor     |
| <b>64</b>   | 108         | Delimitação de terrenos com um muro de lajetas de pedra ao alto | Do autor     |
| <b>65</b>   | 108         | Pedras naturais que servem de parede                            | Do autor     |
| <b>66</b>   | 110         | Batentes das portas   | Do autor     |
| <b>67</b>   | 111         | Janelas no eixo da cumieira                                     | Do autor     |
| <b>68</b>   | 111         | Estrutura dos pavimentos  | Do autor     |
| <b>69</b>   | 112         | Cornijas em peças de granito                                    | Do autor     |



| <b>Fig.</b> | <b>Pág.</b> | <b>Referência</b>                       | <b>Fonte</b> |
|-------------|-------------|---|--------------|
| <b>70</b>   | 113         | Estrutura das coberturas                | Do autor     |
| <b>71</b>   | 118         | Construções Descaracterizadas na Aldeia | Do autor     |
| <b>72</b>   | 119         | Ruas da Aldeia                          | Do autor     |
| <b>73</b>   | 119         | Pavimento em Cubo de Granito            | Do autor     |
| <b>74</b>   | 119         | Pavimento em Granito Repavimentado      | Do autor     |
| <b>75</b>   | 119         | Pavimentação Original                   | Do autor     |
| <b>76</b>   | 120         | Pavimentações Originais na Aldeia       | Do autor     |
| <b>77</b>   | 121         | Paredes Resistentes                     | Do autor     |
| <b>78</b>   | 121         | Parede Descaracterizada                 | Do autor     |
| <b>79</b>   | 121         | Parede Alterada                         | Do autor     |
| <b>80</b>   | 121         | Parede Apropriada                       | Do autor     |
| <b>81</b>   | 122         | Argamassa de Cimento                    | Do autor     |
| <b>82</b>   | 122         | Argamassa de Barro                      | Do autor     |
| <b>83</b>   | 123         | Pavimentos Originais                    | Do autor     |
| <b>84</b>   | 123         | Pavimento em Cimento Descaracterizado   | Do autor     |
| <b>85</b>   | 123         | Estrutura do Pavimento Alterado         | Do autor     |
| <b>86</b>   | 123         | Pavimento em Madeira Original           | Do autor     |
| <b>87</b>   | 125         | Coberturas Originais                    | Do autor     |
| <b>88</b>   | 125         | Cobertura Descaracterizada              | Do autor     |
| <b>89</b>   | 125         | Cobertura Alterada em Telha Marselha    | Do autor     |
| <b>90</b>   | 125         | Cobertura Original em Colmo             | Do autor     |
| <b>91</b>   | 126         | Estruturas de Cobertura                 | Do autor     |
| <b>92</b>   | 127         | Portas e Janelas Originais              | Do autor     |
| <b>93</b>   | 127         | Portas e Janelas Descaracterizadas      | Do autor     |
| <b>94</b>   | 127         | Portas e Janelas Alteradas              | Do autor     |

| <b>Fig.</b> | <b>Pág.</b> | <b>Referência</b>          | <b>Fonte</b> |
|-------------|-------------|----------------------------|--------------|
| <b>95</b>   | 127         | Portas e Janelas Originais | Do autor     |
| <b>96</b>   | 129         | Escadas Originais          | Do autor     |
| <b>97</b>   | 129         | Escadas Descaracterizadas  | Do autor     |
| <b>98</b>   | 129         | Escadas Alteradas          | Do autor     |
| <b>99</b>   | 129         | Escadas Originais          | Do autor     |
| <b>100</b>  | 131         | Soleiras Originais         | Do autor     |
| <b>101</b>  | 131         | Soleira Descaracterizada   | Do autor     |
| <b>102</b>  | 131         | Soleira Alterada           | Do autor     |
| <b>103</b>  | 131         | Soleira Original           | Do autor     |
| <b>104</b>  | 133         | Padieiras Originais        | Do autor     |
| <b>105</b>  | 133         | Padieira Descaracterizada  | Do autor     |
| <b>106</b>  | 133         | Padieira Alterada          | Do autor     |
| <b>107</b>  | 133         | Padieira Original          | Do autor     |
| <b>108</b>  | 134         | Padieira em Madeira        | Do autor     |
| <b>109</b>  | 134         | Padieira em betão          | Do autor     |
| <b>110</b>  | 135         | Ombreiras Originais        | Do autor     |
| <b>111</b>  | 135         | Ombreiras Descaracterizada | Do autor     |
| <b>112</b>  | 135         | Ombreira Alterada          | Do autor     |
| <b>113</b>  | 135         | Ombreira Original          | Do autor     |
| <b>114</b>  | 136         | Ombreiras Originais        | Do autor     |
| <b>115</b>  | 137         | Cornijas Originais         | Do autor     |
| <b>116</b>  | 137         | Cornija Descaracterizada   | Do autor     |
| <b>117</b>  | 137         | Cornija Alterada           | Do autor     |
| <b>118</b>  | 137         | Cornija Original           | Do autor     |

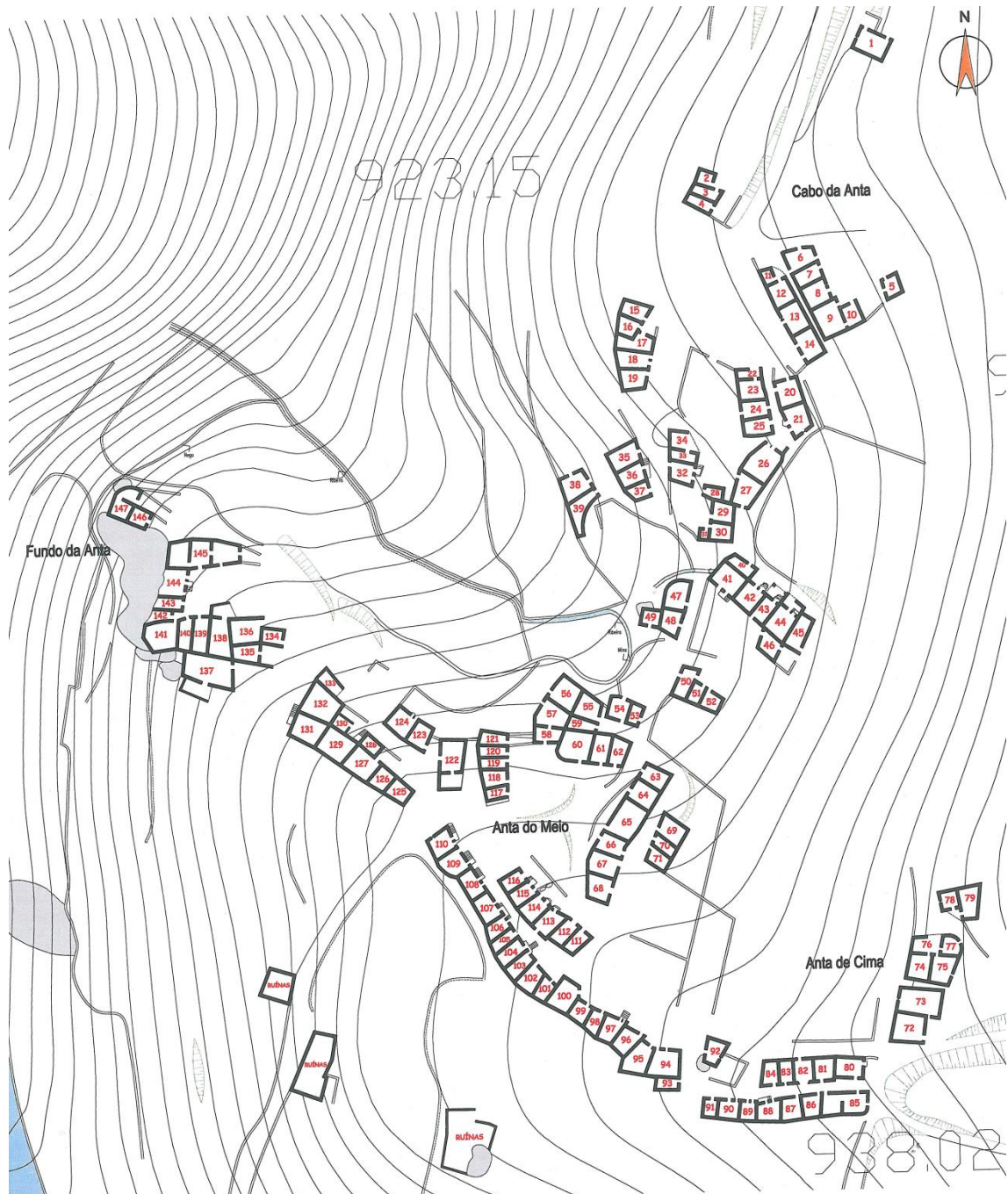






## Caracterização por Unidade Edificatória

### Numeração e Implantação das Construções

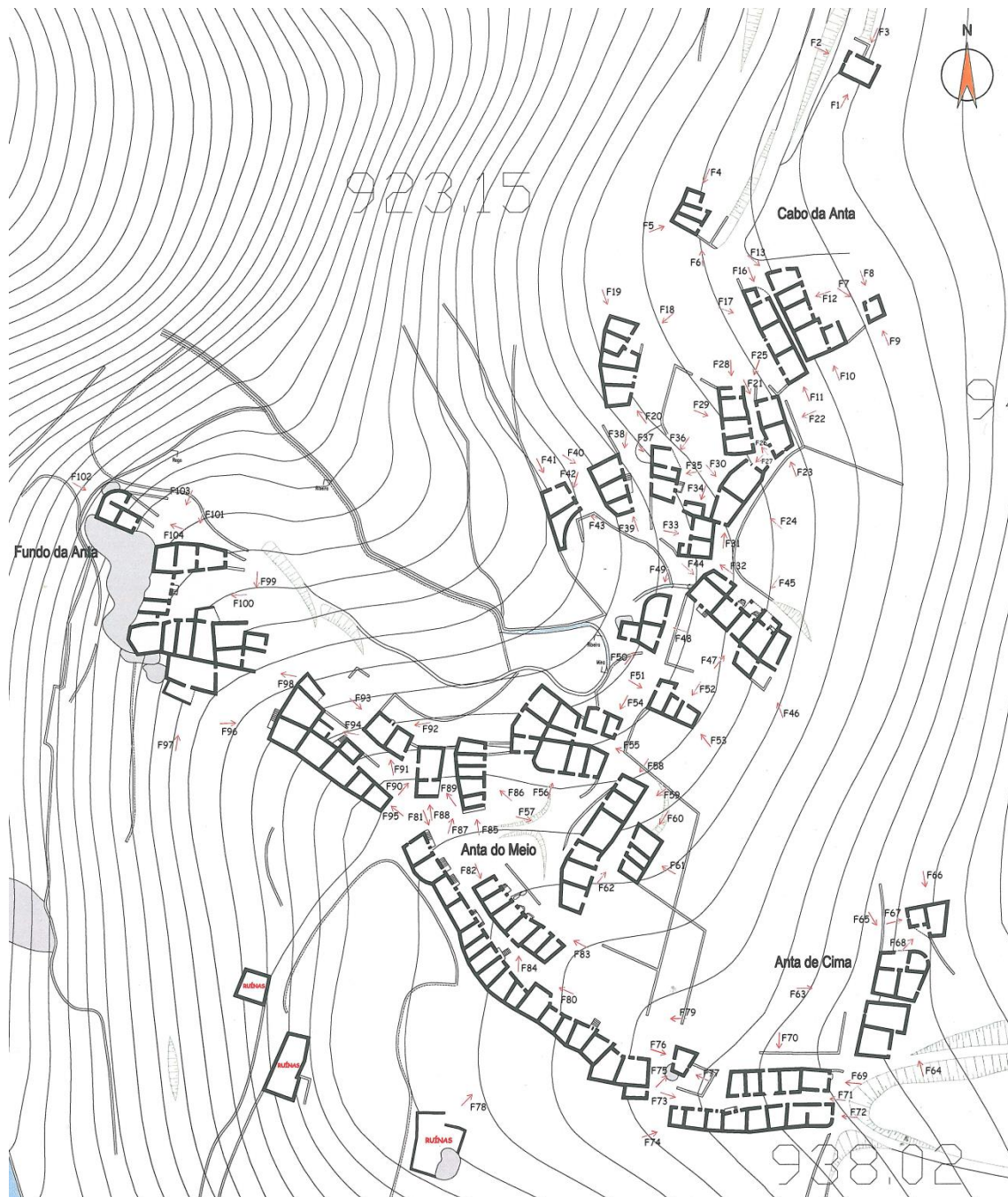


S/Escala





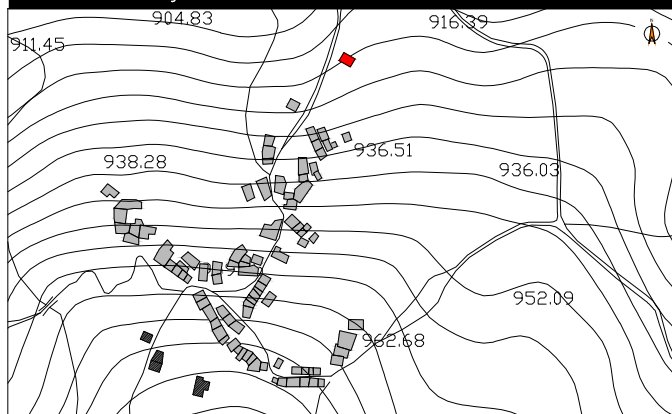
## Planta com Indicação do Sentido das Fotografias



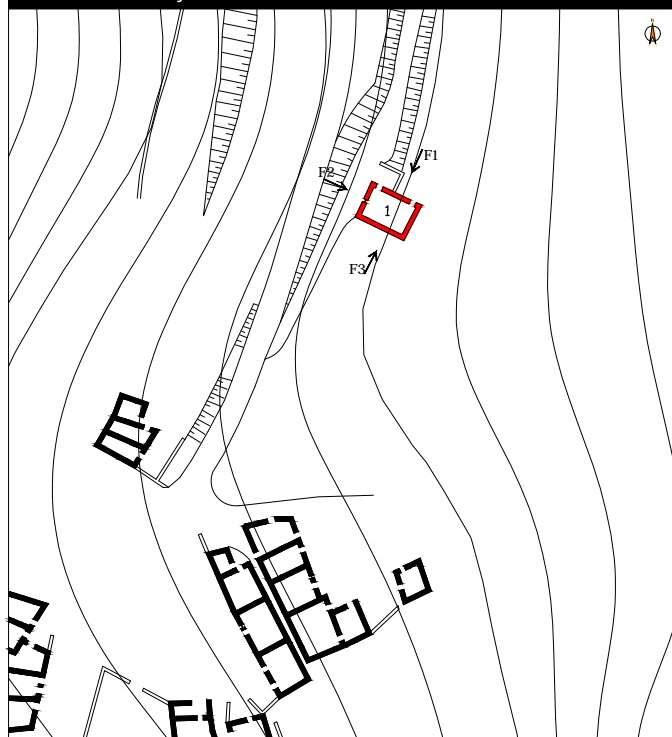
S/Escala



## 1 - LOCALIZAÇÃO - ESC: 1/5000



## 2 - IMPLANTAÇÃO - ESC: 1/1000



## 3 - DADOS GERAIS DA EDIFICAÇÃO

- Localização: Aldeia da Anta
- Freguesia: Lazarim
- Concelho: Lamego
- Coordenadas GPS: 41° 00' 28.17" N - 7° 51' 18.20" O
- Uso Original: Habitação e Curral
- Proprietário: Armando Rodrigues
- Estado de Conservação: Bom

## 4 - CARACTERÍSTICAS RELEVANTES / ESTADO ACTUAL

- Esta unidade é composta por dois pisos, com acesso a cada um deles através de um vão em cada piso.
- Quanto à forma, a unidade apresenta planta rectângular, sem quaisquer divisões. O telhado é composto por 2 águas.
- É dada a esta unidade a tipologia 4, também designada como " habitação e Curral " , sendo o curral no piso inferior e a habitação no piso superior.
- Os materiais de construção que constituem esta unidade são, a pedra granítica que é usada nas paredes, a madeira que compõe as portas, janelas e estrutura do telhado e a telha marselha que reveste a cobertura.
- O sistema construtivo utilizado é o assentamento em pedra seca, sem qualquer argamassa utilizada nas juntas. As pedras são assentes na melhor posição, de maneira a que encaixem, utilizando as maiores e mais consistentes junto das portas, janelas e nos cunhais da construção. As paredes de pedra são de duas faces à vista, não recebendo qualquer tratamento ou corte para ficarem mais regulares.
- A cobertura é de duas águas, a estrutura do telhado é em madeira revestida a telha marselha, com uma inclinação suficiente para escoar quer a chuva, quer a neve que cai com alguma frequência no inverno.
- Quanto ao estado de conservação actual da unidade, este é bom, não apresentando características que possam levar à sua ruína iminente, embora esteja desabitada, servindo ainda em algumas alturas do ano para guardar gado.
- Nota-se que ao longo dos tempos houve cuidado em conservar esta unidade, nomeadamente no que diz respeito à cobertura que já foi alvo de uma alteração, deixando de ser em Colmo que era o material original e passou a ser em telha marselha.

## 5 - NOTAS IMPORTANTES

- Esta unidade é a que está situada mais a norte da Aldeia da Anta.
- É importante também referir que esta unidade não foi alvo de modificações em termos de áreas, cercas ou volumetrias, mantendo-se assim a sua originalidade.
- No local não existem quaisquer tipo de infra-estruturas básicas, nomeadamente electricidade, água e esgotos.
- Esta unidade está localizada mais ou menos a 934m de altitude.

## 6 - FOTOGRAFIAS

F1



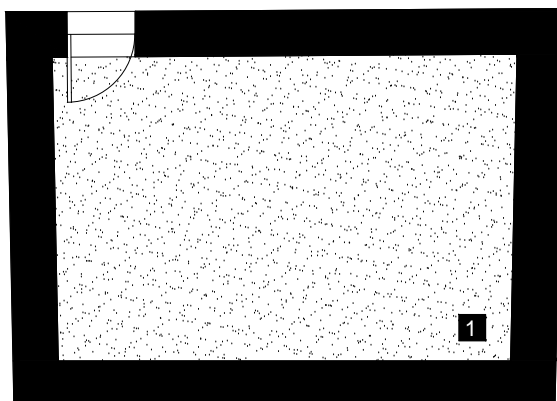
F2



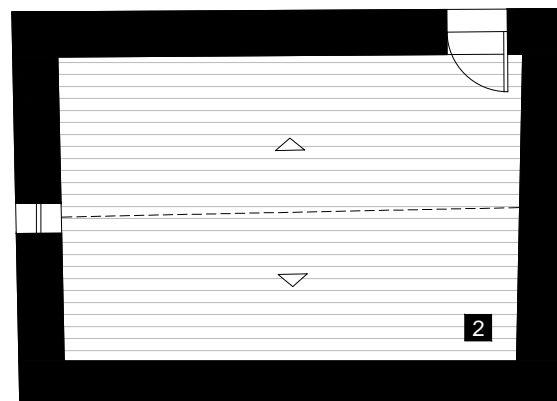
F3



## 7 - PLANTAS DE ARQUITECTURA - Esc: 1/100

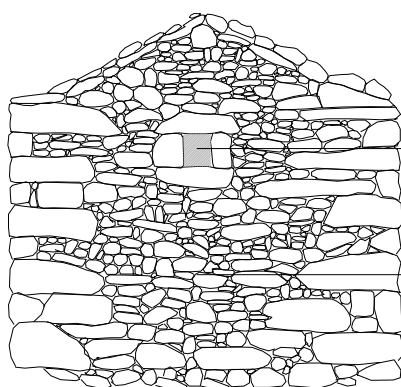


Planta da Cave - Curral

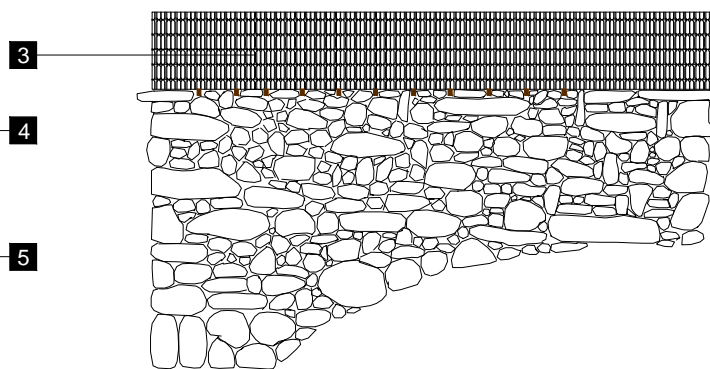


Planta do Piso 0 - Habitação

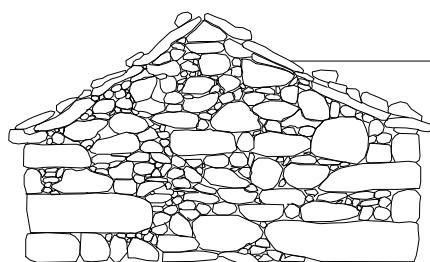
## 8 - ALÇADOS - Esc: 1/100



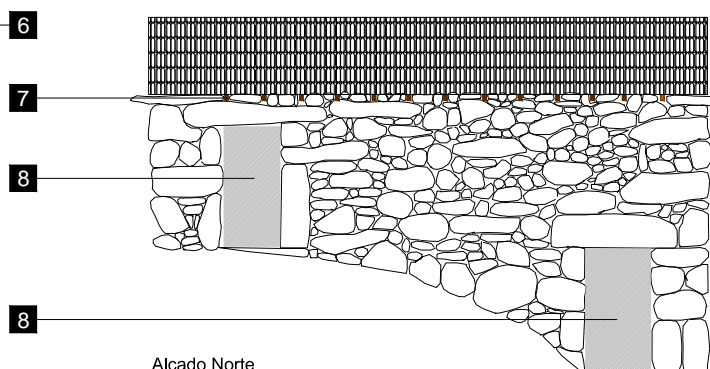
Alçado Poente



Alçado Sul



Alçado Nascente



Alçado Norte

## 9 - LEGENDA

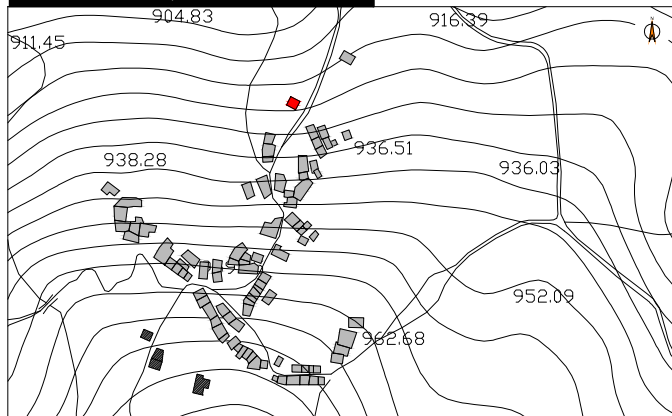
- 1 Cave - Curral
- 2 Piso 0 - Habitação
- 3 Telha Marselha
- 4 Janela em Madeira
- 5 Pedra Granítica
- 6 Cornija em Peças de Granito
- 7 Estrutura do Telhado em Madeira
- 8 Porta em Madeira
- Indicação das Águas

Área de Construção - 56.00 m<sup>2</sup>  
 Área de Implantação - 38.00 m<sup>2</sup>  
 Área Útil - 48.96 m<sup>2</sup>  
 Cércea Máxima - 3.70 m  
 Volumetria - 263.20 m<sup>3</sup>  
 Altura máxima da Edificação - 4.70 m  
 Número de Pisos - 2  
 Cobertura - 2 águas  
 Tipologia - 4 - Habitação e Curral

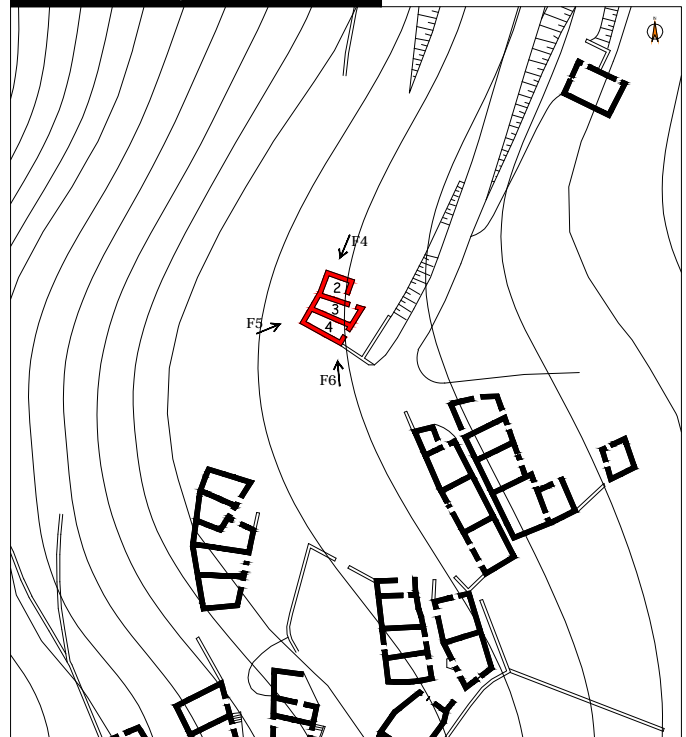
Vãos - 1 Janela e 2 Portas  
 Planta - Rectangular  
 Materiais - Pedra, Madeira e Telha  
 Paredes - Pedra Granítica  
 Pavimentos - Cave: Terra  
 Piso 0: Madeira  
 Cobertura - Estrutura em madeira com revestimento em telha cerâmica



## 1 - LOCALIZAÇÃO - ESC: 1/5000



## 2 - IMPLANTAÇÃO - ESC: 1/1000



## 3 - DADOS GERAIS DA EDIFICAÇÃO

- Localização: Aldeia da Anta
- Freguesia: Lazarim
- Concelho: Lamego
- Coordenadas GPS: 41° 00' 27.22" N - 7° 51' 19.66" O
- Uso Original: Habitação, Palheiro e Curral
- Proprietário: Manuel Martins Peixoto
- Estado de Conservação: Em Ruínas

## 4 - CARACTERÍSTICAS RELEVANTES / ESTADO ACTUAL

- Esta unidade é composta por 3 construções, cada uma com um piso e um acesso ao exterior independente.
- Quanto à forma, a unidade apresenta planta em L, com 3 divisões. O telhado é composto por 2 águas, dividido em duas partes.
- É dada a esta unidade a tipologia 1, também designada como " habitação, palheiro e curral " sendo o número 2 o curral, o número 3 palheiro e curral e o número 4 destinado a habitação.
- Os materiais de construção que constituem esta unidade são, a pedra granítica que é usada nas paredes, a madeira que compõe as portas, janelas e estrutura do telhado.
- O sistema construtivo utilizado é o assentamento em pedra seca, sem qualquer argamassa utilizada nas juntas. As pedras são assentes na melhor posição de maneira a que encaixem, utilizando as maiores e mais consistentes junto das portas, janelas e nos cunhais da construção. Estas paredes de pedra são de duas faces à vista, não recebendo qualquer tratamento ou corte para ficarem mais regulares.
- A cobertura é de duas águas, a estrutura do telhado é em madeira sem qualquer revestimento à vista, já que o telhado se encontra demlido.
- Quanto ao estado de conservação actual da unidade, este é mau (em Ruínas), encontrando-se totalmente desabitada.
- Nota-se que ao longo dos tempos esta unidade não foi alvo de qualquer manutenção ou reconstrução.

## 5 - NOTAS IMPORTANTES

- Esta unidade situa-se na entrada da Aldeia que vem de Mazes para a Anta..
- É importante também referir que esta unidade não foi alvo de modificações em termos de áreas, cercas ou volumetrias, mantendo-se assim a sua originalidade.
- No local não existem quaisquer tipo de infra-estruturas básicas, nomeadamente electricidade, água e esgotos.
- Esta unidade está localizada mais ou menos a 934m de altitude.

## 6 - FOTOGRAFIAS

F4

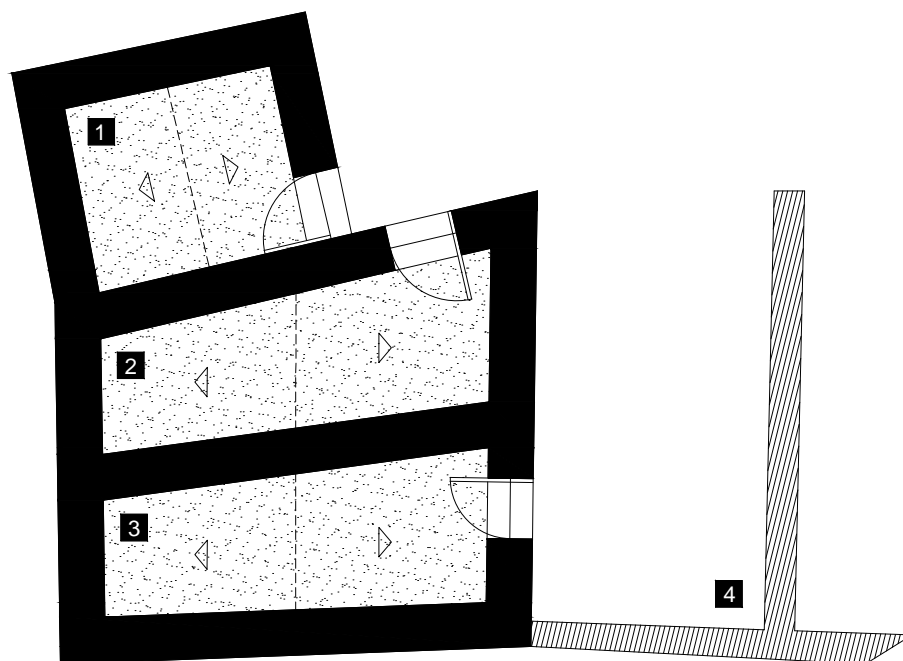


F5



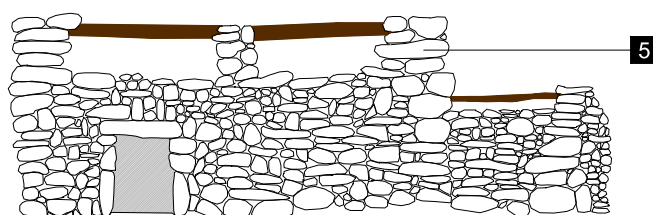
F6



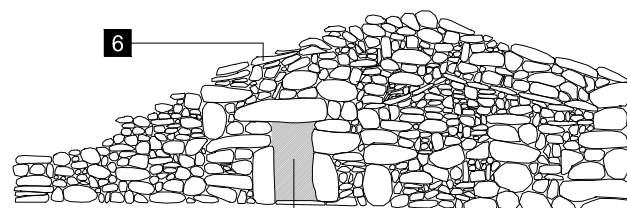


Planta do Piso 0 - Habitação, Palheiro, Curral e Arrumos para Carro de Bois

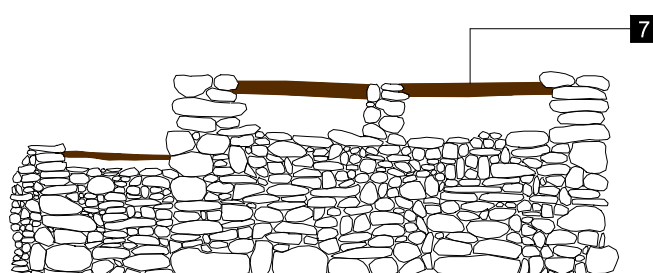
## 8 - ALÇADOS - Escala Gráfica



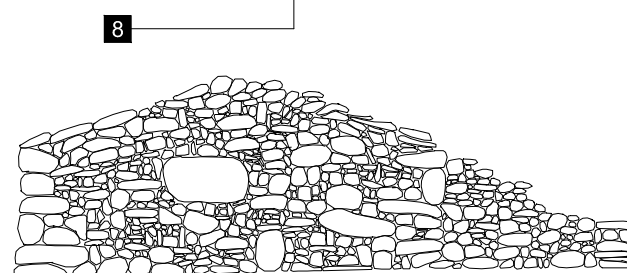
Alçado Nascente



Alçado Norte



Alçado Poente



Alçado Sul



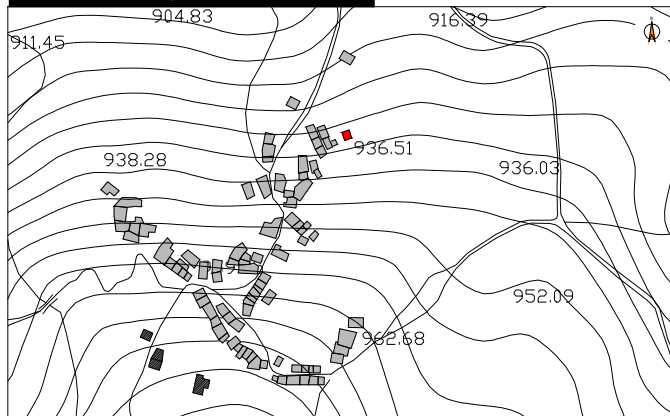
## 9 - LEGENDA

- 1** Curral
- 2** Palheiro e Curral
- 3** Habitação
- 4** Anexo para carro de Bois
- 5** Pedra Granítica
- 6** Cornija em Peças de Granito
- 7** Estrutura do Telhado em Madeira
- 8** Porta em Madeira
- Indicação das Águas

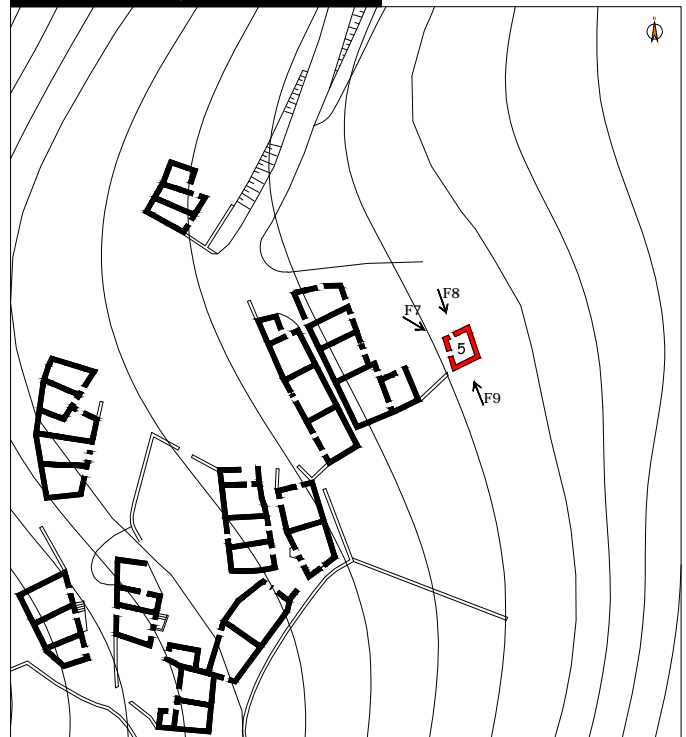
Área de Construção - 46.20 m<sup>2</sup>  
 Área de Implantação - 67.66 m<sup>2</sup>  
 Área Útil - 24.99 m<sup>2</sup>  
 Cércia Máxima - 1.90 m  
 Volumetria - 87.78 m<sup>3</sup>  
 Altura da Edificação - 2.64 m  
 Número de Pisos - 1  
 Cobertura - 2 águas  
 Tipologia - 1 - Habitação, Palheiro, Curral  
 e Arrumos para carro de bois

Vãos - 3 Portas  
 Planta - L  
 Materiais - Pedra, Madeira e Telha  
 Paredes - Pedra Granítica  
 Pavimentos - Piso 0: Terra  
 Cobertura - Estrutura em madeira

## 1 - LOCALIZAÇÃO - ESC: 1/5000



## 2 - IMPLANTAÇÃO - ESC: 1/1000



## 3 - DADOS GERAIS DA EDIFICAÇÃO

- Localização: Aldeia da Anta
- Freguesia: Lazarim
- Concelho: Lamego
- Coordenadas GPS: 41° 00' 26.52" N - 7° 51' 18.18" O
- Uso Original: Palheiro e Curral
- Proprietário: José Costinha
- Estado de Conservação: Médio

## 4 - CARACTERÍSTICAS RELEVANTES / ESTADO ACTUAL

- Esta unidade é composta por um dois pisos, com acesso a cada um deles através de um vão em cada piso.
- Quanto à forma, a unidade apresenta planta quadrangular, sem quaisquer divisões. O telhado é composto por 2 águas.
- É dada a esta unidade a tipologia 4, também designada como "palheiro e curral", sendo o curral no piso inferior e o palheiro no piso superior.
- Os materiais de construção que constituem esta unidade são, a pedra granítica que é usada nas paredes, a madeira que compõe as portas, janelas e estrutura do telhado e o zinco que reveste a cobertura.
- O sistema construtivo utilizado é o assentamento em pedra seca, sem qualquer argamassa utilizada nas juntas. As pedras são assentes na melhor posição de maneira a que encaixem, utilizando as maiores e mais consistentes junto das portas, janelas e nos cunhais da construção. Estas paredes de pedra são de duas faces à vista, mas não recebem qualquer tratamento ou corte para ficarem mais regulares.
- A cobertura é de duas águas, a estrutura do telhado é em madeira com revestimento em chapas de zinco, com uma inclinação suficiente para escoar quer a chuva, quer a neve que cai com alguma frequência no inverno
- Quanto ao estado de conservação actual da unidade, este é médio, pois não está em ruínas mas também não apresenta um estado de conservação bom, tendo algumas paredes a criar barriga. Neste momento ainda está a ser utilizada como palheiro e curral.
- Nota-se que ao longo dos tempos esta unidade foi alvo de manutenção ao nível da cobertura, já que a original era em colmo e neste momento foi substituída por chapas de zinco.

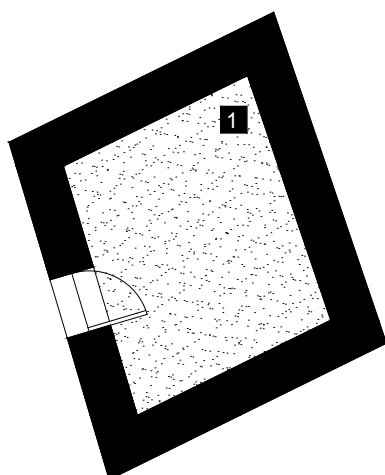
## 5 - NOTAS IMPORTANTES

- Esta unidade é uma das que se situa mais a nascente de toda a aldeia.
- É importante também referir que esta unidade não foi alvo de modificações em termos de áreas, cêrceas ou volumetrias, mantendo-se assim a sua originalidade.
- A única alteração substancial foi na cobertura.
- No local não existem quaisquer tipo de infra-estruturas básicas, nomeadamente electricidade, água e esgotos.
- Esta unidade está localizada mais ou menos a 936.50m de altitude.

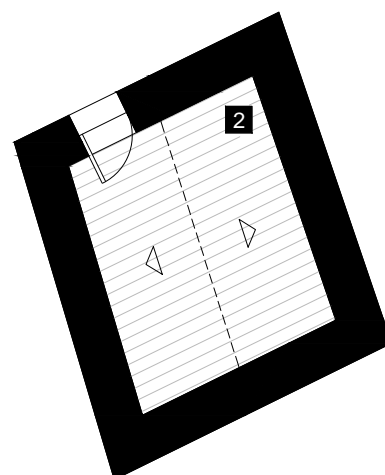
## 6 - FOTOGRAFIAS



## 7 - PLANTAS DE ARQUITECTURA - Esc: 1/100

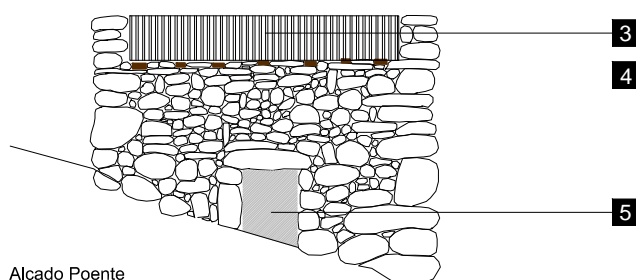


Planta da Cave - Curral

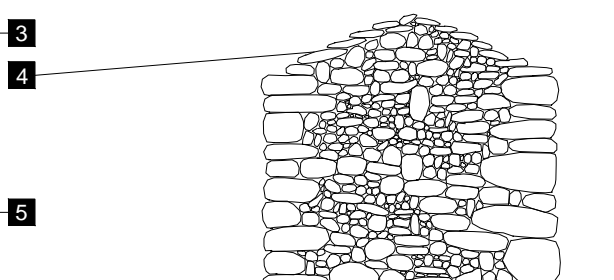


Planta do Piso 0 - Palheiro

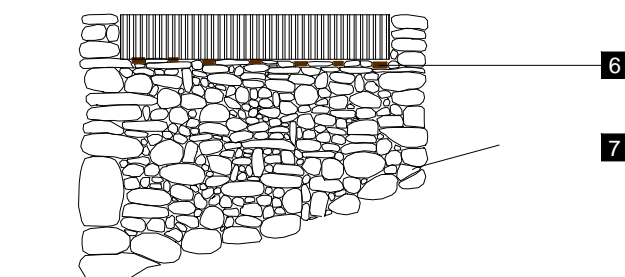
## 8 - ALÇADOS - Esc: 1/100



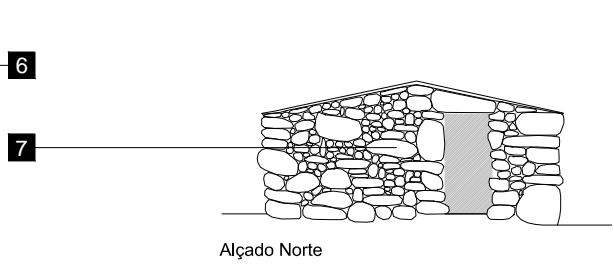
Alçado Poente



Alçado Sul




Alçado Nascente



Alçado Norte

## 9 - LEGENDA

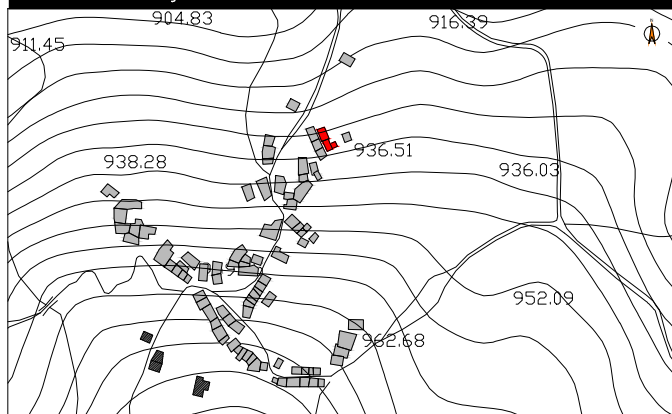
- 1** Curral
- 2** Palheiro
- 3** Paineis em Zinco
- 4** Cornija em Peças de Granito
- 5** Porta em Madeira
- 6** Estrutura do Telhado em Madeira
- 7** Paredes em Pedra Granítica
-  Indicação das Águas

Área de Construção - 36.64 m<sup>2</sup>  
 Área de Implantação - 18.32 m<sup>2</sup>  
 Área Útil - 18.80 m<sup>2</sup>  
 Cércia Máxima - 1.80 m  
 Volumetria - 65.95 m<sup>3</sup>  
 Altura da Edificação - 3.55 m  
 Número de Pisos - 2  
 Cobertura - 2 águas  
 Tipologia - 2 - Palheiro e Curral

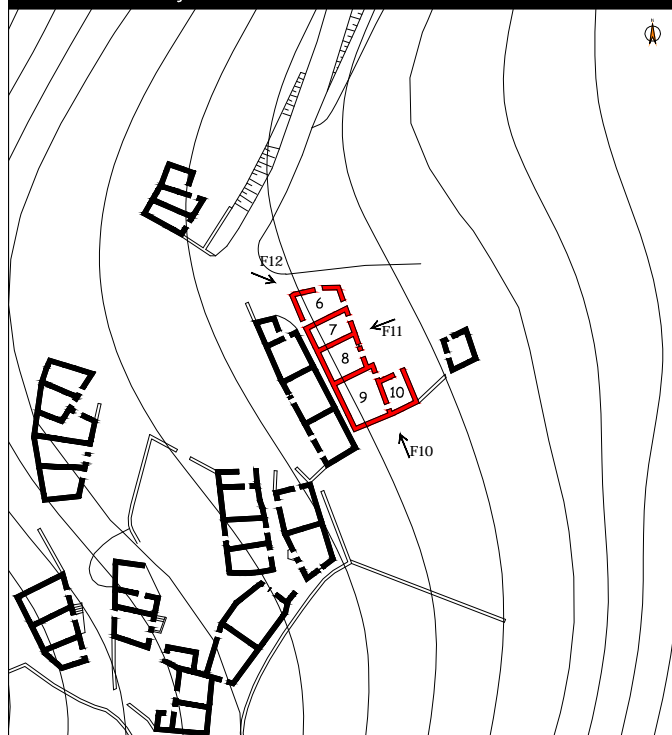
Vãos - 2 Portas  
 Planta - Quadrangular  
 Materiais - Pedra, Madeira e Telha  
 Paredes - Pedra Granítica  
 Pavimentos - Cave: Terra  
 Piso 0: Madeira  
 Cobertura - Estrutura em madeira com revestimento em Chapas de Zinco



## 1 - LOCALIZAÇÃO - ESC: 1/5000



## 2 - IMPLANTAÇÃO - ESC: 1/1000



## 3 - DADOS GERAIS DA EDIFICAÇÃO

- Localização: Aldeia da Anta
- Freguesia: Lazarim
- Concelho: Lamego
- Coordenadas GPS: 41° 00' 26.47" N - 7° 51' 18.78" O
- Uso Original: Habitação, Palheiro e Curral
- Proprietário: Armando R. Maria E. e Daniel C.
- Estado de Conservação: Em Ruínas

## 4 - CARACTERÍSTICAS RELEVANTES / ESTADO ACTUAL

- Esta unidade é composta por 5 construções, sendo as construções 6 e 7 de um piso e as construções 8, 9 e 10 de um piso e meio com acesso pelo interior. Todas elas têm acesso próprio ao exterior.
- Quanto à forma, esta unidade apresenta planta em L, com 5 divisões. O telhado é composto por 2 águas.
- É dada a esta unidade a tipologia 1 e 2, também designadas como " habitação, Palheiro e Curral ", sendo o número 6 curral, o 7 e 8 palheiro e curral e o 9 e 10 habitação e curral.
- Os materiais de construção que constituem esta unidade são, a pedra granítica que é usada nas paredes, a madeira que compõe as portas, janelas e estrutura do telhado e o zinco e colmo que revestem a cobertura.
- O sistema construtivo utilizado é o assentamento em pedra seca, sem qualquer argamassa utilizada nas juntas. As pedras são assentes na melhor posição de maneira a que encaixem, utilizando as maiores e mais consistentes junto das portas, janelas e nos cunhais da construção. Estas paredes de pedra são de duas faces à vista, não recebendo qualquer tratamento ou corte para ficarem mais regulares.
- A cobertura é de duas águas, a estrutura do telhado é em madeira revestida a zinco e colmo, com uma inclinação suficiente para escoar quer a chuva, quer a neve que cai com alguma frequência.
- Quanto ao estado de conservação actual da unidade, esta encontra-se em ruínas, apresentando algumas partes já demolidas e outras em vias de ruir. Embora esteja desabitada, serve ainda em algumas alturas do ano para guardar gado.
- Nota-se que ao longo dos tempos houve algum cuidado em conservar algumas partes desta unidade, já que se nota uma alteração ao nível da cobertura na construção 7, deixando de estar no seu material original, para passar a ter outro material (zinco).

## 5 - NOTAS IMPORTANTES

- Esta unidade tem a particularidade de estar muito próxima de uma outra com as mesmas características, ficando entre elas um espaço muito pequeno, encontrando-se quase encostadas.
- É importante também referir que esta unidade não foi alvo de modificações em termos de áreas, cercas ou volumetrias, mantendo-se assim a sua originalidade.
- No local não existem quaisquer tipo de infra-estruturas básicas, nomeadamente electricidade, água e esgotos.
- Esta unidade está localizada mais ou menos a 936.50m de altitude.
- Só a construção nº 7 foi alvo de uma alteração em termos de cobertura, mudando o colmo original para chapas de zinco.

## 6 - FOTOGRAFIAS

F10

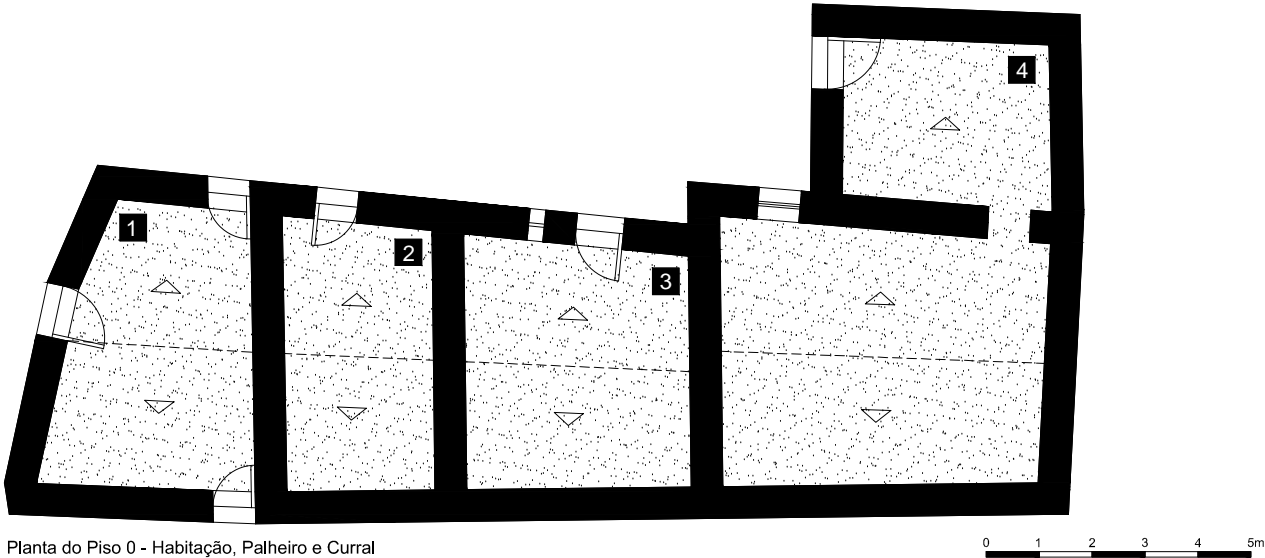


F11



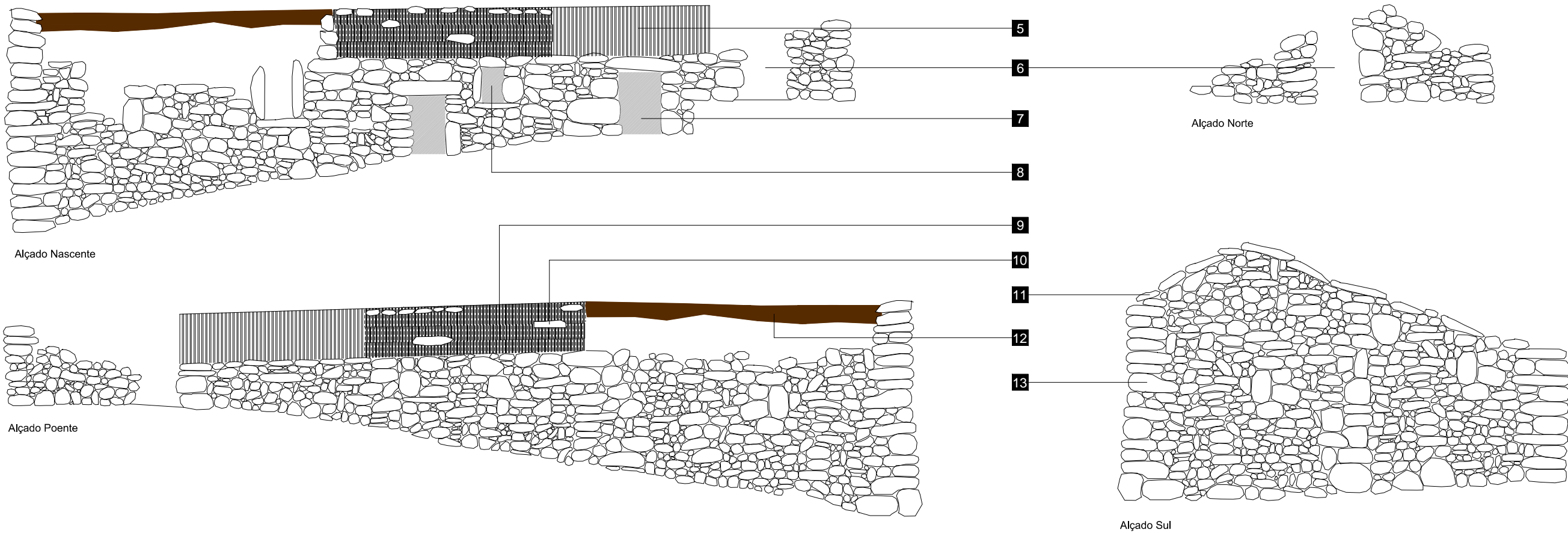
F12






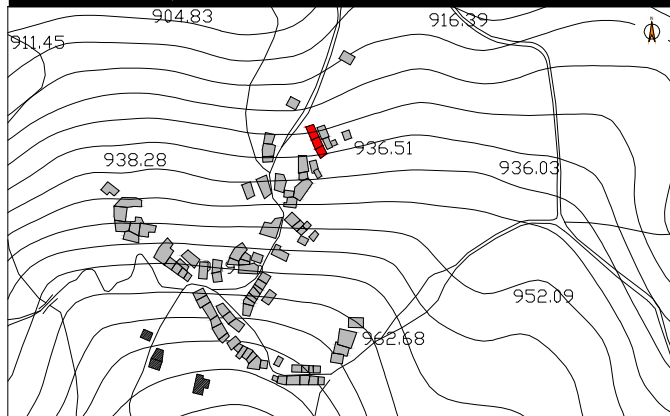
Planta do Piso 0 - Habitação, Palheiro e Curral

8 - ALÇADOS - Esc: 1/100

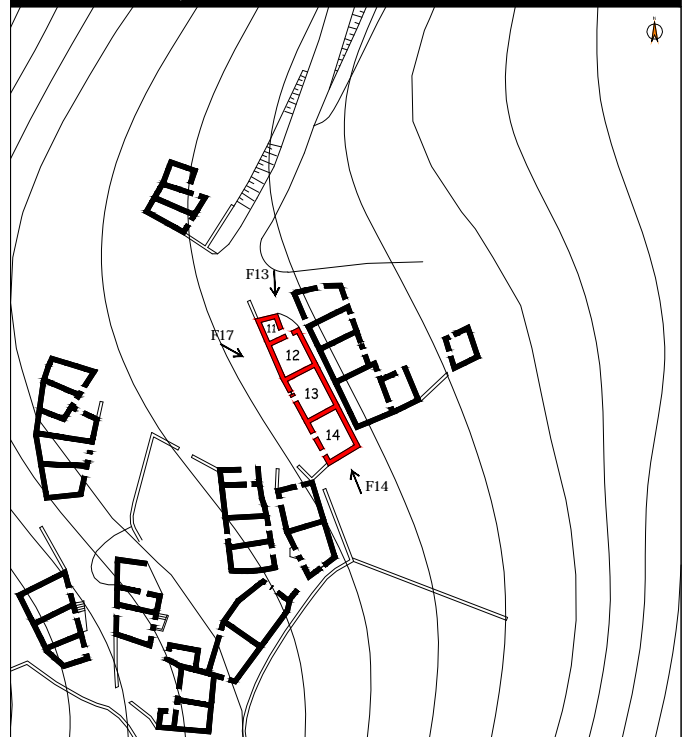


| 9 - LEGENDA  |                            |   |                                       |
|--|----------------------------|---|---------------------------------------|
| 1  | Curral                     | 11  | Cornija em Peças de Granito           |
| 2  | Palheiro e Curral          | 12  | Estrutura do telhado em Madeira       |
| 3  | Palheiro e Curral          | 13  | Paredes em Pedra                      |
| 4  | Habitação e Curral         |  | Indicação das Águas                   |
| 5  | Telhado em Chapa de Zinco  |   | Área de Construção - 139.00 m2        |
| 6  | Portas Demolidas           |   | Área de Implantação - 139.00 m2       |
| 7  | Porta em Madeira           |   | Área Útil - 94.03 m2                  |
| 8  | Janela em Madeira          |   | Cércea Máxima - 4.29 m                |
| 9  | Telhado de Colmo           |   | Volumetria - 596.31 m3                |
| 10   | Pedras que seguram o Colmo |   | Altura máxima da Edificação - 4.73 m2 |
| Número de Pisos - 1  |                            |   |                                       |
| Cobertura - 2 águas  |                            |   |                                       |
| Tipologia - 1 e 2 - Habitação, Palheiro e Curral                   |                            |   |                                       |
| Vãos - 2 Janela e 6 Portas   |                            |   |                                       |
| Planta - Rectangular   |                            |   |                                       |
| Materiais - Pedra, Madeira, Zinco e Colmo                          |                            |   |                                       |
| Paredes - Pedra Granítica  |                            |   |                                       |
| Pavimentos - Piso 0: Terra   |                            |   |                                       |
| Cobertura - Estrutura em madeira com revestimento em Zinco e Colmo |                            |   |                                       |

## 1 - LOCALIZAÇÃO - ESC: 1/5000



## 2 - IMPLANTAÇÃO - ESC: 1/1000



## 3 - DADOS GERAIS DA EDIFICAÇÃO

- Localização: Aldeia da Anta
- Freguesia: Lazarim
- Concelho: Lamego
- Coordenadas GPS: 41° 00' 26.35" N - 7° 51' 19.03" O
- Uso Original: Palheiro e Curral
- Proprietário: José C. Manuel M. e José V.
- Estado de Conservação: Médio e em Ruínas

## 4 - CARACTERÍSTICAS RELEVANTES / ESTADO ACTUAL

- Esta unidade é composta por 4 construções sendo a construção 11 e 12 de um piso, a construção 13 de um piso e meio com acesso pelo interior e a 14 de dois pisos. Todas elas têm acesso ao exterior independentes.
- Quanto à forma, a unidade apresenta planta retangular, com 4 divisões. O telhado é composto por 2 águas.
- É dada a esta unidade a tipologia 1, 2 e 4 designada também de "Palheiro e Curral, sendo a construção número 11 palheiro e as construções 12, 13 e 14 palheiro e curral.
- Os materiais de construção que constituem esta unidade são, a pedra granítica que é usada nas paredes, a madeira que compõe as portas, janelas e estrutura do telhado, a telha marselha e o colmo que revestem a cobertura.
- O sistema construtivo utilizado é o assentamento em pedra seca, sem qualquer argamassa utilizada nas juntas. As pedras são assentes na melhor posição de maneira a que encaixem, utilizando as maiores e mais consistentes junto das portas, janelas e nos cunhais da construção. Estas paredes de pedra são de duas faces à vista, não recebendo qualquer tratamento ou corte para ficarem mais regulares.
- A cobertura é de duas águas, a estrutura do telhado é em madeira revestida a telha marselha e colmo, com uma inclinação suficiente para escoar quer a chuva, quer a neve que cai com alguma frequência.
- Quanto ao estado de conservação actual da unidade, este, é médio e em ruínas, apresentando algumas partes já demolidas e outras em vias de ruir nas construções 11 e 12 enquanto que nas construções 13 e 14 o estado de conservação é médio. Embora esteja desabitada, serve ainda em algumas alturas do ano para guardar gado.
- Nota-se que ao longo dos tempos houve algum cuidado em conservar algumas partes desta unidade, já que se nota uma alteração ao nível da cobertura em duas delas, deixando de estar no seu material original, para passar a ter outro material.

## 5 - NOTAS IMPORTANTES

- Esta unidade tem a particularidade de estar muito próxima de uma outra com as mesmas características, ficando entre elas um espaço muito pequeno, encontrando-se quase encostadas.
- É importante também referir que esta unidade não foi alvo de modificações em termos de áreas, cêrceas ou volumetrias, mantendo-se assim a sua originalidade.
- No local não existem quaisquer tipo de infra-estruturas básicas, nomeadamente electricidade, água e esgotos.
- Esta unidade está localizada mais ou menos a 936.50m de altitude.
- Só as construções nº 13 e 14 foram alvo de uma alteração em termos de cobertura, mudando o colmo original para chapas de zinco.

## 6 - FOTOGRAFIAS

F13



F14

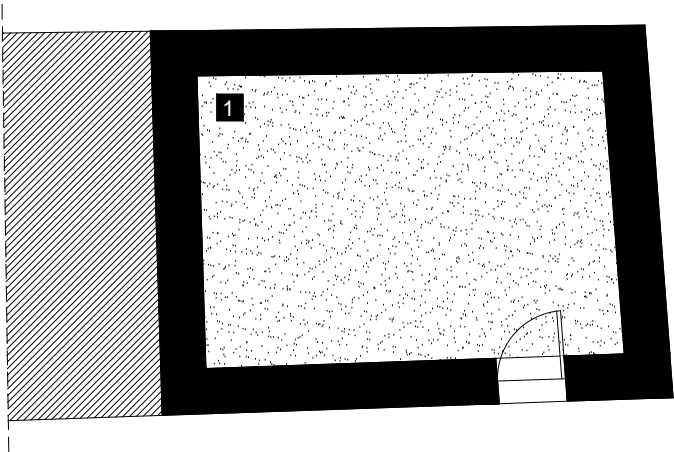


F15

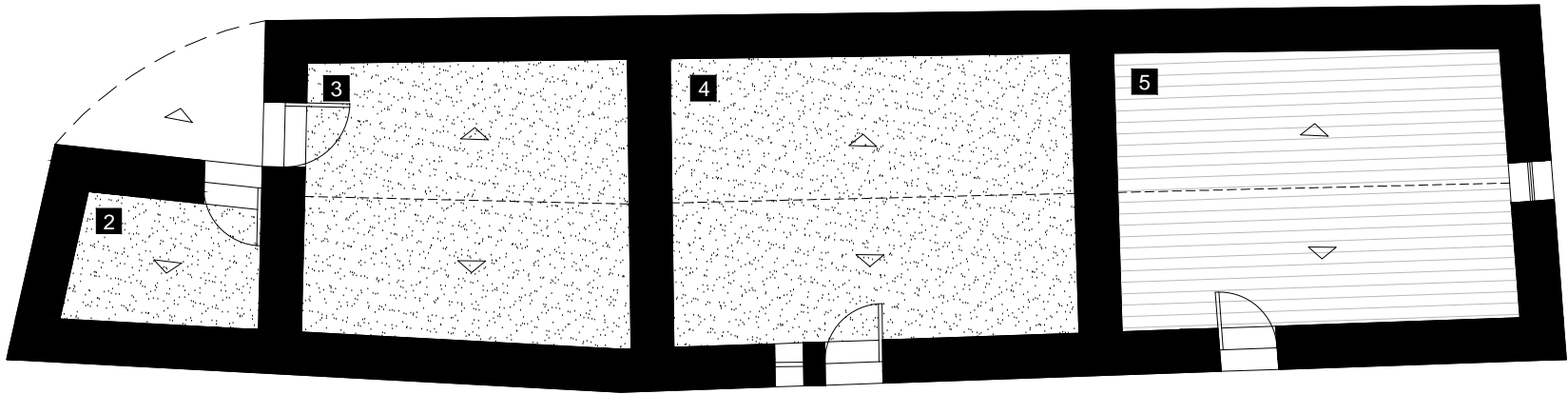




7 - PLANTAS DE ARQUITECTURA - Esc: 1/100

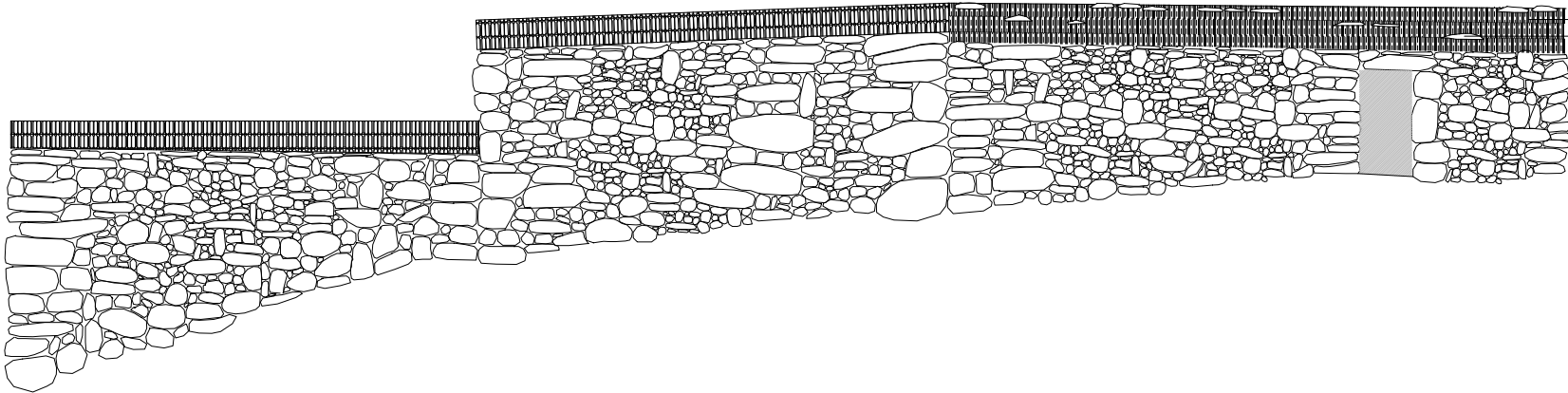


Planta da Cave - Curral

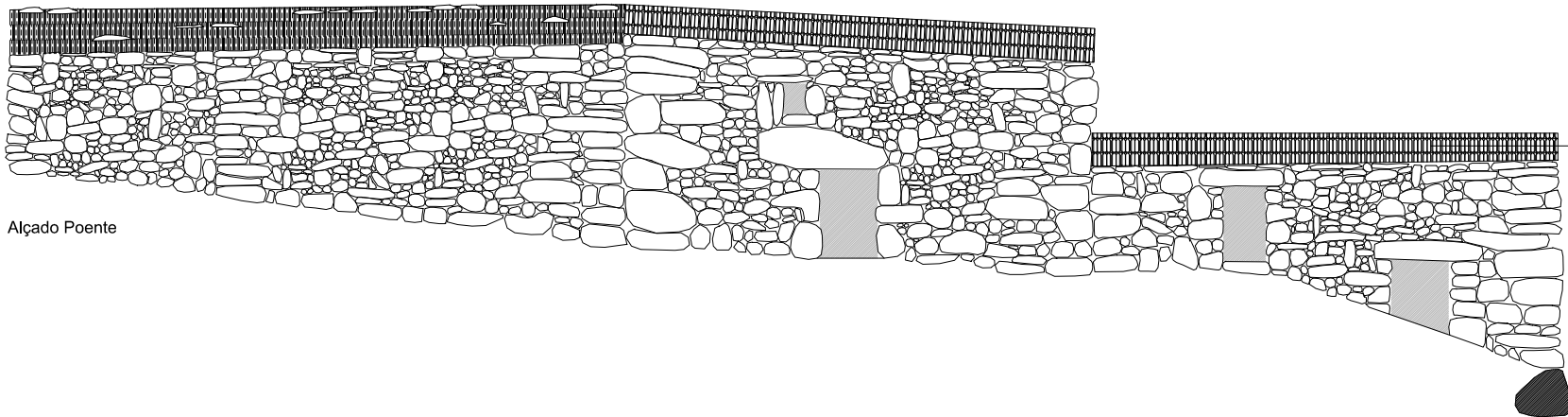


Planta do Piso 0 - Palheiro e Curral

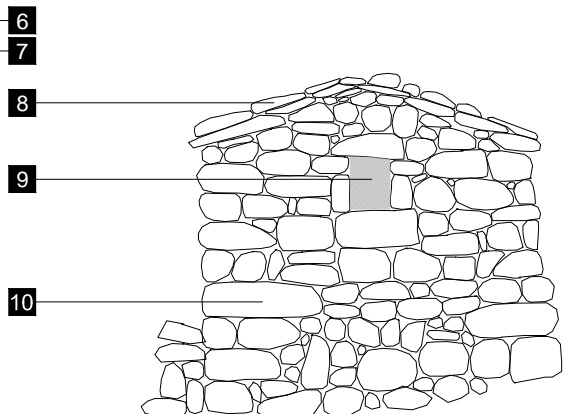
8 - ALÇADOS - Esc: 1/100



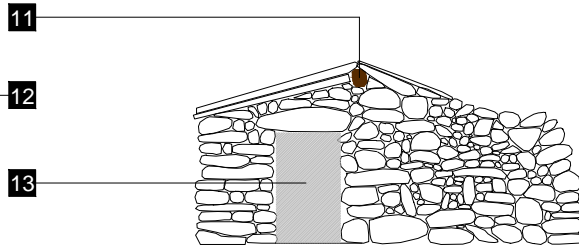
Alçado Nascente



Alçado Poente



Alçado Sul

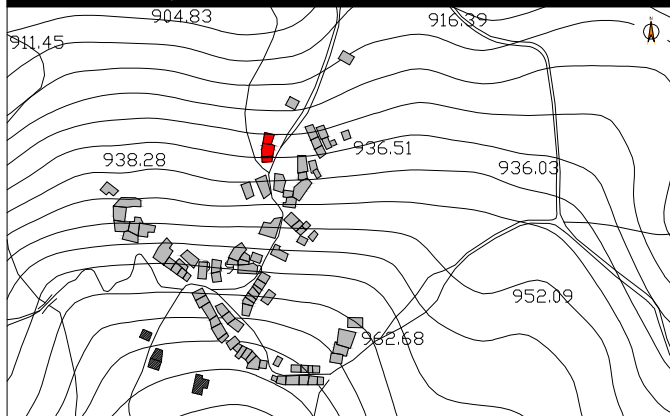


Alçado Norte

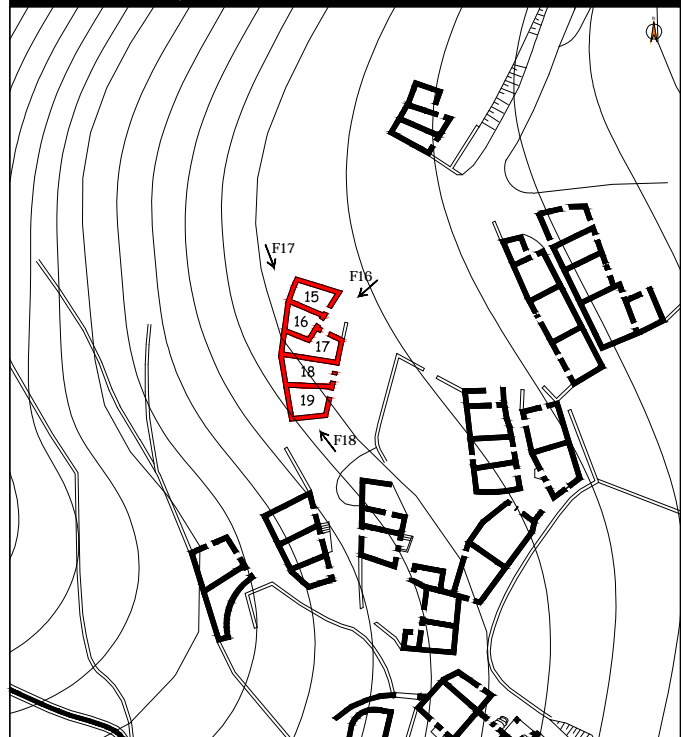
9 - LEGENDA

|    |                             |    |                                       |  |
|----|-----------------------------|----|---------------------------------------|--|
| 1  | Curral                      | 11 | Estrutura do telhado em Madeira       | Número de Pisos - 2  |
| 2  | Palheiro                    | 12 | Telhado em telha Marselha             | Cobertura - 2 águas  |
| 3  | Palheiro e Curral           | 13 | Portas em Madeira                     | Tipologia - 1, 2 e 4 - Palheiro e Curral                           |
| 4  | Palheiro e Curral           |    | Indicação das Águas                   | Vãos - 2 Janela e 5 Portas   |
| 5  | Palheiro                    |    | Área de Construção - 133.93 m2        | Planta - Rectangular   |
| 6  | Telhado em Colmo            |    | Área de Implantação - 100.64 m2       | Materiais - Pedra, Madeira, Telha e Colmo                          |
| 7  | Pedras que seguram o Colmo  |    | Área Útil - 85.59 m2                  | Paredes - Pedra Granítica  |
| 8  | Cornija em peças de granito |    | Cércea Máxima - 3.50 m                | Pavimentos - Cave: Terra   |
| 9  | Janela em Madeira           |    | Volumetria - 478.65 m3                | Piso 0: Terra e Madeira  |
| 10 | Paredes em pedra granítica  |    | Altura máxima da Edificação - 4.45 m2 | Cobertura - Estrutura em madeira com revestimento em Telha e Colmo |

## 1 - LOCALIZAÇÃO - ESC: 1/5000



## 2 - IMPLANTAÇÃO - ESC: 1/1000



## 3 - DADOS GERAIS DA EDIFICAÇÃO

- Localização: Aldeia da Anta
- Freguesia: Lazarim
- Concelho: Lamego
- Coordenadas GPS: 41° 00' 26.26" N - 7° 51' 20.39" O
- Uso Original: Palheiro e Curral
- Proprietário: Vasco, Arlindo, Agostinho, Armando e Maria
- Estado de Conservação: Médio e em Ruínas

## 4 - CARACTERÍSTICAS RELEVANTES / ESTADO ACTUAL

- Esta unidade é composta por 5 construções sendo a construção 15, 16 e 17 de um piso, a construção 18 de dois pisos e a 19 de um piso e meio com acesso pelo interior. Todas elas têm acesso ao exterior independentes.
- Quanto à forma, a unidade apresenta planta em L, com 5 divisões. O telhado é composto por 2 águas.
- É dada a esta unidade a tipologia 1, 2 e 4 designada também de "Palheiro e Curral, sendo a construção número 15 curral, a construção 16 palheiro e as construções 17, 18 e 19 palheiro e curral.
- Os materiais de construção que constituem esta unidade são, a pedra granítica que é usada nas paredes, a madeira que compõe as portas, janelas e estrutura do telhado, a telha marselha, o colmo e o zinco que revestem a cobertura.
- O sistema construtivo utilizado é o assentamento em pedra seca, sem qualquer argamassa utilizada nas juntas. As pedras são assentes na melhor posição de maneira a que encaixem, utilizando as maiores e mais consistentes junto das portas, janelas e nos cunhais da construção. Estas paredes de pedra são de duas faces à vista, não recebendo qualquer tratamento ou corte para ficarem mais regulares.
- A cobertura é de duas águas, a estrutura do telhado é em madeira revestida a telha marselha, zinco e colmo, com uma inclinação suficiente para escoar quer a chuva, quer a neve que cai com alguma frequência.
- Quanto ao estado de conservação actual da unidade, este, é médio e em ruínas, apresentando algumas partes já demolidas como a construção 16 e outras em vias de ruir, construção 18, enquanto que nas construções 15, 17 e 19 o estado de conservação é médio. Embora esteja desabitada, serve ainda em algumas alturas do ano para guardar gado.
- Nota-se que ao longo dos tempos houve algum cuidado em conservar algumas partes desta unidade, já que se nota uma alteração ao nível da cobertura em três delas, deixando de estar no seu material original, para passar a ter outro material.

## 5 - NOTAS IMPORTANTES

- É importante também referir que esta unidade não foi alvo de modificações em termos de áreas, cêrceas ou volumetrias, mantendo-se assim a sua originalidade.
- No local não existem quaisquer tipo de infra-estruturas básicas, nomeadamente electricidade, água e esgotos.
- Esta unidade está localizada mais ou menos a 929.15m de altitude.
- Só as construções nº 15, 17 e 19 foram alvo de uma alteração em termos de cobertura, mudando o colmo original por telha Marselha.

## 6 - FOTOGRAFIAS

F16



F17

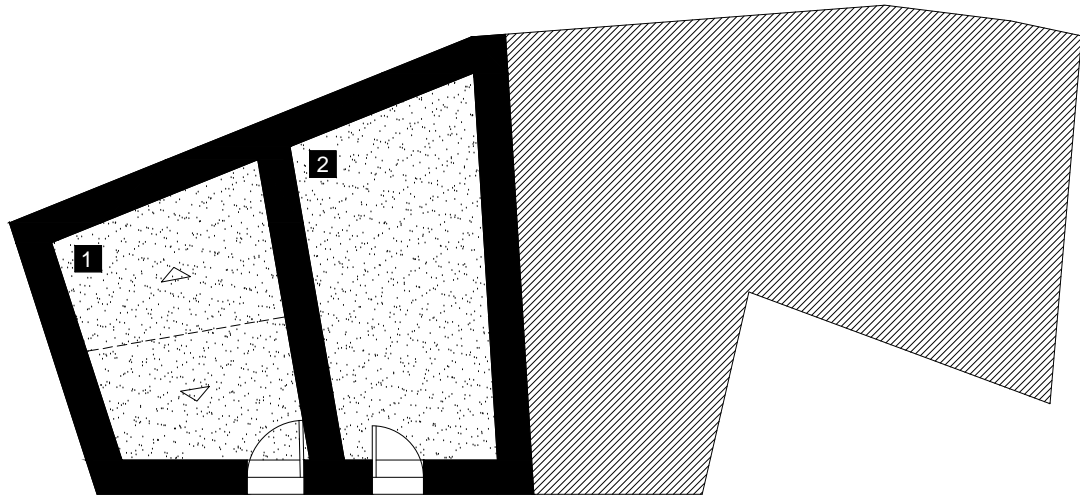


F18

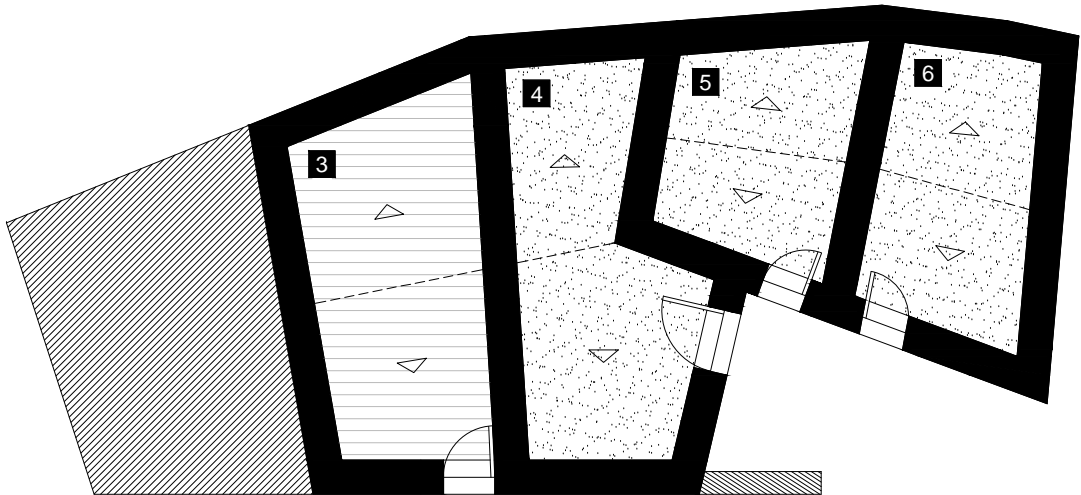




7 - PLANTAS DE ARQUITECTURA - Escala Gráfica



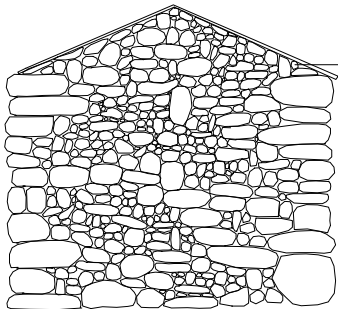
Planta da Cave - Palheiro e Curral



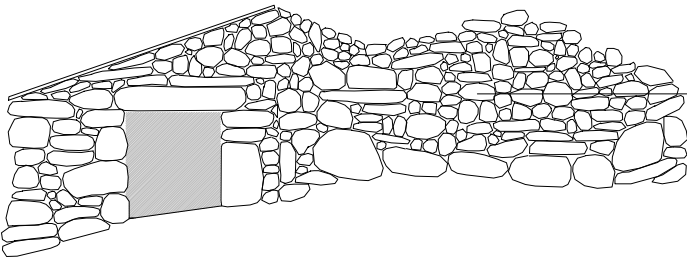
Planta do Piso 0 - Palheiro e Curral



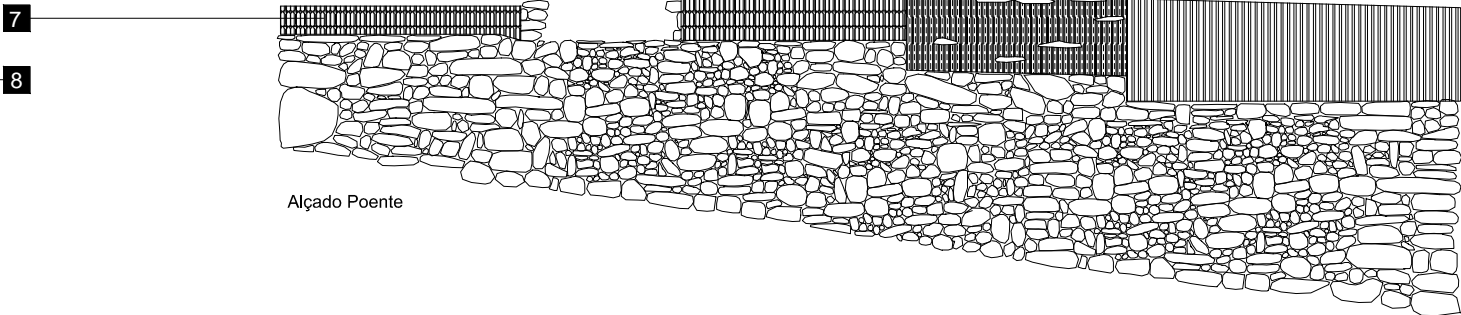
8 - ALÇADOS - Esc: 1/100



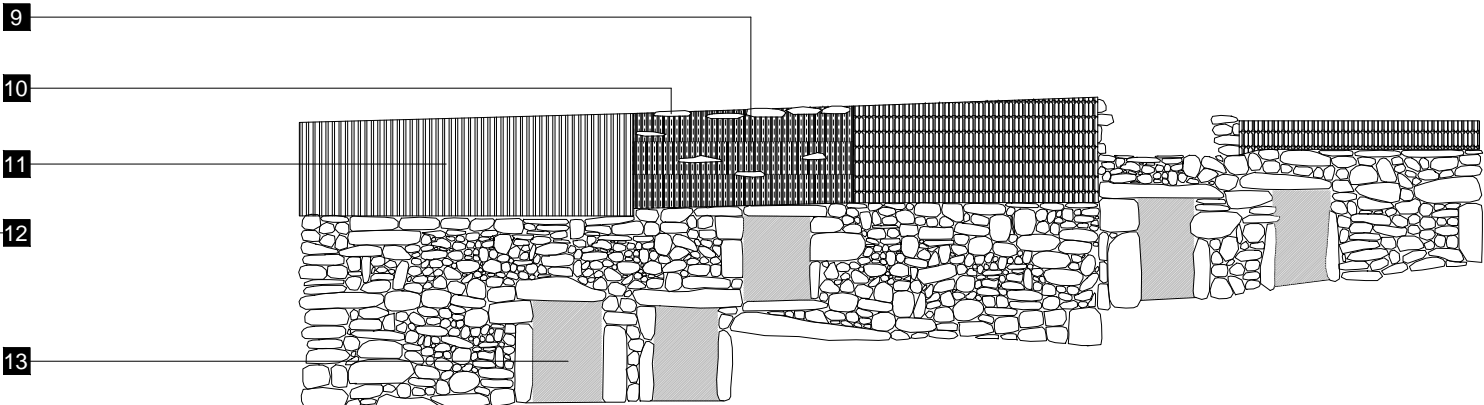
Alçado Sul



Alçado Norte



Alçado Poente

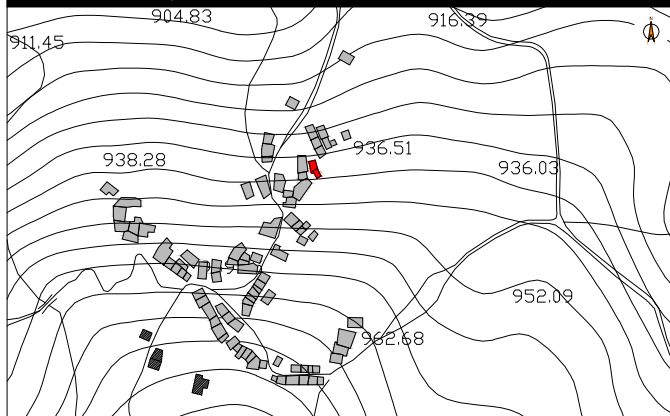


Alçado Nascente

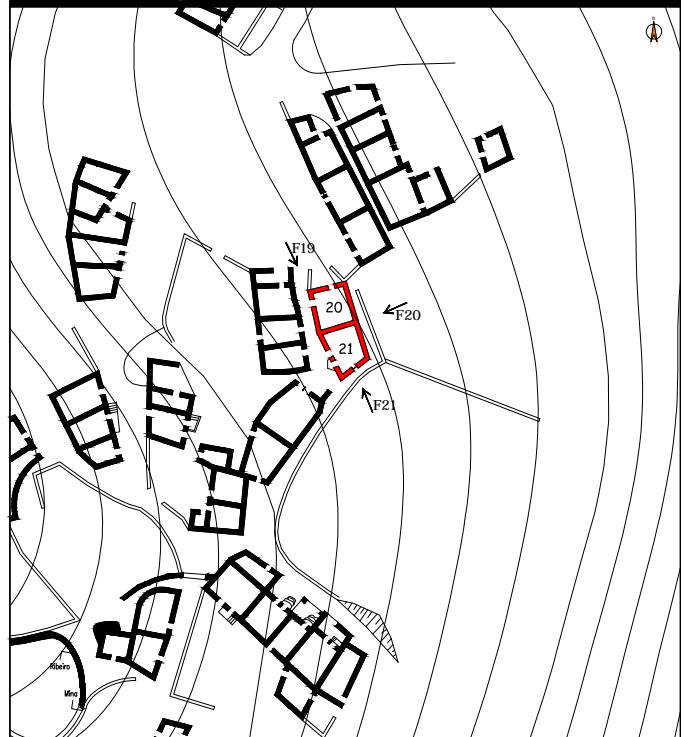
9 - LEGENDA

|    |                             |    |                                       |   |
|----|-----------------------------|----|---------------------------------------|---|
| 1  | Palheiro e Curral           | 11 | Telhado em Zinco                      | Número de Pisos - 2   |
| 2  | Palheiro e Curral           | 12 | Paredes em Pedra Granítica            | Cobertura - 2 águas   |
| 3  | Palheiro e Curral           | 13 | Portas em Madeira                     | Tipologia - 1, 2 e 4 - Palheiro e Curral                                  |
| 4  | Palheiro e Curral           |    | Indicação das Águas                   | Vãos - 6 Portas   |
| 5  | Palheiro                    |    | Área de Construção - 150.97 m2        | Planta - L  |
| 6  | Curral                      |    | Área de Implantação - 119.75 m2       | Materiais - Pedra, Madeira, Telha, Colmo e Zinco                          |
| 7  | Telhado em Telha Marselha   |    | Área Útil - 96,34 m2                  | Paredes - Pedra Granítica   |
| 8  | Cornija em peças de granito |    | Cércea Máxima - 3.00 m                | Pavimentos - Cave: Terra  |
| 9  | Telhado em Colmo            |    | Volumetria - 452.91 m3                | Piso 0: Madeira e Terra   |
| 10 | Pedras que seguram o Colmo  |    | Altura máxima da Edificação - 4.00 m2 | Cobertura - Estrutura em madeira com revestimento em Telha, Colmo e Zinco |

## 1 - LOCALIZAÇÃO - ESC: 1/5000



## 2 - IMPLANTAÇÃO - ESC: 1/1000



## 3 - DADOS GERAIS DA EDIFICAÇÃO

- Localização: Aldeia da Anta
- Freguesia: Lazarim
- Concelho: Lamego
- Coordenadas GPS: 41° 00' 25.89" N - 7° 51' 19.05" O
- Uso Original: Habitação, Palheiro e Curral
- Proprietário: Albino Cabral e Agostinho Loureiro
- Estado de Conservação: Em Ruínas

## 4 - CARACTERÍSTICAS RELEVANTES / ESTADO ACTUAL

- Esta unidade é composta por 2 construções sendo a construção 20 de um piso e a construção 21 de um piso e meio com acesso pelo interior. Ambas têm acesso independente ao exterior.
- Quanto à forma, a unidade apresenta planta rectângular, com 2 divisões. O telhado é composto por 2 águas.
- É dada a esta unidade a tipologia 1e 2 designada também de "Habitação, Palheiro e Curral", sendo a construção número 20 palheiro e curral e a construção 21 habitação e curral.
- Os materiais de construção que constituem esta unidade são, a pedra granítica que é usada nas paredes, a madeira que compõe as portas, janelas e a estrutura do telhado.
- O sistema construtivo utilizado é o assentamento em pedra seca, sem qualquer argamassa utilizada nas juntas. As pedras são assentes na melhor posição de maneira a que encaixem, utilizando as maiores e mais consistentes junto das portas, janelas e nos cunhais da construção. Estas paredes de pedra são de duas faces à vista, não recebendo qualquer tratamento ou corte para ficarem mais regulares.
- A cobertura é de duas águas, a estrutura do telhado é em madeira, não existindo de momento qualquer revestimento
- Quanto ao estado de conservação actual da unidade, esta está em ruínas.
- Nota-se que ao longo dos tempos, não houve qualquer intervenção para tentar reabilitar a unidade, encontrando-se neste momento com a cobertura e algumas paredes completamente demolidas.

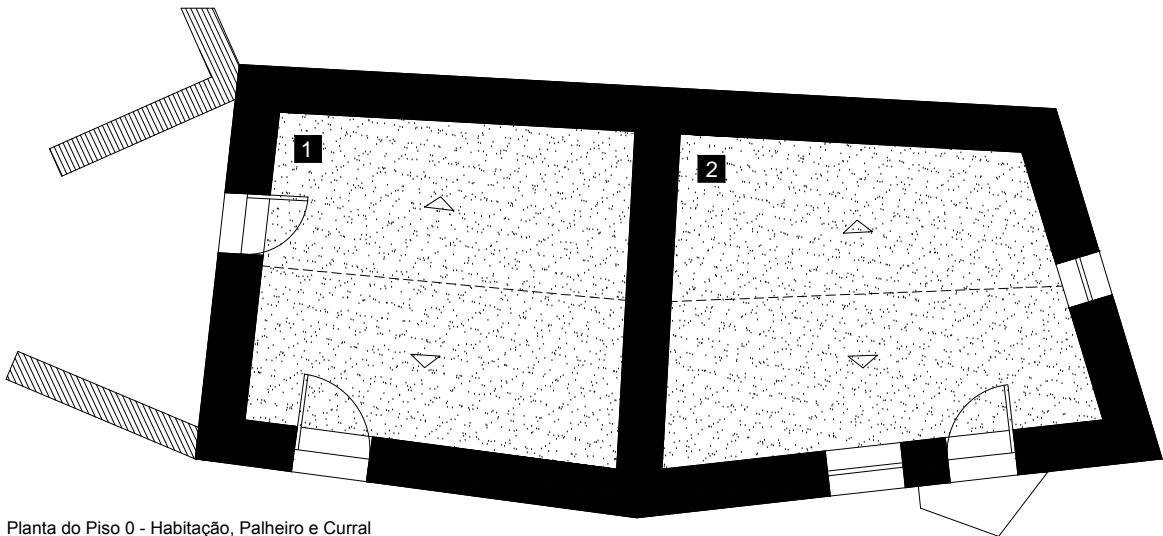
## 5 - NOTAS IMPORTANTES

- É importante referir que esta unidade não foi alvo de modificações em termos de áreas, cêrceas ou volumetrias, mantendo-se assim a sua originalidade.
- No local não existem quaisquer tipo de infra-estruturas básicas, nomeadamente electricidade, água e esgotos.
- Esta unidade está localizada mais ou menos a 929.15m de altitude.

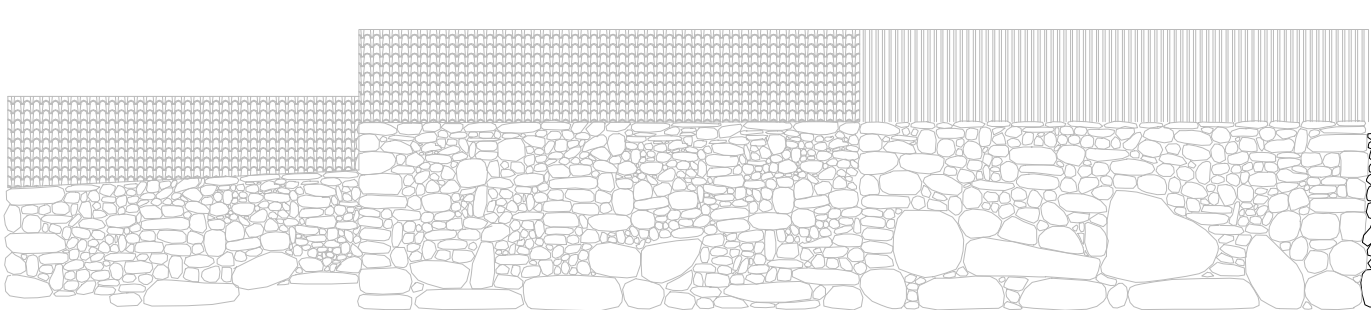
## 6 - FOTOGRAFIAS



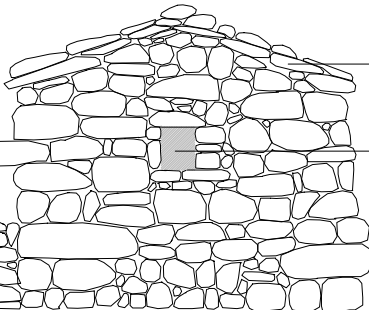




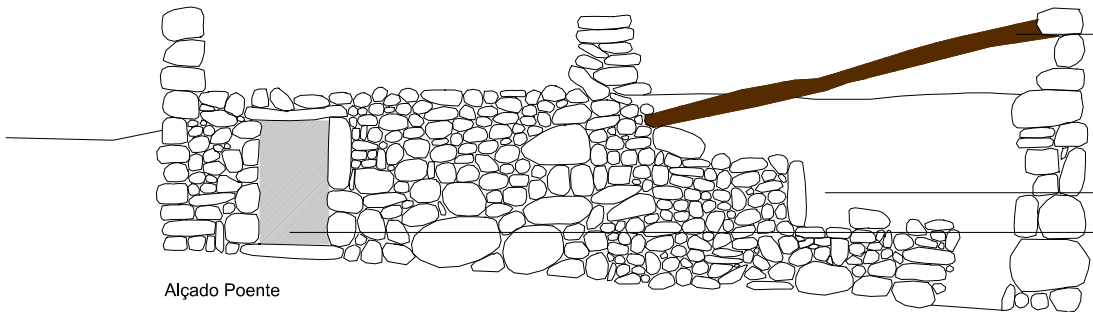
Planta do Piso 0 - Habitação, Palheiro e Curral



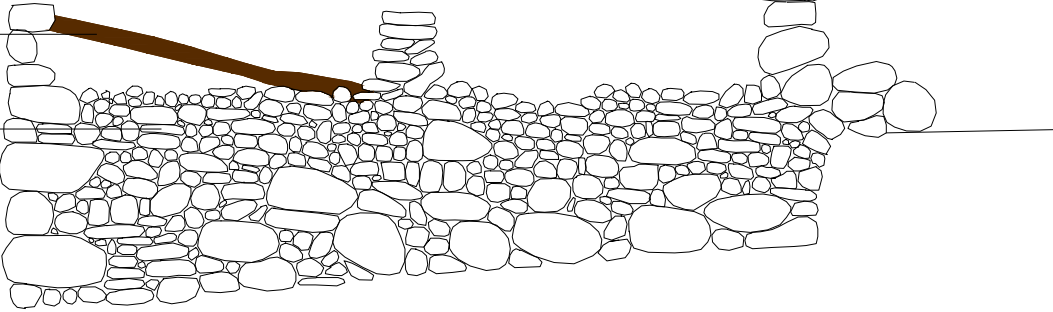
Alçado Sul



Alçado Norte



Alçado Poente



Alçado Nascente

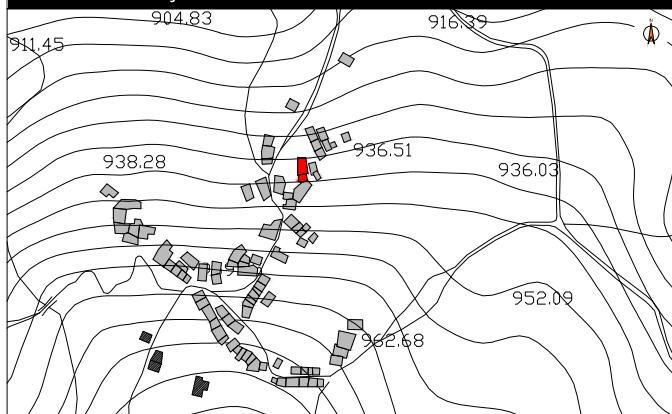
9 - LEGENDA

- 1 Palheiro e Curral
- 2 Habitação e Curral
- 3 Cornija em Peças de Granito
- 4 Janela em Madeira
- 5 Porta Demolida
- 6 Estrutura do Telhado em Madeira
- 7 Paredes em Pedra Granítica
- 8 Janela Demolida
- 9 Porta em Madeira
- Indicação das Águas

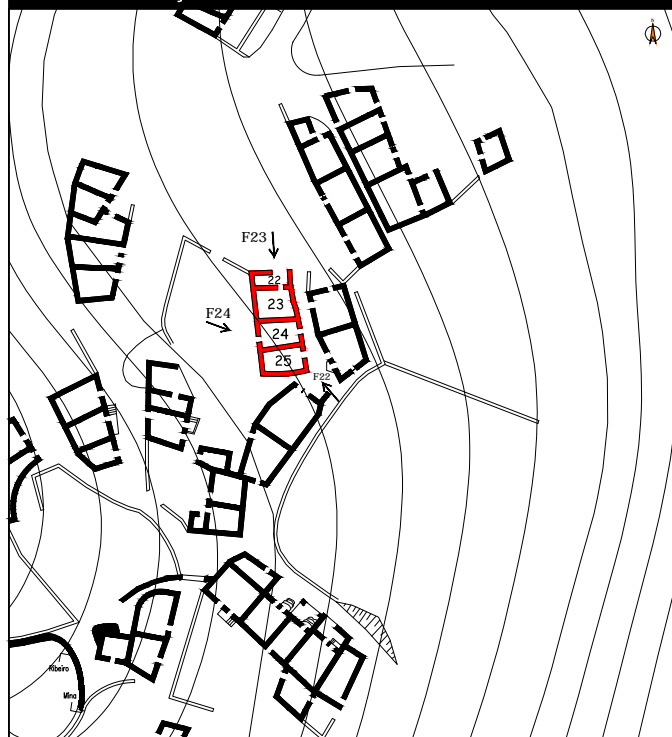
Área de Construção - 62.95 m2  
Área de Implantação - 62.95 m2  
Área Útil - 41.39 m2  
Cércea Máxima - 3.10 m  
Volumetria - 195.15 m3  
Altura máxima da Edificação - 3.92 m2  
Número de Pisos - 1  
Cobertura - 2 águas  
Tipologia - 1 e 2 - Habitação, Palheiro e Curral  
Vãos - 3 Portas e 2 Janelas  
Planta - Rectângular

Materiais - Pedra e Madeira  
Paredes - Pedra Granítica  
Pavimentos - Piso 0 - Terra  
Cobertura - Estrutura em madeira

## 1 - LOCALIZAÇÃO - ESC: 1/5000



## 2 - IMPLANTAÇÃO - ESC: 1/1000



## 3 - DADOS GERAIS DA EDIFICAÇÃO

- Localização: Aldeia da Anta
- Freguesia: Lazarim
- Concelho: Lamego
- Coordenadas GPS: 41° 00' 25.76" N - 7° 51' 19.45" O
- Uso Original: Habitação, Palheiro e Curral
- Proprietário: Agostinho M., Francisco S. e André M.
- Estado de Conservação: Médio e em Ruínas

## 4 - CARACTERÍSTICAS RELEVANTES / ESTADO ACTUAL

- Esta unidade é composto por 4 construções sendo a construção 22 e 23 de um piso, a construção 25 de um piso e meio com acesso pelo interior e a 24 de dois pisos. Todas elas têm acesso ao exterior independentes.
- Quanto à forma, a unidade apresenta planta retangular, com 5 divisões. O telhado é composto por 2 águas.
- É dada a esta unidade a tipologia 1, 2 e 4 designada também de " habitação, Palheiro e Curral ", sendo a construção número 22 palheiro, a construção 23 curral, a 24 habitação e curral e a 25 palheiro e curral.
- Os materiais de construção que constituem esta unidade são, a pedra granítica que é usada nas paredes, a madeira que compõe as portas, janelas e estrutura do telhado, o fibrocimento e o colmo que revestem a cobertura.
- O sistema construtivo utilizado é o assentamento em pedra seca, sem qualquer argamassa utilizada nas juntas. As pedras são assentes na melhor posição de maneira a que encaixem, utilizando as maiores e mais consistentes junto das portas, janelas e nos cunhais da construção. Estas paredes de pedra são de duas faces à vista, não recebendo qualquer tratamento ou corte para ficarem mais regulares.
- A cobertura é de duas águas, a estrutura do telhado é em madeira revestida a fibrocimento e colmo, com uma inclinação suficiente para escoar quer a chuva, quer a neve que cai com alguma frequência.
- Quanto ao estado de conservação actual da unidade, este, é médio e em ruínas, apresentando algumas partes já demolidas e outras em vias de ruir nas construções 22, 23 e 25 enquanto que a construção 24 o estado de conservação é médio. Embora esteja desabitada, serve ainda em algumas alturas do ano para guardar gado.
- Nota-se que ao longo dos tempos houve algum cuidado em conservar algumas partes desta unidade (construção 24), já que se nota uma alteração ao nível da cobertura, deixando de estar no seu material original, para passar a ter outro material (fibrocimento).

## 5 - NOTAS IMPORTANTES

- Importa também referir que esta unidade não foi alvo de modificações em termos de áreas, cérceas ou volumetrias, mantendo-se assim a sua originalidade.
- No local não existem quaisquer tipo de infra-estruturas básicas, nomeadamente electricidade, água e esgotos.
- Esta unidade está localizada mais ou menos a 929.15m de altitude.
- Só a construção nº 24 foi alvo de uma alteração em termos de cobertura, mudando o colmo original para chapas de fibrocimento que suportam depois o colmo que foi posto por cima do fibrocimento..

## 6 - FOTOGRAFIAS

F22



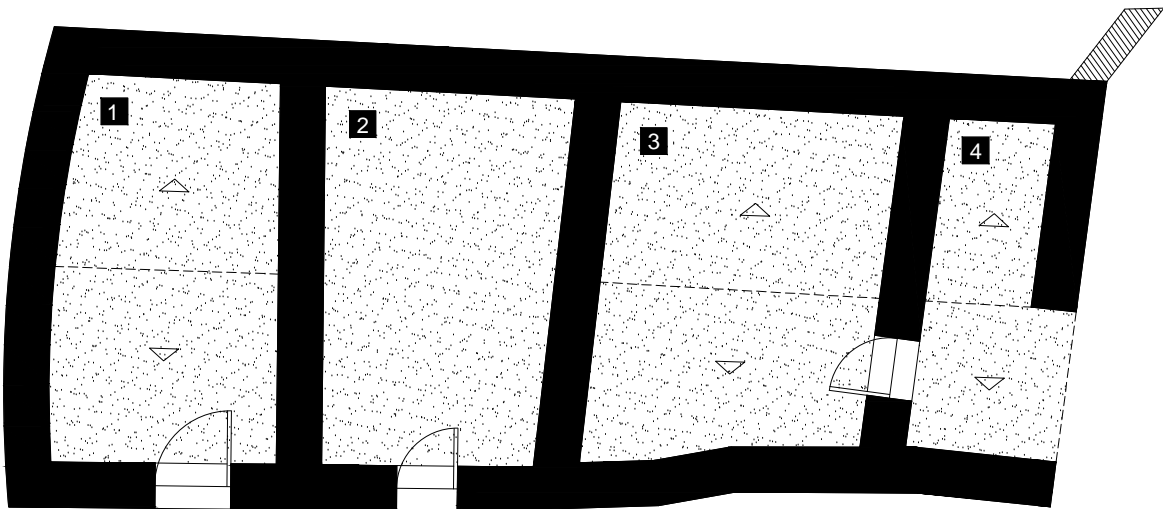
F23



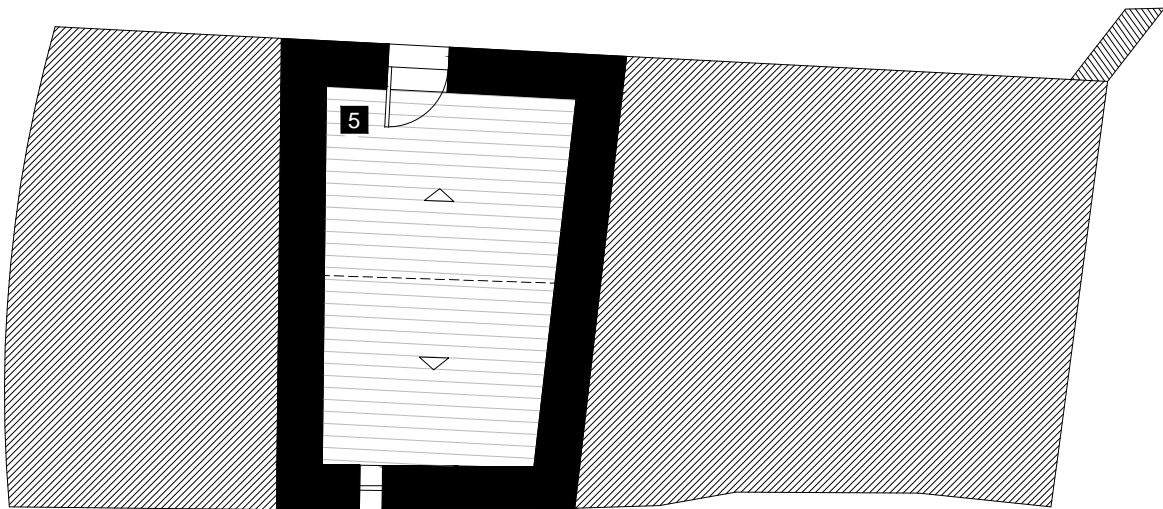
F24



7 - PLANTAS DE ARQUITECTURA - Esc: 1/100

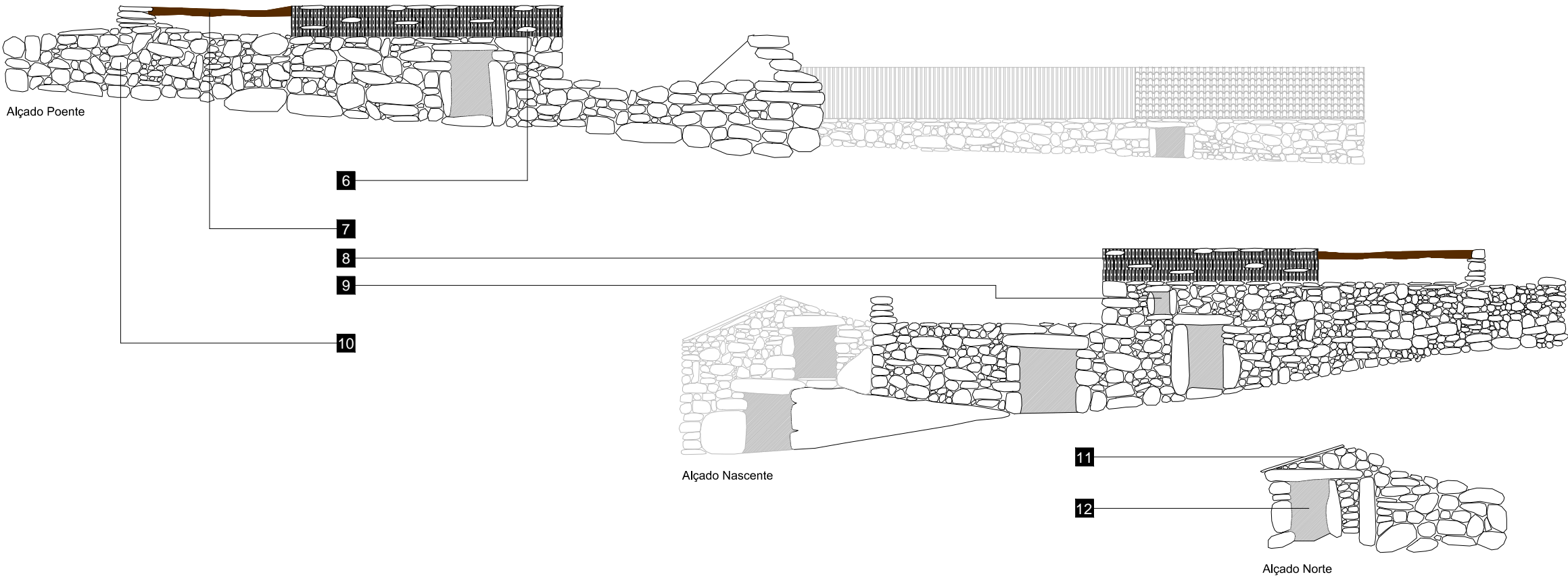


Planta da Cave - Palheiro e Curral



Planta do Piso 0 - Habitação

8 - ALÇADOS - Esc: 1/100

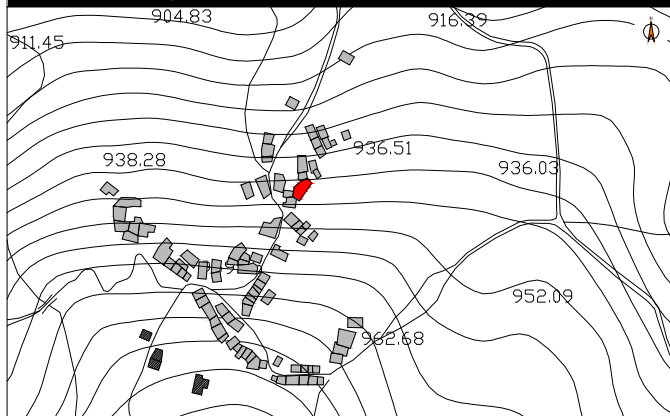


9 - LEGENDA

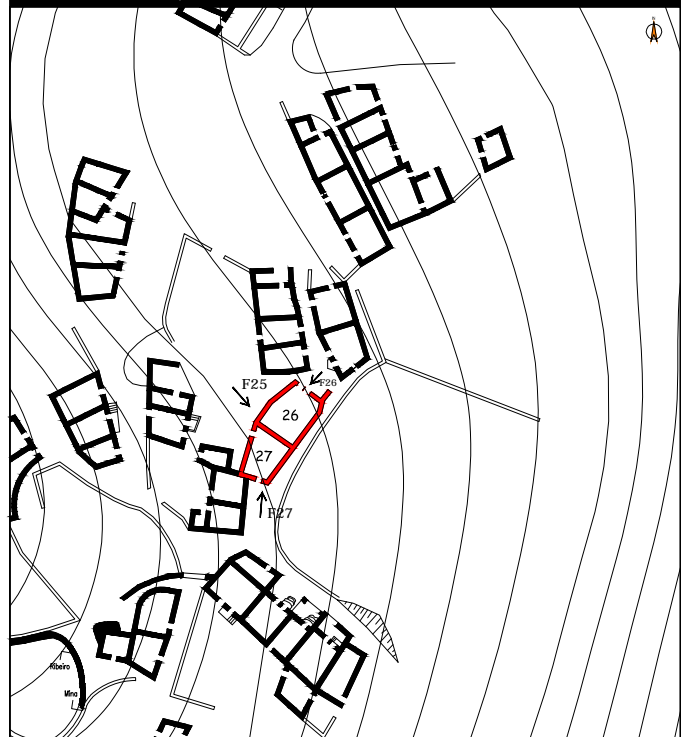
|    |                                 |    |                                       |   |
|----|---------------------------------|----|---------------------------------------|---|
| 1  | Palheiro e Curral               | 11 | Cobertura em Fibrocimento             | Cobertura - 2 águas   |
| 2  | Curral                          | 12 | Portas em Madeira                     | Tipologia - 1, 2 e 4 - Habitação, Palheiro e Curral                       |
| 3  | Curral                          | ▽  | Indicação das Águas                   | Vãos - 4 Portas e 1 Janela  |
| 4  | Palheiro                        |    | Área de Construção - 104.46 m2        | Planta - Rectangular  |
| 5  | Habitação                       |    | Área de Implantação - 83.69 m2        | Materiais - Pedra, Madeira, Fibrocimento e Colmo                          |
| 6  | Pedras que seguram o colmo      |    | Área Útil - 61.68 m2                  | Paredes - Pedra Granítica   |
| 7  | Estrutura do telhado em Madeira |    | Cércea Máxima - 2.51 m                | Pavimentos - Cave: Terra  |
| 8  | Telhado em Colmo                |    | Volumetria - 262.19 m3                | Piso 0: Madeira   |
| 9  | Janela em Madeira               |    | Altura máxima da Edificação - 3.13 m2 | Cobertura - Estrutura em madeira com revestimento em Fibrocimento e Colmo |
| 10 | Paredes em pedra granítica      |    | Número de Pisos - 2                   |   |



## 1 - LOCALIZAÇÃO - ESC: 1/5000



## 2 - IMPLANTAÇÃO - ESC: 1/1000



## 3 - DADOS GERAIS DA EDIFICAÇÃO

- Localização: Aldeia da Anta
- Freguesia: Lazarim
- Concelho: Lamego
- Coordenadas GPS: 41° 00' 25.37" N - 7° 51' 19.49" O
- Uso Original: Habitação, Palheiro e Curral
- Proprietário: Manuel S. e Albino C.
- Estado de Conservação: Médio

## 4 - CARACTERÍSTICAS RELEVANTES / ESTADO ACTUAL

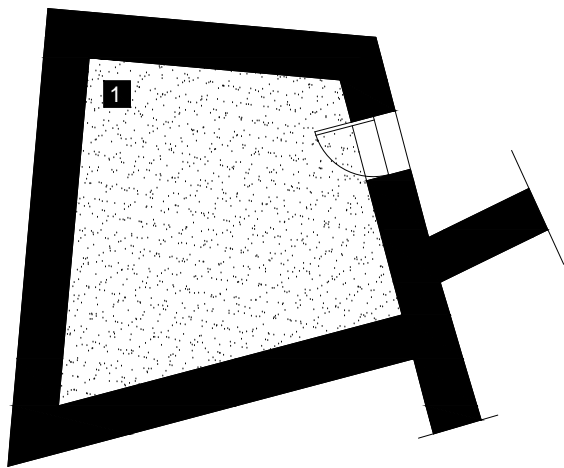
- Esta unidade é composta por 2 construções sendo a construção 26 de um piso e meio com acesso pelo exterior e a 27 de dois pisos. Todas elas têm acesso ao exterior independentes.
- Quanto à forma, a unidade apresenta planta retangular, com 3 divisões. O telhado é composto por 2 águas.
- É dada a esta unidade a tipologia 3 e 4 designada também de " Habitação, Palheiro e Curral ", sendo a construção número 26 habitação e curral e a construção 27 palheiro e curral.
- Os materiais de construção que constituem esta unidade são, a pedra granítica que é usada nas paredes, a madeira que compõe as portas e estrutura do telhado, o zinco e a telha de canudo que revestem a cobertura.
- O sistema construtivo utilizado é o assentamento em pedra seca, sem qualquer argamassa utilizada nas juntas. As pedras são assentes na melhor posição de maneira a que encaixem, utilizando as maiores e mais consistentes junto das portas, janelas e nos cunhais da construção. Estas paredes de pedra são de duas faces à vista, não recebendo qualquer tratamento ou corte para ficarem mais regulares.
- A cobertura é de duas águas, a estrutura do telhado é em madeira revestida a zinco e telha de canudo, com uma inclinação suficiente para escoar quer a chuva, quer a neve que cai com alguma frequência.
- Quanto ao estado de conservação actual da unidade, este é médio, apresentando algum desgaste com o passar dos anos, mas não apresenta características de que possa ruir.
- Nota-se que ao longo dos tempos houve algum cuidado em conservar algumas partes desta unidade, nomeadamente a cobertura, visto o seu material original ter sido substituído por zinco e telha de canudo.

## 5 - NOTAS IMPORTANTES

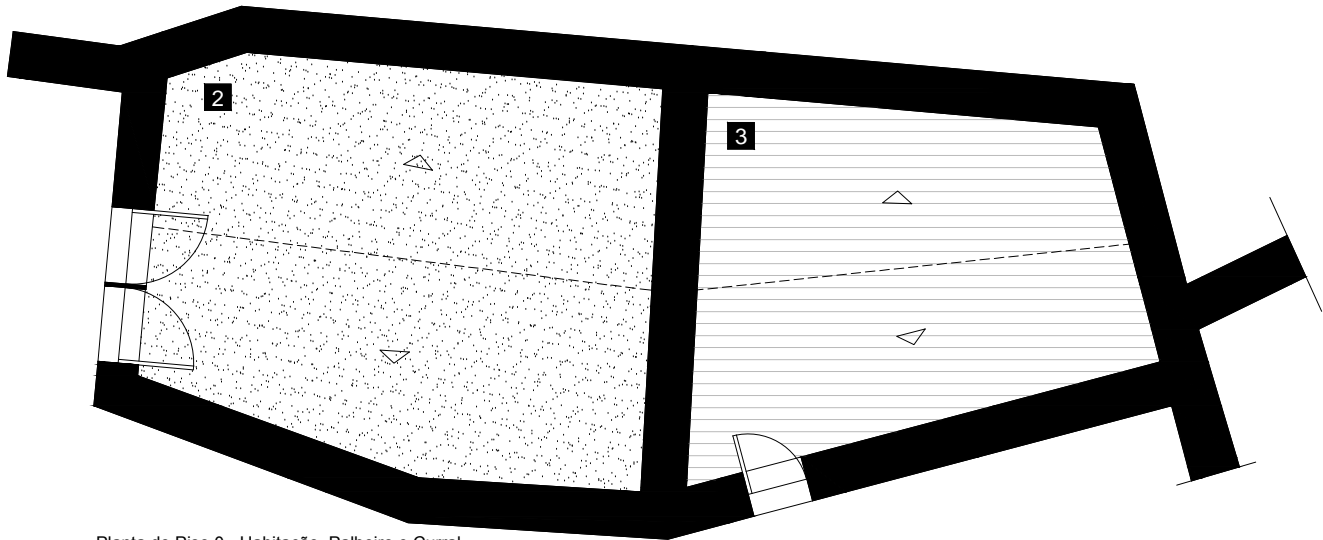
- É importante referir que esta unidade não foi alvo de modificações em termos de áreas, cêrceas ou volumetrias, mantendo-se assim a sua originalidade. Existiram alterações no material das cobertura que passaram a ser em Zinco e telha.
- No local não existem quaisquer tipo de infra-estruturas básicas, nomeadamente electricidade, água e esgotos.
- Esta unidade está localizada mais ou menos a 929.15m de altitude.
- Ainda hoje se guarda o gado e palha nesta unidade.

## 6 - FOTOGRAFIAS

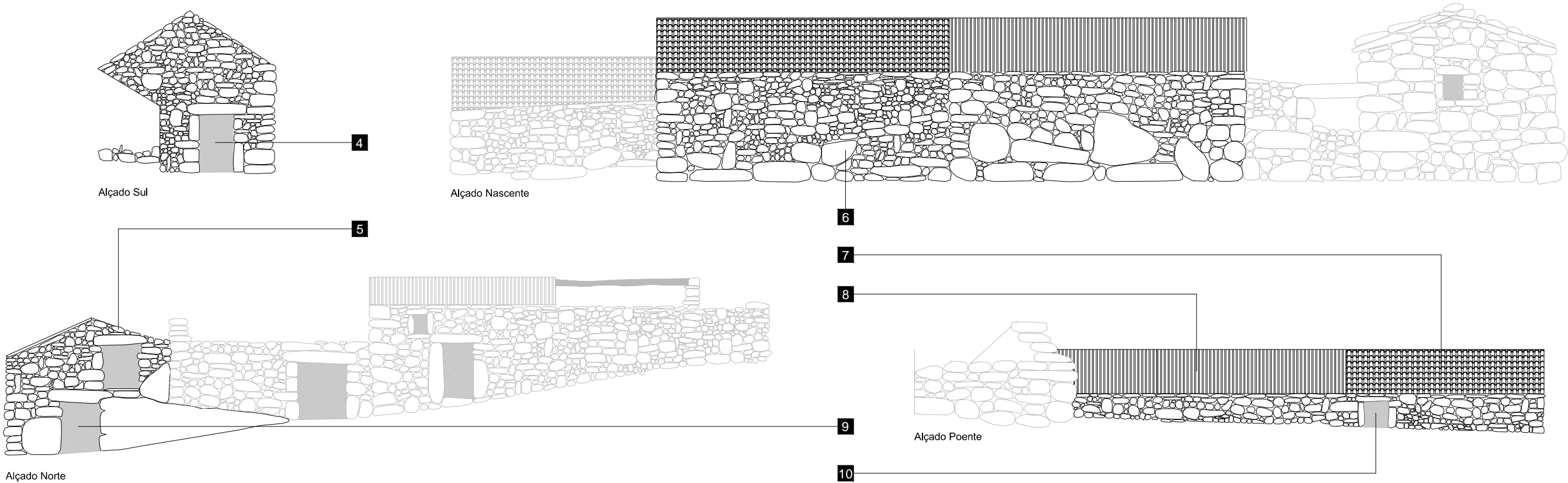




Planta da Cave - Curral



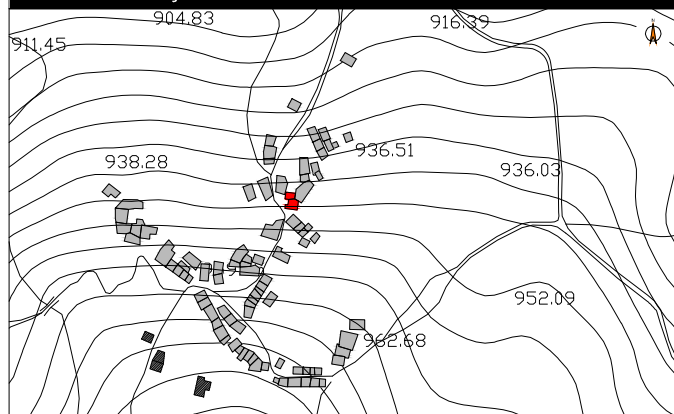
Planta do Piso 0 - Habitação, Palheiro e Curral



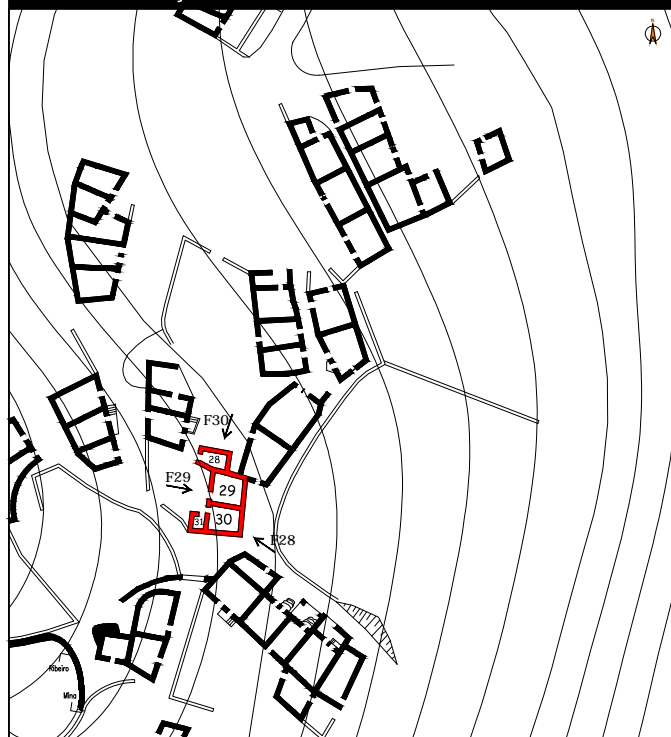
| 9 - LEGENDA |                             |  |  |
|-------------|-----------------------------|--|--|
| 1           | Curral                      | Indicação das Águas                              | Planta - Rectangular   |
| 2           | Habitação e Curral          | Área de Construção - 108.48 m2                   | Materiais - Pedra, Madeira, Telha e Zinco                          |
| 3           | Palheiro                    | Área de Implantação - 82.20 m2                   | Paredes - Pedra Granítica  |
| 4           | Portas em Madeira           | Área Útil - 72.90 m2                             | Pavimentos - Cave: Terra   |
| 5           | Cornija em Peças de Granito | Cércea Máxima - 2.47 m                           | Piso 0: Madeira e Terra  |
| 6           | Pedras em Pedra Granítica   | Volumetria - 267.94 m3                           | Cobertura - Estrutura em madeira com revestimento em Zinco e Colmo |
| 7           | Telhado em Telha de Canudo  | Altura máxima da Edificação - 3.70 m2            |  |
| 8           | Telhado em Zinco            | Número de Pisos - 2                              |  |
| 9           | Porta em Madeira            | Cobertura - 2 águas                              |  |
| 10          | Porta em madeira            | Tipologia - 3 e 4 - Habitação, Palheiro e Curral |  |
|             |                             | Vãos - 4 Portas                                  |  |



## 1 - LOCALIZAÇÃO - ESC: 1/5000



## 2 - IMPLANTAÇÃO - ESC: 1/1000



## 3 - DADOS GERAIS DA EDIFICAÇÃO

- Localização: Aldeia da Anta
- Freguesia: Lazarim
- Concelho: Lamego
- Coordenadas GPS: 41° 00' 25.17" N - 7° 51' 19.93" O
- Uso Original: Curral
- Proprietário: Joaquim M., Agostinho M. e Francisco S.
- Estado de Conservação: Médio

## 4 - CARACTERÍSTICAS RELEVANTES / ESTADO ACTUAL

- Esta unidade é composta por 4 construções, sendo todas constituídas por 1 piso. Todas elas têm acesso ao exterior independentes.
- Quanto à forma, a unidade apresenta planta em U, com 4 divisões. O telhado é composto por 2 águas nas construções 29, 30 e 31, enquanto que na construção 28 o telhado é de 1 água.
- É dada a esta unidade a tipologia 1 designada também de "Curral".
- Os materiais de construção que constituem esta unidade são, a pedra granítica e o bloco de cimento que são usados nas paredes, a madeira que compõe as portas e a estrutura do telhado nas construções 29, 30 e 31, enquanto que as ripas de alumínio constituem a estrutura do telhado da construção 28, a telha marselha serve de revestimento em toda a unidade.
- O sistema construtivo utilizado nas construções 29, 30 e 31 é o assentamento em pedra seca, sem qualquer argamassa utilizada nas juntas. As pedras são assentes na melhor posição de maneira a que encaixem, utilizando as maiores e mais consistentes junto das portas, janelas e nos cunhais da construção. Estas paredes de pedra são de duas faces à vista, não recebendo qualquer tratamento ou corte para ficarem mais regulares. Na construção 28, além da pedra é utilizado o bloco de cimento com argamassa.
- A cobertura é de duas águas nas construções 29, 30 e 31, com estrutura em madeira e revestimento a telha marselha, a estrutura do telhado da construção 28 é em ripas de alumínio revestida a telha marselha, com uma inclinação suficiente para escoar quer a chuva, quer a neve que cai com alguma frequência.
- Quanto ao estado de conservação actual da unidade, este é médio, apresentando algum desgaste com o passar dos anos, mas não apresenta características de que possa ruir.
- Nota-se que ao longo dos tempos houve algum cuidado em conservar algumas partes desta unidade, nomeadamente a cobertura, visto o seu material original ter sido substituído por telha marselha.

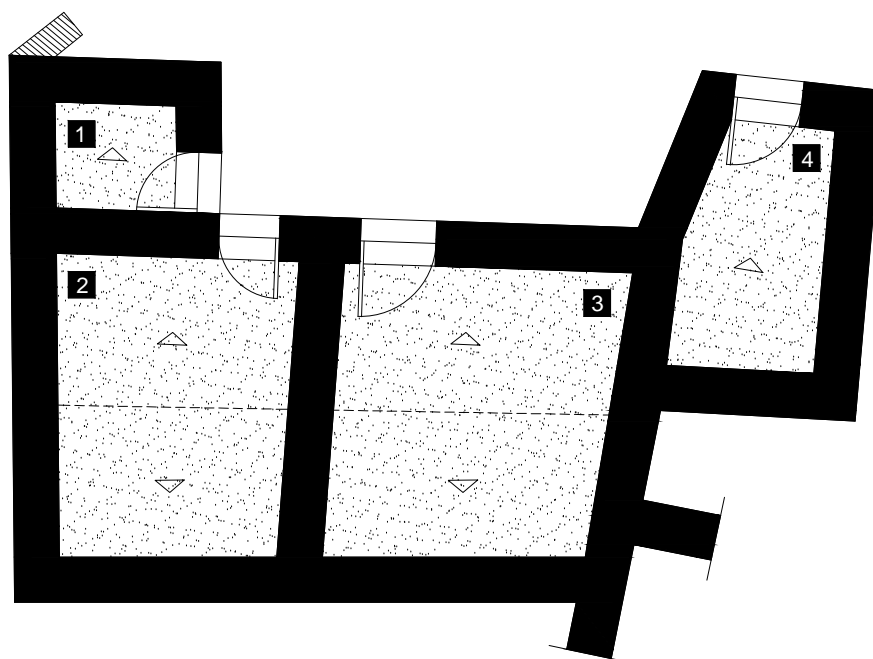
## 5 - NOTAS IMPORTANTES

- É importante referir que esta unidade foi alvo de modificações em termos de cérceas e volumetrias, já que a cércea da construção 28 aumentou deixando de estar no seu estado original. Existiram alterações no material das coberturas que passaram a ser em telha marselha.
- No local não existem quaisquer tipo de infra-estruturas básicas, nomeadamente electricidade, água e esgotos.
- Esta unidade está localizada mais ou menos a 929.15m de altitude.
- Ainda hoje se guarda o gado e palha nesta unidade.
- A alteração da construção 28, altera totalmente a autenticidade da unidade, sendo mesmo considerado uma aberração.

## 6 - FOTOGRAFIAS

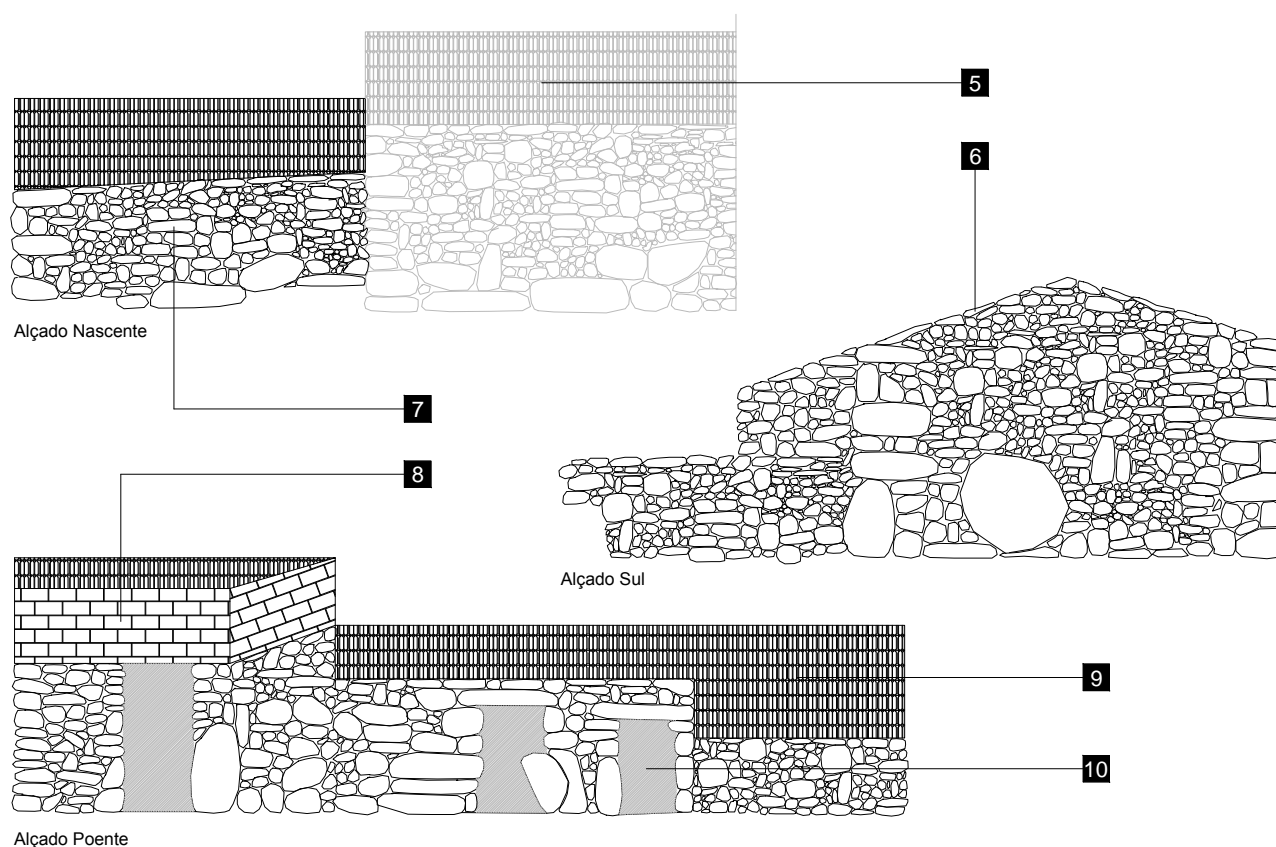


## 7 - PLANTAS DE ARQUITECTURA - Esc: 1/100



Planta do Piso 0 - Curral


## 8 - ALÇADOS - Esc: 1/100



Alçado Poente

## 9 - LEGENDA

- 1** Curral
- 2** Curral
- 3** Curral
- 4** Curral
- 5** Cobertura em Telha Marselha
- 6** Cornija em Peças de Granito
- 7** Paredes em Pedra Granítica
- 8** Paredes em Blocos de Cimento
- 9** Cobertura em Telha Marselha
- 10** Portas em madeira

-  Indicação das Águas
- Área de Construção - 60.65 m<sup>2</sup>
- Área de Implantação - 60.65 m<sup>2</sup>
- Área Útil - 33.99 m<sup>2</sup>
- Cércea Máxima - 2.89 m
- Volumetria - 175.27 m<sup>3</sup>
- Altura máxima da Edificação - 3.70 m<sup>2</sup>
- Número de Pisos - 1
- Cobertura - 1 água e 2 águas
- Tipologia - 1 - Curral
- Vãos - 3 Portas

Planta - L

Materiais - Pedra, Bloco, Madeira e Telha

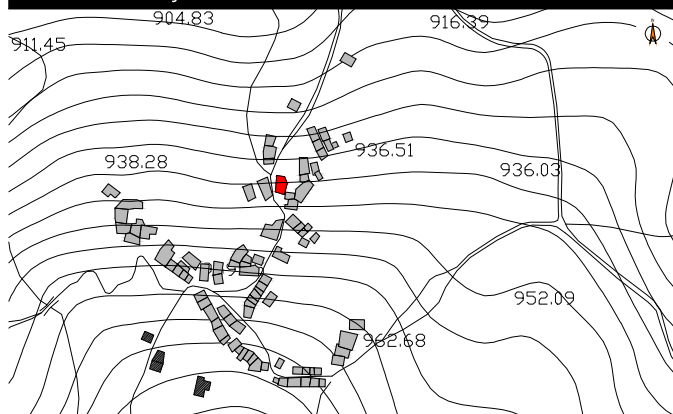
Paredes - Pedra Granítica e Bloco de Cimento

Pavimentos - Piso 0: Terra

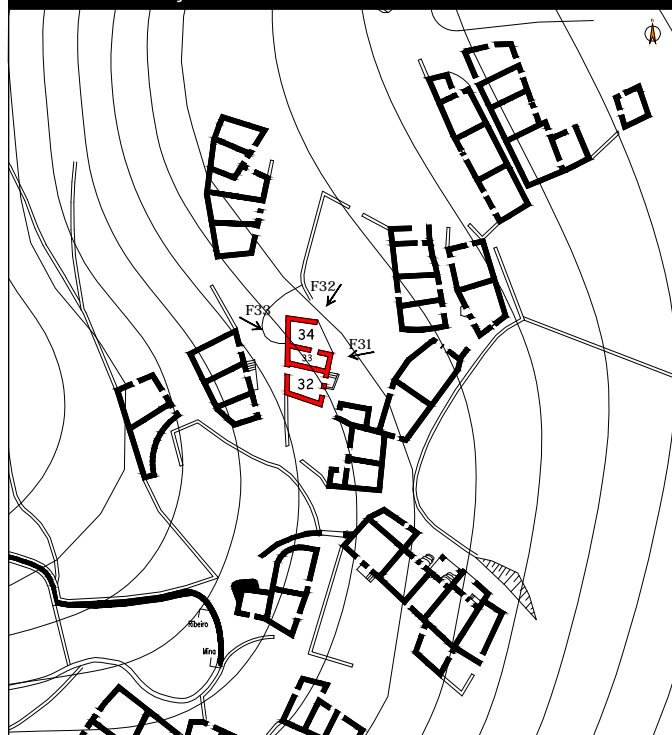
Cobertura - Estrutura em madeira e em ripas de Alumínio, revestimento em Telha



## 1 - LOCALIZAÇÃO - ESC: 1/5000



## 2 - IMPLANTAÇÃO - ESC: 1/1000



## 3 - DADOS GERAIS DA EDIFICAÇÃO

- Localização: Aldeia da Anta
- Freguesia: Lazarim
- Concelho: Lamego
- Coordenadas GPS: 41° 00' 25.52" N - 7° 51' 20.08" O
- Uso Original: Habitação, Palheiro, Curral e Arrumos carro de Bois
- Proprietário: Armando Rodrigues
- Estado de Conservação: Bom

## 4 - CARACTERÍSTICAS RELEVANTES / ESTADO ACTUAL

- Esta unidade é composta por 3 construções sendo a construção 32 de 2 pisos e as construções 33 e 34 de um piso. Todas elas têm acesso ao exterior independentes.
- Quanto à forma, a unidade apresenta planta retangular, com 4 divisões. O telhado é composto por 2 águas.
- É dada a esta unidade a tipologia 1 e 4 designada também de " Habitação, Palheiro, Curral e Anexo para carro de bois ", sendo a construção número 32 habitação e curral, a construção 33 palheiro e a construção 34 anexo para carro de bois.
- Os materiais de construção que constituem esta unidade são, a pedra granítica que é usada nas paredes, a madeira que compõe as portas, janelas e estrutura do telhado, o zinco que reveste a cobertura.
- O sistema construtivo utilizado é o assentamento em pedra seca, sem qualquer argamassa utilizada nas juntas. As pedras são assentes na melhor posição de maneira a que encaixem, utilizando as maiores e mais consistentes junto das portas, janelas e nos cunhais da construção. Estas paredes de pedra são de duas faces à vista, não recebendo qualquer tratamento ou corte para ficarem mais regulares.
- A cobertura é de duas águas, a estrutura do telhado é em madeira revestida a zinco, com uma inclinação suficiente para escoar quer a chuva, quer a neve que cai com alguma frequência.
- Quanto ao estado de conservação actual da unidade, este é bom, apresentando uma estrutura sólida e sem perigo de derrocada, assim como a cobertura está em bom estado.
- Nota-se que ao longo dos tempos houve algum cuidado em conservar algumas partes desta unidade, nomeadamente as paredes e a cobertura, visto o seu material original ter sido substituído por zinco.

## 5 - NOTAS IMPORTANTES

- Esta unidade não foi alvo de modificações em termos de áreas, cercas ou volumetrias, mantendo-se assim a sua originalidade.
- Existiram alterações no material das coberturas que passaram a ser em Zinco.
- No local não existem quaisquer tipo de infra-estruturas básicas, nomeadamente electricidade, água e esgotos.
- Esta unidade está localizada mais ou menos a 928.00m de altitude.
- Ainda hoje se guarda o gado e palha nesta unidade.

## 6 - FOTOGRAFIAS

F31

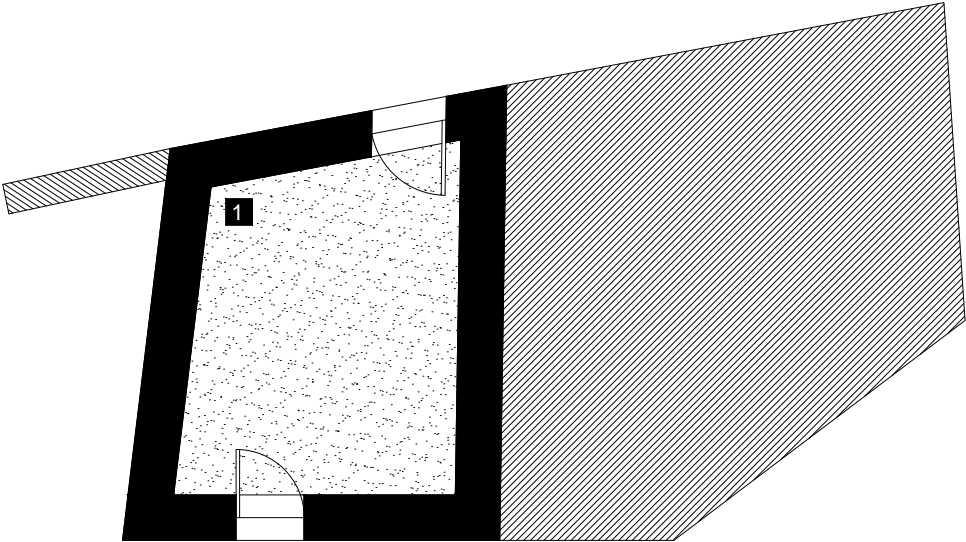


F32

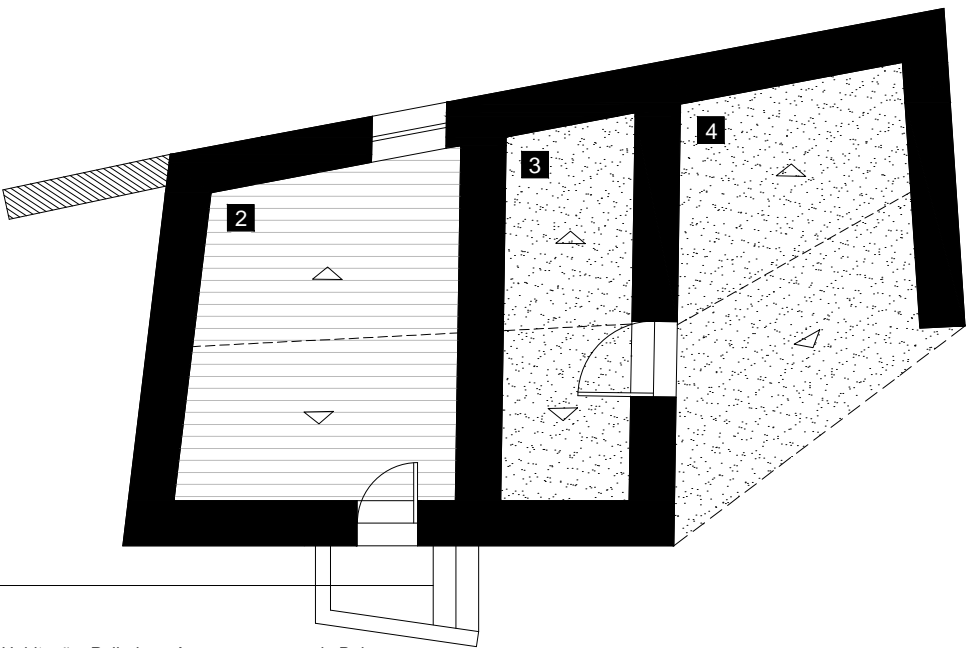


F33

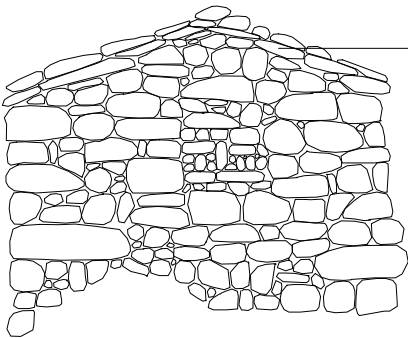




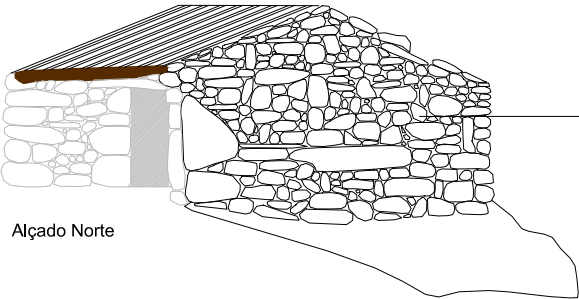
Planta da Cave - Curral



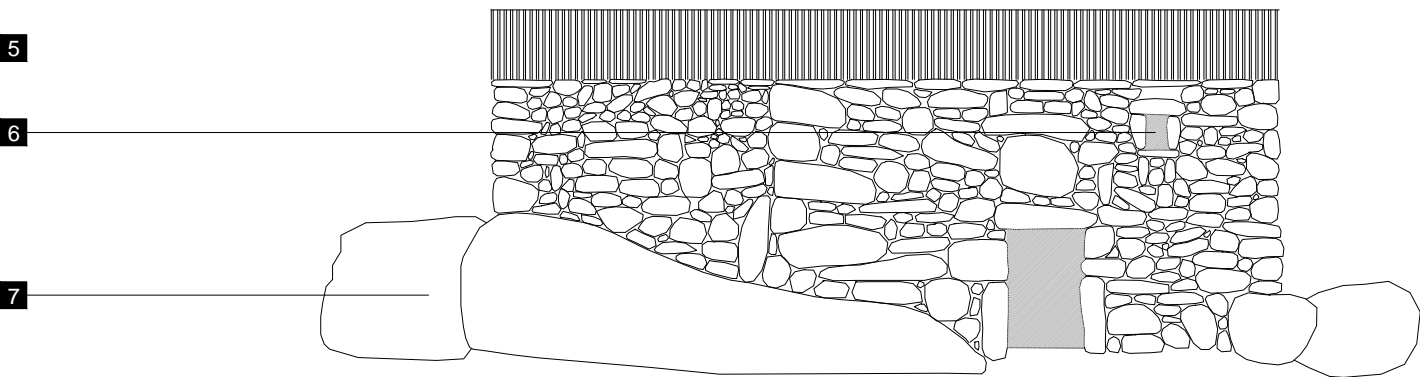
Planta do Piso 0 - Habitação, Palheiro e Anexo para carro de Bois



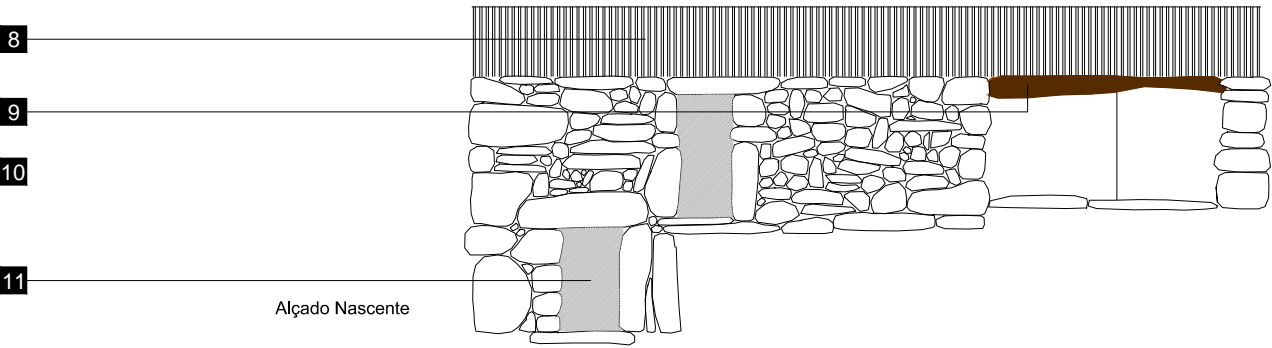
Alçado Sul



Alçado Norte



Alçado Poente

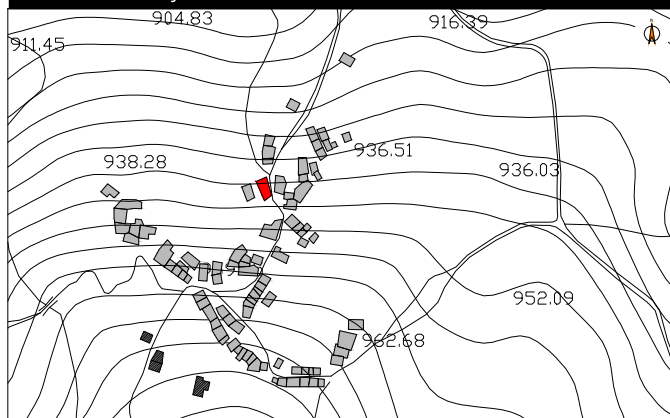


Alçado Nascente

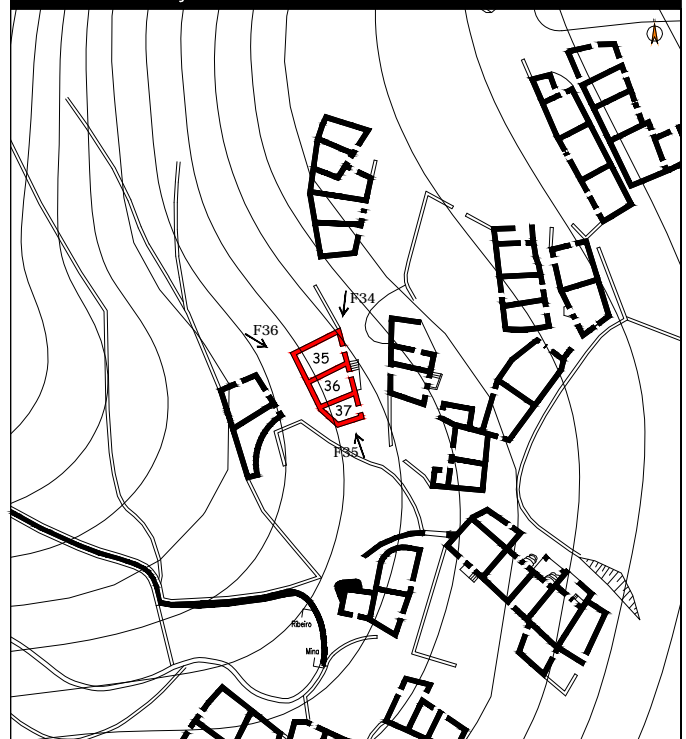
9 - LEGENDA

|    |                                 |    |                                       |  |
|----|---------------------------------|----|---------------------------------------|--|
| 1  | Curral                          | 11 | Porta em Madeira                      | Tipologia - 1 e 4 - Habitação, Palheiro, Curral e Anexo para carro de Bois |
| 2  | Habitação                       | 12 | Escadas de Acesso                     |  |
| 3  | Palheiro                        | ▽  | Indicação das Águas                   | Vãos - 4 Portas e 1 Janela   |
| 4  | Arrumo para Carro de Bois       |    | Área de Construção - 86.64 m2         | Planta - Rectangular   |
| 5  | Cornija em Peças de Granito     |    | Área de Implantação - 60.34 m2        | Materiais - Pedra, Madeira e Zinco   |
| 6  | Janela em Madeira               |    | Área Útil - 39.05 m2                  | Paredes - Pedra Granítica  |
| 7  | Pedras Naturais do Terreno      |    | Cércea Máxima - 3.40 m                | Pavimentos - Cave: Terra   |
| 8  | Telhado em Zinco                |    | Volumetria - 294.57 m3                | Piso 0: Madeira e Terra  |
| 9  | Estrutura do Telhado em Madeira |    | Altura máxima da Edificação - 4.30 m2 | Cobertura - Estrutura em madeira com revestimento em Zinco                 |
| 10 | Paredes em Pedra Granítica      |    | Número de Pisos - 2                   |  |
|    |                                 |    | Cobertura - 2 águas                   |  |

## 1 - LOCALIZAÇÃO - ESC: 1/5000



## 2 - IMPLANTAÇÃO - ESC: 1/1000



## 3 - DADOS GERAIS DA EDIFICAÇÃO

- Localização: Aldeia da Anta
- Freguesia: Lazarim
- Concelho: Lamego
- Coordenadas GPS: 41° 00' 25.46" N - 7° 51' 20.53" O
- Uso Original: Habitação, Palheiro e Curral
- Proprietário: Almeida Loureiro
- Estado de Conservação: Médio

## 4 - CARACTERÍSTICAS RELEVANTES / ESTADO ACTUAL

- Esta unidade é composta por 3 construções, todas elas de um piso, acesso ao exterior independentes.
- Quanto à forma, a unidade apresenta planta retangular, com 3 divisões. O telhado é composto por 2 águas.
- É dada a esta unidade a tipologia 1 designada também de " habitação, Palheiro e Curral ", sendo a construção número 35 destinada a palheiro, a construção 36 habitação e a construção 37 destinada a curral.
- Os materiais de construção que constituem esta unidade são, a pedra granítica que é usada nas paredes, a madeira que compõe as portas, janelas e estrutura do telhado, o colmo e o fibrocimento que revestem a cobertura.
- O sistema construtivo utilizado é o assentamento em pedra seca, sem qualquer argamassa utilizada nas juntas. As pedras são assentes na melhor posição de maneira a que encaixem, utilizando as maiores e mais consistentes junto das portas, janelas e nos cunhais da construção. Estas paredes de pedra são de duas faces à vista, não recebendo qualquer tratamento ou corte para ficarem mais regulares.
- A cobertura é de duas águas, a estrutura do telhado é em madeira revestida a colmo e fibrocimento, com uma inclinação suficiente para escoar quer a chuva, quer a neve que cai com alguma frequência.
- Quanto ao estado de conservação actual da unidade, este é médio, ja que a unidade apresenta deficiências em termos de cobertura na construção 35, assim como já foram reparadas algumas paredes.
- Nota-se que ao longo dos tempos houve algum cuidado em conservar algumas partes desta unidade, nomeadamente as paredes da construção 35, assim como a sua cobertura, visto o seu material original ter sido substituído por fibrocimento.

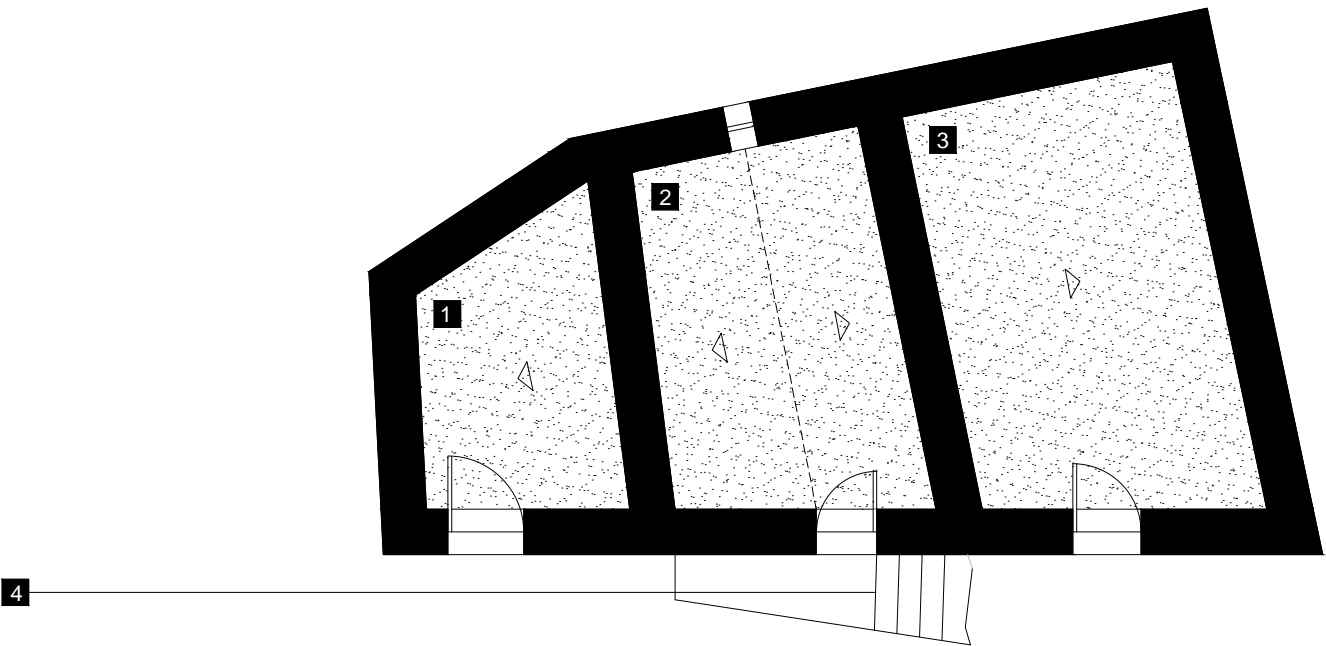
## 5 - NOTAS IMPORTANTES

- De referir que esta unidade não foi alvo de modificações em termos de áreas, cércas ou volumetrias, mantendo-se assim a sua originalidade.
- Existiram alterações no material da cobertura da construção 35 que passou a ter fibrocimento por baixo do colmo.
- No local não existem quaisquer tipo de infra-estruturas básicas, nomeadamente electricidade, água e esgotos.
- Esta unidade está localizada mais ou menos a 927.00m de altitude.
- Ainda hoje se guarda o gado e palha nesta unidade.
- O material escolhido para reparar a cobertura da construção 35 é prejudicial à saúde e faz com que a construção perca a sua originalidade e autenticidade.

## 6 - FOTOGRAFIAS

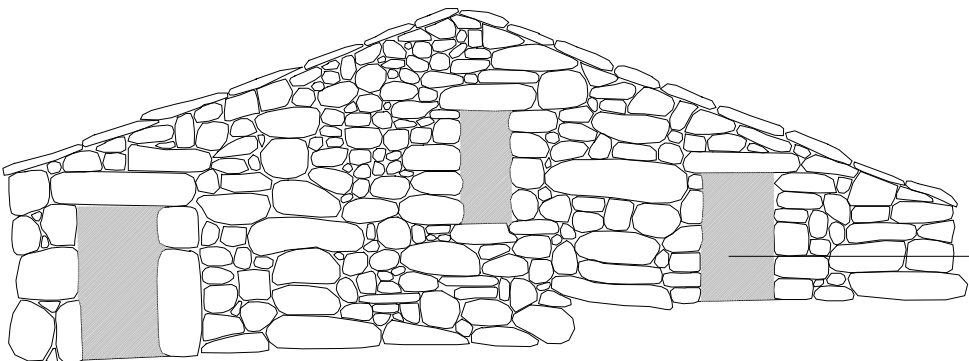




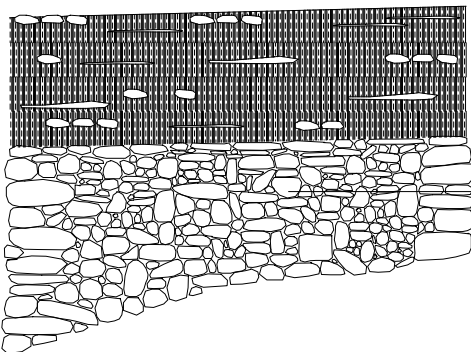


Planta do Piso 0 - Habitação, Palheiro e Curral

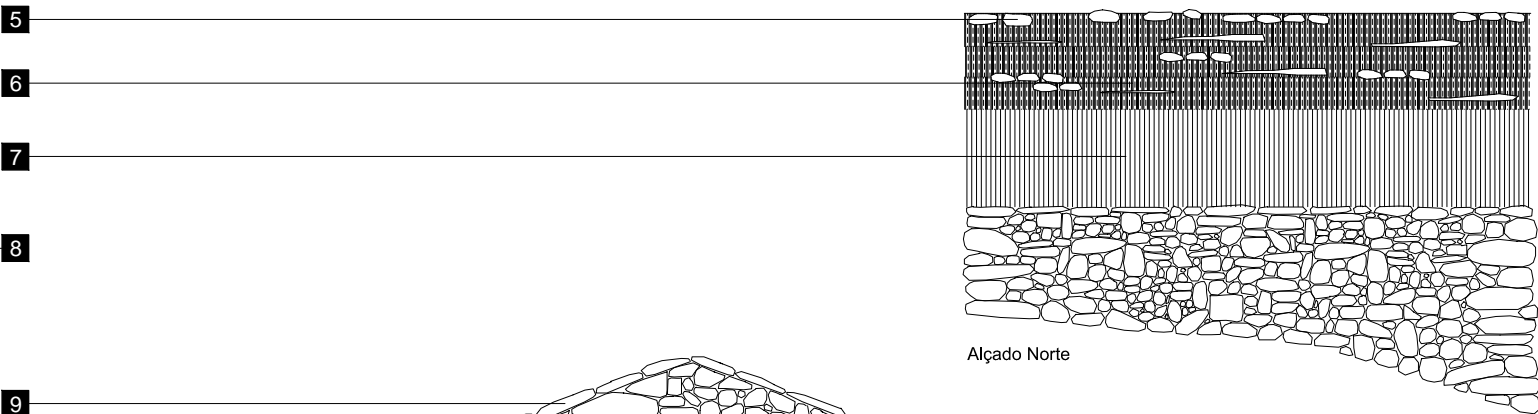
8 - ALÇADOS - Esc: 1/100



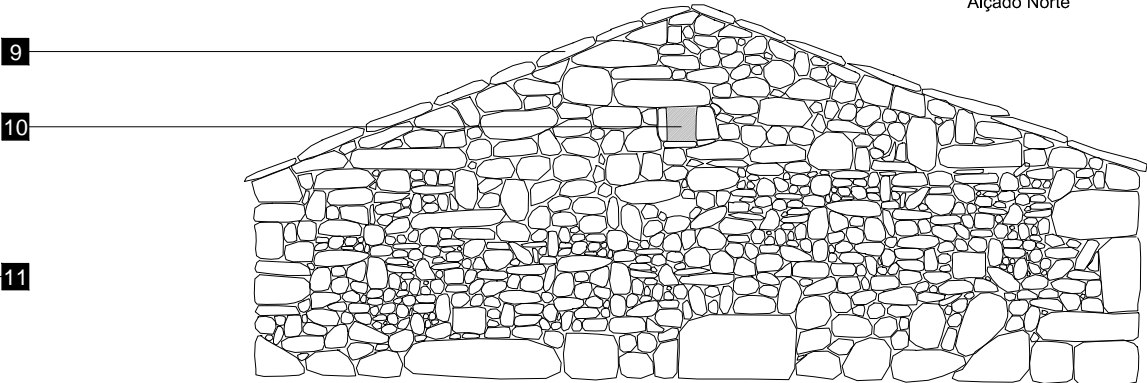
Alçado Nascente



Alçado Sul



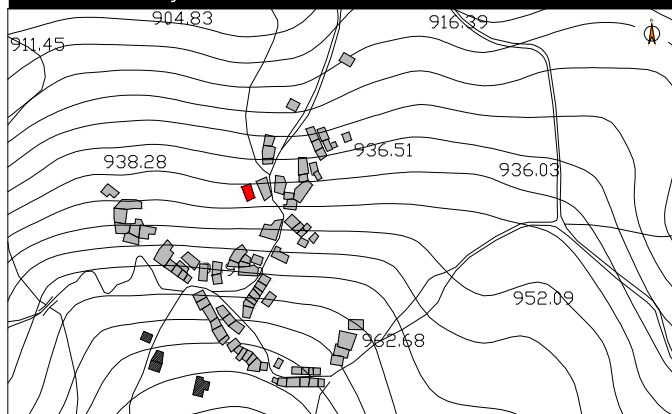
Alçado Norte



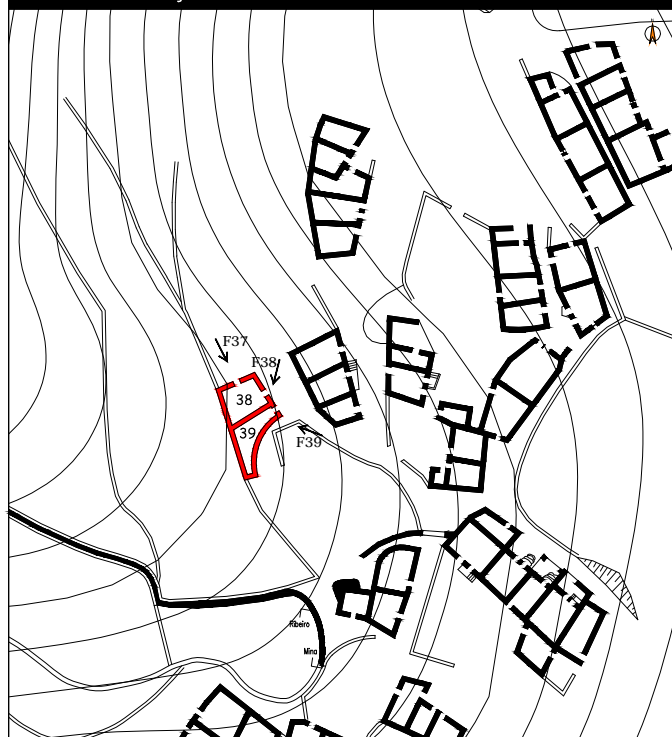
Alçado Poente

| 9 - LEGENDA |                             |   |
|-------------|-----------------------------|---|
| 1           | Curral                      | 11 Paredes em Pedra Granítica   |
| 2           | Habitação                   | Indicação das Águas   |
| 3           | Palheiro                    | Área de Construção - 71.10 m2   |
| 4           | Escadas de Acesso           | Área de Implantação - 71.10 m2  |
| 5           | Pedras que seguram o colmo  | Área Útil - 36.34 m2  |
| 6           | Cobertura em Colmo          | Cércea Máxima - 2.80 m  |
| 7           | Cobertura em Fibrocimento   | Volumetria - 199.08 m3  |
| 8           | Portas em Madeira           | Altura máxima da Edificação - 4.40 m2                                     |
| 9           | Cornija em peças de granito | Número de Pisos - 1   |
| 10          | Janela em Madeira           | Cobertura - 2 águas   |
|             |                             | Tipologia - 1- Habitação, Palheiro e Curral                               |
|             |                             | Vãos - 3 Portas e 1 Janela  |
|             |                             | Planta - Rectangular  |
|             |                             | Materiais - Pedra, Madeira, Fibrocimento e Colmo                          |
|             |                             | Paredes - Pedra Granítica   |
|             |                             | Pavimentos - Piso 0: Terra  |
|             |                             | Cobertura - Estrutura em madeira com revestimento em Colmo e Fibrocimento |

## 1 - LOCALIZAÇÃO - ESC: 1/5000



## 2 - IMPLANTAÇÃO - ESC: 1/1000



## 3 - DADOS GERAIS DA EDIFICAÇÃO

- Localização: Aldeia da Anta
- Freguesia: Lazarim
- Concelho: Lamego
- Coordenadas GPS: 41° 00' 25.37" N - 7° 51' 21.01" O
- Uso Original: Palheiro e Curral
- Proprietário: Afonso Maria e Agostinho Marcelino
- Estado de Conservação: Médio e Ruínas

## 4 - CARACTERÍSTICAS RELEVANTES / ESTADO ACTUAL

- Esta unidade é composta por 2 construções, a construção 38 tem um piso e meio com entrada pelos dois pisos, a construção 39 tem um piso. Todas elas têm, acesso ao exterior independentes.
- Quanto à forma, a unidade apresenta planta em L, com 2 divisões. O telhado é composto por 2 águas.
- É dada a esta unidade a tipologia 1 e 3 designada também de " Palheiro e Curral ", sendo a construção número 38 destinada a palheiro e curral e a construção 39 destinada só a curral.
- Os materiais de construção que constituem esta unidade são, a pedra granítica que é usada nas paredes, a madeira que compõe as portas e a estrutura do telhado, o fibrocimento reveste a cobertura na construção 38, já que a construção 39 tem a cobertura demolida.
- O sistema construtivo utilizado é o assentamento em pedra seca, sem qualquer argamassa utilizada nas juntas. As pedras são assentes na melhor posição de maneira a que encaixem, utilizando as maiores e mais consistentes junto das portas, janelas e nos cunhais da construção. Estas paredes de pedra são de duas faces à vista, não recebendo qualquer tratamento ou corte para ficarem mais regulares.
- A cobertura é de duas águas, a estrutura do telhado é em madeira revestida a fibrocimento, com uma inclinação suficiente para escoar quer a chuva, quer a neve que cai com alguma frequência.
- Quanto ao estado de conservação actual da unidade, este é médio quando falamos da construção 38, enquanto que a construção 39 está completamente em ruínas.
- Nota-se que ao longo dos tempos houve algum cuidado em conservar algumas partes da construção 38, enquanto que a construção 39 não sofreu nenhum melhoramento com o passar dos anos.

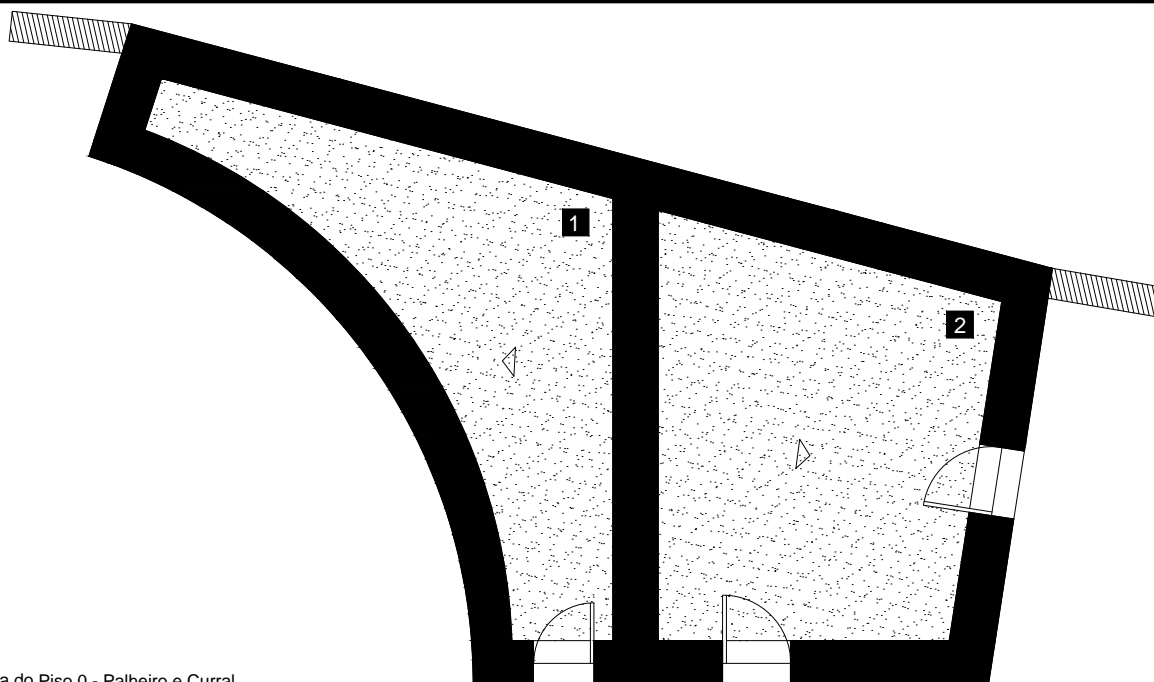
## 5 - NOTAS IMPORTANTES

- É importante também referir que esta unidade não foi alvo de modificações em termos de áreas, cercas ou volumetrias, mantendo-se assim a sua originalidade.
- Existiram alterações no material da cobertura da construção 38 que passou a ser em fibrocimento.
- No local não existem quaisquer tipo de infra-estruturas básicas, nomeadamente electricidade, água e esgotos.
- Esta unidade está localizada mais ou menos a 924.15m de altitude.
- O material escolhido para reparar a cobertura da construção 38 (fibrocimento) é prejudicial à saúde e faz com que a construção perca a sua originalidade e autenticidade.

## 6 - FOTOGRAFIAS

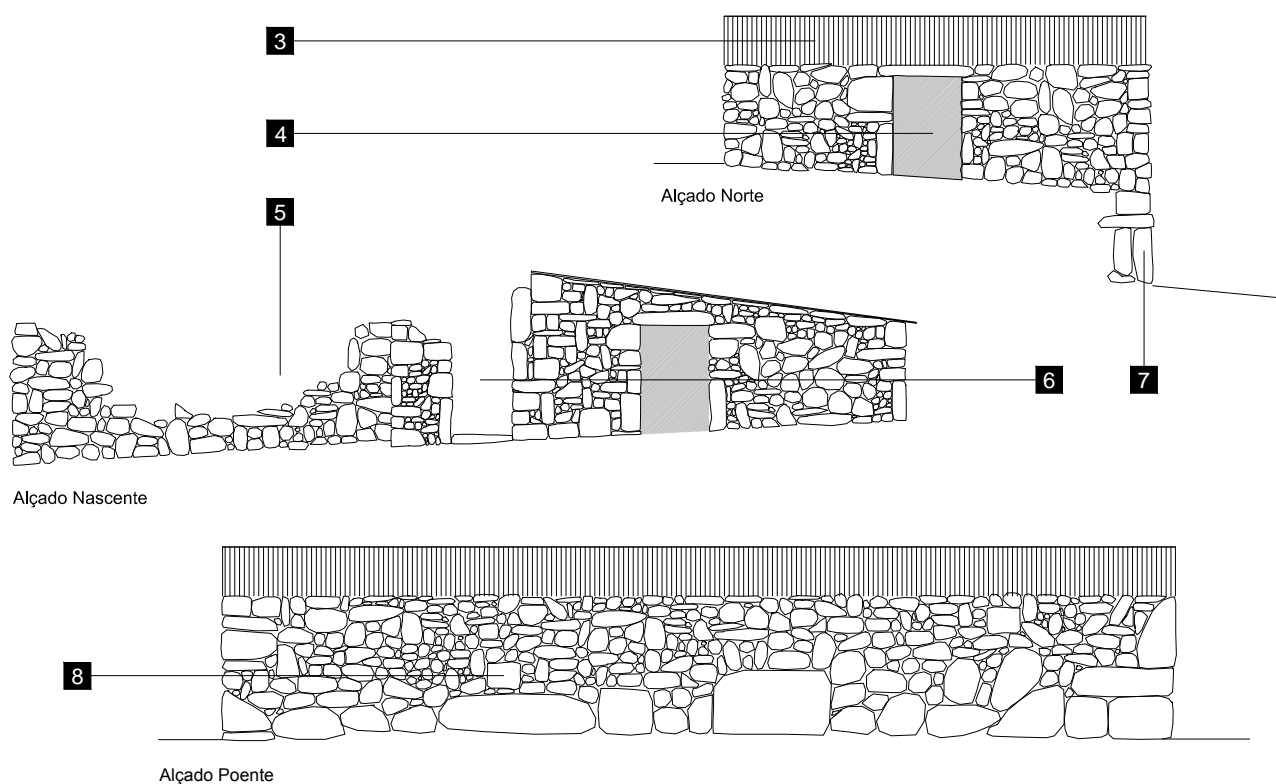


## 7 - PLANTAS DE ARQUITECTURA - Esc: 1/100



Planta do Piso 0 - Palheiro e Curral

## 8 - ALÇADOS - Esc: 1/100



## 9 - LEGENDA

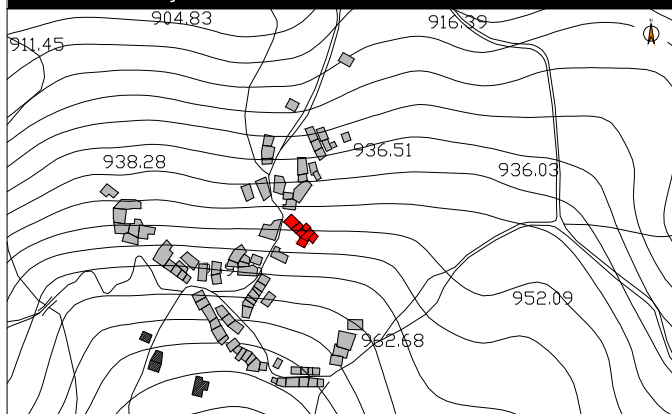
- 1 Curral
- 2 Palheiro e Curral
- 3 Cobertura em Fibrocimento
- 4 Porta em Madeita
- 5 Parede em Pedra Demolida
- 6 Porta Demolida
- 7 Muro de Suporte em Granito
- 8 Parede em pedra Granítica
- Indicação das Águas

Área de Construção - 63.08 m<sup>2</sup>  
 Área de Implantação - 63.08 m<sup>2</sup>  
 Área Útil - 39.35 m<sup>2</sup>  
 Cércea Máxima - 2.20 m  
 Volumetria - 138.77 m<sup>3</sup>  
 Altura máxima da Edificação - 2.20 m<sup>2</sup>  
 Número de Pisos - 1  
 Cobertura - 2 águas  
 Tipologia - 1 e 3 - Palheiro e Curral

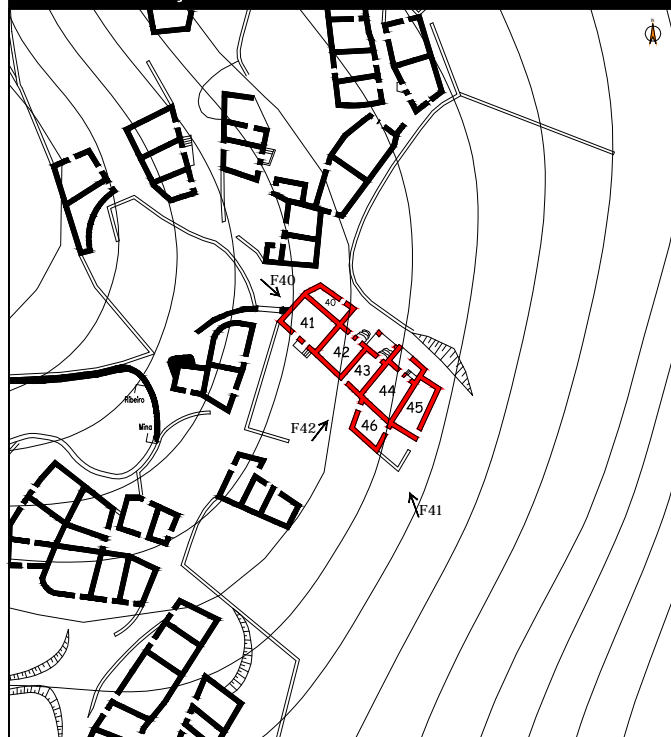
Vãos - 2 Portas  
 Planta - L  
 Materiais - Pedra, Madeira e Fibrocimento  
 Paredes - Pedra Granítica  
 Pavimentos - Piso 0: Terra  
 Cobertura - Estrutura em madeira com revestimento em Fibrocimento



## 1 - LOCALIZAÇÃO - ESC: 1/5000



## 2 - IMPLANTAÇÃO - ESC: 1/1000



## 3 - DADOS GERAIS DA EDIFICAÇÃO

- Localização: Aldeia da Anta
- Freguesia: Lazarim
- Concelho: Lamego
- Coordenadas GPS: 41° 00' 24.53" N - 7° 51' 19.46" O
- Uso Original: Habitação, Palheiro e Curral
- Proprietário: Conceição R., Agostinho J. e Cidália L.
- Estado de Conservação: Ruínas e Médio

## 4 - CARACTERÍSTICAS RELEVANTES / ESTADO ACTUAL

- Esta unidade é composta por 7 construções, sendo a construção 40 e 45 de um piso e as construções 41, 42, 43, 44 e 46 de dois pisos, todas elas com acesso ao exterior independentes.
- Quanto à forma, a unidade apresenta planta em L, com 11 divisões. O telhado é composto por 2 águas.
- É dada a esta unidade a tipologia 1 e 4 designada também de " habitação, Palheiro e Curral ", sendo as construções número 40 e 45 destinadas a curral, a construção 44 destinada a palheiro e curral e as construções 41, 42, 43 e 46 destinadas a habitação e curral.
- Os materiais de construção que constituem esta unidade são, a pedra granítica que é usada nas paredes, a madeira que compõe as portas, janelas e estrutura do telhado, o colmo, a telha marselha e o zinco que revestem a cobertura.
- O sistema construtivo utilizado é o assentamento em pedra seca, sem qualquer argamassa utilizada nas juntas. As pedras são assentes na melhor posição de maneira a que encaixem, utilizando as maiores e mais consistentes junto das portas, janelas e nos cunhais da construção. Estas paredes de pedra são de duas faces à vista, não recebendo qualquer tratamento ou corte para ficarem mais regulares.
- A cobertura é de duas águas, a estrutura do telhado é em madeira revestida a colmo, telha marselha e zinco, com uma inclinação suficiente para escoar quer a chuva, quer a neve que cai com alguma frequência.
- Quanto ao estado de conservação actual da unidade, este é médio/ruínas, já que a unidade apresenta deficiências nas construções 42, 44 e 45 que estão em ruínas, enquanto que as outras estão em estado de conservação médio.
- Nota-se que ao longo dos tempos houve algum cuidado em conservar algumas partes desta unidade, nomeadamente as construções que não têm a cobertura demolida, havendo algum cuidado também em cuidar de paredes e portas.

## 5 - NOTAS IMPORTANTES

- É importante também referir que esta unidade não foi alvo de modificações em termos de áreas, cêrceas ou volumetrias, mantendo-se assim a sua originalidade.
- Existiram alterações no material da cobertura das construções 40, 41, 43, 44 e 46 que passaram a ser em telha marselha.
- No local não existem quaisquer tipo de infra-estruturas básicas, nomeadamente electricidade, água e esgotos.
- Esta unidade está localizada mais ou menos a 928.15m de altitude.
- Ainda hoje se guarda o gado e palha nesta unidade.

## 6 - FOTOGRAFIAS

F40



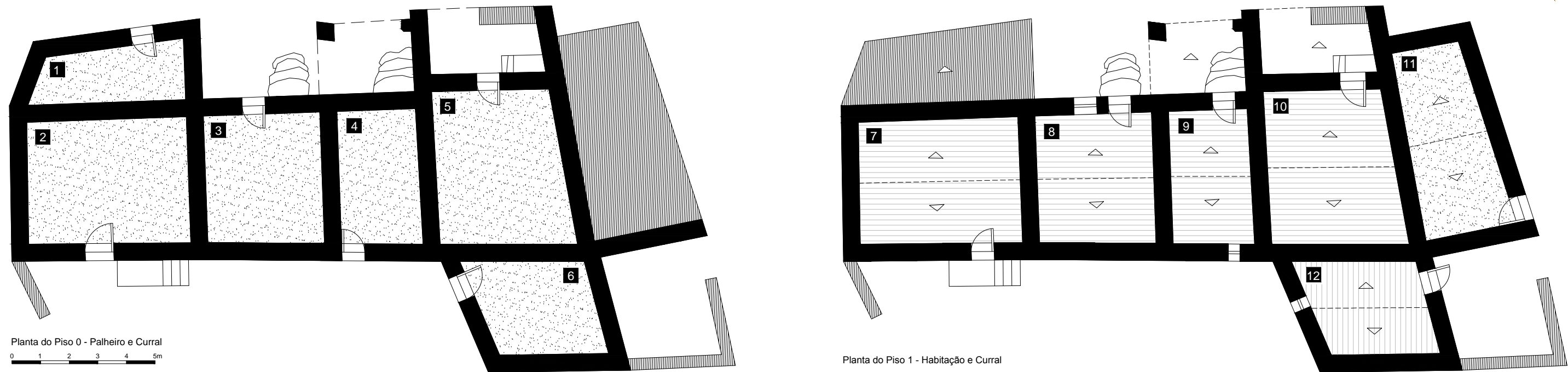
F41



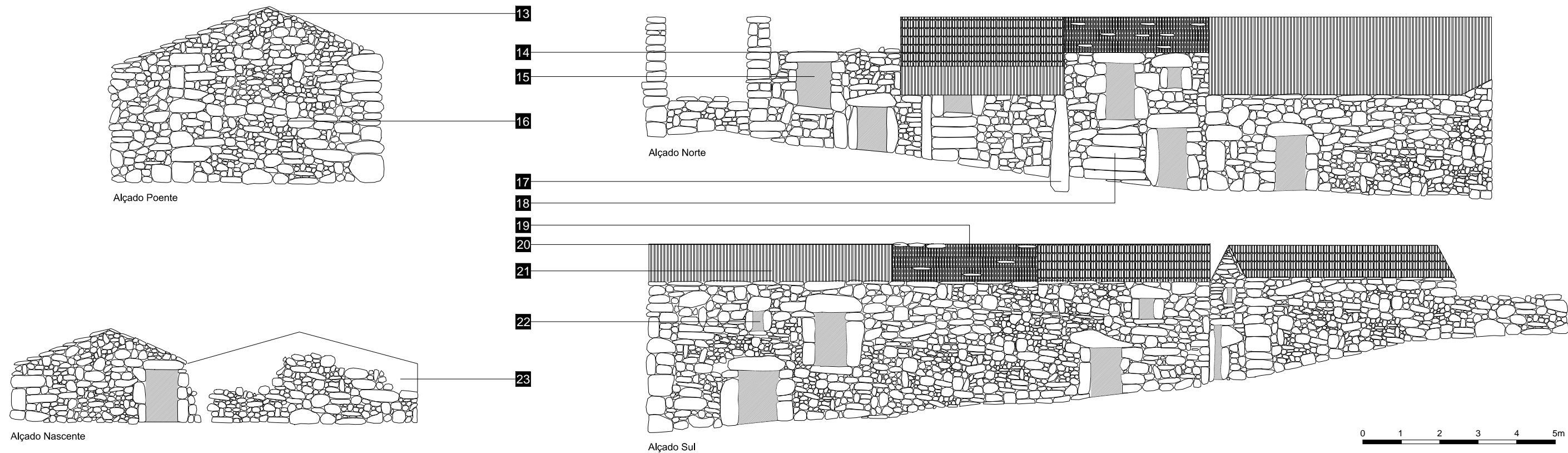
F42



7 - PLANTAS DE ARQUITECTURA - Escala Gráfica



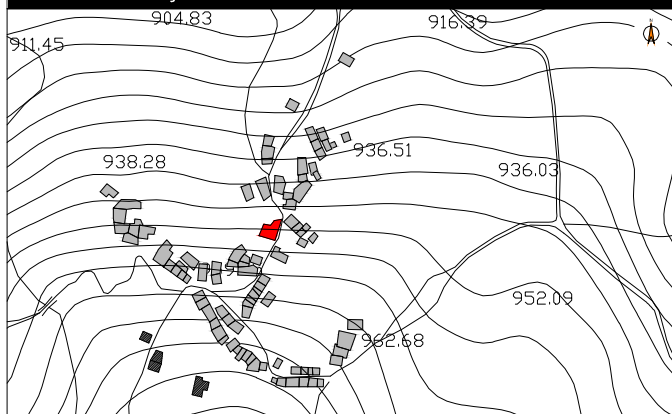
8 - ALÇADOS - Escala Gráfica



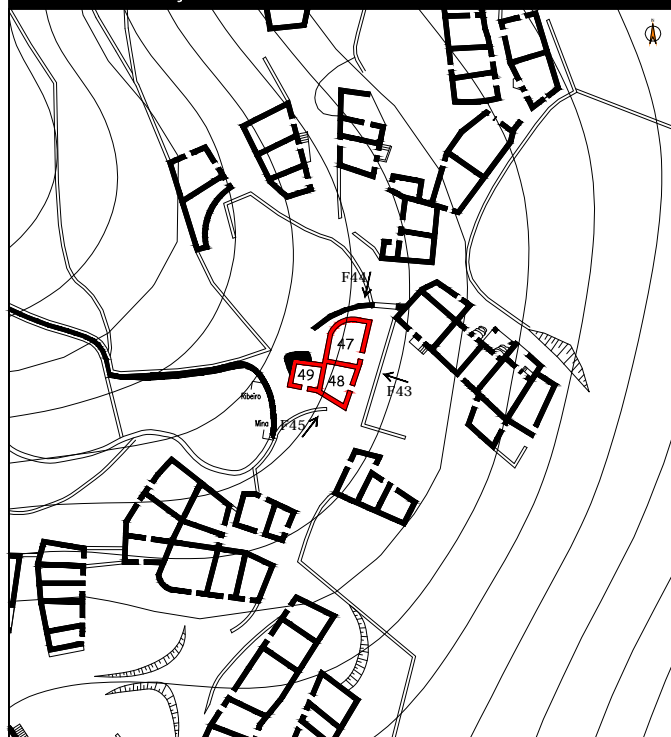
| 9 - LEGENDA                           |                              |   |                              |
|---------------------------------------|------------------------------|---|------------------------------|
| 1                                     | Curral                       | 11  | Curral                       |
| 2                                     | Curral                       | 12  | Habitação                    |
| 3                                     | Curral                       | 13  | Cornija em Peças de Granito  |
| 4                                     | Curral                       | 14  | Cobertura em telha de Canudo |
| 5                                     | Palheiro e Curral            | 15  | Portas em Madeira            |
| 6                                     | Curral                       | 16  | Paredes em Pedra Granítica   |
| 7                                     | Habitação                    | 17  | Pilares em Pedra Granítica   |
| 8                                     | Habitação                    | 18  | Escadas de Acesso            |
| 9                                     | Habitação                    | 19  | Cobertura em Colmo           |
| 10                                    | Habitação                    | 20  | Pedras que seguram o colmo   |
| 21                                    | Cobertura em chapas de Zinco | Número de Pisos - 2   |                              |
| 22                                    | Janelas em Madeira           |   |                              |
| 23                                    | Parede em Pedra demolida     | Cobertura - 2 águas   |                              |
| Indicação das Águas                   |                              | Tipologia - 1 e 4 - Habitação, Palheiro e Curral                          |                              |
| Área de Construção - 319.30 m2        |                              | Vãos - 12 Portas e 3 Janelas  |                              |
| Área de Implantação - 181.15 m2       |                              | Planta - L  |                              |
| Área Útil - 213.25 m2                 |                              | Materiais - Pedra, Madeira, Telha, Zinco e Colmo                          |                              |
| Cércea Máxima - 3.90 m                |                              | Paredes - Pedra Granítica   |                              |
| Volumetria - 1245.27 m3               |                              | Pavimentos - Piso 0: Terra  |                              |
| Altura máxima da Edificação - 4.85 m2 |                              | Piso 1: Madeira e Terra   |                              |
|                                       |                              | Cobertura - Estrutura em madeira com revestimento em Colmo, Telha e Zinco |                              |



## 1 - LOCALIZAÇÃO - ESC: 1/5000



## 2 - IMPLANTAÇÃO - ESC: 1/1000



## 3 - DADOS GERAIS DA EDIFICAÇÃO

- Localização: Aldeia da Anta
- Freguesia: Lazarim
- Concelho: Lamego
- Coordenadas GPS: 41° 00' 24.47" N - 7° 51' 20.63" O
- Uso Original: Palheiro e Curral
- Proprietário: Rafael Rodrigues, José Guerreiro e José Antunes
- Estado de Conservação: Bom e Ruínas

## 4 - CARACTERÍSTICAS RELEVANTES / ESTADO ACTUAL

- Esta unidade é composta por 3 construções, as construções 47 e 48 têm um piso enquanto que a construção 49 tem um piso e meio com acesso pelo interior. Todas as construções têm acesso ao exterior independentes.
- Quanto à forma, a unidade apresenta planta em L, com 3 divisões. O telhado é composto por 2 águas.
- É dada a esta unidade a tipologia 1 e 2 designada também de " Palheiro e Curral ", sendo a construção número 47 destinada a curral e as construções 48 e 49 destinadas a palheiro e curral.
- Os materiais de construção que constituem esta unidade são, a pedra granítica que é usada nas paredes, a madeira que compõe as portas, janelas e a estrutura do telhado, a telha de canudo reveste a cobertura na construção 49, já que as construções 47 e 48 têm a cobertura demolida.
- O sistema construtivo utilizado é o assentamento em pedra seca, sem qualquer argamassa utilizada nas juntas. As pedras são assentes na melhor posição de maneira a que encaixem, utilizando as maiores e mais consistentes junto das portas, janelas e nos cunhais da construção. Estas paredes de pedra são de duas faces à vista, não recebendo qualquer tratamento ou corte para ficarem mais regulares.
- A cobertura é de duas águas, a estrutura do telhado é em madeira revestida a telha de canudo na construção 49, com uma inclinação suficiente para escoar quer a chuva, quer a neve que cai com alguma frequência.
- Quanto ao estado de conservação actual da unidade, este é bom, quando falamos da construção 49, e em ruínas quando falamos da construção 47 e 48.
- Nota-se que ao longo dos tempos houve algum cuidado em conservar algumas partes da construção 49, enquanto que as construções 47 e 48 não sofreram nenhum melhoramento com o passar dos anos, encontrando-se em ruínas.

## 5 - NOTAS IMPORTANTES

- É importante também referir que esta unidade não foi alvo de modificações em termos de áreas, cercas ou volumetrias, mantendo-se assim a sua originalidade.
- Existiram alterações no material da cobertura da construção 49 que passou a ser em telha de canudo.
- No local não existem quaisquer tipo de infra-estruturas básicas, nomeadamente electricidade, água e esgotos.
- Esta unidade está localizada mais ou menos a 927.15m de altitude.

## 6 - FOTOGRAFIAS

F43

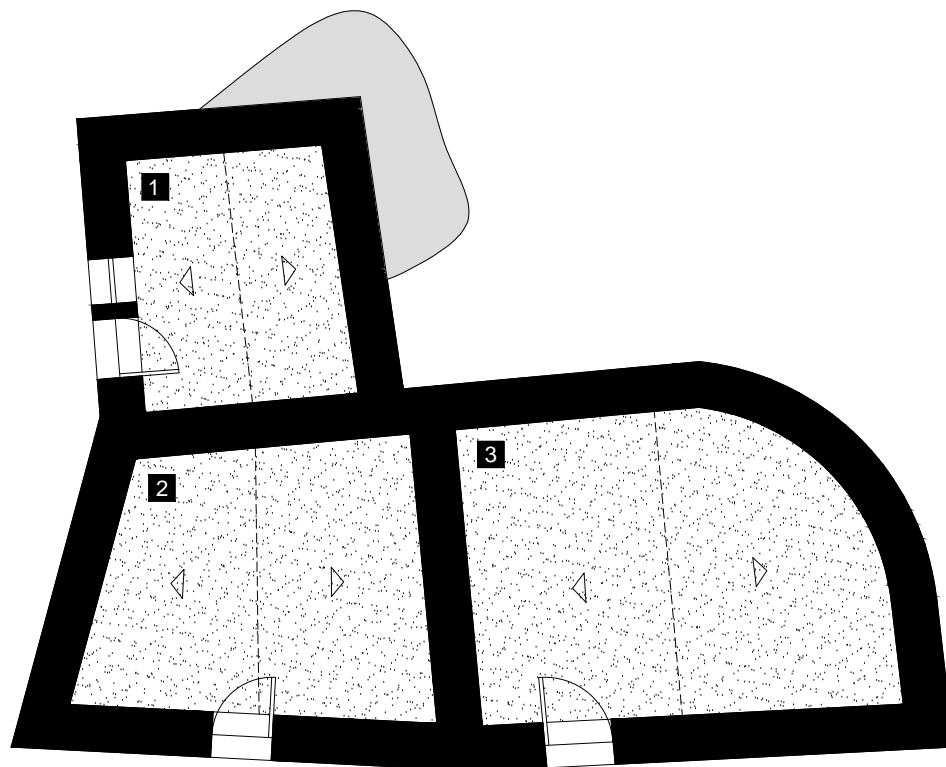


F44



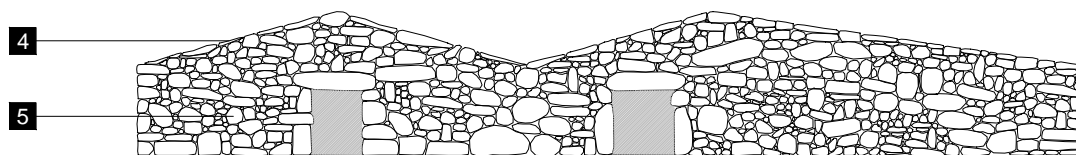
F45



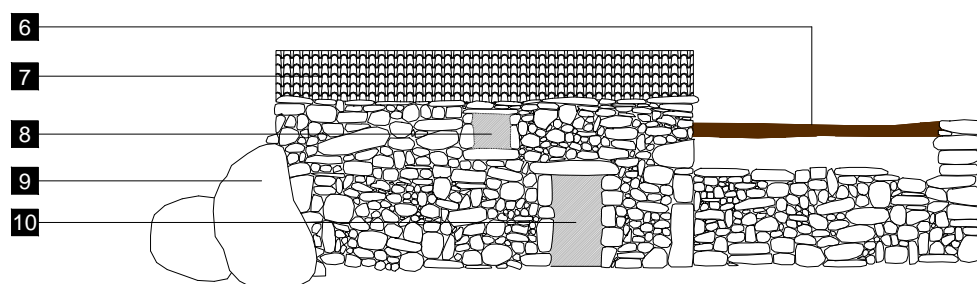


Planta do Piso 0 - Palheiro e Curral

## 8 - ALÇADOS - Esc: 1/100



Alçado Nascente

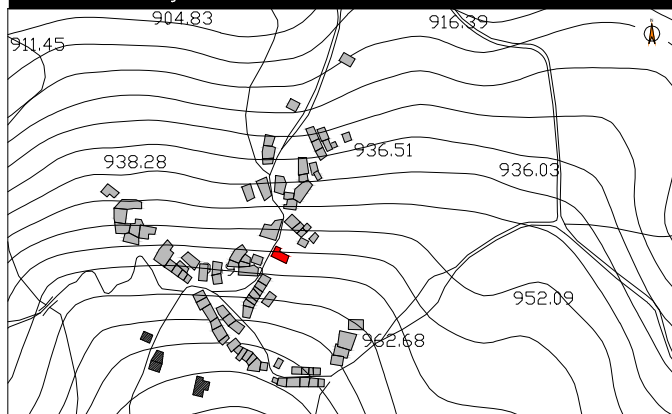


Alçado Sul

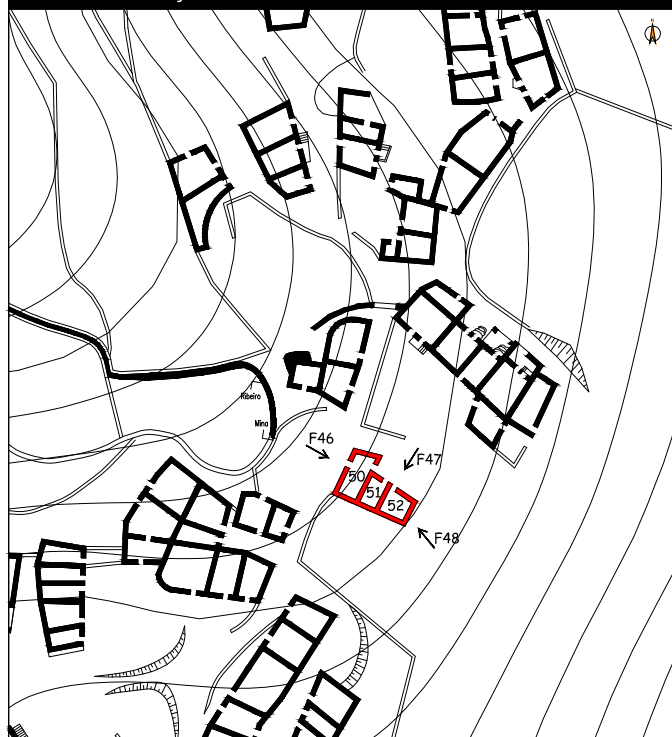
## 9 - LEGENDA

|    |                            |  |  |
|----|----------------------------|--|--|
| 1  | Palheiro e Curral          | Indicação das Águas                        | Vãos - 3 Portas e 1 Janela   |
| 2  | Palheiro e Curral          | Área de Construção - 71.00 m <sup>2</sup>  | Planta - L   |
| 3  | Curral                     | Área de Implantação - 71.00 m <sup>2</sup> | Materiais - Pedra, Madeira e Telha                                   |
| 4  | Conija em peças de granito | Área Útil - 44.73 m <sup>2</sup>           | Paredes - Pedra Granítica  |
| 5  | Paredes em pedra granítica | Cércea Máxima - 2.25 m                     | Pavimentos - Piso 0: Terra   |
| 6  | Estrutura do telhado       | Volumetria - 159.75 m <sup>3</sup>         | Cobertura - Estrutura em madeira com revestimento em telha de Canudo |
| 7  | Telhado em telha de Canudo | Altura máxima da Edificação - 2.85 m       |  |
| 8  | Janela em Madeira          | Número de Pisos - 1                        |  |
| 9  | Pedras naturais do local   | Cobertura - 2 águas                        |  |
| 10 | Porta em Madeira           | Tipologia - 1 e - Palheiro e Curral        |  |

## 1 - LOCALIZAÇÃO - ESC: 1/5000



## 2 - IMPLANTAÇÃO - ESC: 1/1000



## 3 - DADOS GERAIS DA EDIFICAÇÃO

- Localização: Aldeia da Anta
- Freguesia: Lazarim
- Concelho: Lamego
- Coordenadas GPS: 41° 00' 23.96" N - 7° 51' 20.31" O
- Uso Original: Palheiro e Curral
- Proprietário: Joaquim Vento, Miguel Marcelino e Carlos
- Estado de Conservação: Médio e Ruínas

## 4 - CARACTERÍSTICAS RELEVANTES / ESTADO ACTUAL

- Esta unidade é composta por 3 construções, as construções 51 e 52 têm um piso enquanto que a construção 50 tem dois pisos. Todas as construções têm acesso ao exterior independentes.
- Quanto à forma, a unidade apresenta planta em L, com 4 divisões. O telhado é composto por 2 águas.
- É dada a esta unidade a tipologia 1 e 4 designada também de " Palheiro e Curral ", sendo a construção número 50 destinada a palheiro e curral, a construção 51 destinada a palheiro e a construção 52 destinada a curral.
- Os materiais de construção que constituem esta unidade são, a pedra granítica que é usada nas paredes, a madeira que compõe as portas, janelas e a estrutura do telhado, a chapa de zinco que reveste a cobertura na construção 51, já que as construções 50 e 52 têm a cobertura demolida.
- O sistema construtivo utilizado é o assentamento em pedra seca, sem qualquer argamassa utilizada nas juntas. As pedras são assentes na melhor posição de maneira a que encaixem, utilizando as maiores e mais consistentes junto das portas, janelas e nos cunhais da construção. Estas paredes de pedra são de duas faces à vista, não recebendo qualquer tratamento ou corte para ficarem mais regulares.
- A cobertura é de duas águas, a estrutura do telhado é em madeira revestida a zinco na construção 51, com uma inclinação suficiente para escoar quer a chuva, quer a neve que cai com alguma frequência.
- Quanto ao estado de conservação actual da unidade, este é bom, quando falamos da construção 51, e em ruínas quando falamos das construções 50 e 52.
- Nota-se que ao longo dos tempos houve algum cuidado em conservar algumas partes da construção 51, enquanto que as construções 50 e 52 não sofreram nenhum melhoramento com o passar dos anos, encontrando-se em ruínas.

## 5 - NOTAS IMPORTANTES

- É importante também referir que esta unidade não foi alvo de modificações em termos de áreas, cercas ou volumetrias, mantendo-se assim a sua originalidade.
- Existiram alterações no material da cobertura da construção 51 que passou a ser zinco.
- No local não existem quaisquer tipo de infra-estruturas básicas, nomeadamente electricidade, água e esgotos.
- Esta unidade está localizada mais ou menos a 928.00m de altitude.

## 6 - FOTOGRAFIAS

F46

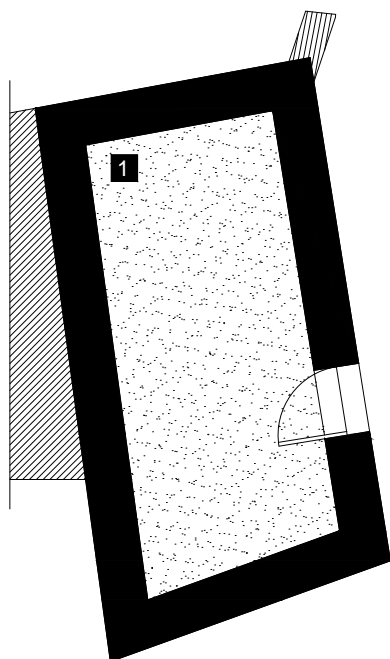


F47

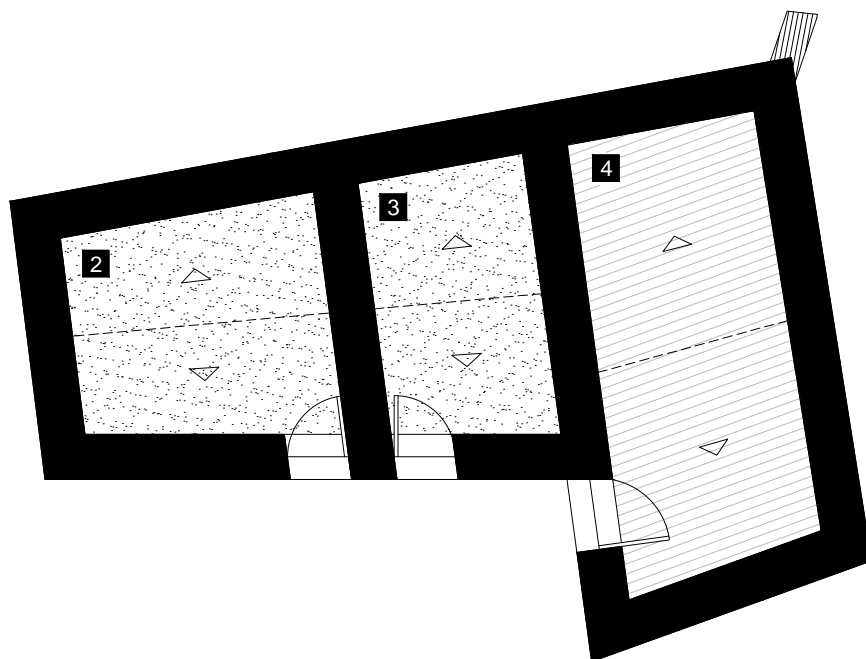


F48



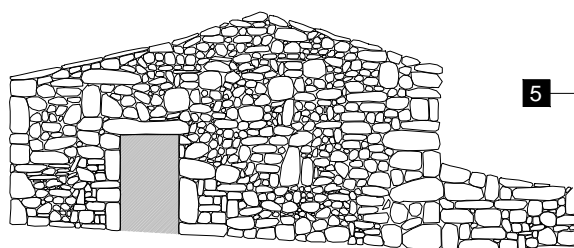


Planta da Cave - Curral

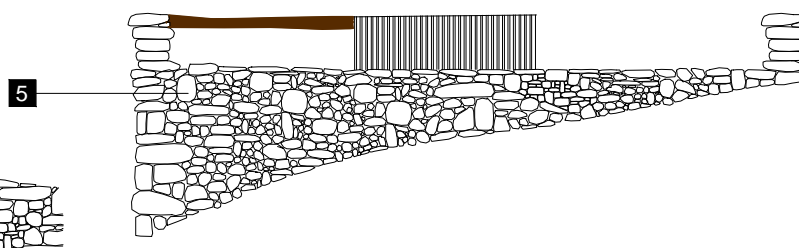


Planta do Piso 0 - Palheiro e Curral

## 8 - ALÇADOS - Escala Gráfica



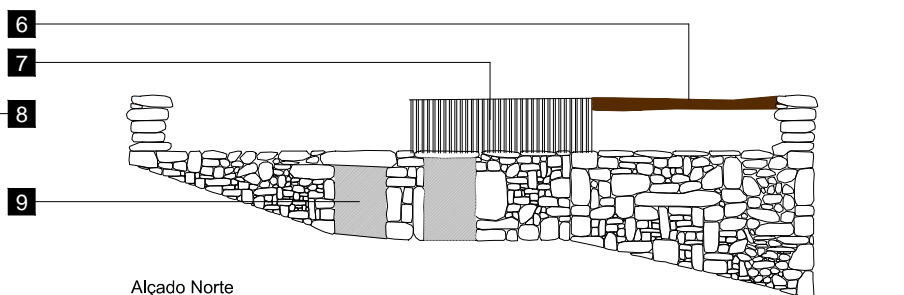
Alçado Poente



Alçado Sul



Alçado Nascente



Alçado Norte

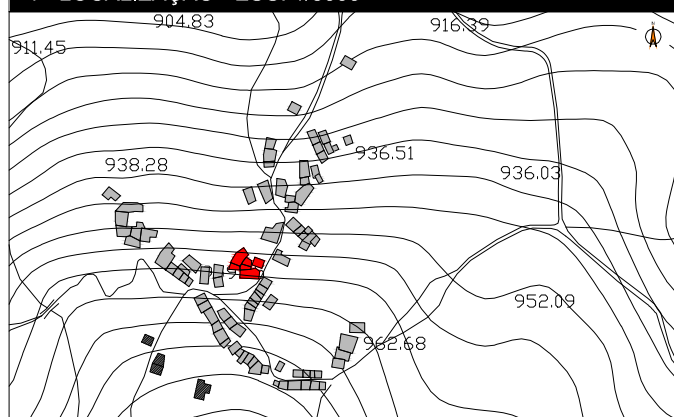
0 1 2 3 4 5m

## 9 - LEGENDA

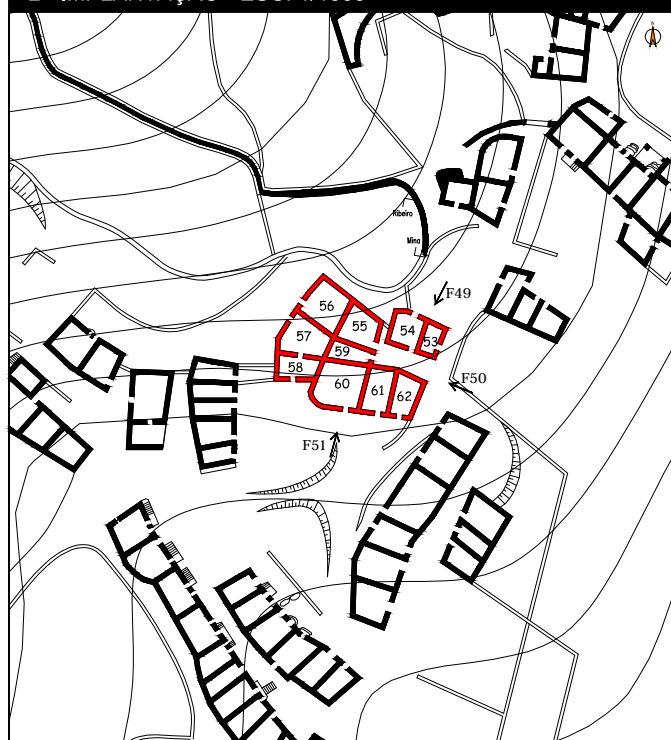
|   |                                 |  |                                      |
|---|---------------------------------|--|--------------------------------------|
| 1 | Curral                          | Área de Construção - 82.90 m <sup>2</sup>  | Vãos - 3 Portas                      |
| 2 | Curral                          | Área de Implantação - 56.24 m <sup>2</sup> | Planta - L                           |
| 3 | Palheiro                        | Área Útil - 47.82 m <sup>2</sup>           | Materiais - Pedra, Madeira e Zinco   |
| 4 | Palheiro                        | Cércea Máxima - 2.00 m                     | Paredes - Pedra Granítica            |
| 5 | Paredes em pedra granítica      | Volumetria - 165.80 m <sup>3</sup>         | Pavimentos - Cave: Terra             |
| 6 | Estrutura do telhado em Madeira | Altura máxima da Edificação - 2.65 m       | Piso 0: Terra e Madeira              |
| 7 | Telhado em chapas de Zinco      | Número de Pisos - 2                        | Cobertura - Estrutura em madeira com |
| 8 | Conija em Peças de Granito      | Cobertura - 2 águas                        | revestimento em chapas de Zinco      |
| 9 | Portas em Madeira               | Tipologia - 1 e 4 - Palheiro e Curral      |                                      |
| ▽ | Indicação das Águas             |  |                                      |



## 1 - LOCALIZAÇÃO - ESC: 1/5000



## 2 - IMPLANTAÇÃO - ESC: 1/1000



## 3 - DADOS GERAIS DA EDIFICAÇÃO

- Localização: Aldeia da Anta
- Freguesia: Lazarim
- Concelho: Lamego
- Coordenadas GPS: 41° 00' 23.76" N - 7° 51' 21.30" O
- Uso Original: Habitação, Palheiro e Curral
- Proprietário: Losé, Agostinho, António, Manuel e Michael
- Estado de Conservação: Ruínas e Médio

## 4 - CARACTERÍSTICAS RELEVANTES / ESTADO ACTUAL

- Esta unidade é composta por 10 construções, sendo as construções 53, 55, 59, 60, 61 e 62 de um piso, as construções 56, 57 e 58 são de um piso e meio com acesso pelo interior e a construção 54 e de um piso e meio com acesso pelo exterior.
- Quanto à forma, a unidade apresenta planta em U, com 10 divisões. O telhado é composto por 2 águas.
- É dada a esta unidade a tipologia 1, 2 e 3 designada também de " habitação, Palheiro e Curral ", sendo as construções número 55, 59, 60, 61 e 62 destinadas a curral, as construções 53, 56 e 57 destinadas a palheiro e curral, a construção 54 destinada a habitação e curral e a construção 58 destinada a habitação.
- Os materiais de construção que constituem esta unidade são, a pedra granítica que é usada nas paredes, a madeira que compõe as portas, janelas e estrutura do telhado, o zinco, a telha de canudo, a telha marselha e o fibrocimento que revestem a cobertura.
- O sistema construtivo utilizado é o assentamento em pedra seca, sem qualquer argamassa utilizada nas juntas. As pedras são assentes na melhor posição de maneira a que encaixem, utilizando as maiores e mais consistentes junto das portas, janelas e nos cunhais da construção. Estas paredes de pedra são de duas faces à vista, não recebendo qualquer tratamento ou corte para ficarem mais regulares.
- A cobertura é de duas águas, a estrutura do telhado é em madeira revestida a zinco, fibrocimento, telha de canudo e telha marselha, com uma inclinação suficiente para escoar quer a chuva, quer a neve que cai com alguma frequência.
- Quanto ao estado de conservação actual da unidade, este é médio/ruínas, já que a unidade apresenta deficiências nas construções 53, 54, 56, 57 e 58 que estão em ruínas, enquanto que as outras estão em estado de conservação médio.
- Nota-se que ao longo dos tempos houve algum cuidado em conservar algumas partes desta unidade, nomeadamente as construções que não têm a cobertura demolida, havendo algum cuidado também em cuidar de paredes e portas.

## 5 - NOTAS IMPORTANTES

- É importante também referir que esta unidade não foi alvo de modificações em termos de áreas, cêrceas ou volumetrias, mantendo-se assim a sua originalidade.
- Existiram alterações no material da cobertura das construções 55, 59, 60, 61, e 62 que passaram a ser em telha marselha, zinco, telha de canudo e fibrocimento.
- No local não existem quaisquer tipo de infra-estruturas básicas, nomeadamente electricidade, água e esgotos.
- Esta unidade está localizada mais ou menos a 927.15m de altitude.
- Ainda hoje se guarda o gado e palha nesta unidade.

## 6 - FOTOGRAFIAS

F49

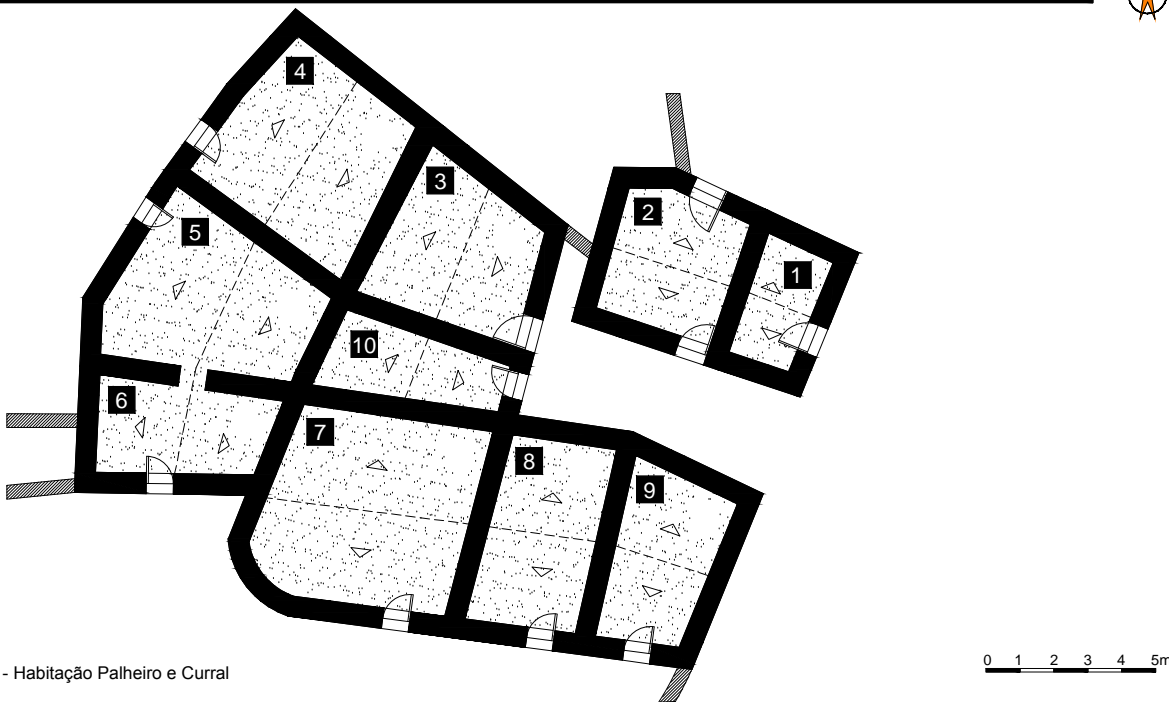


F50



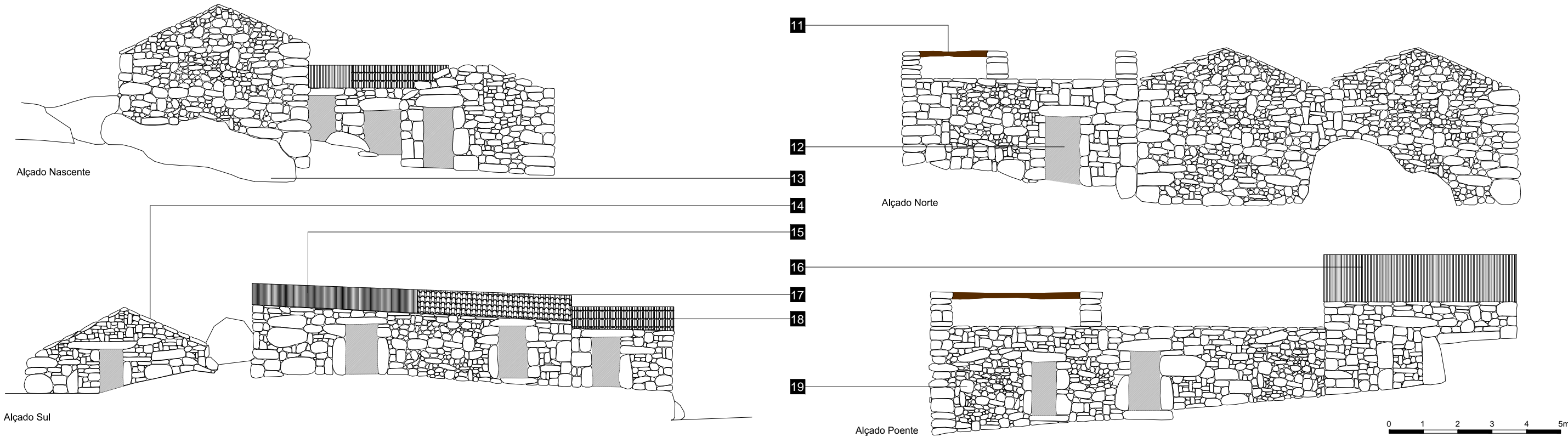
F51





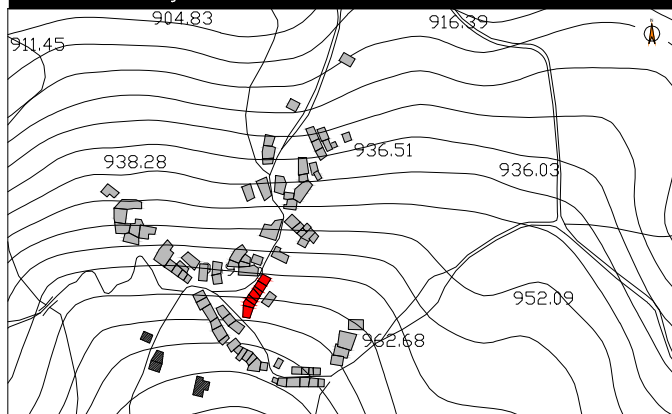
Planta do Piso 0 - Habitação Palheiro e Curral

8 - ALÇADOS - Escala Gráfica

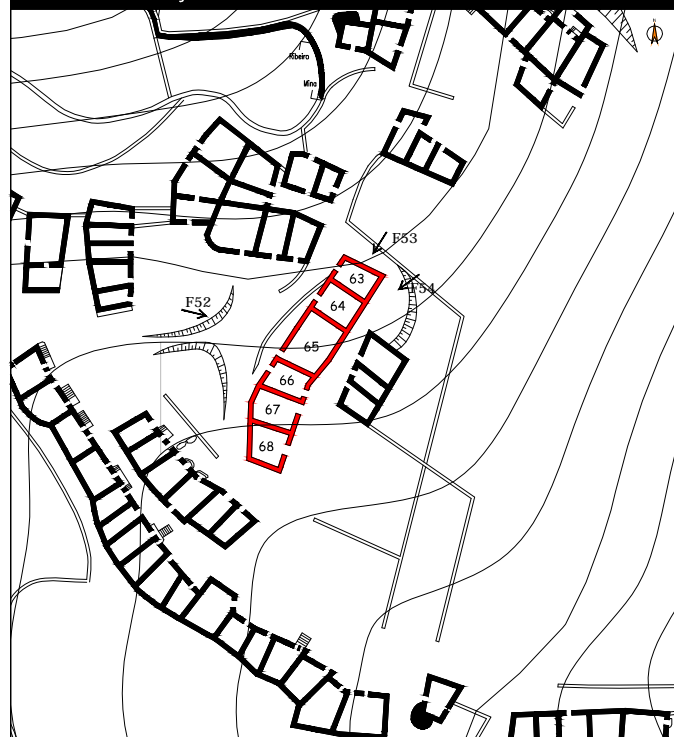


| 9 - LEGENDA |                    |    |  |
|-------------|--------------------|----|--|
| 1           | Palheiro e Curral  | 11 | Estrutura do telhado em madeira  |
| 2           | Habitação e Curral | 12 | Portas em madeira  |
| 3           | Curral             | 13 | Pedras naturais  |
| 4           | Palheiro e Curral  | 14 | Cornija em peças de granito  |
| 5           | Palheiro e Curral  | 15 | Cobertura em Fibrocimento  |
| 6           | Habitação          | 16 | Cobertura em zinco   |
| 7           | Curral             | 17 | Cobertura em telha de canudo   |
| 8           | Curral             | 18 | Cobertura em telha Marselha  |
| 9           | Curral             | 19 | Paredes em pedra granítica   |
| 10          | Curral             |    | Indicação das Águas  |
|             |                    |    | Área de Construção - 256.54 m2   |
|             |                    |    | Área de Implantação - 256.54 m2  |
|             |                    |    | Área Útil - 175.74 m2  |
|             |                    |    | Cércea Máxima - 2.40 m   |
|             |                    |    | Volumetria - 615.69 m3   |
|             |                    |    | Altura máxima da Edificação - 3.45 m2  |
|             |                    |    | Número de Pisos - 1  |
|             |                    |    | Cobertura - 2 águas  |
|             |                    |    | Tipologia - 1, 2 e 3 - Habitação, Palheiro e Curral                              |
|             |                    |    | Vãos - 12 Portas   |
|             |                    |    | Planta - U   |
|             |                    |    | Materiais - Pedra, Madeira, Telha, Zinco e Fibrocimento                          |
|             |                    |    | Paredes - Pedra Granítica  |
|             |                    |    | Pavimentos - Piso 0: Terra   |
|             |                    |    | Cobertura - Estrutura em madeira com revestimento em Telha, Zinco e fibrocimento |

## 1 - LOCALIZAÇÃO - ESC: 1/5000



## 2 - IMPLANTAÇÃO - ESC: 1/1000



## 3 - DADOS GERAIS DA EDIFICAÇÃO

- Localização: Aldeia da Anta
- Freguesia: Lazarim
- Concelho: Lamego
- Coordenadas GPS: 41° 00' 23.09" N - 7° 51' 21.01" O
- Uso Original: Palheiro e Curral
- Proprietário: José, Agostinho, Daniel, Carlos, André e Cremilde
- Estado de Conservação: Médio

## 4 - CARACTERÍSTICAS RELEVANTES / ESTADO ACTUAL

- Esta unidade é composta por 6 construções, todas elas de um piso, com acesso ao exterior independentes.
- Quanto à forma, a unidade apresenta planta rectângular, com 6 divisões. O telhado é composto por 2 águas.
- É dada a esta unidade a tipologia 1, designada também de " Palheiro e Curral ", sendo as construções número 63, 64, 65 e 66 destinadas a curral e as construções 67 e 68 destinadas a palheiro e curral.
- Os materiais de construção que constituem esta unidade são, a pedra granítica que é usada nas paredes, a madeira que compõe as portas, janelas e estrutura do telhado e a chapa de zinco que reveste a cobertura em todas elas.
- O sistema construtivo utilizado é o assentamento em pedra seca, sem qualquer argamassa utilizada nas juntas. As pedras são assentes na melhor posição de maneira a que encaixem, utilizando as maiores e mais consistentes junto das portas, janelas e nos cunhais da construção. Estas paredes de pedra são de duas faces à vista, não recebendo qualquer tratamento ou corte para ficarem mais regulares.
- A cobertura é de duas águas, a estrutura do telhado é em madeira revestida a zinco, com uma inclinação suficiente para escoar quer a chuva, quer a neve que cai com alguma frequência.
- Quanto ao estado de conservação actual da unidade, este é médio, já que a unidade apresenta melhoramentos em termos de revestimento do telhado e algumas paredes compostas.
- Nota-se que ao longo dos tempos houve algum cuidado em conservar algumas partes desta unidade, nomeadamente no que diz respeito às coberturas, paredes e portas.

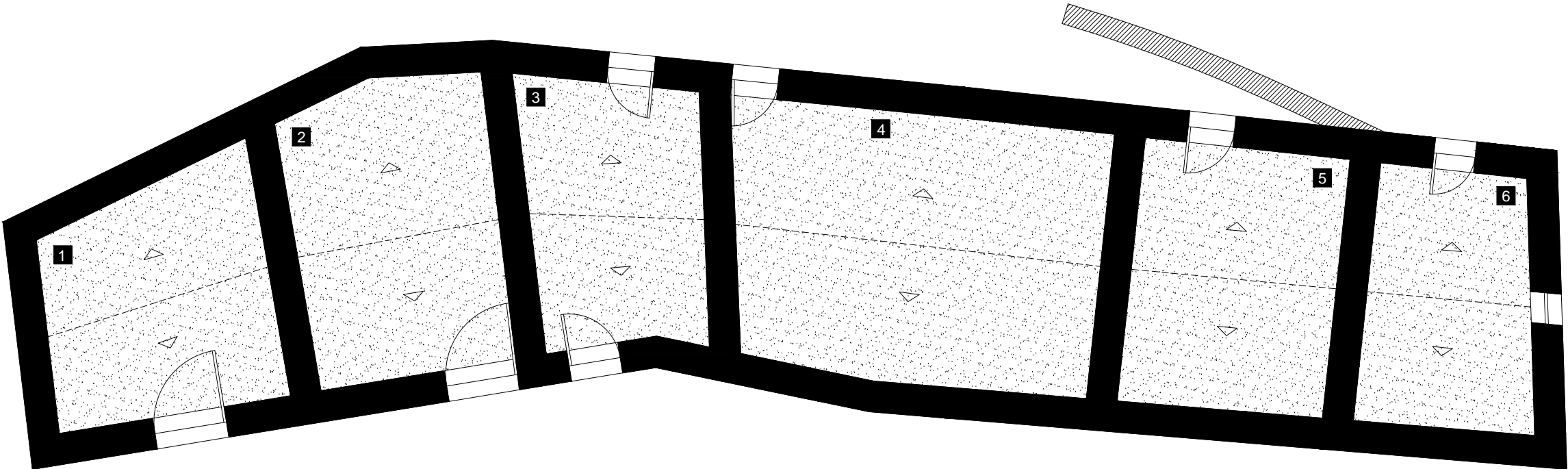
## 5 - NOTAS IMPORTANTES

- É importante também referir que esta unidade não foi alvo de modificações em termos de áreas, cercas ou volumetrias, mantendo-se assim a sua originalidade.
- Existiram alterações no material da cobertura de todas as construções que passaram a ser em zinco.
- No local não existem quaisquer tipo de infra-estruturas básicas, nomeadamente electricidade, água e esgotos.
- Esta unidade está localizada mais ou menos a 928.15m de altitude.
- Ainda hoje se guarda o gado e palha nesta unidade.

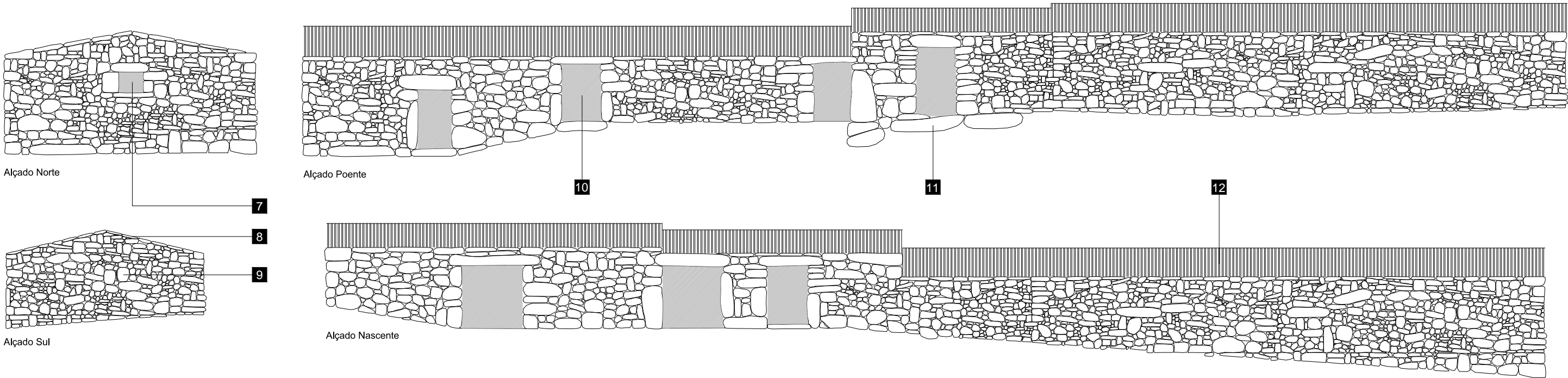
## 6 - FOTOGRAFIAS







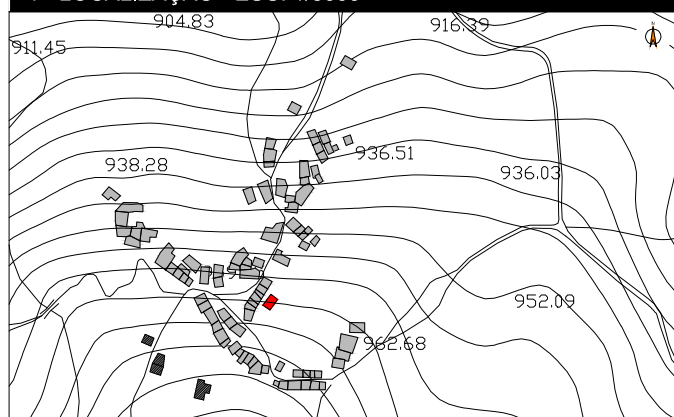
Planta do Piso 0 - Palheiro e Curral



9 - LEGENDA

|    |                             |    |                                       |   |
|----|-----------------------------|----|---------------------------------------|---|
| 1  | Palheiro e Curral           | 11 | Pedras de soleira                     | Cobertura - 2 águas   |
| 2  | Palheiro e Curral           | 12 | Cobertura em zinco                    | Tipologia - 1 - Palheiro e Curral                                   |
| 3  | Curral                      |    | Indicação das Águas                   | Vãos - 7 Portas e 1 janelas   |
| 4  | Curral                      |    | Área de Construção - 188.20 m2        | Planta - Rectangular  |
| 5  | Curral                      |    | Área de Implantação - 188.20 m2       | Materiais - Pedra, Madeira e Zinco                                  |
| 6  | Curral                      |    | Área Útil - 130.75 m2                 | Paredes - Pedra Granítica   |
| 7  | Janelas em Madeira          |    | Cércea Máxima - 2.45 m                | Pavimentos - Piso 0: Terra  |
| 8  | Cornija em peças de granito |    | Volumetria - 461.09 m3                | Cobertura - Estrutura em madeira com revestimento em chapa de zinco |
| 9  | Paredes em pedra granítica  |    | Altura máxima da Edificação - 3.15 m2 |   |
| 10 | Portas em Madeira           |    | Número de Pisos - 1                   |   |

## 1 - LOCALIZAÇÃO - ESC: 1/5000



## 2 - IMPLANTAÇÃO - ESC: 1/1000



## 3 - DADOS GERAIS DA EDIFICAÇÃO

- Localização: Aldeia da Anta
- Freguesia: Lazarim
- Concelho: Lamego
- Coordenadas GPS: 41° 00' 22.99" N - 7° 51' 20.56" O
- Uso Original: Curral
- Proprietário: Manuel Loureiro
- Estado de Conservação: Bom

## 4 - CARACTERÍSTICAS RELEVANTES / ESTADO ACTUAL

- Esta unidade é composta por 3 construções, sendo a construção 69 de um piso e meio com acesso pelo interior, enquanto que as construções 70 e 71 são de 1 piso.
- Quanto à forma, a unidade apresenta planta retangular, com 3 divisões. O telhado é composto por 2 águas.
- É dada a esta unidade a tipologia 1 e 2 designada também de " Palheiro e Curral ", sendo a construção número 69 destinada a palheiro e curral e as construções 70 e 71 apenas curral.
- Os materiais de construção que constituem esta unidade são, a pedra granítica que é usada nas paredes, a madeira que compõe as portas e janelas, o alumínio que compõe a estrutura do telhado e a chapa de zinco reveste a cobertura.
- O sistema construtivo utilizado é o assentamento em pedra seca, sem qualquer argamassa utilizada nas juntas. As pedras são assentes na melhor posição de maneira a que encaixem, utilizando as maiores e mais consistentes junto das portas, janelas e nos cunhais da construção. Estas paredes de pedra são de duas faces à vista, não recebendo qualquer tratamento ou corte para ficarem mais regulares.
- A cobertura é de duas águas, a estrutura do telhado é em ripas de alumínio revestidas a zinco, com uma inclinação suficiente para escoar quer a chuva, quer a neve que cai com alguma frequência.
- Quanto ao estado de conservação actual da unidade, este é bom, não apresentando qualquer tipo de deficiências em termos de estrutura, paredes ou cobertura..
- Nota-se que ao longo dos tempos houve algum cuidado em conservar algumas partes desta unidade, nomeadamente as paredes, assim como a sua cobertura, visto o seu material original ter sido substituído por zinco.

## 5 - NOTAS IMPORTANTES

- É importante também referir que esta unidade não foi alvo de modificações em termos de áreas, cêrceas ou volumetrias, mantendo-se assim a sua originalidade.
- Existiram alterações no material da cobertura e da sua estrutura, sendo agora o telhado em zinco com estrutura em alumínio.
- No local não existem quaisquer tipo de infra-estruturas básicas, nomeadamente electricidade, água e esgotos.
- Esta unidade está localizada mais ou menos a 929.00m de altitude.
- Ainda hoje se guarda o gado e palha nesta unidade.

## 6 - FOTOGRAFIAS

F55



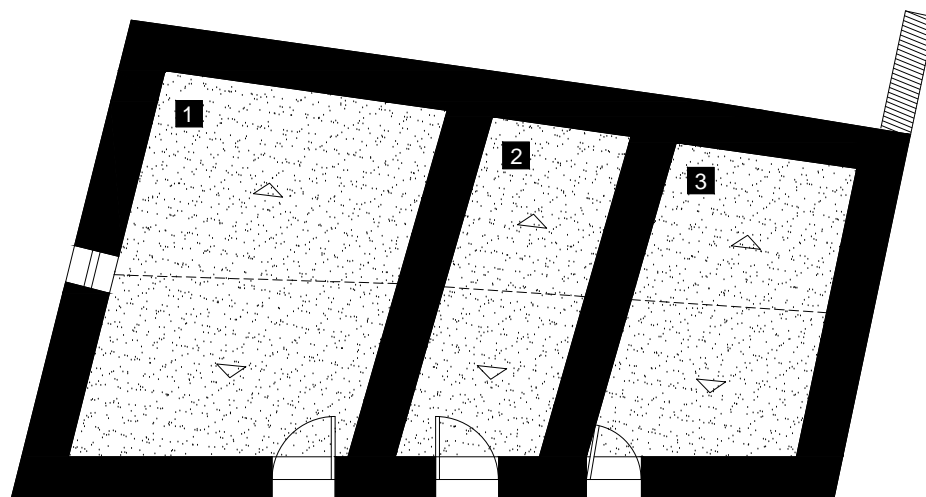
F56



F57

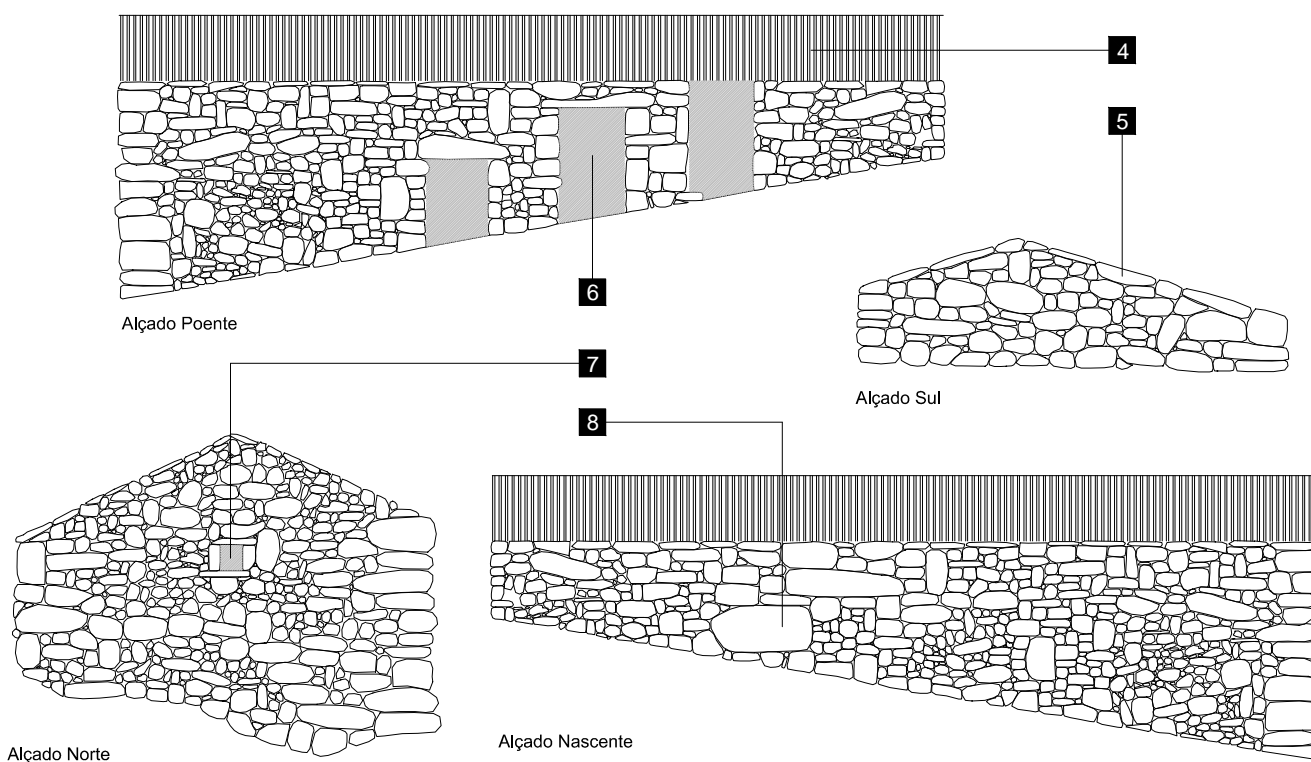


## 7 - PLANTAS DE ARQUITECTURA - Esc: 1/100



Planta do Piso 0 - Palheiro e Curral

## 8 - ALÇADOS - Esc: 1/100

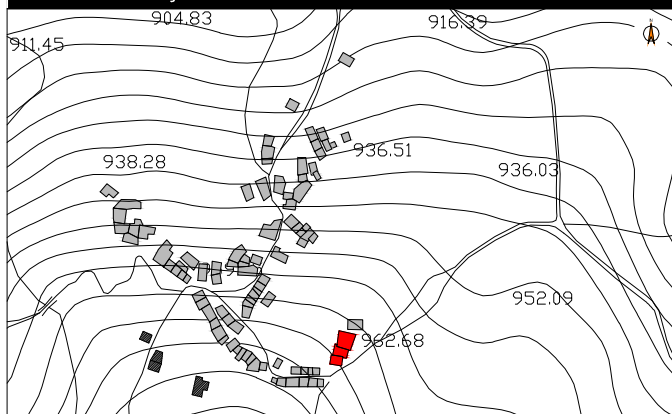


## 9 - LEGENDA

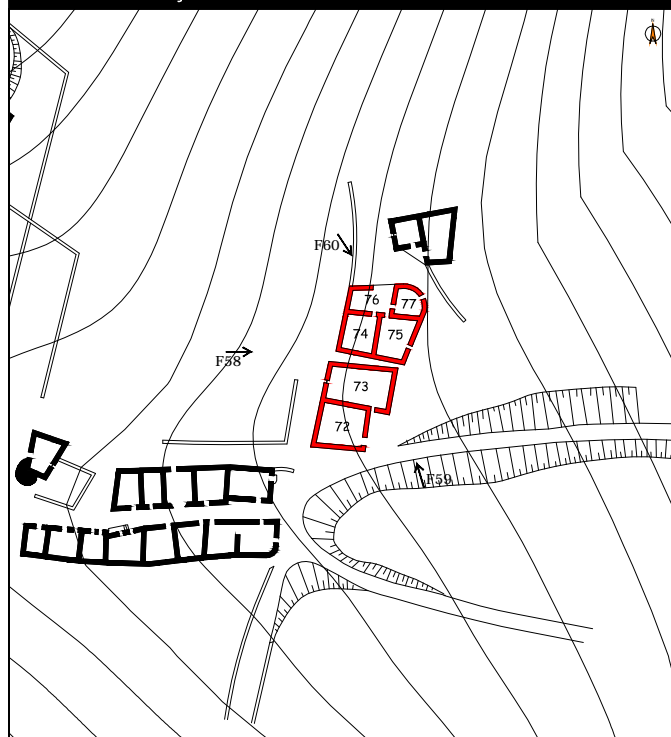
|   |                              |   |   |
|---|------------------------------|---|---|
| 1 | Palheiro e Curral            | Área de Construção - 60.55 m <sup>2</sup>         | Vãos - 3 Portas e 1 Janela  |
| 2 | Curral                       | Área de Implantação - 60.55 m <sup>2</sup>        | Planta - Rectangular  |
| 3 | Curral                       | Área Útil - 37.05 m <sup>2</sup>                  | Materiais - Pedra, Madeira e Zinco                                    |
| 4 | Cobertura em Chapas de Zinco | Cércea Máxima - 2.80 m                            | Paredes - Pedra Granítica   |
| 5 | Cornija em peças de granito  | Volumetria - 169.54 m <sup>3</sup>                | Pavimentos - Piso 0: Terra  |
| 6 | Portas em Madeira            | Altura máxima da Edificação - 3.75 m <sup>2</sup> | Cobertura - Estrutura em alumínio com revestimento em chapas de zinco |
| 7 | Janelas em Madeira           | Número de Pisos - 1                               |   |
| 8 | Paredes em pedra granítica   | Cobertura - 2 águas                               |   |
|   | Indicação das Águas          | Tipologia - 1 e 2 - Palheiro e Curral             |   |



## 1 - LOCALIZAÇÃO - ESC: 1/5000



## 2 - IMPLANTAÇÃO - ESC: 1/1000



## 3 - DADOS GERAIS DA EDIFICAÇÃO

- Localização: Aldeia da Anta
- Freguesia: Lazarim
- Concelho: Lamego
- Coordenadas GPS: 41° 00' 21.91" N - 7° 51' 18.52" O
- Uso Original: Habitação, Palheiro, Curral e Anexo de carro Bois
- Proprietário: Manuel, Joaquina, António e Fátima
- Estado de Conservação: Médio

## 4 - CARACTERÍSTICAS RELEVANTES / ESTADO ACTUAL

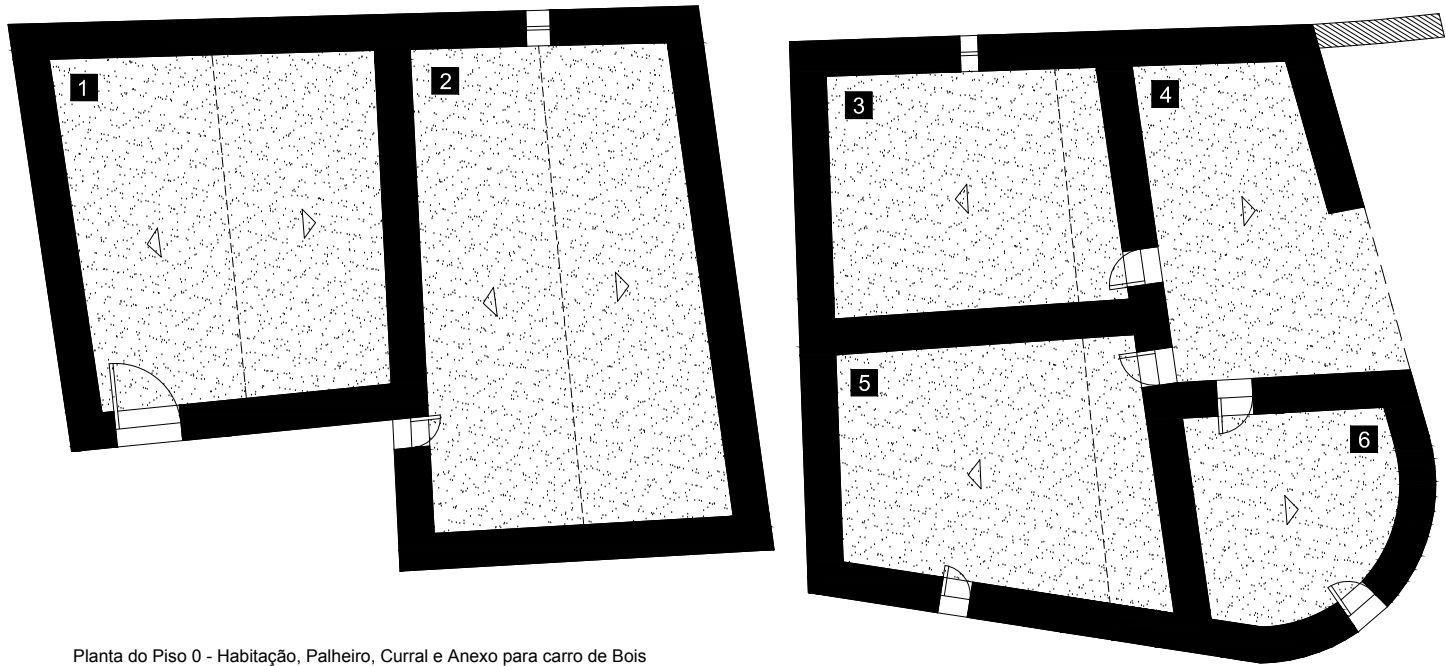
- Esta unidade é composta por 6 construções, sendo as construções 72, 73, 74 de um piso e meio com acesso pelo interior, as construções 76 e 77 são de um piso e a construção 75 é de um piso e meio com acesso pelo exterior. Todas elas têm acesso ao exterior independentes.
- Quanto à forma, a unidade apresenta planta rectângular, com 6 divisões. O telhado é composto por 2 águas.
- É dada a esta unidade a tipologia 1, 2 e 3, designada também de "Habitação, Palheiro, Curral e anexo para carro de bois", sendo as construções número 73 e 74 destinadas a palheiro a construção 72 destinada a palheiro e curral, a construção 75 destinada a habitação e curral, a construção 76 destinada a anexo para carro de bois e a construção 77 destinada somente a curral.
- Os materiais de construção que constituem esta unidade são, a pedra granítica que é usada nas paredes, a madeira que compõe as portas, janelas e estrutura do telhado e a chapa de zinco e a telha marselha que revestem a cobertura.
- O sistema construtivo utilizado é o assentamento em pedra seca, sem qualquer argamassa utilizada nas juntas. As pedras são assentes na melhor posição de maneira a que encaixem, utilizando as maiores e mais consistentes junto das portas, janelas e nos cunhais da construção. Estas paredes de pedra são de duas faces à vista, não recebendo qualquer tratamento ou corte para ficarem mais regulares.
- A cobertura é de duas águas, a estrutura do telhado é em madeira revestida a zinco e telha marselha, com uma inclinação suficiente para escoar quer a chuva, quer a neve que cai com alguma frequência.
- Quanto ao estado de conservação actual da unidade, este é médio, já que a unidade apresenta melhoramentos em termos de revestimento do telhado e algumas paredes compostas, no entanto já aparecem algumas deficiências em coberturas e paredes.
- Nota-se que ao longo dos tempos houve algum cuidado em conservar algumas partes desta unidade, nomeadamente no que diz respeito às coberturas, paredes e portas.

## 5 - NOTAS IMPORTANTES

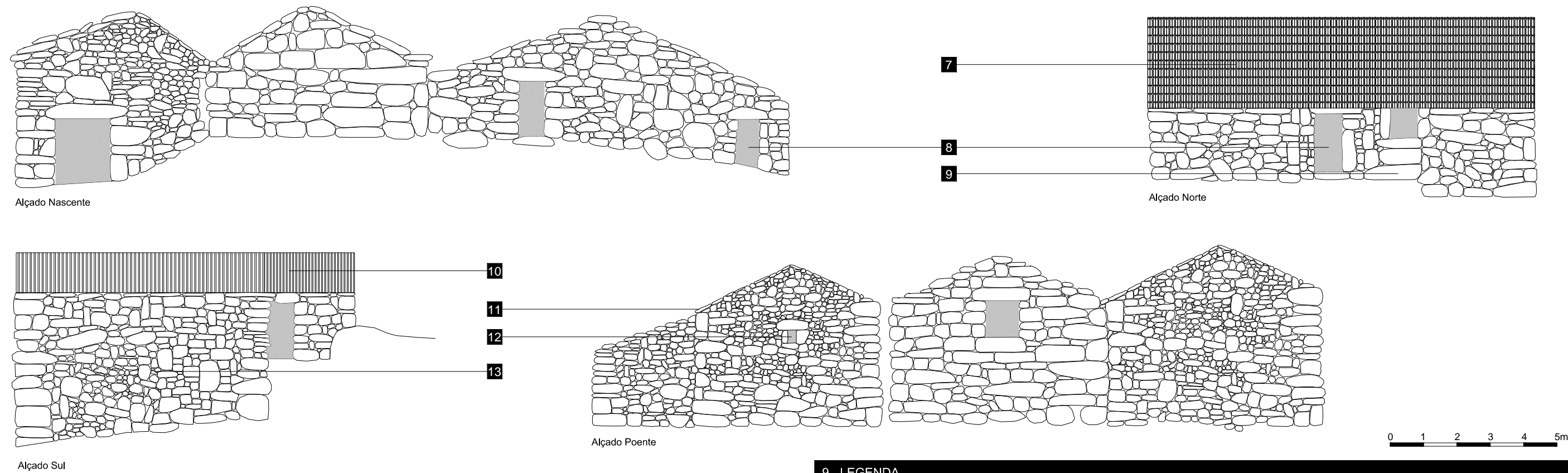
- É importante também referir que esta unidade não foi alvo de modificações em termos de áreas, cêrceas ou volumetrias, mantendo-se assim a sua originalidade.
- Existiram alterações no material da cobertura de todas as construções que passaram a ser em zinco e telha marselha.
- No local não existem quaisquer tipo de infra-estruturas básicas, nomeadamente electricidade, água e esgotos.
- Esta unidade está localizada mais ou menos a 938.00m de altitude.
- Ainda hoje se guarda o gado e palha nesta unidade.

## 6 - FOTOGRAFIAS





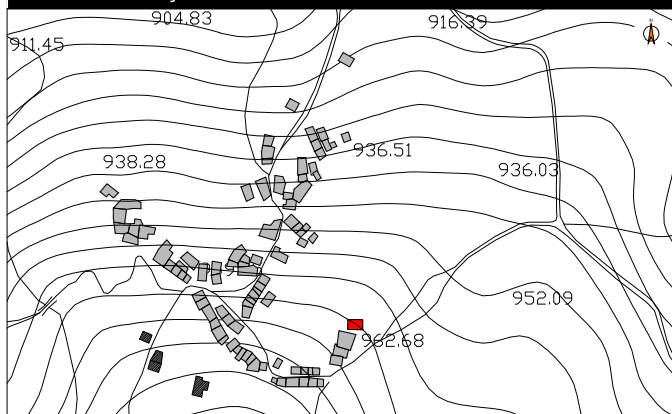
Planta do Piso 0 - Habitação, Palheiro, Curral e Anexo para carro de Bois



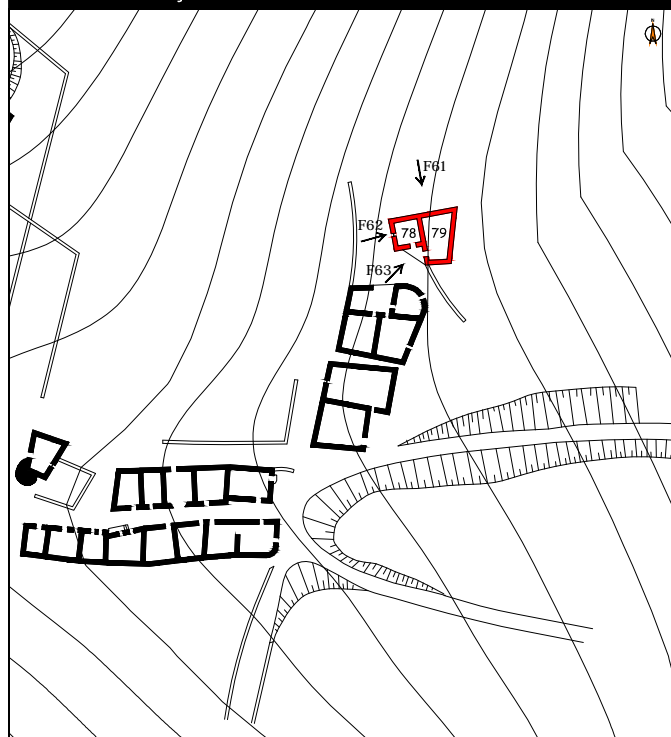
9 - LEGENDA

|    |                              |                                       |                            |   |
|----|------------------------------|---------------------------------------|----------------------------|---|
| 1  | Palheiro e Curral            | 11                                    | Cornija em pedra granítica | Número de Pisos - 1   |
| 2  | Palheiro                     | 12                                    | Janelas em madeira         | Cobertura - 2 águas   |
| 3  | Palheiro                     | 13                                    | Paredes em pedra granítica | Tipologia - 1, 2 e 3 - Habitação, Palheiro, Curral e anexo para carro de bois |
| 4  | Anexo para carro de Bois     | Indicação das Águas                   |                            | Vãos - 7 Portas e 2 janelas   |
| 5  | Habitação e Curral           | Área de Construção - 193.27 m2        |                            | Planta - Rectangular  |
| 6  | Curral                       | Área de Implantação - 193.27 m2       |                            | Materiais - Pedra, Madeira, Zinco e telha                                     |
| 7  | Cobertura em telha Marselha  | Área Útil - 118.41m2                  |                            | Paredes - Pedra Granítica   |
| 8  | Portas em Madeira            | Cércea Máxima - 3.20 m                |                            | Pavimentos - Piso 0: Terra  |
| 9  | Escadas em pedra granítica   | Volumetria - 618.46 m3                |                            | Cobertura - Estrutura em madeira com revestimento em chapa de zinco           |
| 10 | Cobertura em chapas de zinco | Altura máxima da Edificação - 4.20 m2 |                            |   |

## 1 - LOCALIZAÇÃO - ESC: 1/5000



## 2 - IMPLANTAÇÃO - ESC: 1/1000



## 3 - DADOS GERAIS DA EDIFICAÇÃO

- Localização: Aldeia da Anta
- Freguesia: Lazarim
- Concelho: Lamego
- Coordenadas GPS: 41° 00' 22.47" N - 7° 51' 18.20" O
- Uso Original: Habitação, Palheiro e Curral
- Proprietário: Vasco Catarino
- Estado de Conservação: Em Ruínas

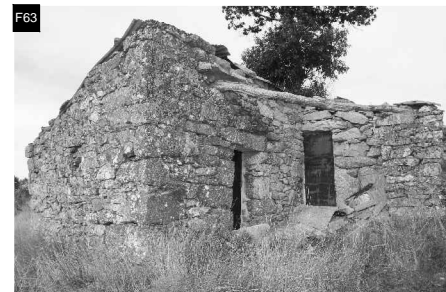
## 4 - CARACTERÍSTICAS RELEVANTES / ESTADO ACTUAL

- Esta unidade é composta por 2 construções, sendo elas de um piso e com acesso ao exterior independentes.
- Quanto à forma, a unidade apresenta planta em L, com 2 divisões. O telhado é composto por 2 águas.
- É dada a esta unidade a tipologia 1 designada também de " Habitação, Palheiro e Curral ", sendo a construção número 78 destinada a habitação e a construção 79 destinada a palheiro e curral.
- Os materiais de construção que constituem esta unidade são, a pedra granítica que é usada nas paredes, a madeira que compõe as portas , janelas e a estrutura do telhado e a chapa de zinco que reveste a cobertura na construção 78, já que a construção 79 tem a cobertura demolida.
- O sistema construtivo utilizado é o assentamento em pedra seca, sem qualquer argamassa utilizada nas juntas. As pedras são assentes na melhor posição de maneira a que encaixem, utilizando as maiores e mais consistentes junto das portas, janelas e nos cunhais da construção. Estas paredes de pedra são de duas faces à vista, não recebendo qualquer tratamento ou corte para ficarem mais regulares.
- A cobertura é de duas águas, a estrutura do telhado é em madeira revestida a zinco na construção 78, com uma inclinação suficiente para escoar quer a chuva, quer a neve que cai com alguma frequência.
- Quanto ao estado de conservação actual da unidade, esta está em ruínas, quando falamos da construção 79, enquanto que a construção 78 tem várias deficiências na cobertura e paredes.
- Esta unidade não foi alvo de nenhuma manutenção, a não ser na cobertura da construção 78, mas que se encontra no momento em más condições.

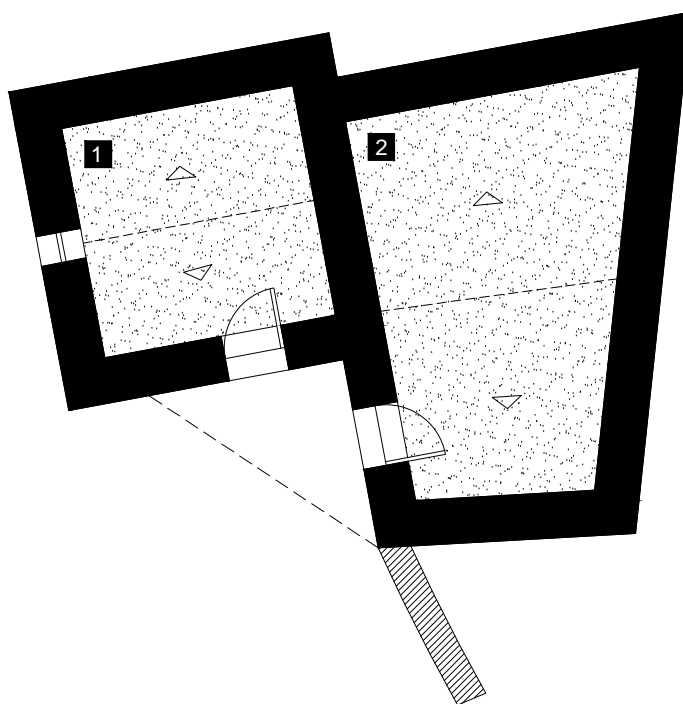
## 5 - NOTAS IMPORTANTES

- É importante também referir que esta unidade não foi alvo de modificações em termos de áreas, cercas ou volumetrias, mantendo-se assim a sua originalidade.
- Existiram alterações no material da cobertura da construção 78 que passou a ser em chapa de zinco.
- No local não existem quaisquer tipo de infra-estruturas básicas, nomeadamente electricidade, água e esgotos.
- Esta unidade está localizada mais ou menos a 939.00m de altitude.

## 6 - FOTOGRAFIAS

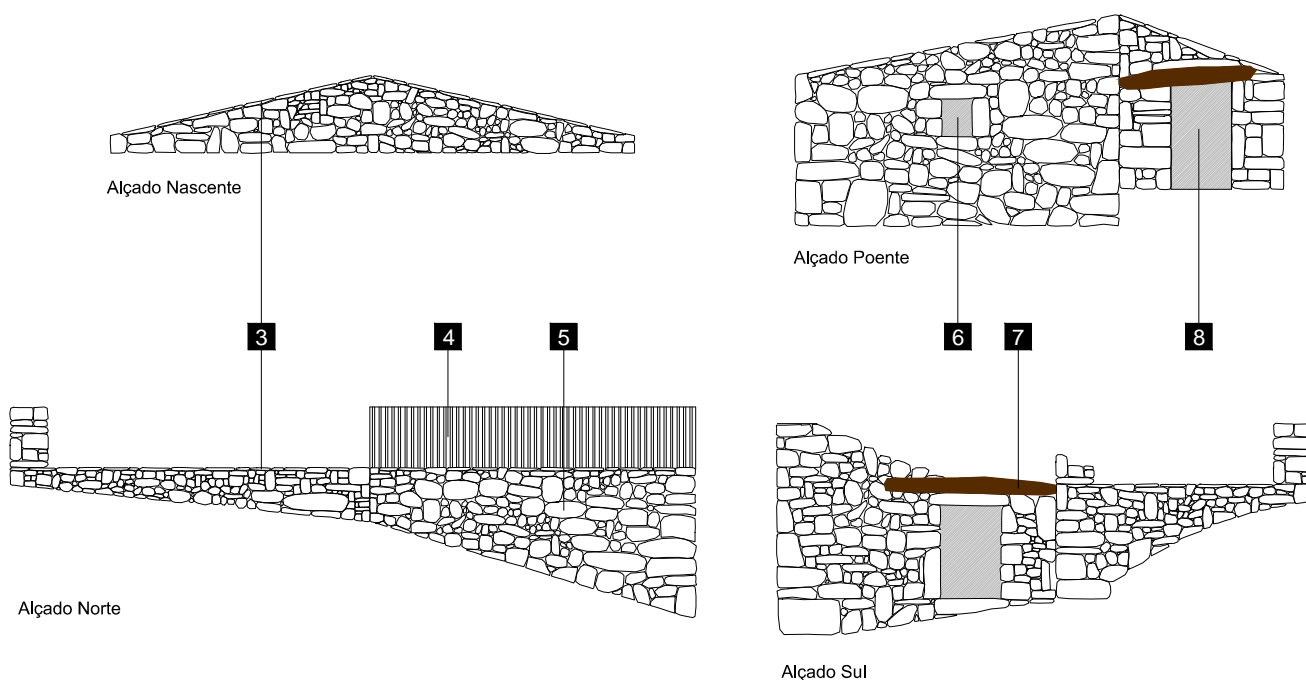






Planta do Piso 0 - Habitação, Palheiro e Curral

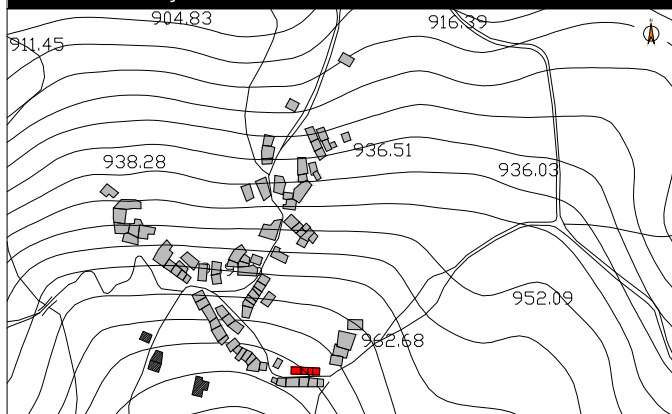
## 8 - ALÇADOS - Esc: 1/100



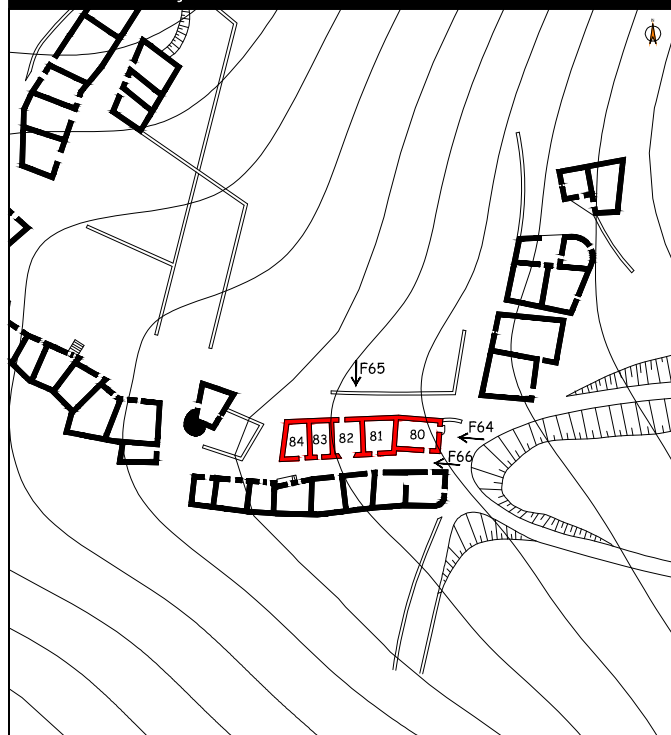
## 9 - LEGENDA

|   |                                 |  |  |
|---|---------------------------------|--|--|
| 1 | Habitação                       | Área de Construção - 44.60 m <sup>2</sup>    | Vãos - 2 Portas e 1 janela   |
| 2 | Palheiro e Curral               | Área de Implantação - 44.60 m <sup>2</sup>   | Planta - L   |
| 3 | Cornija em pedra de granito     | Área Útil - 26.20 m <sup>2</sup>             | Materiais - Pedra, Madeira e Zinco                                   |
| 4 | Cobertura em zinco              | Cércea Máxima - 2.00 m                       | Paredes - Pedra Granítica  |
| 5 | Paredes em pedra granítica      | Volumetria - 88.20 m <sup>3</sup>            | Pavimentos - Cave: Terra   |
| 6 | Janelas em Madeira              | Altura máxima da Edificação - 2.78 m         | Cobertura - Estrutura em madeira com revestimento em chapas de Zinco |
| 7 | Estrutura do telhado em madeira | Número de Pisos - 1                          |  |
| 8 | Portas em madeira               | Cobertura - 2 águas                          |  |
|   | Indicação das Águas             | Tipologia - 1 - Habitação, Palheiro e Curral |  |

## 1 - LOCALIZAÇÃO - ESC: 1/5000



## 2 - IMPLANTAÇÃO - ESC: 1/1000



## 3 - DADOS GERAIS DA EDIFICAÇÃO

- Localização: Aldeia da Anta
- Freguesia: Lazarim
- Concelho: Lamego
- Coordenadas GPS: 41° 00' 21.46" N - 7° 51' 19.55" O
- Uso Original: Habitação, Palheiro e Curral
- Proprietário: José Santos, Francisco Vento e Michael Zino
- Estado de Conservação: Médio e Ruínas

## 4 - CARACTERÍSTICAS RELEVANTES / ESTADO ACTUAL

- Esta unidade é composta por 5 construções, sendo as construções 81, 82, 83 e 84 de um piso e a construção 80 é de um piso e meio com acesso pelo exterior. Todas elas têm acesso ao exterior independentes.
- Quanto à forma, a unidade apresenta planta rectângular, com 5 divisões. O telhado é composto por 2 águas.
- É dada a esta unidade a tipologia 1 e 3, designada também de "Habitação, Palheiro e Curral", sendo as construções número 81, 83 e 84 destinadas a palheiro e curral, a construção 82 destinada a habitação e a construção 80 destinada a habitação e curral.
- Os materiais de construção que constituem esta unidade são, a pedra granítica que é usada nas paredes, a madeira que compõe as portas, janelas e estrutura do telhado e a chapa de zinco, a telha marselha e a telha de canudo que revestem a cobertura.
- O sistema construtivo utilizado é o assentamento em pedra seca, sem qualquer argamassa utilizada nas juntas. As pedras são assentes na melhor posição de maneira a que encaixem, utilizando as maiores e mais consistentes junto das portas, janelas e nos cunhais da construção. Estas paredes de pedra são de duas faces à vista, não recebendo qualquer tratamento ou corte para ficarem mais regulares.
- A cobertura é de duas águas, a estrutura do telhado é em madeira revestida a zinco, telha de canudo e telha marselha, com uma inclinação suficiente para escoar quer a chuva, quer a neve que cai com alguma frequência.
- Quanto ao estado de conservação actual da unidade, este é médio, já que a unidade apresenta melhoramentos em termos de revestimento do telhado e algumas paredes compostas nas construções 80, 81 e 84, enquanto que as construções 82 e 83 estão em ruínas, quer ao nível do telhado quer das paredes.
- Nota-se que ao longo dos tempos houve algum cuidado em conservar algumas partes desta unidade, nomeadamente no que diz respeito às coberturas.

## 5 - NOTAS IMPORTANTES

- É importante também referir que esta unidade não foi alvo de modificações em termos de áreas, cercas ou volumetrias, mantendo-se assim a sua originalidade.
- Existiram alterações no material da cobertura nas construções 80, 81 e 84, que passaram a ser em zinco, telha marselha e canudo.
- No local não existem quaisquer tipo de infra-estruturas básicas, nomeadamente electricidade, água e esgotos.
- Esta unidade está localizada mais ou menos a 937.00m de altitude.
- Hoje em dia está totalmente desabitada.

## 6 - FOTOGRAFIAS

F64

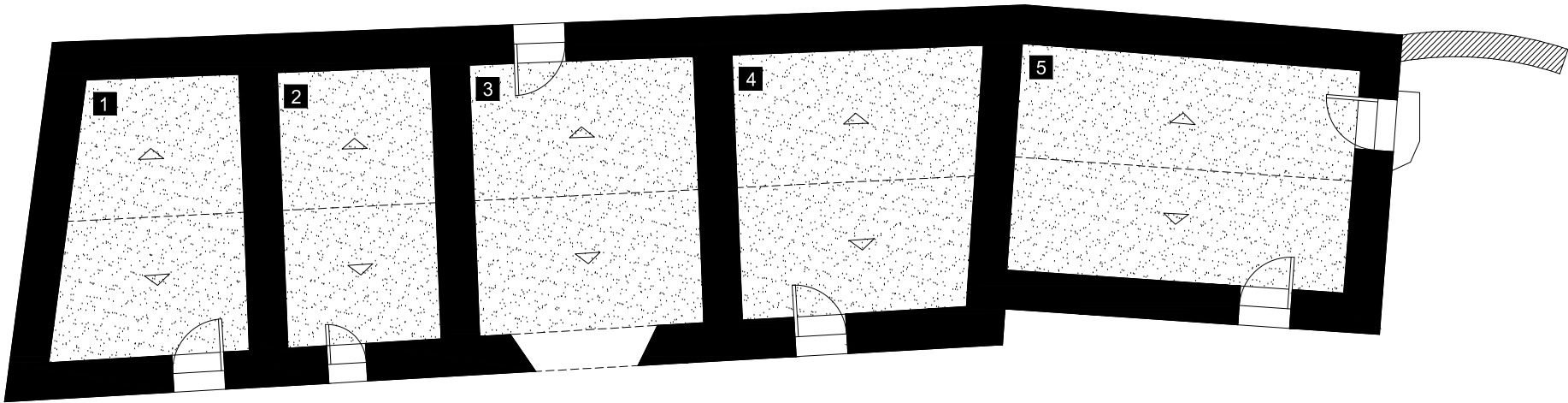


F65

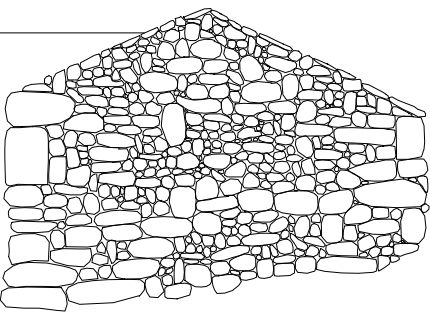
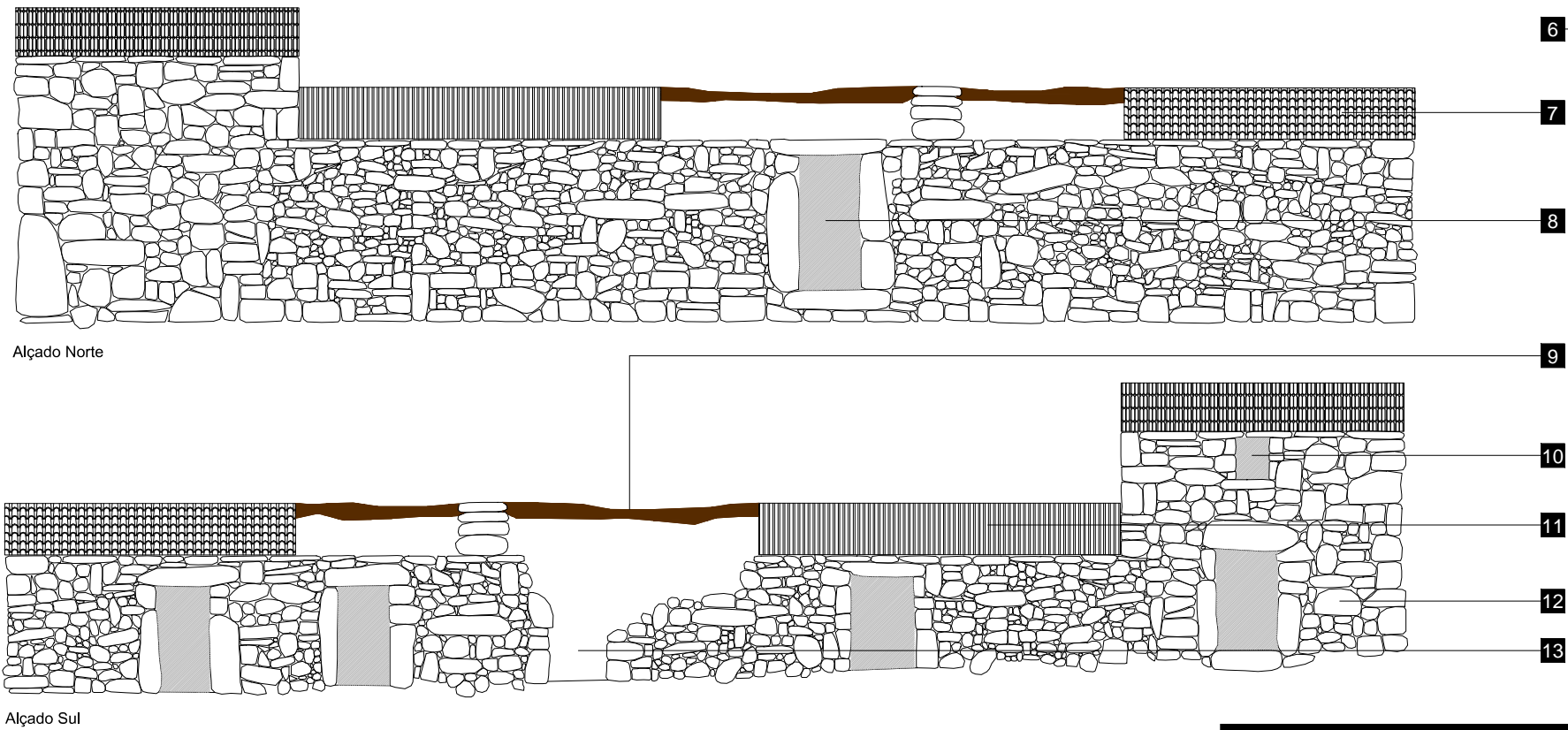


F66

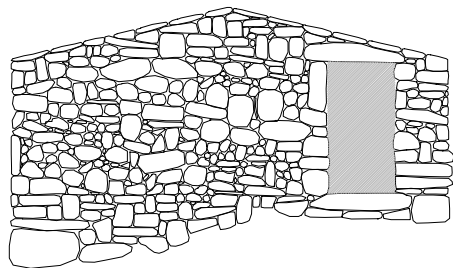




Planta do Piso 0 - Habitação, Palheiro, Curral



Alçado Poente



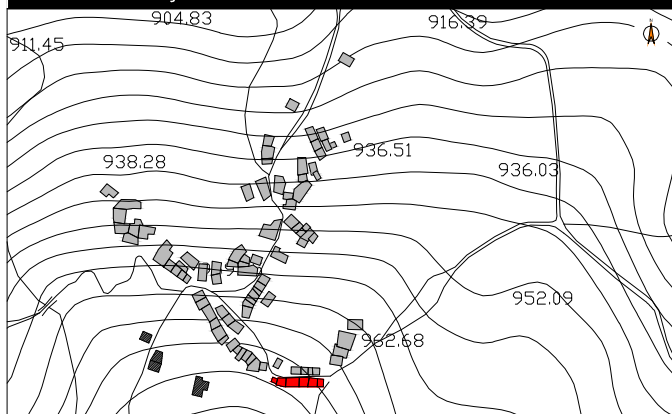
Alçado Nascente

9 - LEGENDA

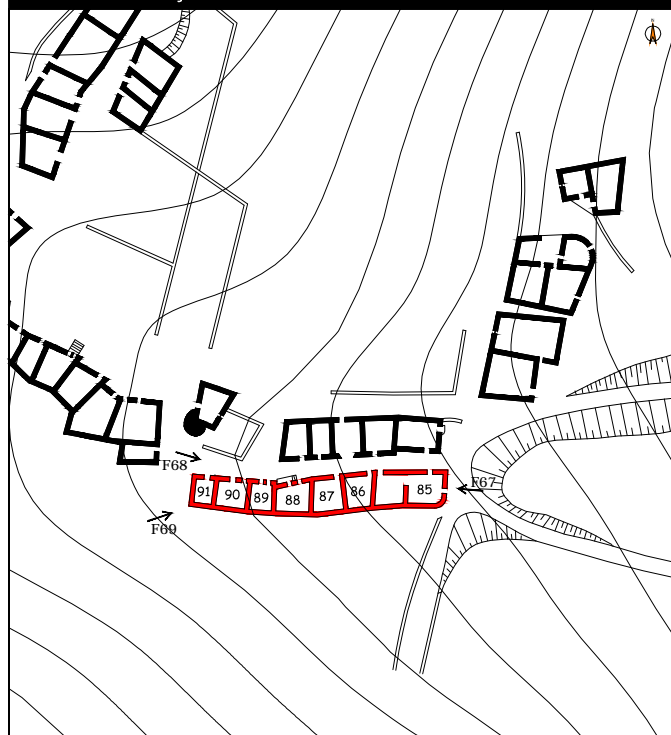
|    |                                 |    |                                       |   |
|----|---------------------------------|----|---------------------------------------|---|
| 1  | Palheiro e Curral               | 11 | Cobertura em chapas de zinco          | Número de Pisos - 1<br>Cobertura - 2 águas<br>Tipologia - 1 e 3 - Habitação, Palheiro e Curral<br>Vãos - 7 Portas e 1 janelas<br>Planta - Rectangular<br>Materiais - Pedra, Madeira, Zinco e telha<br>Paredes - Pedra Granitica<br>Pavimentos - Piso 0: Terra<br>Cobertura - Estrutura em madeira com revestimento em zinco e telha |
| 2  | Palheiro e Curral               | 12 | Paredes em pedra de granito           |   |
| 3  | Habitação                       | 13 | Porta demolida                        |   |
| 4  | Palheiro e Curral               |    | Indicação das Águas                   |   |
| 5  | Habitação e Curral              |    | Área de Construção - 109.50 m2        |   |
| 6  | Cornija em peças de granito     |    | Área de Implantação - 109.50 m2       |   |
| 7  | Cobertura em telha de Canudo    |    | Área Útil - 69.30m2                   |   |
| 8  | Portas em Madeira               |    | Cércea Máxima - 3.00 m                |   |
| 9  | Estrutura do telhado em madeira |    | Volumetria - 240.90 m3                |   |
| 10 | Janelas em madeira              |    | Altura máxima da Edificação - 4.00 m2 |   |



## 1 - LOCALIZAÇÃO - ESC: 1/5000



## 2 - IMPLANTAÇÃO - ESC: 1/1000



## 3 - DADOS GERAIS DA EDIFICAÇÃO

- Localização: Aldeia da Anta
- Freguesia: Lazarim
- Concelho: Lamego
- Coordenadas GPS: 41° 00' 21.18" N - 7° 51' 19.74" O
- Uso Original: Habitação, Palheiro e Curral
- Proprietário: Joaquim, Francisco, Manuel, António L. e António
- Estado de Conservação: Médio e Ruínas

## 4 - CARACTERÍSTICAS RELEVANTES / ESTADO ACTUAL

- Esta unidade é composta por 7 construções, sendo a construção 85 de um piso e meio com acesso pelo interior, as construções 86, 87 e 91 são de um piso e as construções 88, 89 e 90 são de um piso e meio com acesso pelo exterior.
- Quanto à forma, a unidade apresenta planta rectângular, com 10 divisões. O telhado é composto por 2 águas.
- É dada a esta unidade a tipologia 1, 2 e 3, designada também de "Habitação, Palheiro e Curral", sendo as construções número 85, 86, 87 e 89 destinadas a palheiro e curral, as construções 88 e 90 destinadas a habitação e curral e a construção 91 destinada a curral.
- Os materiais de construção que constituem esta unidade são, a pedra granítica que é usada nas paredes, a madeira que compõe as portas, janelas e estrutura do telhado e a chapa de zinco que reveste a cobertura.
- O sistema construtivo utilizado é o assentamento em pedra seca, sem qualquer argamassa utilizada nas juntas. As pedras são assentes na melhor posição de maneira a que encaixem, utilizando as maiores e mais consistentes junto das portas, janelas e nos cunhais da construção. Estas paredes de pedra são de duas faces à vista, não recebendo qualquer tratamento ou corte para ficarem mais regulares.
- A cobertura é de duas águas, a estrutura do telhado é em madeira revestida a zinco, com uma inclinação suficiente para escoar quer a chuva, quer a neve que cai com alguma frequência.
- Quanto ao estado de conservação actual da unidade, este é médio, já que a unidade apresenta melhoramentos em termos de revestimento do telhado nas construções 86 e 89, enquanto que as construções 85, 87, 88, 90 e 91 estão em ruínas, quer ao nível do telhado quer de algumas paredes.
- Nota-se que ao longo dos tempos houve algum cuidado em conservar algumas partes desta unidade, nomeadamente no que diz respeito às coberturas.

## 5 - NOTAS IMPORTANTES

- É importante também referir que esta unidade não foi alvo de modificações em termos de áreas, cercas ou volumetrias, mantendo-se assim a sua originalidade.
- Existiram alterações no material da cobertura nas construções 86 e 89, que passaram a ser em zinco.
- No local não existem quaisquer tipo de infra-estruturas básicas, nomeadamente electricidade, água e esgotos.
- Esta unidade está localizada mais ou menos a 936.00m e 937.00m de altitude.
- Hoje em dia está totalmente desabitada.

## 6 - FOTOGRAFIAS

F67

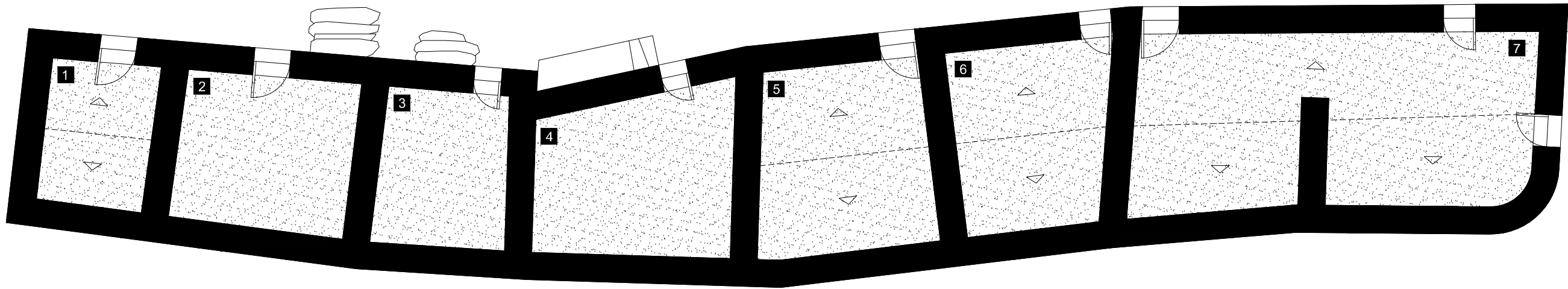


F68

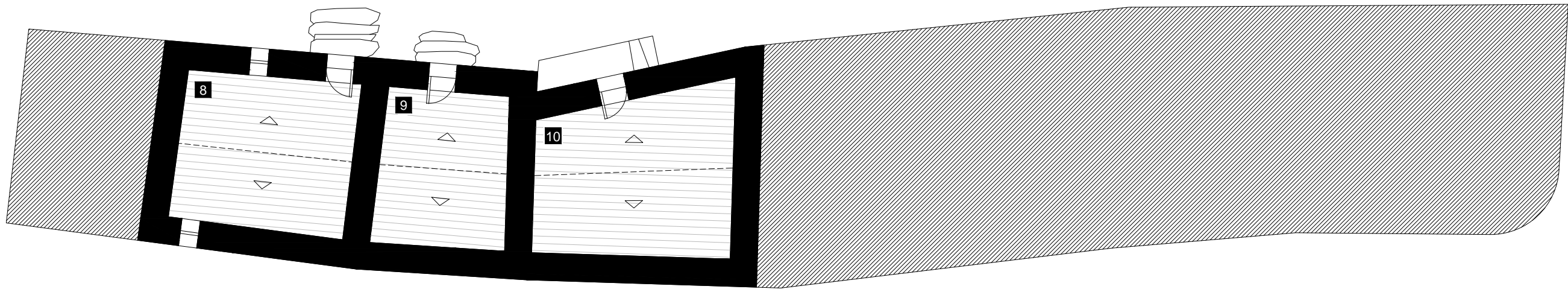


F69



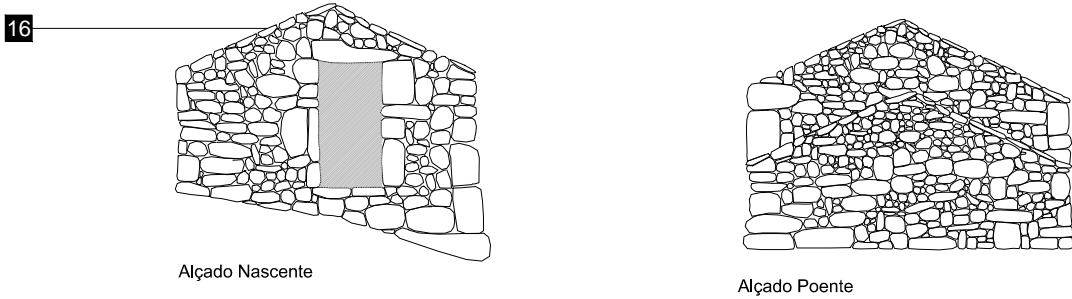
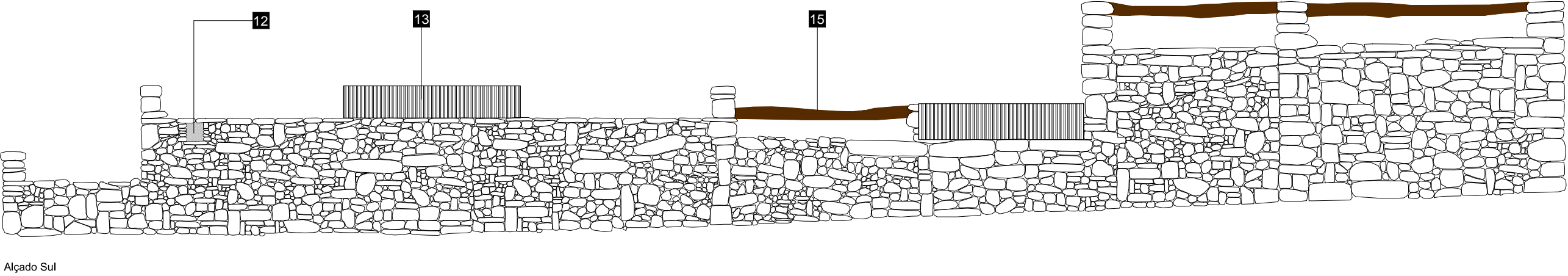
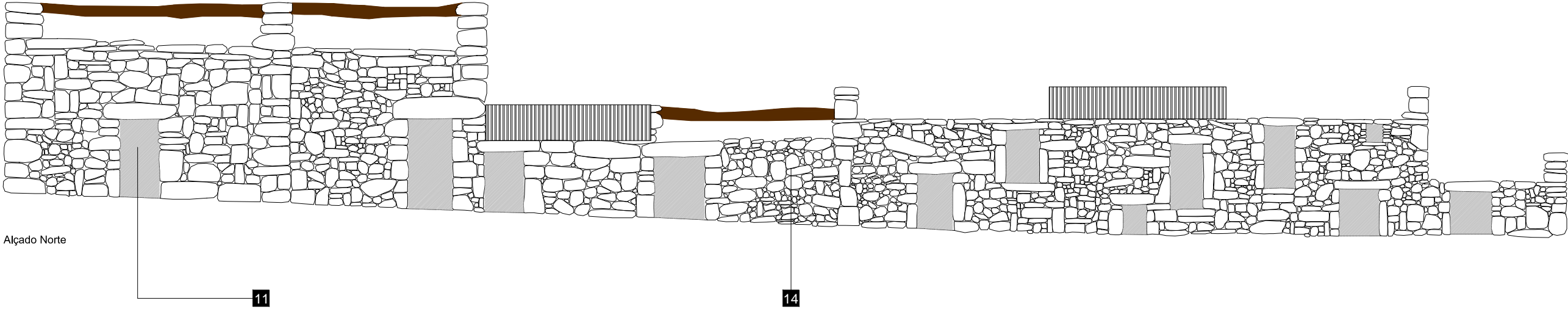


Planta do Piso 0 - Palheiro e Curral



Planta do Piso 1 - Habitação e Palheiro

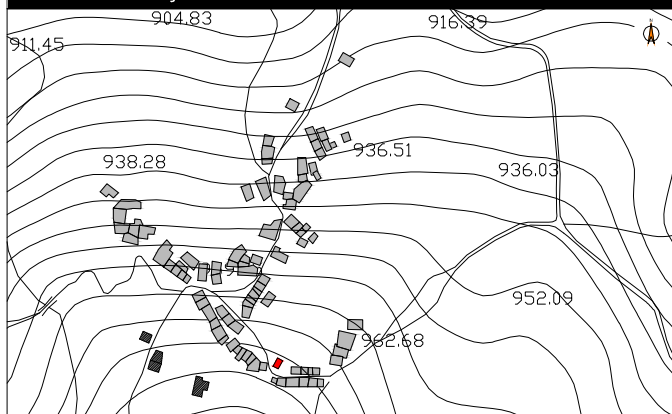
| 9 - LEGENDA |                   |   |                                      |
|-------------|-------------------|---|--------------------------------------|
| 1           | Curral            | Indicação das Águas                                 | Vãos - 12 Portas e 2 janelas         |
| 2           | Curral            | Área de Construção - 227.39 m2                      | Planta - Rectângular                 |
| 3           | Curral            | Área de Implantação - 165.40 m2                     | Materiais - Pedra, Madeira e Zinco   |
| 4           | Curral            | Área Útil - 144.55m2                                | Paredes - Pedra Granítica            |
| 5           | Palheiro e Curral | Cércea Máxima - 3.40 m                              | Pavimentos - Piso 0: Terra           |
| 6           | Palheiro e Curral | Volumetria - 612.00 m3                              | Piso 1: Madeira                      |
| 7           | Palheiro e Curral | Altura máxima da Edificação - 4.15m2                | Cobertura - Estrutura em madeira com |
| 8           | Habitação         | Número de Pisos - 2                                 | revestimento em zinco                |
| 9           | Palheiro          | Cobertura - 2 águas                                 |                                      |
| 10          | Habitação         | Tipologia - 1, 2 e 3 - Habitação, Palheiro e Curral |                                      |



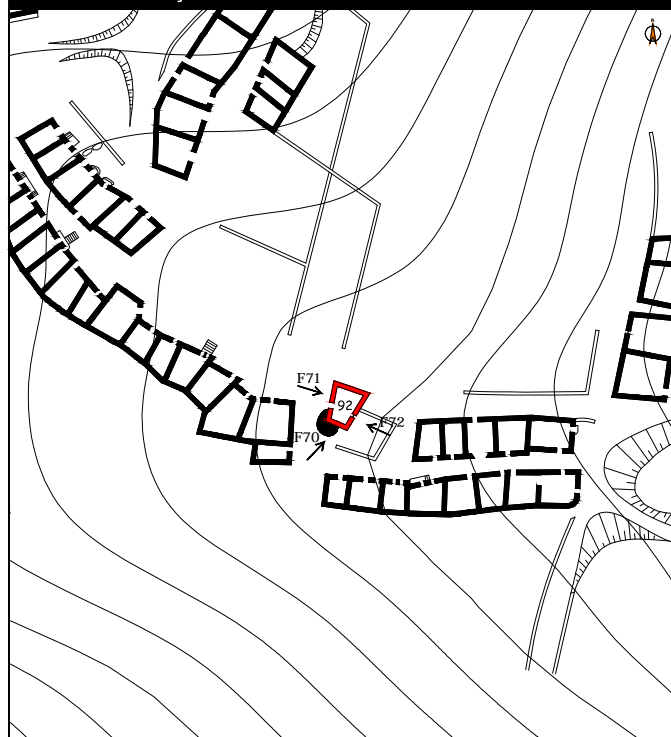
- 9 - LEGENDA
- |    |                              |    |                                 |
|----|------------------------------|----|---------------------------------|
| 11 | Portas em Madeira            | 14 | Paredes em pedra granítica      |
| 12 | Janelas em Madeira           | 15 | Estrutura do telhado em madeira |
| 13 | Cobertura em chapas de zinco | 16 | Cornija em peças de granito     |



## 1 - LOCALIZAÇÃO - ESC: 1/5000



## 2 - IMPLANTAÇÃO - ESC: 1/1000



## 3 - DADOS GERAIS DA EDIFICAÇÃO

- Localização: Aldeia da Anta
- Freguesia: Lazarim
- Concelho: Lamego
- Coordenadas GPS: 41° 00' 21.60" N - 7° 51' 20.38" O
- Uso Original: Curral
- Proprietário: Rafael
- Estado de Conservação: Bom

## 4 - CARACTERÍSTICAS RELEVANTES / ESTADO ACTUAL

- Esta unidade é composta por 1 construção, sendo ela de um piso, com um acesso ao exterior.
- Quanto à forma, a unidade apresenta planta quadrangular, com 1 divisão. O telhado é composto por 2 águas.
- É dada a esta unidade a tipologia 1 designada também de " Curral ".
- Os materiais de construção que constituem esta unidade são, a pedra granítica que é usada nas paredes, a madeira que compõe as portas e a estrutura do telhado e a telha que reveste a cobertura.
- O sistema construtivo utilizado é o assentamento em pedra seca, sem qualquer argamassa utilizada nas juntas. As pedras são assentes na melhor posição de maneira a que encaixem, utilizando as maiores e mais consistentes junto das portas, janelas e nos cunhais da construção. Estas paredes de pedra são de duas faces à vista, não recebendo qualquer tratamento ou corte para ficarem mais regulares.
- A cobertura é de duas águas, a estrutura do telhado é em madeira revestida a telha de canudo, com uma inclinação suficiente para escoar quer a chuva, quer a neve que cai com alguma frequência.
- Quanto ao estado de conservação actual da unidade, este é bom, pois não apresenta risco de ruir, tendo havido obras de reconstrução quer em paredes, quer na cobertura..
- Esta unidade foi alvo de alterações, ao nível da cobertura, paredes e da porta.

## 5 - NOTAS IMPORTANTES

- É importante também referir que esta unidade foi alvo de modificações em termos de cércea e volumetria, tendo o pé direito aumentado, alterando assim a sua autenticidade. Estas alterações fizeram aumentar a volumetria e a cércea da construção.
- Nota-se nas fotografias que as paredes foram aumentadas para ganhar mais altura interior.
- Existiram alterações no material da cobertura que deixou de ser em colmo e passou a ser em telha de canudo.
- No local não existem quaisquer tipo de infra-estruturas básicas, nomeadamente electricidade, água e esgotos.
- Esta unidade está localizada mais ou menos a 935.00m de altitude.
- Ainda hoje serve para guardar gado.

## 6 - FOTOGRAFIAS

F70



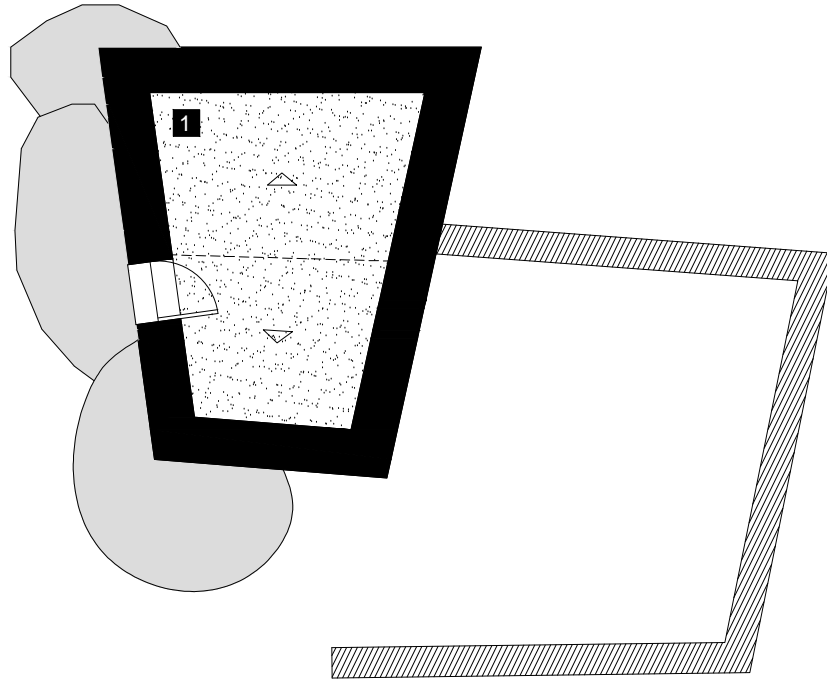
F71



F72

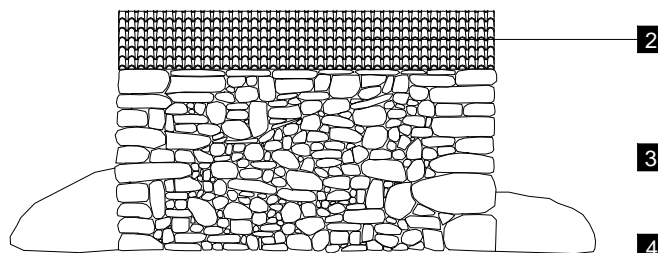


## 7 - PLANTAS DE ARQUITECTURA - Esc: 1/100

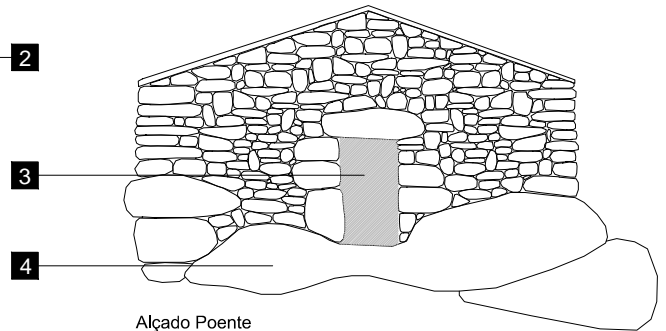


Planta do Piso 0 - Curral

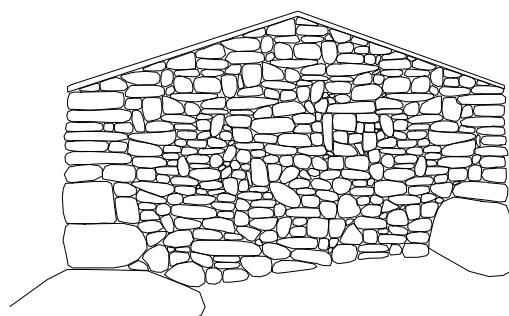
## 8 - ALÇADOS - Esc: 1/100



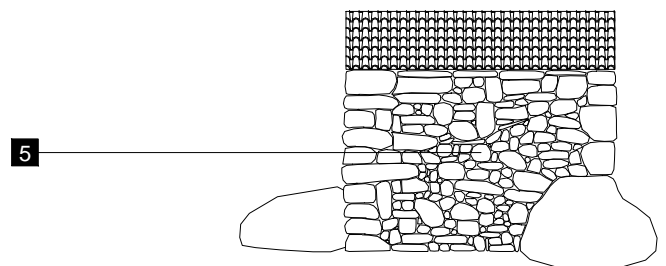
Alçado Norte



Alçado Poente



Alçado Nascente



Alçado Sul

## 9 - LEGENDA

- 1** Curral
- 2** Cobertura em telha de Canudo
- 3** Porta em Madeira
- 4** Pedras naturais
- 5** Paredes em pedra granítica
- Indicação das Águas

Área de Construção - 22.75 m<sup>2</sup>Área de Implantação - 22.75 m<sup>2</sup>Área Útil - 12.51 m<sup>2</sup>

Cércea Máxima - 2.40m

Volumetria - 54.60 m<sup>3</sup>Altura máxima da Edificação - 3.15 m<sup>2</sup>

Número de Pisos - 1

Cobertura - 2 águas

Tipologia - 1 - Curral

Vãos - 1 Portas

Planta - Quadrângular

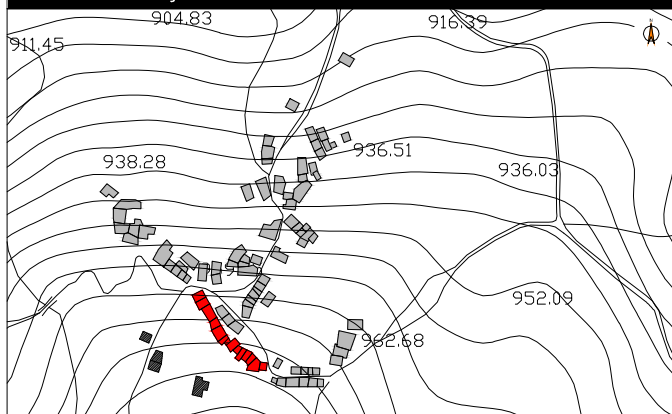
Materiais - Pedra, Madeira e telha

Paredes - Pedra Granítica

Pavimentos - Piso 0: Terra

Cobertura - Estrutura em madeira com revestimento em telha de canudo

## 1 - LOCALIZAÇÃO - ESC: 1/5000



## 2 - IMPLANTAÇÃO - ESC: 1/1000



## 3 - DADOS GERAIS DA EDIFICAÇÃO

- Localização: Aldeia da Anta
- Freguesia: Lazarim
- Concelho: Lamego
- Coordenadas GPS: 41° 00' 22.16" N - 7° 51' 21.92" O
- Uso Original: Habitação, Palheiro e Curral
- Proprietário: Joaquim, Laurentino, Francisco, José e outros
- Estado de Conservação: Médio e Ruínas

## 4 - CARACTERÍSTICAS RELEVANTES / ESTADO ACTUAL

- Esta unidade é composta por 18 construções, sendo as construções 93, 99, 100, 101 e 105 de um piso, as construções 95, 96, 98 e 102 de um piso e meio com acesso pelo interior, as construções 94, 106, 107 e 108 de um piso e meio com acesso pelo exterior e as construções 97, 103, 104, 109 e 110 de dois pisos.
- Quanto à forma, a unidade apresenta planta rectângular, com 26 divisões. O telhado é composto por 2 águas.
- É dada a esta unidade a tipologia 1, 2, 3 e 4, designada também de "Habitação, Palheiro e Curral", sendo as construções número 94, 95, 96, 97, 98, 102, 106, 107 e 108 destinadas a palheiro e curral, as construções 93, 99 e 101 destinadas a curral, as construções 100 e 105 destinadas a palheiro e as construções 103, 104, 109 e 110 destinadas a habitação e curral.
- Os materiais de construção que constituem esta unidade são, a pedra granítica e o bloco de cimento que são usados nas paredes, a madeira que compõe as portas, janelas e estrutura do telhado e a chapa de zinco, o colmo e a telha que revestem a cobertura.
- O sistema construtivo utilizado é o assentamento em pedra seca, sem qualquer argamassa utilizada nas juntas. As pedras são assentes na melhor posição de maneira a que encaixem, utilizando as maiores e mais consistentes junto das portas, janelas e nos cunhais da construção. Estas paredes de pedra são de duas faces à vista, não recebendo qualquer tratamento ou corte para ficarem mais regulares.
- A cobertura é de duas águas, a estrutura do telhado é em madeira revestida a zinco, telha ou colmo, com uma inclinação suficiente para escoar quer a chuva, quer a neve que cai com alguma frequência.
- Quanto ao estado de conservação actual da unidade, este é médio e ruínas, já que a unidade apresenta algumas casas demolidas e outras que ainda estão num estado de conservação médio como podemos verificar nas peças desenhadas. Algumas construções tiveram melhoramentos em paredes e coberturas.

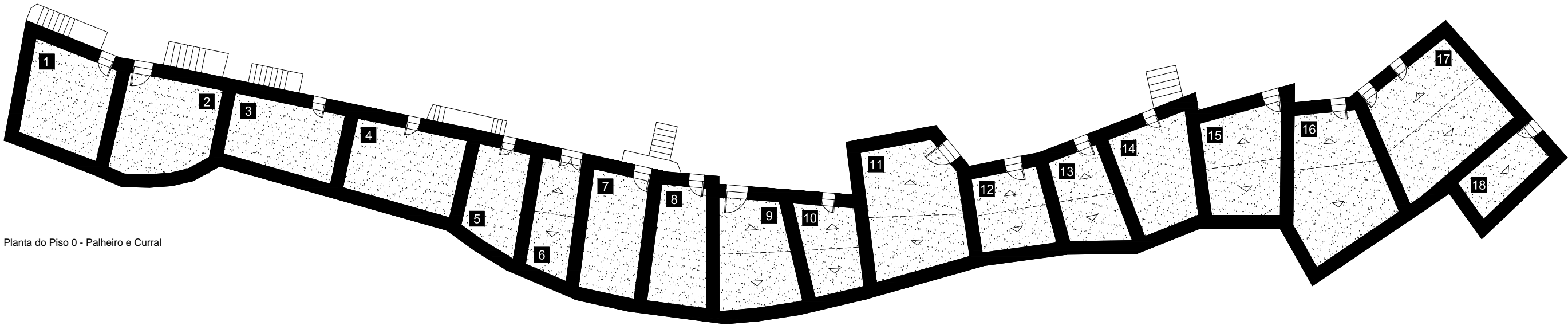
## 5 - NOTAS IMPORTANTES

- É importante também referir que nesta unidade só foi alvo de alteração de volumetria e cércea a construção número 101.
- Existiram alterações no material da cobertura em algumas construções, passando os telhados a ser em zinco ou telha.
- No local não existem quaisquer tipo de infra-estruturas básicas, nomeadamente electricidade, água e esgotos.
- Esta unidade está localizada mais ou menos entre as cotas 932.00m e 935.00m de altitude.
- Hoje em dia algumas estão desabitadas e outras ainda servem para guardar gado.

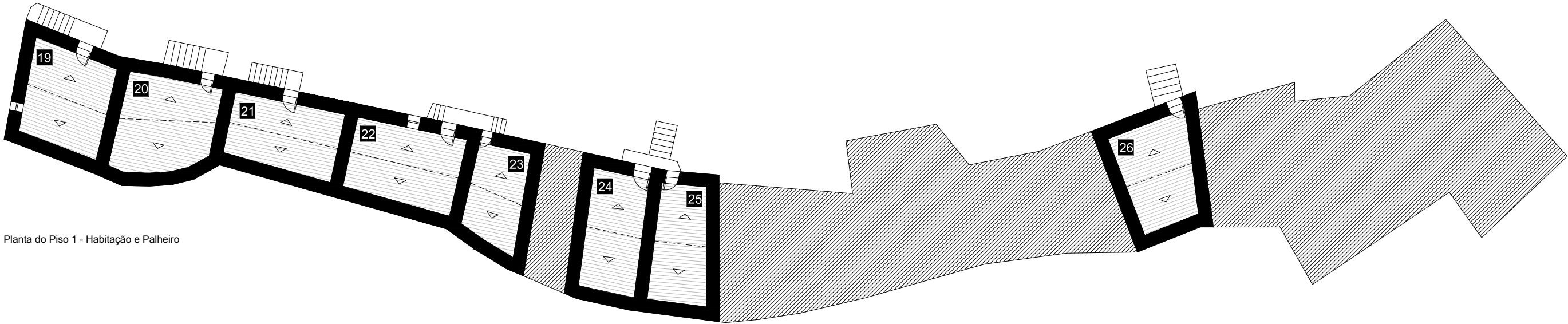
## 6 - FOTOGRAFIAS







Planta do Piso 0 - Palheiro e Curral



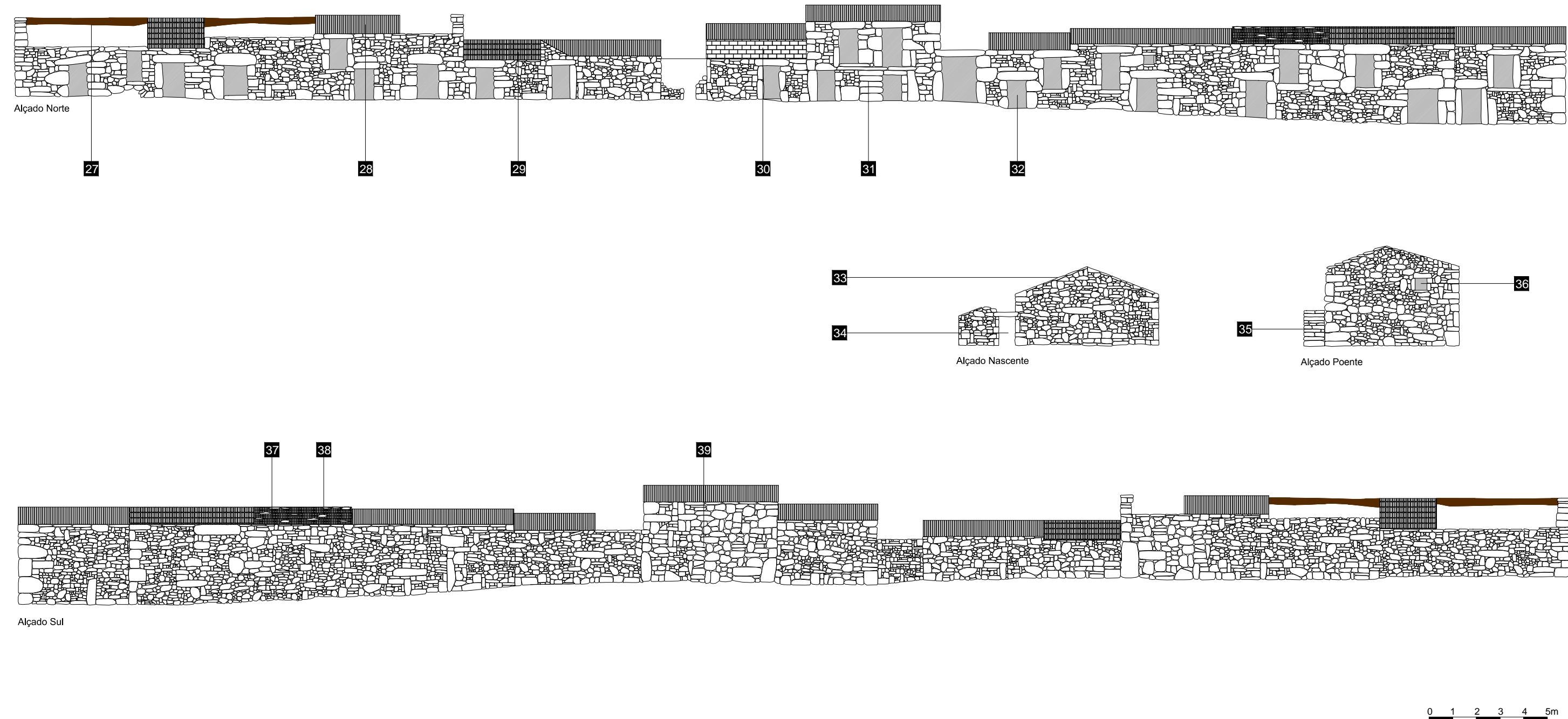
Planta do Piso 1 - Habitação e Palheiro

9 - LEGENDA

|    |                   |    |                   |    |                      |
|----|-------------------|----|-------------------|----|----------------------|
| 1  | Palheiro e Curral | 11 | Palheiro          | 21 | Habitação e Palheiro |
| 2  | Palheiro e Curral | 12 | Curral            | 22 | Habitação e Palheiro |
| 3  | Curral            | 13 | Palheiro e Curral | 23 | Habitação e Palheiro |
| 4  | Curral            | 14 | Curral            | 24 | Habitação            |
| 5  | Curral            | 15 | Palheiro e Curral | 25 | Habitação            |
| 6  | Palheiro          | 16 | Palheiro e Curral | 26 | Palheiro             |
| 7  | Palheiro e Curral | 17 | Palheiro e Curral | ▽  | Indicação das Águas  |
| 8  | Palheiro e Curral | 18 | Curral            |    |                      |
| 9  | Palheiro e Curral | 19 | Habitação         |    |                      |
| 10 | Curral            | 20 | Habitação         |    |                      |

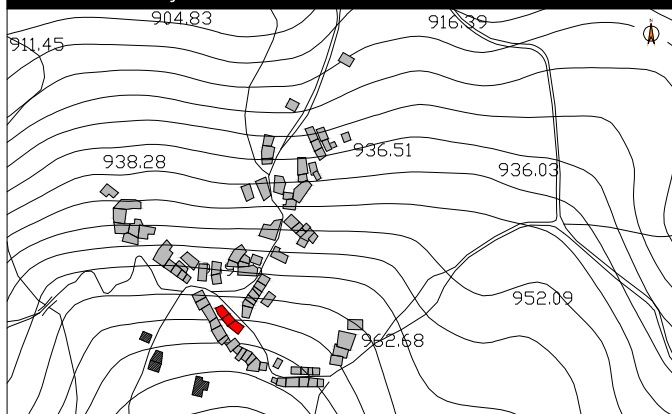
Área de Construção - 622.58 m2  
Área de Implantação - 426.00 m2  
Área Útil - 404.45m2  
Cércea Máxima - 3.40 m  
Volumetria - 1618.70 m3  
Planta - Rectangular

8 - ALÇADOS - Escala Gráfica



| 9 - LEGENDA |                                 |   |                            |
|-------------|---------------------------------|---|----------------------------|
| 27          | Estrutura do telhado em madeira | 37  | Cobertura em colmo         |
| 28          | Cobertura em chapas de zinco    | 38  | Pedras que seguram o colmo |
| 29          | Cobertura em telha marselha     | 39  | Paredes em granito         |
| 30          | Parede em Bloco de cimento      | Vãos - 27 Portas e 2 janelas  |                            |
| 31          | Escadas em granito              | Materiais - Pedra, Madeira, Zinco, colmo e telha                          |                            |
| 32          | Portas em madeira               | Paredes - Pedra Granítica e Bloco de Cimento                              |                            |
| 33          | Cornija em peças de granito     | Pavimentos - Piso 0: Terra<br>Piso 1: Madeira                             |                            |
| 34          | Porta demolida                  | Cobertura - Estrutura em madeira com revestimento em zinco, telha e colmo |                            |
| 35          | Escadas em granito              |   |                            |
| 36          | Janelas em madeira              |   |                            |
|             |                                 | Altura máxima da Edificação - 4.10m2                                      |                            |
|             |                                 | Número de Pisos - 2   |                            |
|             |                                 | Cobertura - 2 águas   |                            |
|             |                                 | Tipologia - 1, 2, 3 e 4 - Habitação, Palheiro e Curral                    |                            |

## 1 - LOCALIZAÇÃO - ESC: 1/5000



## 2 - IMPLANTAÇÃO - ESC: 1/1000



## 3 - DADOS GERAIS DA EDIFICAÇÃO

- Localização: Aldeia da Anta
- Freguesia: Lazarim
- Concelho: Lamego
- Coordenadas GPS: 41° 00' 22.58" N - 7° 51' 21.75" O
- Uso Original: Habitação, Palheiro e Curral
- Proprietário: Constantino, João, Manuel, José e Michael Zino
- Estado de Conservação: Médio e Ruínas

## 4 - CARACTERÍSTICAS RELEVANTES / ESTADO ACTUAL

- Esta unidade é composta por 6 construções, sendo as construções 111, 112 e 116 de um piso e as construções 113, 114 e 115 são de um piso e meio com acesso pelo exterior. Todas elas têm acesso ao exterior independentes.
- Quanto à forma, a unidade apresenta planta rectângular, com 6 divisões. O telhado é composto por 2 águas.
- É dada a esta unidade a tipologia 1 e 3, designada também de "Habitação, Palheiro e Curral", sendo as construções número 111, 112 e 116 destinadas a palheiro, as construções 114 e 115 destinadas a palheiro e curral e a construção 113 destinada a habitação e curral.
- Os materiais de construção que constituem esta unidade são, a pedra granítica que é usada nas paredes, a madeira que compõe as portas, janelas e estrutura do telhado e a chapa de zinco, a telha marselha e o fibrocimento que revestem a cobertura.
- O sistema construtivo utilizado é o assentamento em pedra seca, sem qualquer argamassa utilizada nas juntas. As pedras são assentes na melhor posição de maneira a que encaixem, utilizando as maiores e mais consistentes junto das portas, janelas e nos cunhais da construção. Estas paredes de pedra são de duas faces à vista, não recebendo qualquer tratamento ou corte para ficarem mais regulares.
- A cobertura é de duas águas, a estrutura do telhado é em madeira revestida a zinco, telha marselha e fibrocimento, com uma inclinação suficiente para escoar quer a chuva, quer a neve que cai com alguma frequência.
- Quanto ao estado de conservação actual da unidade, este é médio, já que a unidade apresenta melhoramentos em termos de revestimento do telhado e algumas paredes compostas, nas construções 111, 112 e 114, enquanto que as construções 113, 115 e 116 estão em ruínas, quer ao nível do telhado quer das paredes.
- Nota-se que ao longo dos tempos houve algum cuidado em conservar algumas partes desta unidade, nomeadamente no que diz respeito às coberturas.

## 5 - NOTAS IMPORTANTES

- É importante também referir que esta unidade não foi alvo de modificações em termos de áreas, cêrceas ou volumetrias, mantendo-se assim a sua originalidade.
- Existiram alterações no material da cobertura nas construções 111, 112 e 114, que passaram a ser em zinco, telha marselha e fibrocimento que é prejudicial para a saúde pública.
- No local não existem quaisquer tipo de infra-estruturas básicas, nomeadamente electricidade, água e esgotos.
- Esta unidade está localizada mais ou menos a 937.00m de altitude.

## 6 - FOTOGRAFIAS

F76



F77



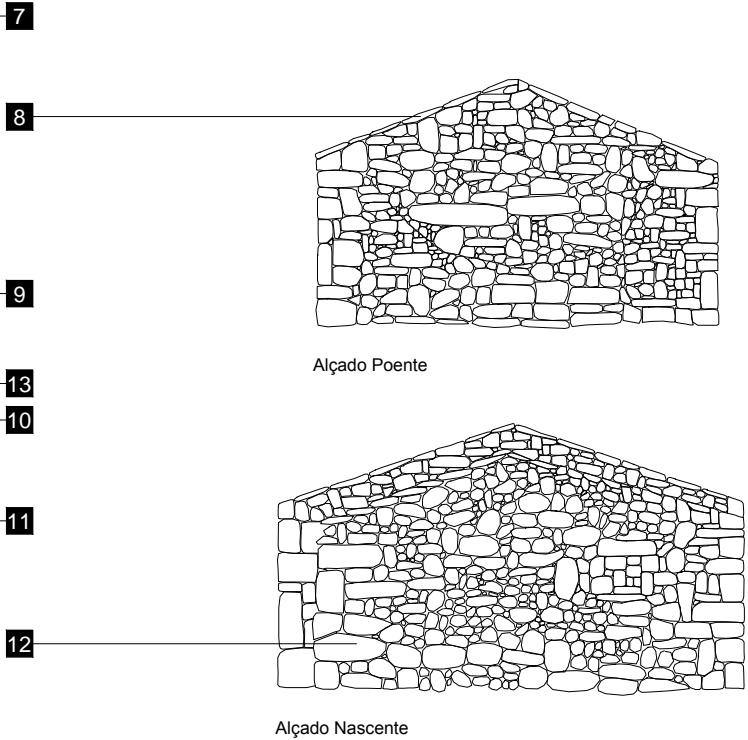
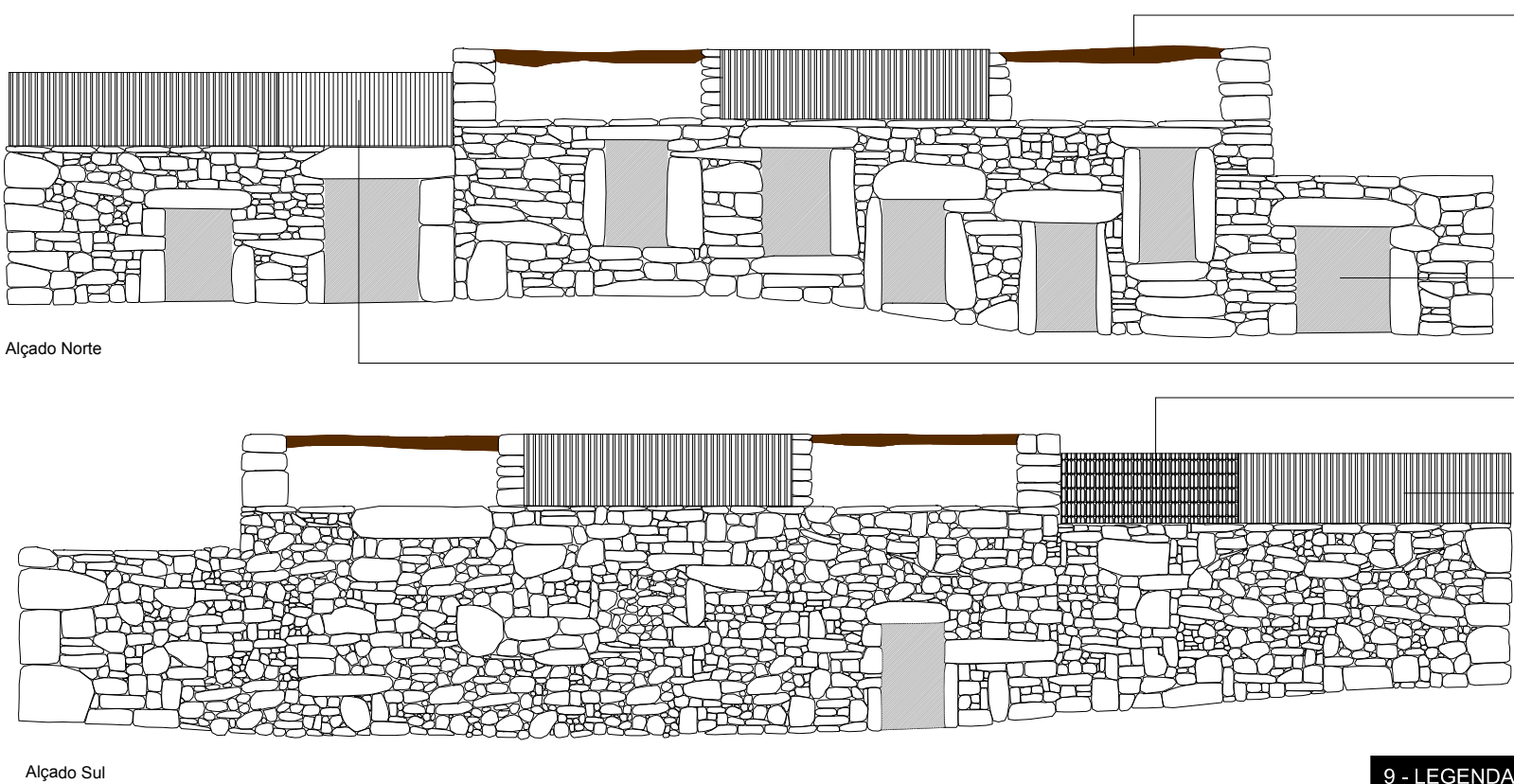
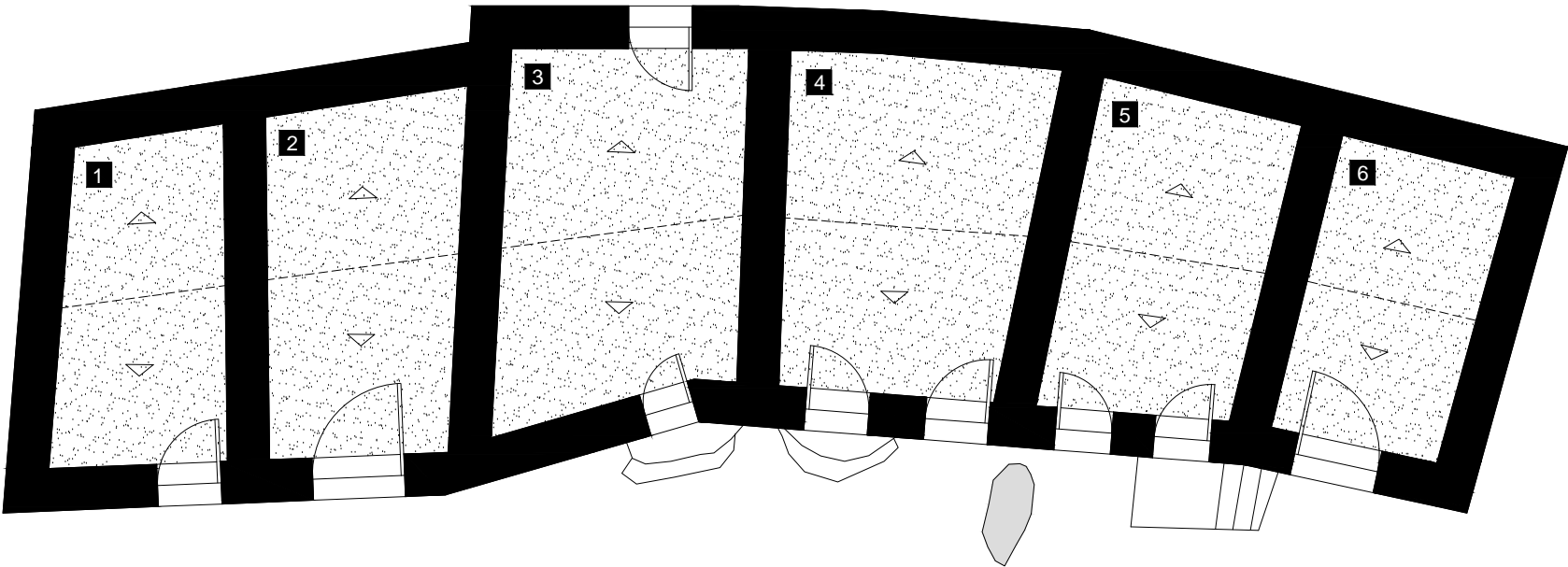
F78







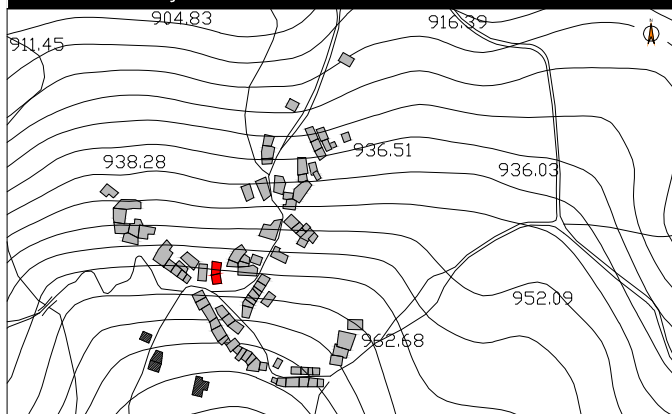
Planta do Piso 0 - Habitação, Palheiro, Curral



9 - LEGENDA

|    |                                 |                                       |                              |   |
|----|---------------------------------|---------------------------------------|------------------------------|---|
| 1  | Palheiro                        | 11                                    | Cobertura em chapas de zinco | Número de Pisos - 1   |
| 2  | Palheiro e Curral               | 12                                    | Paredes em pedra de granito  | Cobertura - 2 águas   |
| 3  | Palheiro e Curral               | 13                                    | Cobertura em Fibrocimento    | Tipologia - 1 e 3 - Habitação, Palheiro e Curral  |
| 4  | Habitação e Curral              | Indicação das Águas                   |                              | Vãos - 9 Portas   |
| 5  | Palheiro                        | Área de Construção - 126.45 m2        |                              | Planta - Rectangular  |
| 6  | Palheiro                        | Área de Implantação - 126.45 m2       |                              | Materiais - Pedra, Madeira, Zinco, Fibrocimento e telha marselha                          |
| 7  | Estrutura do telhado em madeira | Área Útil - 80.79m2                   |                              | Paredes - Pedra Granítica   |
| 8  | Cornija em peças de granito     | Cércea Máxima - 2.45 m                |                              | Pavimentos - Piso 0: Terra  |
| 9  | Portas em madeira               | Volumetria - 309.80 m3                |                              | Cobertura - Estrutura em madeira com revestimento em zinco, fibrocimento e telha marselha |
| 10 | Telha Marselha                  | Altura máxima da Edificação - 3.50 m2 |                              |   |

## 1 - LOCALIZAÇÃO - ESC: 1/5000



## 2 - IMPLANTAÇÃO - ESC: 1/1000



## 3 - DADOS GERAIS DA EDIFICAÇÃO

- Localização: Aldeia da Anta
- Freguesia: Lazarim
- Concelho: Lamego
- Coordenadas GPS: 41° 00' 23.54" N - 7° 51' 22.11" O
- Uso Original: Palheiro e Curral
- Proprietário: Michael Zino
- Estado de Conservação: Médio e Ruínas

## 4 - CARACTERÍSTICAS RELEVANTES / ESTADO ACTUAL

- Esta unidade é composta por 5 construções, sendo as construções 117, 119, 120 e 121 de um piso e a construção 118 de um piso e meio com acesso pelo interior. Todas elas têm acesso ao exterior independentes.
- Quanto à forma, a unidade apresenta planta rectângular, com 5 divisões. O telhado é composto por 2 águas.
- É dada a esta unidade a tipologia 1 e 2, designada também de " Palheiro e Curral ", sendo as construções número 119, 120 e 121 destinadas a curral, a construção 118 destinada a palheiro e curral e a construção 117 destinada a palheiro.
- Os materiais de construção que constituem esta unidade são, a pedra granítica que é usada nas paredes, a madeira que compõe as portas e estrutura do telhado e a chapa de zinco que reveste a cobertura.
- O sistema construtivo utilizado é o assentamento em pedra seca, sem qualquer argamassa utilizada nas juntas. As pedras são assentes na melhor posição de maneira a que encaixem, utilizando as maiores e mais consistentes junto das portas, janelas e nos cunhais da construção. Estas paredes de pedra são de duas faces à vista, não recebendo qualquer tratamento ou corte para ficarem mais regulares.
- A cobertura é de duas águas, a estrutura do telhado é em madeira revestida a zinco, com uma inclinação suficiente para escoar quer a chuva, quer a neve que cai com alguma frequência.
- Quanto ao estado de conservação actual da unidade, este é médio, já que as construções 117 e 118 apresentam melhoramentos em termos de cobertura. As construções 119, 120 e 121 estão em ruínas, quer ao nível do telhado quer de paredes.
- Nota-se que ao longo dos tempos houve algum cuidado em conservar algumas partes desta unidade, nomeadamente no que diz respeito às coberturas.

## 5 - NOTAS IMPORTANTES

- É importante referir que esta unidade não foi alvo de modificações em termos de áreas, cêrceas ou volumetrias, mantendo-se assim a sua originalidade.
- Existiram alterações no material da cobertura nas construções 117 e 118, que passaram a ser em zinco.
- No local não existem quaisquer tipo de infra-estruturas básicas, nomeadamente electricidade, água e esgotos.
- Esta unidade está localizada mais ou menos a 929.00m de altitude.
- Ainda hoje se guarda gado nas construções 117 e 118.
- Poderá ter existido mais uma construção na zona sul desta unidade, pois existem vestígios de uma parede adossada a esta, como mostram os desenhos e as fotografias.

## 6 - FOTOGRAFIAS

F79

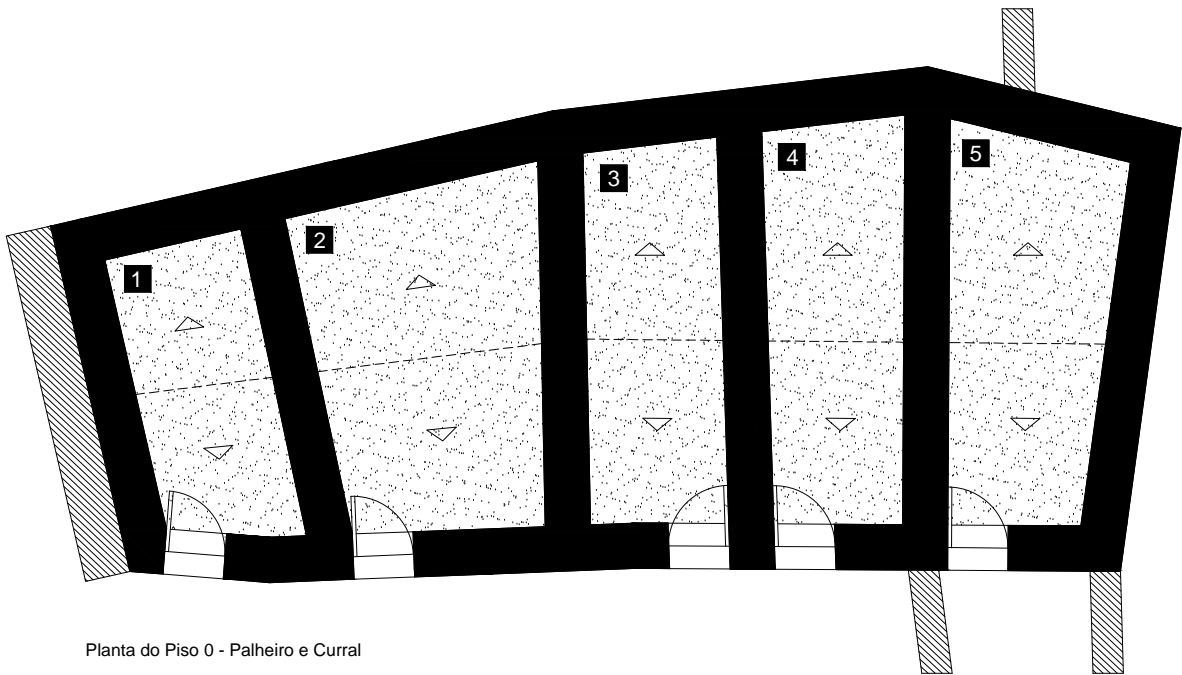


F80



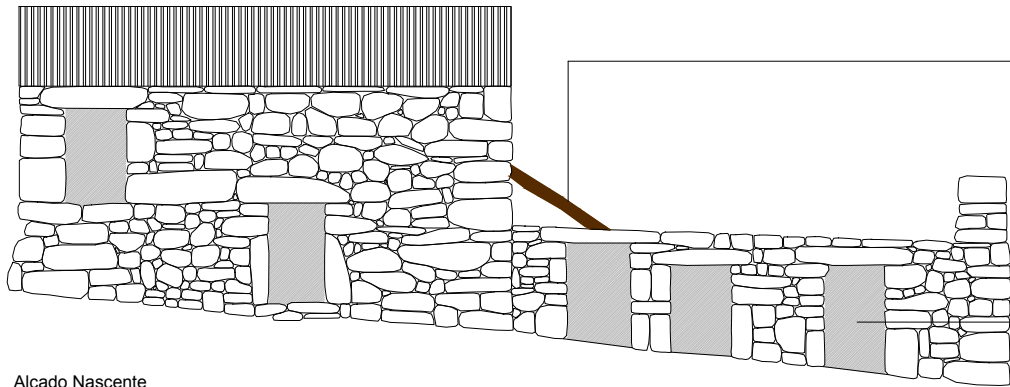
F81



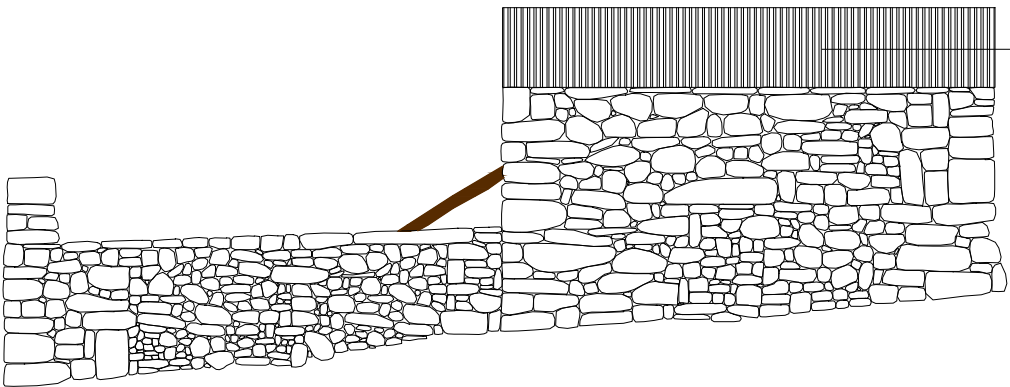


Planta do Piso 0 - Palheiro e Curral

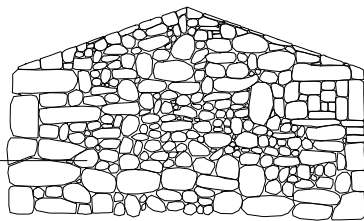
8 - ALÇADOS - Esc: 1/100



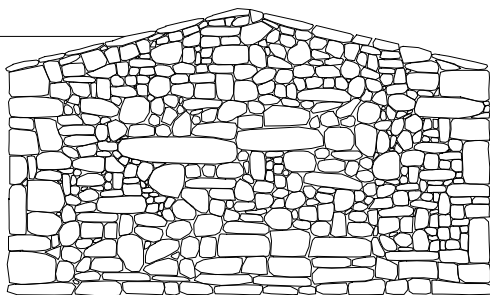
Alçado Nascente



Alçado Poente



Alçado Sul



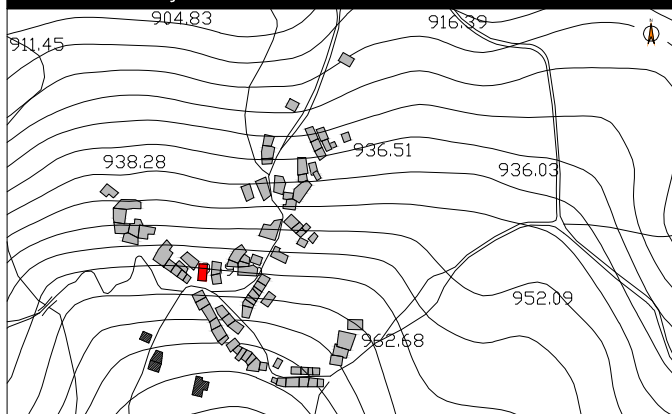
Alçado Norte

9 - LEGENDA

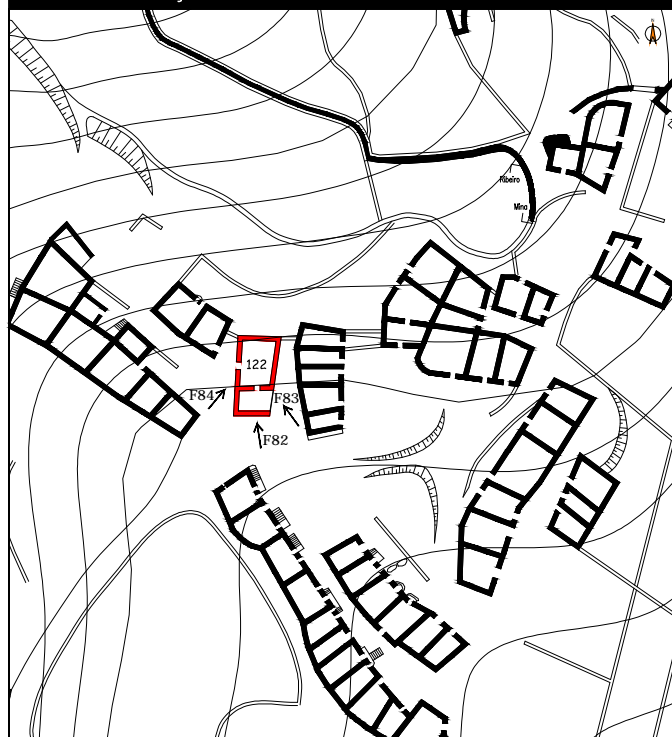
|    |                                 |                                       |  |
|----|---------------------------------|---------------------------------------|--|
| 1  | Palheiro                        | Indicação das Águas                   | Planta - Rectangular                                       |
| 2  | Palheiro e Curral               | Área de Construção - 83.65 m2         | Materiais - Pedra, Madeira e zinco                         |
| 3  | Curral                          | Área de Implantação - 83.65 m2        | Paredes - Pedra Granítica                                  |
| 4  | Curral                          | Área Útil - 49.75m2                   | Pavimentos - Piso 0: Terra                                 |
| 5  | Curral                          | Cércea Máxima - 2.70 m                | Cobertura - Estrutura em madeira com revestimento em zinco |
| 6  | Estrutura do telhado em madeira | Volumetria - 225.85 m3                |  |
| 7  | Paredes em pedra                | Altura máxima da Edificação - 3.80 m2 |  |
| 8  | Portas em madeira               | Número de Pisos - 1                   |  |
| 9  | Cornija em pedra granítica      | Cobertura - 2 águas                   |  |
| 10 | Cobertura em chapas de zinco    | Tipologia - 1 e 2 - Palheiro e Curral |  |
|    |                                 | Vãos - 5 Portas                       |  |



## 1 - LOCALIZAÇÃO - ESC: 1/5000



## 2 - IMPLANTAÇÃO - ESC: 1/1000



## 3 - DADOS GERAIS DA EDIFICAÇÃO

- Localização: Aldeia da Anta
- Freguesia: Lazarim
- Concelho: Lamego
- Coordenadas GPS: 41° 00' 23.55" N - 7° 51' 22.49" O
- Uso Original: Habitação, Palheiro, Curral e Anexo carro de Bois
- Proprietário: Michael Zino
- Estado de Conservação: Bom

## 4 - CARACTERÍSTICAS RELEVANTES / ESTADO ACTUAL

- Esta unidade é composta por 1 construção, sendo ela de dois pisos, com acesso ao exterior em dois dos seus alçados.
- Quanto à forma, a unidade apresenta planta rectangular, com 3 divisões. O telhado é composto por 2 águas.
- É dada a esta unidade a tipologia 1 e 4 designada também de " Habitação, palheiro, curral e anexo para carro de bois. Esta unidade na zona mais a norte é composta por dois pisos ( Habitação e Curral ), enquanto que na zona mais a sul é composta por um piso destinado a palheiro e anexo para carro de bois. "
- Os materiais de construção que constituem esta unidade são, a pedra granítica que é usada nas paredes, a madeira que compõe as portas, janelas e a estrutura do telhado e a telha de canudo que reveste a cobertura.
- O sistema construtivo utilizado é o assentamento em pedra seca, sem qualquer argamassa utilizada nas juntas. As pedras são assentes na melhor posição de maneira a que encaixem, utilizando as maiores e mais consistentes junto das portas, janelas e nos cunhais da construção. Estas paredes de pedra são de duas faces à vista, não recebendo qualquer tratamento ou corte para ficarem mais regulares.
- A cobertura é de duas águas, a estrutura do telhado é em madeira revestida a telha de canudo, com uma inclinação suficiente para escoar quer a chuva, quer a neve que cai com alguma frequência.
- Quanto ao estado de conservação actual da unidade, este é bom, pois não apresenta risco de ruir, tendo havido obras de reconstrução quer em paredes, quer na cobertura.
- Esta unidade foi alvo de alterações ao nível da cobertura, paredes, portas e janelas.

## 5 - NOTAS IMPORTANTES

- É importante referir que esta unidade não foi alvo de modificações em termos de áreas, cêrceas e volumetrias.
- Existiram alterações no material da cobertura que deixou de ser em colmo e passou a ser em telha de canudo..
- No local não existem quaisquer tipo de infra-estruturas básicas, nomeadamente electricidade, água e esgotos.
- Esta unidade está localizada mais ou menos a 929.00m de altitude.
- Esta unidade serve hoje para arrumos.
- É a unidade da aldeia que está mais bem conservada.

## 6 - FOTOGRAFIAS

F82



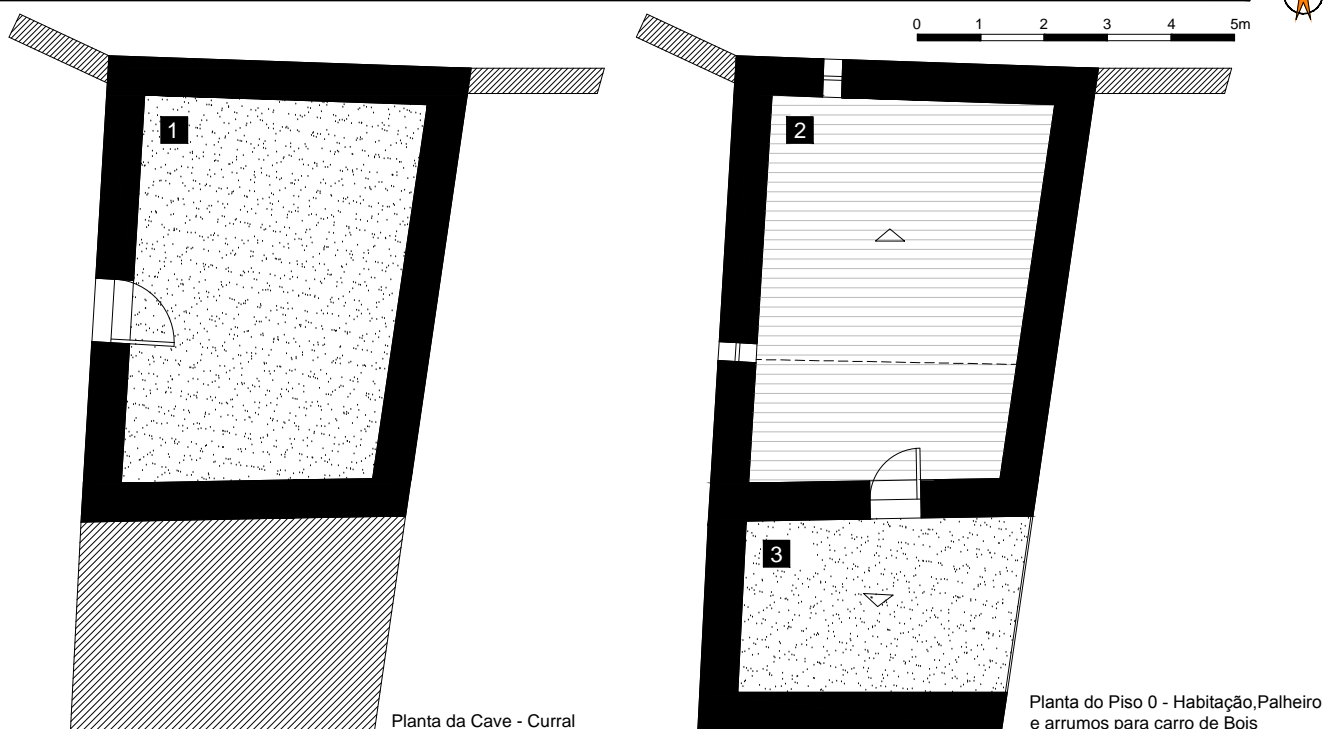
F83



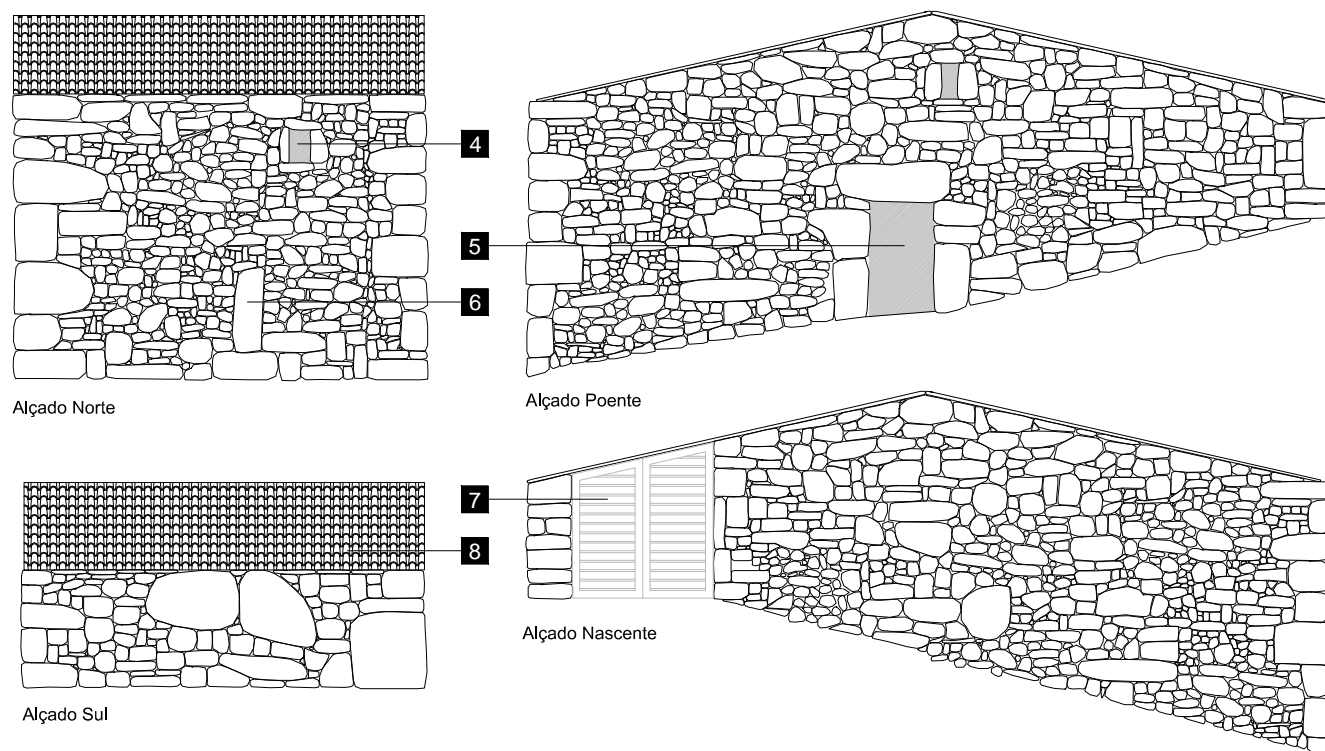
F84



## 7 - PLANTAS DE ARQUITECTURA - Escala Gráfica



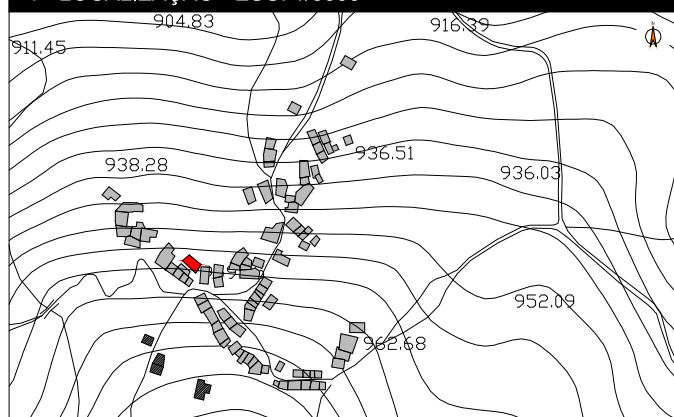
## 8 - ALÇADOS - Esc: 1/100



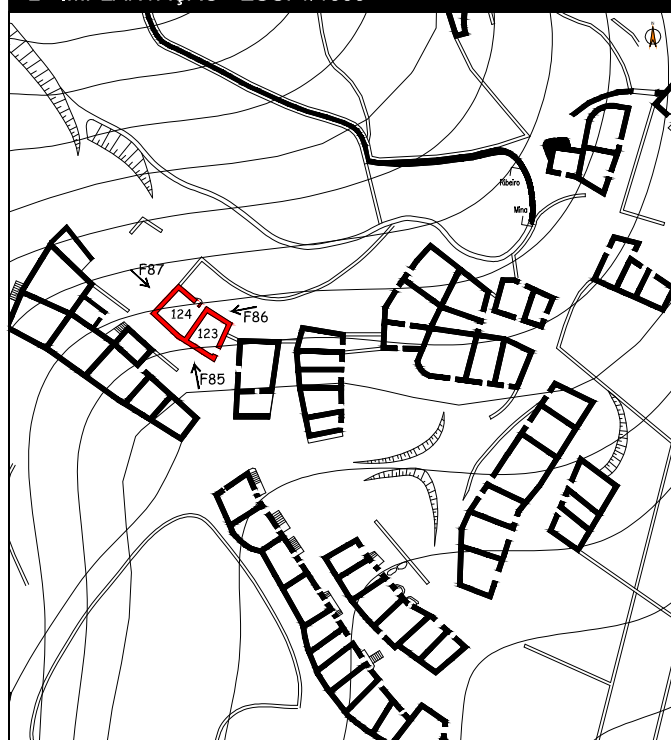
## 9 - LEGENDA

|   |                                     |  |                                      |
|---|-------------------------------------|--|--------------------------------------|
| 1 | Curral                              | Área de Construção - 94.38 m <sup>2</sup>                                  | Vãos - 2 Portas e 2 Janelas          |
| 2 | Habitação e Palheiro                | Área de Implantação - 55.38 m <sup>2</sup>                                 | Planta - Rectangular                 |
| 3 | Palheiro e Arrumos de carro de Bois | Área Útil - 62.29 m <sup>2</sup>   | Materiais - Pedra, Madeira e telha   |
| 4 | Janelas em Madeira                  | Cércea Máxima - 3.50m  | Paredes - Pedra Granítica            |
| 5 | Portas em Madeira                   | Volumetria - 330.30 m <sup>3</sup>   | Pavimentos - Cave: Terra             |
| 6 | Paredes em Pedra                    | Altura máxima da Edificação - 4.20 m <sup>2</sup>                          | Piso 0: Terra e Madeira              |
| 7 | Porta de 2 folhas em madeira        | Número de Pisos - 2  | Cobertura - Estrutura em madeira com |
| 8 | Cobertura em telha de canudo        | Cobertura - 2 águas  | revestimento em telha de canudo      |
|   | Indicação das Águas                 | Tipologia - 1 e 4 - Habitação, Palheiro, Curral e Anexo para carro de Bois |                                      |

## 1 - LOCALIZAÇÃO - ESC: 1/5000



## 2 - IMPLANTAÇÃO - ESC: 1/1000



## 3 - DADOS GERAIS DA EDIFICAÇÃO

- Localização: Aldeia da Anta
- Freguesia: Lazarim
- Concelho: Lamego
- Coordenadas GPS: 41° 00' 23.85" N - 7° 51' 22.82" O
- Uso Original: Palheiro e Curral
- Proprietário: Joaquim Dias e Agostinho oureiro
- Estado de Conservação: Em Ruínas

## 4 - CARACTERÍSTICAS RELEVANTES / ESTADO ACTUAL

- Esta unidade é composta por 2 construções, sendo a construção 123 de um piso e meio com acesso pelo interior, a construção 124 é de um piso e meio com acesso pelo exterior.
- Quanto à forma, a unidade apresenta planta rectangular, com 2 divisões. O telhado é composto por 2 águas.
- É dada a esta unidade a tipologia 2 e 3 designada também de " Palheiro e Curral ", sendo as duas construções destinadas a palheiro e curral.
- Os materiais de construção que constituem esta unidade são, a pedra granítica que é usada nas paredes, a madeira que compõe as portas, janelas e a estrutura do telhado, a telha de canudo e o colmo que revestem a cobertura.
- O sistema construtivo utilizado é o assentamento em pedra seca, sem qualquer argamassa utilizada nas juntas. As pedras são assentes na melhor posição de maneira a que encaixem, utilizando as maiores e mais consistentes junto das portas, janelas e nos cunhais da construção. Estas paredes de pedra são de duas faces à vista, não recebendo qualquer tratamento ou corte para ficarem mais regulares.
- A cobertura é de duas águas, a estrutura do telhado é em madeira revestida a telha de canudo e colmo, com uma inclinação suficiente para escoar quer a chuva, quer a neve que cai com alguma frequência.
- Quanto ao estado de conservação actual da unidade, esta está em ruínas, apresentando risco de ruir.
- Esta unidade foi alvo de alterações, ao nível da cobertura da construção numero 123, enquanto que a construção 124 tem a cobertura demolida.

## 5 - NOTAS IMPORTANTES

- De referir que esta unidade não foi alvo de modificações em termos de áreas, cêrceas e volumetrias.
- Existiram alterações no material da cobertura que deixou de ser em colmo e passou a ser em telha de canudo num dos lados da cobertura.
- No local não existem quaisquer tipo de infra-estruturas básicas, nomeadamente electricidade, água e esgotos.
- Esta unidade está localizada mais ou menos a 928.00m de altitude.
- Esta unidade está hoje em dia totalmente desabitada e sem qualquer uso.

## 6 - FOTOGRAFIAS

F85



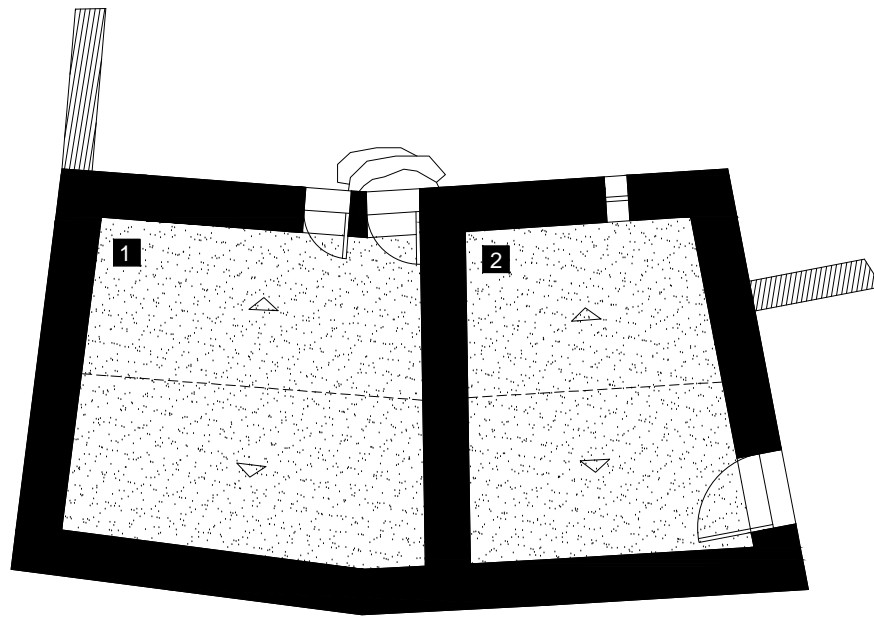
F86



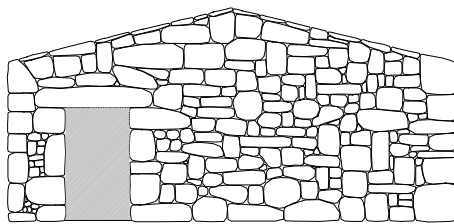
F87



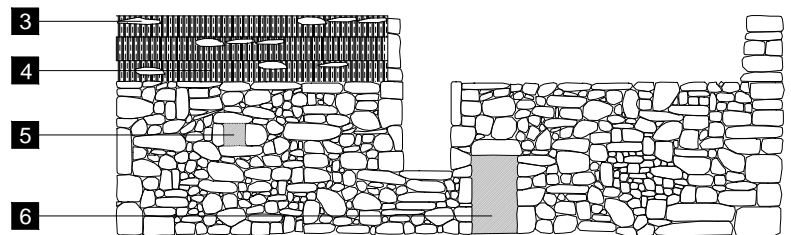




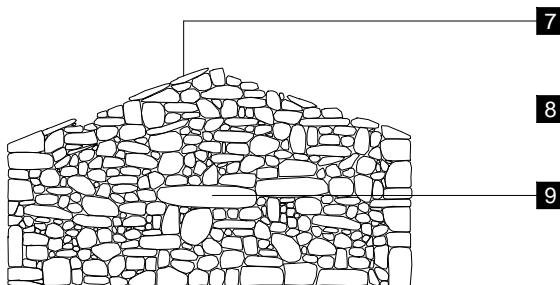
Planta do Piso 0 - Palheiro e Curral



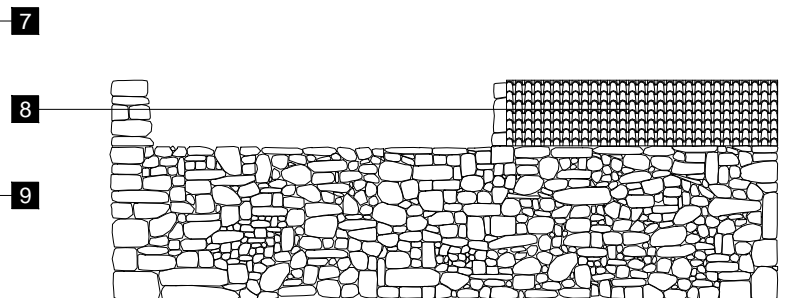
Alçado Nascente



Alçado Norte




Alçado Poente



Alçado Sul

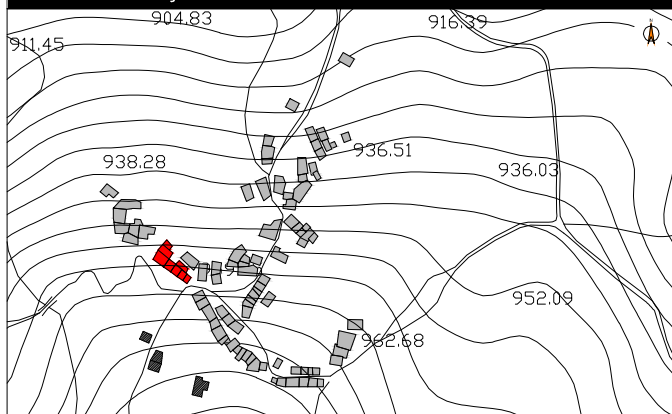
## 9 - LEGENDA

- 1** Palheiro e Curral
- 2** Palheiro e Curral
- 3** Pedras que seguram o colmo
- 4** Cobertura em colmo
- 5** Janela em Madeira
- 6** Porta em madeira
- 7** Cornija em peças de granito
- 8** Cobertura em telha de canudo
- 9** Paredes em pedra granítica
-  Indicação das Águas

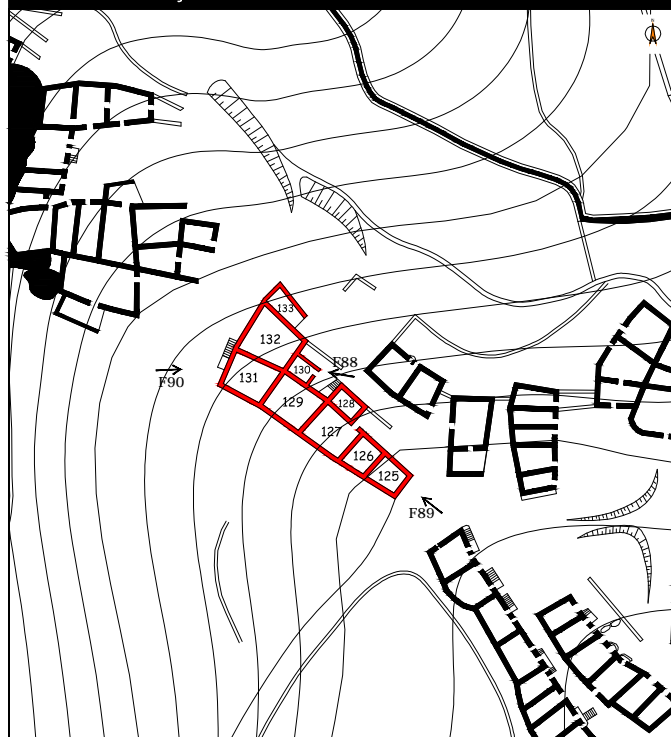
Área de Construção - 53.70 m<sup>2</sup>  
 Área de Implantação - 53.70 m<sup>2</sup>  
 Área Útil - 38.25 m<sup>2</sup>  
 Cércea Máxima - 2.00m  
 Volumetria - 107.40 m<sup>3</sup>  
 Altura máxima da Edificação - 2.90 m<sup>2</sup>  
 Número de Pisos - 1  
 Cobertura - 2 águas  
 Tipologia - 2 e 3 - Palheiro e Curral  
 Vãos - 3 Portas e 1 Janelas  
 Planta - Rectangular

Materiais - Pedra, Madeira, telha e colmo  
 Paredes - Pedra Granítica  
 Pavimentos - Piso 0: Terra  
 Cobertura - Estrutura em madeira com revestimento em telha e colmo

## 1 - LOCALIZAÇÃO - ESC: 1/5000



## 2 - IMPLANTAÇÃO - ESC: 1/1000



## 3 - DADOS GERAIS DA EDIFICAÇÃO

- Localização: Aldeia da Anta
- Freguesia: Lazarim
- Concelho: Lamego
- Coordenadas GPS: 41° 00' 23.80" N - 7° 51' 23.47" O
- Uso Original: Habitação, Palheiro, Curral e anexo carro de bois
- Proprietário: José, Joaquim, Abel e Albino
- Estado de Conservação: Médio e Ruínas

## 4 - CARACTERÍSTICAS RELEVANTES / ESTADO ACTUAL

- Esta unidade é composta por 9 construções, sendo as construções 125, 126 e 130 de um piso, a construção 127 é de um piso com a acesso pelo interior, a construção 128 é de um piso e meio com acessos independentes pelo exterior e as construções 129, 131 e 132 são de dois pisos.
- Quanto à forma, a unidade apresenta planta em L, com 13 divisões. O telhado é composto por 2 águas.
- É dada a esta unidade a tipologia 1, 2, 3 e 4, designada também de "Habitação, Palheiro, curral e anexo para carro de bois", sendo as construções número 125, 126 e 130 destinadas a curral, as construções 127, 128 e 132 destinadas a palheiro e curral, as construções 129 e 131 destinadas a Habitação e curral e a construção 133 é destinada a anexo para carro de bois.
- Os materiais de construção que constituem esta unidade são, a pedra granítica que é usada nas paredes, a madeira que compõe as portas, janelas e estrutura do telhado, a chapa de zinco e a telha que revestem a cobertura.
- O sistema construtivo utilizado é o assentamento em pedra seca, sem qualquer argamassa utilizada nas juntas. As pedras são assentes na melhor posição de maneira a que encaixem, utilizando as maiores e mais consistentes junto das portas, janelas e nos cunhais da construção. Estas paredes de pedra são de duas faces à vista, não recebendo qualquer tratamento ou corte para ficarem mais regulares.
- A cobertura é de duas águas, a estrutura do telhado é em madeira revestida a zinco e telha, com uma inclinação suficiente para escoar quer a chuva, quer a neve que cai com alguma frequência.
- Quanto ao estado de conservação actual da unidade, este é médio e ruínas, já que a unidade apresenta algumas casas demolidas e outras que ainda estão num estado de conservação médio como podemos verificar nas peças desenhadas e nas fotografias. Algumas construções tiveram melhoramentos em paredes e coberturas.

## 5 - NOTAS IMPORTANTES

- É importante referir que esta unidade não foi alvo de alterações de volumetrias, cêrceas e áreas.
- Existiram alterações no material da cobertura em algumas construções, passando os telhados a ser em zinco ou telha.
- No local não existem quaisquer tipo de infra-estruturas básicas, nomeadamente electricidade, água e esgotos.
- Esta unidade está localizada mais ou menos entre as cotas 924.00m e 929.00m de altitude.
- Hoje em dia algumas estão desabitadas e outras ainda servem para guardar gado e pastagens.

## 6 - FOTOGRAFIAS

F88

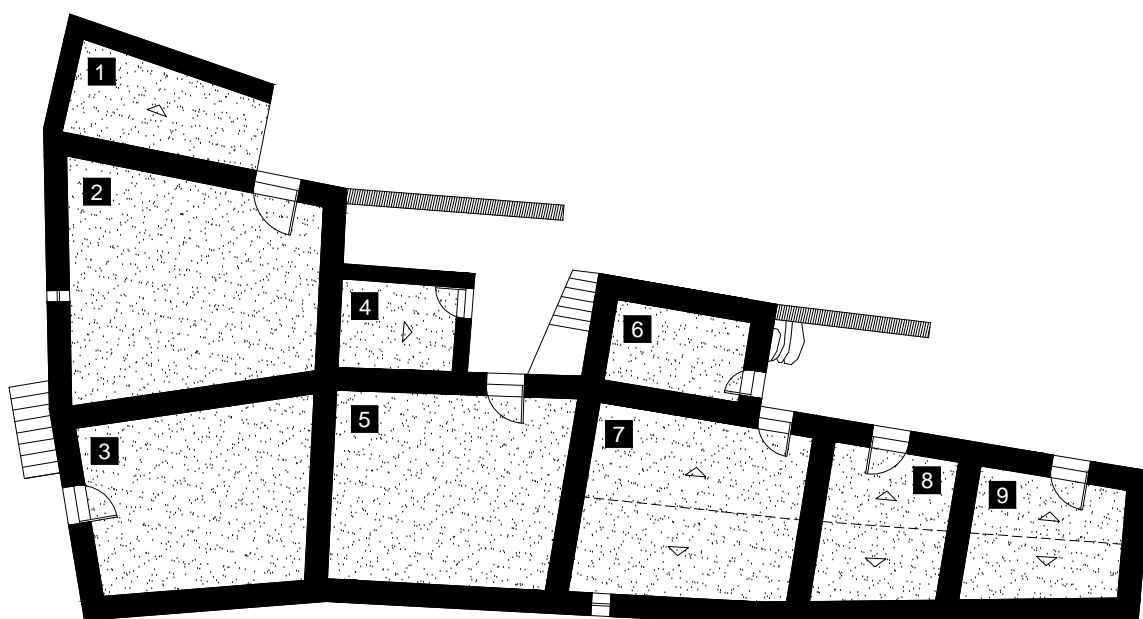


F89

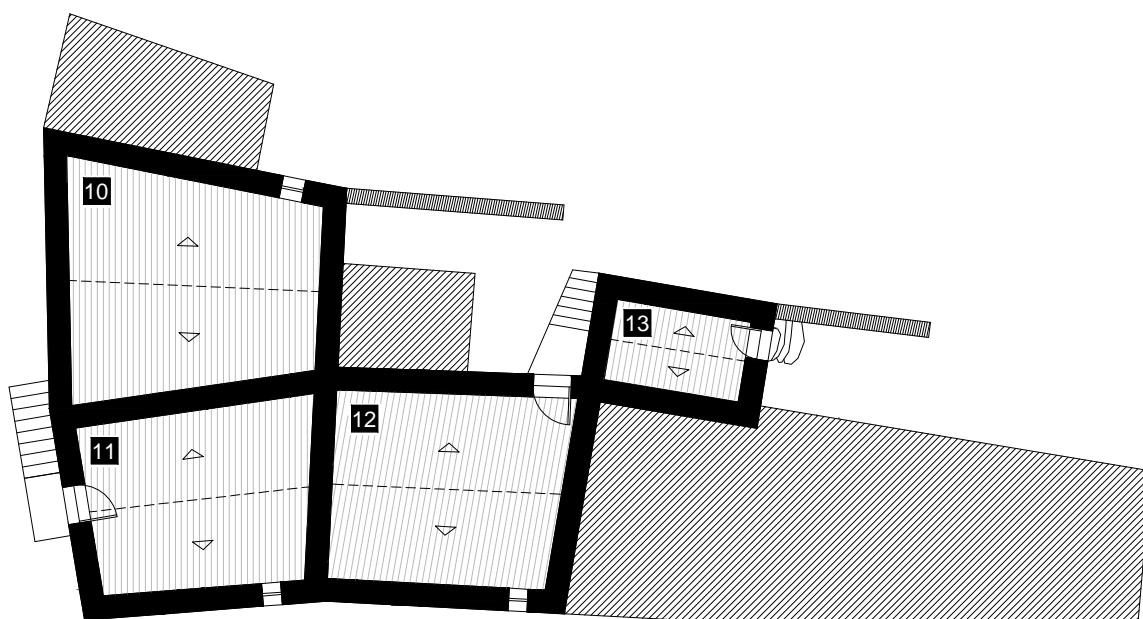


F90






Planta do Piso 0 - Palheiro, Curral e Anexo para carro de Bois



Planta do Piso 1 - Habitação e Palheiro

## 9 - LEGENDA

- 1** Anexo para Carro de Bois
- 2** Curral
- 3** Curral
- 4** Curral
- 5** Curral
- 6** Curral
- 7** Palheiro e Curral
- 8** Curral
- 9** Curral
- 10** Palheiro

- 11** Habitação
- 12** Habitação
- 13** Palheiro
-  Indicação das Águas
- Área de Construção - 393.26 m<sup>2</sup>
- Área de Implantação - 246.62 m<sup>2</sup>
- Área Útil - 275.38 m<sup>2</sup>
- Cércea Máxima - 4.95 m
- Volumetria - 983.15 m<sup>3</sup>
- Planta - L

Altura máxima da Edificação - 6.60m<sup>2</sup>

Número de Pisos - 2

Cobertura - 2 águas

Tipologia - 1, 2, 3 e 4 - Habitação, Palheiro, Curral e Anexo para carro de bois

Vãos - 11 Portas e 5 janelas

Materiais - Pedra, Madeira, Zinco e telha

Paredes - Pedra Granítica

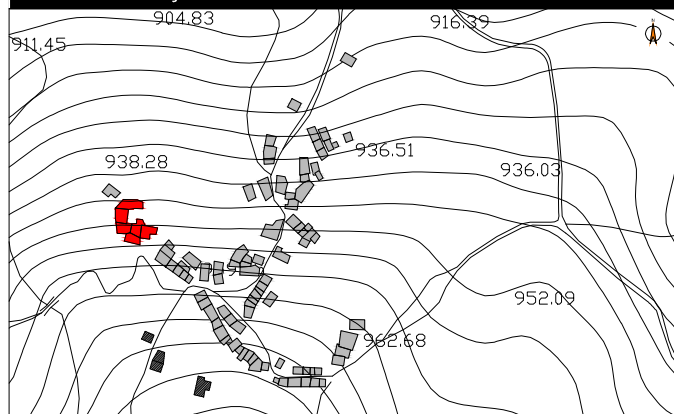
Pavimentos - Piso 0: Terra  
Piso 1: Madeira

Cobertura - Estrutura em madeira com revestimento em zinco e telha

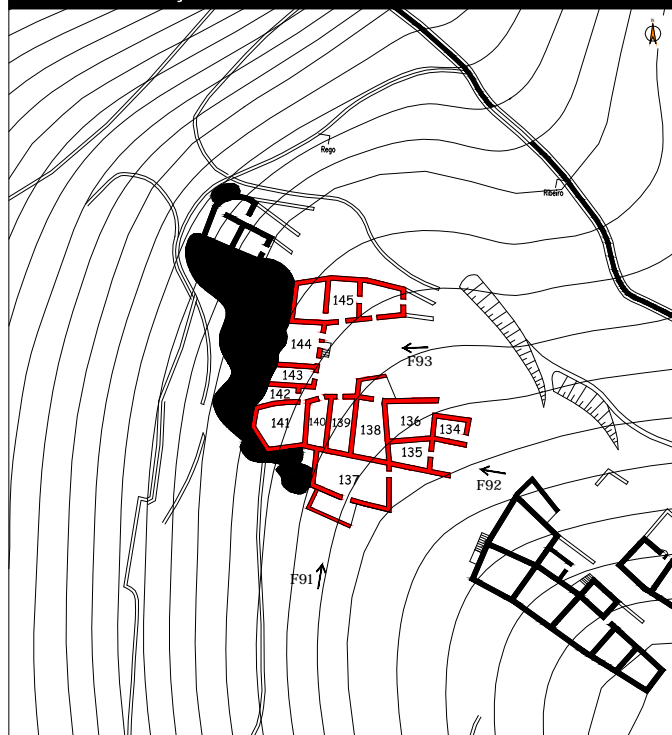




## 1 - LOCALIZAÇÃO - ESC: 1/5000



## 2 - IMPLANTAÇÃO - ESC: 1/1000



## 3 - DADOS GERAIS DA EDIFICAÇÃO

- Localização: Aldeia da Anta
- Freguesia: Lazarim
- Concelho: Lamego
- Coordenadas GPS: 41° 00' 24.59" N - 7° 51' 24.57" O
- Uso Original: Habitação, Palheiro, Curral e anexo carro de bois
- Proprietário: Agostinho, Manuel, Afonso, Albino, Alberto, Michael
- Estado de Conservação: Médio e Ruínas

## 4 - CARACTERÍSTICAS RELEVANTES / ESTADO ACTUAL

- Esta unidade é composta por 12 construções, sendo as construções 144 e 145 de dois pisos, as construções 142, 143, 140, 139, 138, 136, 135 e 134 de um piso, a construção 141 é de um piso e meio com a acesso pelo interior, a construção 137 é de um piso e meio com acessos independentes pelo exterior.
- Quanto à forma, a unidade apresenta planta em U, com 19 divisões. O telhado é composto por 2 águas.
- É dada a esta unidade a tipologia 1, 2, 3 e 4, designada também de "Habitação, Palheiro, curral e anexo para carro de bois", sendo as construções número 145, 143, 138 e 136 destinadas a habitação, palheiro e curral, as construções 144 e 137 destinadas a habitação e curral, as construções 142, 140, 139, 135 e 134 destinadas a curral, a construção 141 é destinada a palheiro e existem duas construções que são destinadas a anexo para carro de Bois.
- Os materiais de construção que constituem esta unidade são, a pedra granítica que é usada nas paredes, a madeira que compõe as portas, janelas e estrutura do telhado, a chapa de zinco e a telha que revestem a cobertura.
- O sistema construtivo utilizado é o assentamento em pedra seca, sem qualquer argamassa utilizada nas juntas. As pedras são assentes na melhor posição de maneira a que encaixem, utilizando as maiores e mais consistentes junto das portas, janelas e nos cunhais da construção. Estas paredes de pedra são de duas faces à vista, não recebendo qualquer tratamento ou corte para ficarem mais regulares.
- A cobertura é de duas águas, a estrutura do telhado é em madeira revestida a zinco e telha, com uma inclinação suficiente para escoar quer a chuva, quer a neve que cai com alguma frequência.
- Quanto ao estado de conservação actual da unidade, este é médio e ruínas já que a unidade apresenta algumas casas demolidas e outras que ainda estão num estado de conservação médio como podemos verificar nas peças desenhadas e nas fotografias. Algumas construções tiveram melhoramentos em paredes e coberturas.

## 5 - NOTAS IMPORTANTES

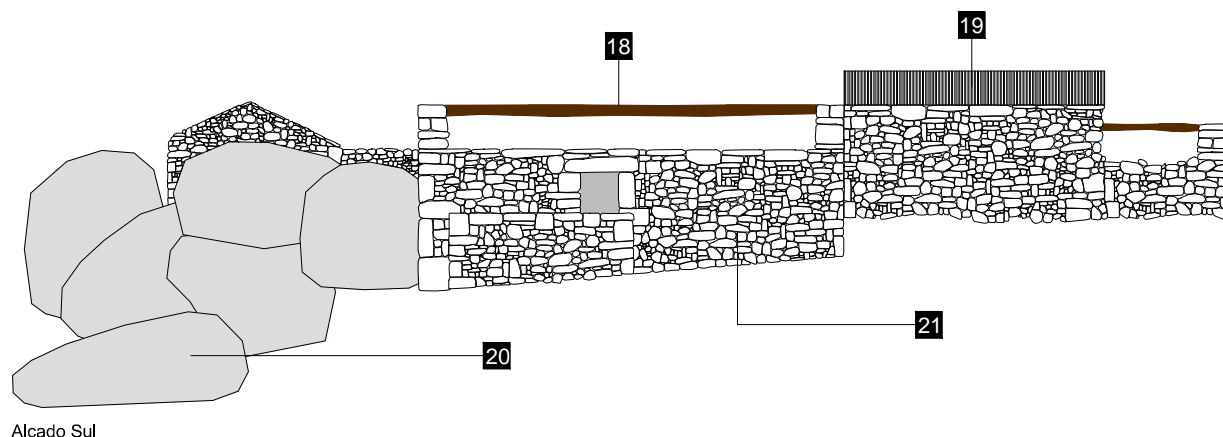
- De referir que esta unidade não foi alvo de alterações de volumetrias, cêrceas e áreas.
- Existiram alterações no material da cobertura em algumas construções, passando os telhados a ser em zinco ou telha.
- No local não existem quaisquer tipo de infra-estruturas básicas, nomeadamente electricidade, água e esgotos.
- Esta unidade está localizada mais ou menos entre as cotas 918.00m e 923.00m de altitude.
- Hoje em dia algumas estão desabitadas e outras ainda servem para guardar gado e pastagens.

## 6 - FOTOGRAFIAS

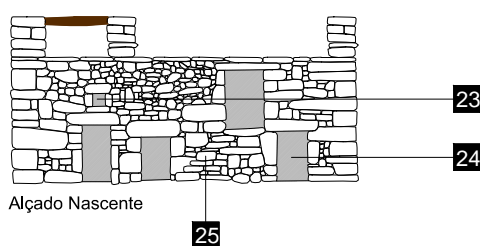




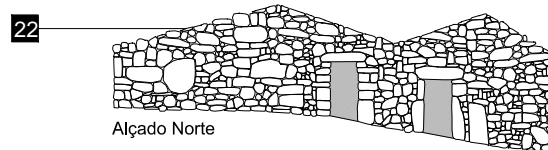




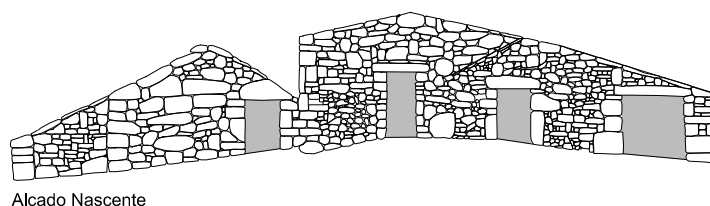
Alçado Sul



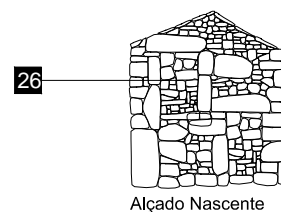
Alçado Nascente



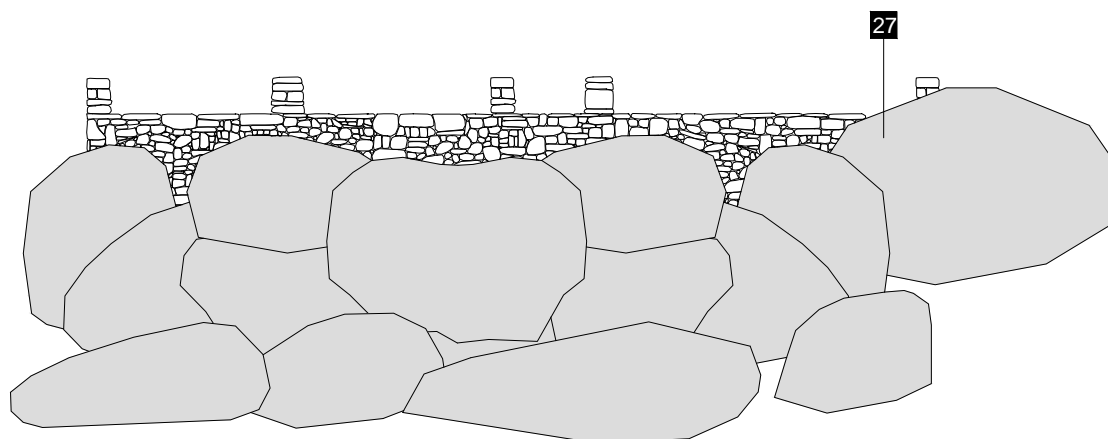
Alçado Norte



Alçado Nascente



Alçado Nascente



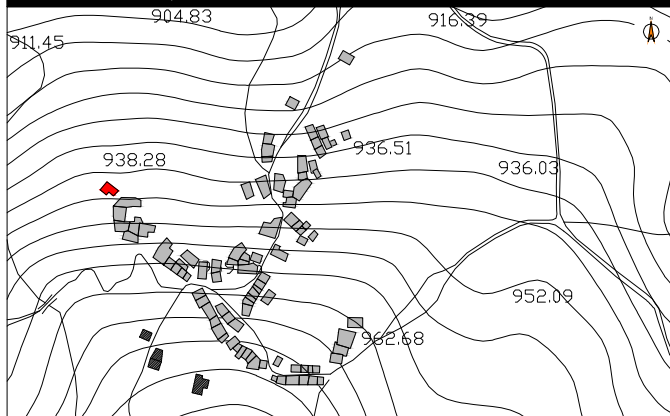
Alçado Poente

## 9 - LEGENDA

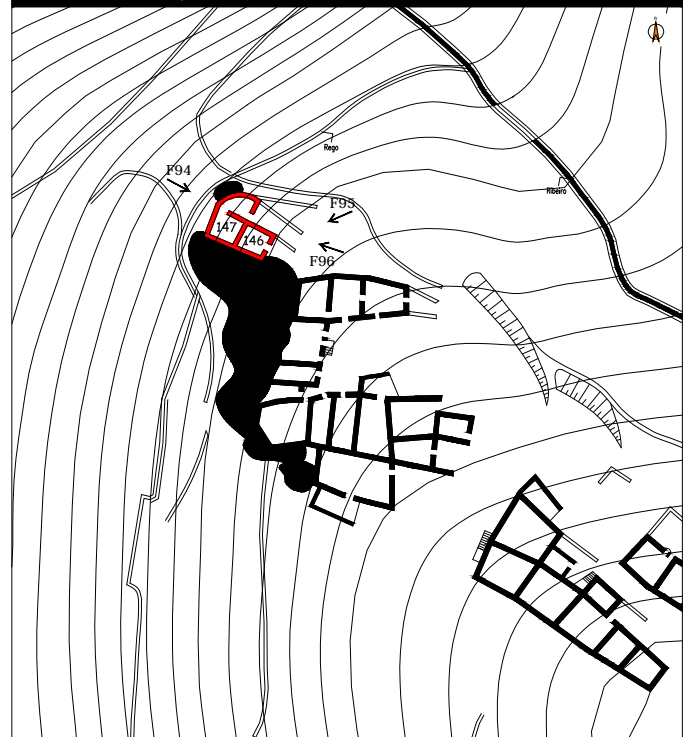
- 18 Estrutura do telhado em madeira
- 19 Cobertura em chapas de zinco
- 20 Pedras Naturais
- 21 Paredes em Pedra granítica
- 22 Cornija em peças de granito
- 23 Janelas em madeira
- 24 Portas em madeira
- 25 Escadas em Pedra
- 26 Portas fechadas com pedras
- 27 Pedras Naturais

- Número de Pisos - 2
- Cobertura - 2 águas
- Tipologia - 1, 2, 3 e 4 - Habitação, Palheiro, Curral e Anexo para carro de Bois
- Materiais - Pedra, Madeira, Zinco e telha
- Paredes - Pedra Granítica
- Pavimentos - Piso 0: Terra
- Piso 1: Madeira
- Cobertura - Estrutura em madeira com revestimento em zinco e telha

## 1 - LOCALIZAÇÃO - ESC: 1/5000



## 2 - IMPLANTAÇÃO - ESC: 1/1000



## 3 - DADOS GERAIS DA EDIFICAÇÃO

- Localização: Aldeia da Anta
- Freguesia: Lazarim
- Concelho: Lamego
- Coordenadas GPS: 41° 00' 25.37" N - 7° 51' 25.17" O
- Uso Original: Palheiro e Curral
- Proprietário: Michael Zino
- Estado de Conservação: Em Ruínas

## 4 - CARACTERÍSTICAS RELEVANTES / ESTADO ACTUAL

- Esta unidade é composta por 2 construções, sendo a construção 146 de um piso e a construção 147 é de um piso e meio com acesso pelo interior.
- Quanto à forma, a unidade apresenta planta em L, com 3 divisões. O telhado é composto por 2 águas.
- É dada a esta unidade a tipologia 1 e 2 designada também de " Palheiro e Curral ", sendo as duas construções destinadas a palheiro e curral.
- Os materiais de construção que constituem esta unidade são, a pedra granítica que é usada nas paredes, a madeira que compõe as portas e a estrutura do telhado.
- O sistema construtivo utilizado é o assentamento em pedra seca, sem qualquer argamassa utilizada nas juntas. As pedras são assentes na melhor posição de maneira a que encaixem, utilizando as maiores e mais consistentes junto das portas, janelas e nos cunhais da construção. Estas paredes de pedra são de duas faces à vista, não recebendo qualquer tratamento ou corte para ficarem mais regulares.
- A cobertura é de duas águas, a estrutura do telhado é em madeira. O revestimento do telhado já não existe.
- Quanto ao estado de conservação actual da unidade, esta está em ruínas.

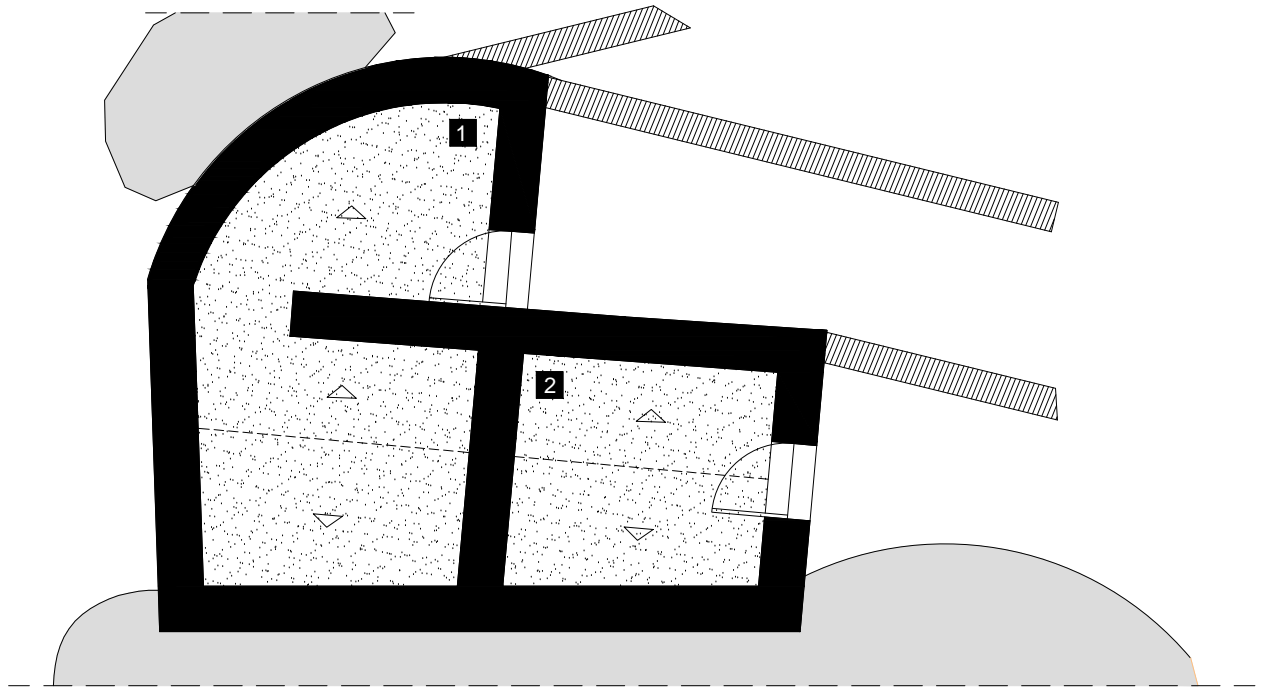
## 5 - NOTAS IMPORTANTES

- É importante referir que esta unidade não foi alvo de modificações em termos de áreas, cêrceas e volumetrias.
- As coberturas estão completamente em ruínas
- No local não existem quaisquer tipo de infra-estruturas básicas, nomeadamente electricidade, água e esgotos.
- Esta unidade está localizada mais ou menos a 919.00m de altitude.
- Esta unidade está hoje em dia totalmente desabitada e sem qualquer uso.
- Algumas das paredes da construção são em pedra natural, que foram aproveitadas para parede.

## 6 - FOTOGRAFIAS

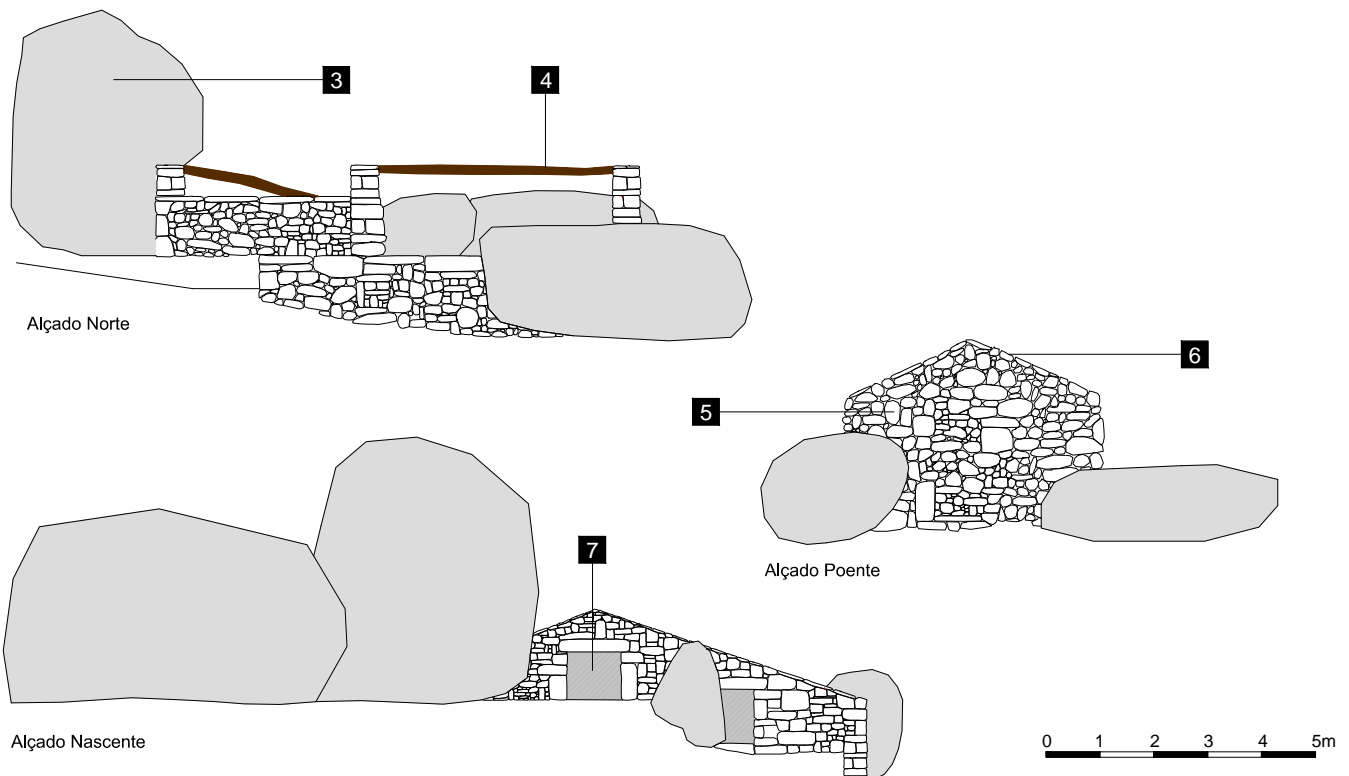






Planta do Piso 0 - Palheiro e Curral

## 8 - ALÇADOS - Escala Gráfica



## 9 - LEGENDA

1 Palheiro e Curral

2 Palheiro e Curral

3 Pedras Naturais

4 Estrutura do telhado em Madeira

5 Paredes em pedra granítica

6 Cornija em peças de granito

7 Portas em Madeira

Indicação das Águas

Área de Construção - 50.60 m2

Área de Implantação - 50.60 m2

Área Útil - 29.30 m2

Cércea Máxima - 1.20m

Volumetria - 60.72 m3

Altura máxima da Edificação - 2.50 m2

Número de Pisos - 1

Cobertura - 2 águas

Tipologia - 1 e 2 - Palheiro e Curral

Vãos - 2 Portas

Planta - L

Materiais - Pedra e Madeira

Paredes - Pedra Granítica

Pavimentos - Piso 0: Terra

Cobertura - Estrutura em madeira